

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ROSÂNGELA GONÇALVES ROCHA**

**UM PASSARINHO ME CONTOU DA ARTE DE CONTAR E  
ENCANTAR: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A  
CONTRIBUIÇÃO DA PEDAGOGIA WALDORF**

**CÁCERES-MT**

**2021**

ROSÂNGELA GONÇALVES ROCHA

**UM PASSARINHO ME CONTOU DA ARTE DE CONTAR E  
ENCANTAR: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A  
CONTRIBUIÇÃO DA PEDAGOGIA WALDORF**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação (PPGEdu), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), como requisito final à obtenção do Título de Mestre em Educação.

**Orientadora:** Profa. Dra. Rosely Aparecida Romanelli.

**Cáceres-MT**

**2021**

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

ROCHA, Rosângela.

R672u Um Passarinho Me Contou da Arte de Contar e Encantar:  
Contaçon de Histórias e a Contribuiçon da Pedagogia Waldorf /  
Rosângela Rocha – Cáceres, 2021.

200 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso

(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu  
(Mestrado Acadêmico) Educação, Faculdade de Educação e  
Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato  
Grosso, 2021.

Orientador: Rosely Aparecida Romanelli

**ROSÂNGELA GONÇALVES ROCHA**

**UM PASSARINHO ME CONTOU DA ARTE DE CONTAR E ENCANTAR:  
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A CONTRIBUIÇÃO DA PEDAGOGIA WALDORF**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação (PPGEdu), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), como requisito final à obtenção do Título de Mestra em Educação.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Rosely Aparecida Romanelli  
Orientadora/Presidente  
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação (PPGEdu)  
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ângela Rita Christofolo de Mello  
Convidada Interna/Avaliadora  
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação (PPGEdu)  
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

---

Profa. Dra. Tania Stoltz  
Convidada Externa/Avaliadora  
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação (PPGE)  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

---

Prof. Dr. Jonas Bach Júnior  
Convidado Suplente/Avaliador Externo Suplente  
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação (PPGE)  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Horto Salles Tiellet  
Convidada Interna/Avaliadora Interna Suplente  
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação (PPGEdu)  
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

**APROVADA EM:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## DEDICATÓRIA

Voam comigo duas meninas passarinhas, Helena e Isadora minhas netas que chegaram em um tempo sem pé nem cabeça. Um tempo de refazer a travessia do viver, conviver, sem esquecer da conexão com a faísca divina, bem como, do sussurro dos contos de fadas feito um talismã encarnado de sabedoria atemporal. Na fluidez de cada dia Helena e Isadora levam consigo o grande desafio “Que toda criança tenha o direito de ser criança”.

Helena, floresceu no final de agosto, quase no início da primavera. Da semente à flor, que ela possa levar a outras crianças a esperança, a magia e o encantamento ao contar a sua própria história, assim como ouvir outras histórias que chegam de longe. Isadora, flor de maio, que leve o riso, a espontaneidade, a peraltice, as cores e os sabores da vida do “ser” intenso que toda criança guarda dentro si.

Para além de minhas netas, também trago a minha maior fonte de inspiração, que são as crianças da rede pública municipal de Cáceres, especialmente as crianças especiais, as crianças abusadas sexualmente, as que sofreram violências domésticas, às quais aprendi a respeitar, a sonhar, a transcender para enfrentar os meus pequenos desafios diante dos desafios diários que elas me apresentavam enquanto eu ouvia as suas histórias. Emocionei e me curei! Percebi que era muito pequena diante da grandiosidade da percepção de mundo de cada criança que atravessou pela minha vida. E, em tempos difíceis contei, contei! *Era uma vez...* Assim, fomos aprendendo a amenizar as nossas dores do existir, a alegria do conviver... Fizemos histórias! Compartilhamos várias!

Contar histórias para crianças é isso, permitir outros voos, se libertar, imaginar, por isso voo com todas elas. Sou grata por voar com Helena, Isadora; sobretudo nas asas da imaginação das crianças da rede pública municipal de Cáceres para esse mundo de encantamento, a quem dedico toda a minha experiência de vida, é com esse deleite que a gente se encontra e, por fim, suspiro que sem dúvida, sem imaginação negamos a nossa própria vida...

Acredito na força da imaginação criadora de toda criança, na simplicidade da vida, ouço em mim um coro de vozes de crianças, a vida é mágica! Somos heróis e heroínas da nossa própria história!

*Dedico esta Dissertação de Mestrado a todas as crianças.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meu pais pelo dom da vida...

Agradeço essa energia cósmica que paira todos os dias sobre o meu viver, potencializando a força criadora da imaginação...

Agradeço aos meus filhos por compartilhar os momentos de ‘crianceiras’ de um tempo que já se foi...

Agradeço às minhas noras por ter gerado vidas em minha vida...

Agradeço aos educadores que deram cor, som, cheiro e sabor a cada palavra para que eu pudesse materializar está pesquisa.

Agradeço especialmente aos educadores da Escola Waldorf Livre Porto Cuiabá que gentilmente abriram portas e janelas para que eu pudesse adentrar vibrando esperança, luz e humanidade.

Agradeço, especialmente a inspiradora dessa lista de agradecimentos, a minha orientadora Professora Doutora **Rosely Aparecida Romanelli**, pelas palavras doces e fortes, pela confiança, dedicação, sobretudo por emanar amorosidade e esperança. O que fui, já não sou. O que sou, ela transformou.

Gratidão! Gratidão!

## SOBERANIA

*Naquele dia, no meio do jantar, eu contei que tentara pegar a bunda do vento – mas o rabo do vento escorregava muito eu não consegui pegar. Eu teria sete anos. A mãe fez um sorriso carinhoso para mim e não disse nada. Meus irmãos deram gaitadas me gozando. O pai ficou preocupado e disse que eu tivera um vareio de imaginação. Mas que esses vareios acabariam com os estudos. E me mandou estudar em livros. Eu vim. E logo li alguns tomos havidos na biblioteca do Colégio. E dei de estudar pra frente. Apreendi a teoria das ideias e da razão pura. Especulei filósofos e até cheguei aos eruditos. Aos homens de grande saber. Achei que os eruditos nas suas altas abstrações se esqueciam das coisas simples da terra. Foi aí que encontrei Einstein (ele mesmo o Albert Einstein). Que me ensinou esta frase: A imaginação é mais importante que o saber. Fiquei alcandorado! E fiz uma brincadeira. Botei um pouco de inocência na erudição. Deu certo. Meu olho começou a ver de novo as pobres coisas do chão mijadas de orvalho. E vi as borboletas. E meditei sobre as borboletas. Vi que elas dominam o mais leve sem precisar de ter motor nenhum no corpo. (Essa engenharia de Deus!) E vi que elas podem pousar nas flores e nas pedras sem magoar as próprias asas. E vi que o homem não tem soberania nem pra ser um bem-te-vi.*

(BARROS, 2008, p. 153)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

## RESUMO

A inspiração deste estudo é compreender a contribuição da contação de histórias à formação integral da criança em idade escolar à luz de diferentes abordagens teóricas, em particular a da Pedagogia Waldorf. Além disso, buscamos entender como os professores da rede pública municipal e da rede privada da cidade de Cáceres/MT, bem como os da escola Waldorf Livre Porto Cuiabá/MT utilizam a contação de histórias como ferramenta para potencializar o processo de imaginação, fantasia, formação da personalidade, individuação por meio dessa arte do encantamento. Engendramos as discussões por meio da abordagem fenomenológico-hermenêutica, embasados em Bicudo (2011). Provocamos uma discussão que permeia a historicidade do ato de Contar Histórias, como também, problematizamos as questões sociais que dizem respeito à transgressão do que é politicamente correto na literatura infantil. Trazemos, à baila, conceitos sobre imaginação e a relevância dela no desenvolvimento da personalidade do ser humano. Recorremos a Psicologia Analítica de Jung (1938), para abordarmos a importância dos contos de fadas e mitos que estão relacionados não somente com o inconsciente pessoal, mas também com o inconsciente coletivo com o mundo das imagens arquetípicas. Apoiamos em Bruno Bettelheim (1980) os diálogos a respeito de sua percepção relativa à psicanálise dos contos de fadas e sua importância para o desenvolvimento integral da criança. Por fim, apresentamos a contribuição da pedagogia Waldorf, baseada na Antroposofia, ciência criada por Rudolf Steiner. Essa escolha se deu, sobretudo pelo fato de que essa pedagogia, tem como base curricular a “Arte”, destacando o quanto é expressiva a Arte de Contar Histórias e ainda, por priorizar a formação holística do ser humano. Nesse sentido, ao analisarmos os dados, os resultados afirmam a compreensão quanto a contribuição da contação de histórias à formação integral da criança em idade escolar por meio das percepções dos sujeitos pesquisados (professores da rede pública de ensino da educação infantil e ensino fundamental I/1º ano e da rede privada do município de Cáceres/MT e da Escola Waldorf Livre Porto / Cuiabá professora do primeiro septênio). Embora, os professores dos âmbitos público e privado de Cáceres/MT entrevistados se apropriam da narrativa de histórias como recurso de conteúdo programático, entretanto, acreditam na contribuição das narrativas de contos e outras histórias à formação integral da criança em idade escolar. Temos, então, o desafio de compartilhar os saberes da Pedagogia Waldorf para os espaços da rede pública de ensino, no sentido ampliar as percepções dos professores em relação a narrar histórias somente para processo da alfabetização, de leitura, interpretação e produção de textos, anunciando que narrar contos é para além da escrita, é para vida. Seguindo essa senda, narrar histórias é uma arte, arte do encantamento, a arte da vida. Desta forma, os nossos objetivos específicos foram respondidos, já em relação ao problema que moveu a pesquisa e ao objetivo geral ainda há uma outra história a ser construída, a ser contada.

**Palavras-chave:** Contação de Histórias. Pedagogia Waldorf. Fenomenologia. Imaginação. Desenvolvimento Infantil.

## ABSTRACT

The inspiration of this study is to understand the contribution of storytelling to the integral education of school-age children in the light of different theoretical approaches, in particular that of Waldorf Pedagogy. In addition, we seek to understand how teachers from the municipal public and private schools in the city of Cáceres/MT, as well as those from the Waldorf Livre Porto Cuiabá/MT school use storytelling as a tool to enhance the process of imagination, fantasy, personality formation, individuation through this art of enchantment. We engendered the discussions through the phenomenological-hermeneutic approach, based on Bicudo (2011). We provoke a discussion that permeates the historicity of the act of Telling Stories, as well as problematizing the social issues that concern the transgression of what is politically correct in children's literature. We bring up concepts about imagination and its relevance in the development of human personality. We resorted to Jung's Analytical Psychology (1938), to approach the importance of fairy tales and myths that are related not only with the personal unconscious, but also with the collective unconscious with the world of archetypal images. We support in Bruno Bettelheim (1980) the dialogues about his perception regarding the psychoanalysis of fairy tales and its importance for the integral development of the child. Finally, we present the contribution of Waldorf pedagogy, based on Anthroposophy, a science created by Rudolf Steiner. This choice was made, mainly due to the fact that this pedagogy has "Art" as its curricular basis, highlighting how expressive the Art of Storytelling is and also for prioritizing the holistic formation of human beings. In this sense, when analyzing the data, the results confirm the understanding of the contribution of storytelling to the integral education of school-age children through the perceptions of the researched subjects (teachers from the public school system of early childhood education and elementary education I / 1st year and from the private network of the city of Cáceres/MT and from the Escola Waldorf Livre Porto/Cuiabá teacher of the first septenum). Although, the teachers from the public and private spheres of Cáceres/MT who were interviewed appropriate the narrative of stories as a programmatic content resource, however, they believe in the contribution of the narratives of stories and other stories to the integral formation of school-age children. We then have the challenge of sharing the knowledge of Waldorf Pedagogy to the spaces of the public education system, in order to expand the perceptions of teachers in relation to narrating stories only for the process of literacy, reading, interpretation and text production, announcing that telling stories is beyond writing, it is for life. Following this path, telling stories is an art, an art of enchantment, the art of life. In this way, our specific objectives were answered, in relation to the problem that moved the research and the general objective, there is still another story to be built, to be told.

**Keywords:** Storytelling. Waldorf Pedagogy. Phenomenology. Imagination. Child development

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**APAE** – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

**MT** – Mato Grosso

**PPGEDU** – Programa de Pós-graduação em Educação

**UFMT** – Universidade Federal de Mato Grosso

**UNEMAT** – Universidade do Estado de Mato Grosso

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Passarinhas na janela: Apresentação dos professores entrevistados com seus respectivos codinomes -----	32
<b>Quadro 2</b> – Quadro de apresentação dos professores que enviaram vídeos com narrativas de histórias -----	32
<b>Quadro 3</b> – A utilização de contos de fadas, fábulas, mitos e outras narrativas na Pedagogia Waldorf -----	113
<b>Quadro 4</b> – Estado de consciência da constituição do corpo humano -----	132
<b>Quadro 5</b> – As três atividades anímicas teorizadas por Steiner -----	132
<b>Quadro 6</b> – Passarinha Azul (educadora) / Rede Municipal de Ensino / Cáceres/ Educação Infantil -----	154
<b>Quadro 7</b> – Passarinha Amarela (educadora) / Rede Municipal de Ensino / Cáceres/ Educação Infantil -----	154
<b>Quadro 8</b> – Passarinha Rosa (educadora) / Rede Municipal de Ensino / Cáceres/Ensino Fundamental (1ª série) -----	154
<b>Quadro 9</b> – Passarinha Verde (professora) Rede privada de educação/ Cáceres/ Ensino Fundamental (1ª série) -----	154
<b>Quadro 10</b> – Passarinha Lilás (educadora) Escola Livre Porto Cuiabá / Cuiabá/ Primeiro septên -----	155
<b>Quadro 11</b> – Passarinha Lilás (educadora) Escola Livre Porto Cuiabá / Cuiabá/ Primeiro septên -----	155
<b>Quadro 12</b> – Passarinha Lilás (educadora) Escola Livre Porto Cuiabá / Cuiabá/ Primeiro septên -----	156
<b>Quadro 13</b> – Passarinha Lilás (educadora) Escola Livre Porto Cuiabá / Cuiabá/ Primeiro septên -----	156
<b>Quadro 14</b> – Passarinha Lilás (educadora) Escola Livre Porto Cuiabá / Cuiabá/ Primeiro septên -----	157
<b>Quadro 15</b> – Unidade de sentidos das passarinhas Azul, Amarela e Lilás -----	157
<b>Quadro 16</b> – Unidades de sentidos em relação à contribuição da narrativa de contos de fadas ou outras histórias na construção do despertar da fantasia -----	159
<b>Quadro 17</b> – Percepções das passarinhas na janela (azul, amarela, rosa, verde e lilás) quanto a sentimentos e emoções -----	160

<b>Quadro 18</b> – Unidades de sentidos em relação à contribuição da narrativa de contos de fadas ou outras histórias na construção da personalidade humana -----	161
<b>Quadro 19</b> – Unidades de sentidos em relação à contribuição da narrativa de contos de fadas ou outras histórias na construção da individuação -----	161
<b>Quadro 20</b> – Unidades dos Sentidos baseados na Pedagogia Waldorf -----	165
<b>Quadro 21</b> – Narrativa da andorinha do Cerrado -----	170
<b>Quadro 22</b> – Narrativa da Coruja -----	171
<b>Quadro 23</b> – Unidades de sentido vídeo “João pé de feijão” -----	171
<b>Quadro 24</b> – Unidades de sentido Narração Coruja do Mato -----	172
<b>Quadro 25</b> – Análise da unidade de sentido do vídeo Joao pé de feijão -----	172
<b>Quadro 26</b> – Análise da unidade de sentido história com as mãos -----	173

## LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1** - Convite enviado por e-mail e WhatsApp aos professores para participarem da entrevista, bem como para o envio de vídeos no momento da narração de histórias com uma breve explicação do projeto ----- 31
- Imagem 2** – Questão enviada por e-mail e WhatsApp aos professores aceitaram serem entrevistados ----- 31
- Imagem 3** – Agradecimento enviado por e-mail e WhatsApp aos participantes das entrevistas e envio de vídeos ----- 31

## LISTAS DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Frase de Manoel de Barros sobre a imaginação-----	90
<b>Figura 2</b> – Trecho da música “A borboleta e a lagarta” de Palavra Cantada -----	103
<b>Figura 3</b> – Os princípios da Pedagogia Waldorf-----	134
<b>Figura 4</b> – Resumo da proposta da Pedagogia Waldorf na visa de Rudolf Steiner para cada fase do desenvolvimento humano durante a vida escolar -----	138
<b>Figura 5</b> - Os temperamentos baseados em Steiner (2012) -----	146
<b>Figura 6</b> – Os temperamentos baseados em Steiner (2012) -----	146
<b>Figura 7</b> – Passarinhas na janela -----	152

## SUMÁRIO

<b>1. ERA UMA VEZ</b> .....	<b>19</b>
<b>1.1 A menina passarinho: serei sempre heroína da minha própria história</b> .....	<b>19</b>
<b>2. VOOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>25</b>
<b>2.1 Contextualização do problema e objetivos</b> .....	<b>25</b>
<b>2.2 Locus e o sujeito da pesquisa</b> .....	<b>30</b>
<b>2.3 Tipologia da pesquisa</b> .....	<b>32</b>
<b>2.4 Técnicas de investigação</b> .....	<b>34</b>
<b>2.5 E foi assim</b> .....	<b>34</b>
<b>3. HISTÓRIAS DE PASSARINHOS... CANTOS E ENCANTOS</b> .....	<b>37</b>
<b>3.1 Os griots e a tradição oral</b> .....	<b>37</b>
<b>3.2 Alguém contando histórias aqui!</b> .....	<b>42</b>
<b>3.3 Contarei a vocês uma história sem pé nem cabeça!</b> .....	<b>46</b>
<b>3.4 Prepare o seu coração para história que eu vou contar... Contar ou Ler?</b> .....	<b>49</b>
<b>3.5 Se você quiser, eu conto um conto! Ponto. Quem são os contadores de hoje?</b> .....	<b>51</b>
<b>3.6 Um caldeirão de receitas com pezinho de lagartixa, rabinho de sapo, asas de morcego: Pronto! Outras receitas para contar histórias</b> .....	<b>53</b>
<b>3.7 Somos feitos de histórias, das histórias para o mundo, do mundo para as histórias! Então, conte outra vez! Porquê contar? O que contar?</b> .....	<b>58</b>
<b>3.8 Passarinhandando com Alice no país das maravilhas, na terra do nunca: os contos de fadas</b> .....	<b>61</b>
<b>3.9 Era um passarinho às avessas, com olhar desassossegado à literatura infantil: o que é politicamente correto, na literatura infantil?</b> .....	<b>64</b>
<b>4. NAS ASAS DA IMAGINAÇÃO</b> .....	<b>69</b>
<b>4.1 Imaginar era tudo que queria, imaginar era tudo que tecia... Imaginando com Vygotsky</b> .....	<b>69</b>
<b>4.2 Nas águas claras e profundas e doces do imaginar: fogo, terra, ar com Gaston Bachelard</b> .....	<b>78</b>
<b>4.3 Passarinho de toda cor, gente de toda cor, amarelo, rosa, azul me aceite como eu sou com Carl Gustav Jung</b> .....	<b>82</b>

4.4 Nas asas do dragão com o menino Rudolf Steiner .....	86
4.5 Da poção da alma: fantasia em ordem, coração tranquilo Carl August Jung.....	90
4.6 Pelos poderes da fantasia, pelo poder de voar: Rudolf Steiner e a pedagogia Waldorf .....	94
<b>5. PALAVRAS DE PASSARINHOS .....</b>	<b>98</b>
5.1 Fia, fio a fio, fino fio, frio a frio e a psicologia analítica junguiana .....	99
5.2 Um passarinho cochichou: se é pra eu SER, que eu seja sempre eu mesmo: no caminho da INDIVIDUAÇÃO .....	103
5.3 Uni duni tê salamê mingûê meu coração escolheu você: Pedagogia Waldorf e o caminho da individuação por Rudolf Steiner .....	106
5.4 O despertar dos contos de fadas e os arquétipos .....	115
5.5 Era uma vez um gato xadrez! A psicanálise dos contos de fadas com Bruno Bettelheim.....	118
5.6 Um pássaro na gaiola inspirou a contar, a cantar: Histórias Curativas .....	121
5.7 Mergulhando no oceano do interior. Contos terapêuticos e sua contribuição para o equilibrando o corpo, mente, espírito .....	123
<b>6. UM PASSARINHO ME CONTOU .....</b>	<b>127</b>
6.1 Da semente do ‘pensar’, ‘sentir’, ‘querer’ ao germinar e florescer no vale da cosmovisão antroposófica com Rudolf Steiner e a Pedagogia Waldorf .....	128
6.2 Sinto tudo, não sei de nada. A luz que brota em tempos sombrios: Os princípios da Pedagogia Waldorf .....	134
6.3 Se essa rua fosse minha, eu iria ladrilhar com muita arte para histórias eu contar: Conte um conto, por favor .....	141
<b>7. VOOS DE PASSARINHOS: COMPREENDENDO OS DADOS COLETADOS ....</b>	<b>150</b>
7.1 Um passarinho me contou que é na percepção das pequenas coisas que chegamos a grandes conclusões – compreendendo os dados .....	150
7.1.1 Unidades de significações .....	154
7.1.2 Unidades de sentido .....	157
7.2 Unidade de significação e unidade de sentido .....	168
7.2.1 Unidade de significação .....	170
7.2.2 Unidade de sentido .....	171

<b>7.2.3 Análise da Unidade de sentido .....</b>	<b>172</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>176</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>183</b>
<b>APÊNDICE A - PARTICIPAÇÃO DO I FÓRUM DE CONTADORES DE HISTÓRIAS DE MATO GROSSO EM CUIABÁ/SESC ARSENAL - TRUPÉ CONTADORES DE HISTÓRIAS REPRESENTANDO CÁCERES/MT .....</b>	<b>186</b>
<b>APÊNDICE B - MATO GROSSO TEM HISTÓRIAS UMA EM CADA CANTO: EVENTO ORGANIZADO PELO GRUPO TRUPÉ CONTADORES DE HISTÓRIAS EM CÁCERES-MT NA SICMATUR .....</b>	<b>187</b>
<b>APÊNDICE C -APRESENTAÇÃO DO GRUPO TRUPÉ CONTADORES DE HISTÓRIAS NO SHOPPING GOIABEIRAS .....</b>	<b>188</b>
<b>APÊNDICE D - APRESENTAÇÃO DO GRUPO TRUPÉ CONTADORES DE HISTÓRIAS EM PARCERIA COM O SESI NA AÇÃO GLOBAL DA CIDADANIA .....</b>	<b>189</b>
<b>APÊNDICE E - APRESENTAÇÃO DO GRUPO TRUPÉ CONTADORES DE HISTÓRIAS NO SETOR DE PEDIATRIA DO HOSPITAL REGIONAL ANTONIO FONTES E EM ESCOLAS DO ESTADO DE MATO GROSSO .....</b>	<b>190</b>
<b>APÊNDICE F - APRESENTAÇÃO DO GRUPO TRUPÉ EM ESCOLAS DA ZONA RURAL EM PARCERIA COM UNEMAT NO DISTRITO DO CARAMUJO E CURVELÂNDIA, SALTO DO CÉU-MT .....</b>	<b>191</b>

## 1. ERA UMA VEZ...

Abordo, aqui, minha história de encantamento pelo objeto de pesquisa, bem como objetivo geral, específicos e justificativa, com ‘cor e sabor’, já que a própria imaginação poética de criança foi-me conduzindo ao universo da contação de histórias, por acreditar que todo mundo quer voar, assim como todos têm estórias/histórias para contar...

Esse voo – ao mundo imaginário – e sua contribuição à formação integral do ser humano é, e sempre será, o que me move. Nesse sentido, foi preciso ancorar em um porto seguro. Busquei, na fenomenologia husserliana por meio do olhar de Bicudo (2011) e na hermenêutica essa base com a perspectiva de possuir um enorme farol, iluminando a percepção do imperceptível que ora se mostra, revelando o fenômeno a ser compreendido

Somos formados pelas Histórias e percepções que ora temos *do* mundo e *com* o mundo. Posso afirmar que a minha história tem sido tecida e povoada por diferentes teóricos, deixando em mim, suas marcas, que se fazem perceptíveis por meio do ressoar da escrita dessa Dissertação de Mestrado. Se a minha história começou nos livros e aqui, ela continua na vida.

### 1.1 A menina passarinho: serei sempre heroína da minha própria história

Dou início à apresentação desta Dissertação de Mestrado em primeira pessoa, inspirada nas desventuras do poeta Manoel de Barros. De igual modo, conto sobre meu percurso histórico enquanto pesquisadora na área da Educação. Peço licença para vagar nas asas da imaginação, enquanto leitora, pois conforme Barros (2008, p. 77) “[...] sempre compreendo o que faço depois que fiz. O que sempre faço nem sempre seja uma aplicação de estudos. É sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo [...]”.

Foi assim, embevecida desse pensar Manoelês, que a cada instante me faço e refaço, dando asas à minha criança interior e a tantas outras que me acompanham, pois jamais estou só. E, como mágica, tais crianças foram moldando-me enquanto educadora com formação no magistério e Licenciatura em Letras e Filosofia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) especialista em educação especial pela Universidade Federal do Estado de Mato Grosso (UFMT) e em Literatura Comparada pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Em relação a minha carreira docente lecionei em todos os segmentos da educação: educação infantil, educação especial (APAE) Educação de Jovens e adultos, ensino médio, fundamental e superior.

Dediquei vinte e cinco anos da minha carreira a educação especial, concomitantemente também ao ensino dito normal, especificamente ao ensino médio na rede pública estadual em Cáceres/MT e ensino fundamental na rede de ensino municipal. Fui intérprete de libras, ensinei Braille e aprendi a ouvir história e contar histórias para este público tão especial, fizemos histórias, entretanto, como todo começo tem um fim, fechei este ciclo de dedicação a rede pública estadual, me aposentei deixando o ensino médio e educação especial (APAE).

Continuei a atividade docente na rede municipal de ensino, mas confesso que a educação especial nunca saiu de mim, logo fui convidada para trabalhar na sala multifuncional (sala de recurso) atendendo crianças com diferentes deficiências e muitas histórias para contar. As crianças e os adolescentes especiais sempre foram fonte de inspiração na busca do conhecimento, então, fiz aperfeiçoamento em teatro, cinema, contação de histórias e procurei ser instrutora em terapias holísticas como Reiki, danças circulares sagradas e Hatha Yoga.

Neste contexto, realizei diversas atividades, fundei um grupo chamado Trupé Contadores de Histórias, onde sou a contadora de histórias. Sigo contando e encantando. Adaptei peça de teatro para festival, fiz documentário, criei coral de crianças cantando em Libras, comandi um grupo de prática de yoga. E atualmente sou professora na rede ensino municipal na Escola Municipal Raquel Ramão da Silva, atuando na sala multifuncional. Como podem ver sou feita de histórias, histórias que agrego as terapias holísticas e a arte. E neste percurso da minha vã existência fui dando ciência das minhas experiências, e, com elas, aprendendo a fazer Ciência.

Das crianças, ganhei a semente da imaginação, o olhar curioso, o espanto e o desejo enorme de levar a boa notícia para os mais diversos cantos, de que contar histórias é a ponte mágica que liga o mundo imaginário ao mundo real – ou, talvez, o contrário – como uma linha tênue, invisível, mas que, no entanto, torna-se uma materialização encarnada. Desse modo, a contação de histórias faz com que o mundo imaginário venha a acontecer, a se materializar. constituindo- se. Descobri, entre um livro e outro, um que se abre, outro que se fecha, um mundo de risos, medos, solidão, solidariedade, amizades, abraços e respeito. Percebi também, o quanto o ato de narrar histórias para crianças é importante tanto quanto os próprios atos de dormir, comer, brincar, amar e até mesmo o de respeitar.

Foi embalada pelo sussurro do vento e do tempo, que hoje, mais do que ontem, sei o quanto as histórias são importantes à constituição do nosso imaginário adulto. Ou seja, o que somos e, mais especialmente, fomos nos tornando ao longo do trilhar da própria existência. Daí, é uma boniteza dizer que somos feitos de histórias e que as histórias, com efeito, nos fazem e refazem, nos construindo no decorrer de nossas vivências.

As histórias que em outrora ouvimos, contamos, são palavras para além das palavras, porque são palavras para toda a vida. Vida esta que oscila entre boa e ruim, ora alegre, ora triste, porém uma vida que flui (de um jeito ou de outro). É com esse deleite, que, nas asas de um passarinho, voei (e ainda voo). Tenho muitas histórias para contar!

Certa vez, o poeta e jornalista Eduardo Galeano (2012, sem paginação) disse: “os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me disse que somos feitos de histórias”, algo em que acredito. Como uma centelha divina, fui acolhida deixando-me levar por esta epígrafe. Foi quando aprendi, então, com os passarinhos, que a liberdade é algo essencial quando se deseja voar, ouvir, contar, levar e trazer (aos quatro cantos do mundo), belas histórias.

Descobri a necessidade de deixar no chão, o que é do chão, a razão, na razão, para abrir os olhos ‘enormes’ da imaginação, dando asas às coisas que sussurram no fundo dos corações, ora pela inspiração e intuição, ora pela fantasia e imaginação. Não estou bem certa, mas, por ora, creio que é assim que vamos nos constituindo, enquanto humanos (indivíduos), sonhando, realizando e, mais que isso, humanizando-nos. Cá estou, com o tempo – e a tempo – aprendendo a fazer ciência e dando ciência aonde quero chegar com o Contar Histórias às crianças. Assim, com passos de andarilha, aventurando-me pelo narrar, pelo conhecer e pelo pesquisar, em meio a tantos desvios, delírios e, é claro, muitos sonhos.

Em 2018, agreguei-me a outros Contadores de Histórias do Brasil em um grande evento intitulado ‘I Fórum Virtual de Contadores de Histórias’. Na oportunidade, foram discutidos meios de potencializar ainda mais essa arte, bem como pensar em políticas públicas para esse segmento. O evento contou com a participação de renomados Narradores/Contadores de Histórias, oriundos de vários lugares do Brasil. Nesse mesmo ano, foi proposto um encontro presencial aos Contadores de Histórias do Estado de Mato Grosso pela encantadora Contadora/Narradora de Histórias Alice Oliveira. Estiveram presentes 40 Contadores de Histórias do estado, os quais relataram o panorama de sua Arte por cada município presente. O município de Cáceres-MT foi representado pelo grupo ‘Trupé’: Contadores de Histórias’, do qual sou fundadora.

A partir desse encontro, inicia-se um grande movimento em circuito para dar visibilidade aos Contadores de Histórias de cada município. O movimento teve, como *slogan*, “Mato Grosso tem Histórias, uma em cada canto”, que aconteceu na cidade de Cáceres-MT, no dia 11 de agosto de 2018, com a participação da comunidade local e uma efervescente presença do público infantil.

Considerando a importância desse movimento para todo o estado de Mato Grosso, bem como a importância da Arte de Narrar Histórias, fiz disso, uma fonte de inspiração, o fio mágico desta pesquisa e também de vida, ao pensar no desenvolvimento da aprendizagem da psique humana. Já com lampejos de ideias, procurei me aprofundar na temática de Contação de Histórias e Imaginação. Foi aí que me deparei com grandes pensadores que vagavam, como eu, no meio do nada e, do nada, foram solidificando o meu caminhar. E, por hora, reverberam um coro de vozes, de palavras de crianças; eu, com memória de menina, anuncio o nosso encontro no mundo imaginário.

Falo a partir daquela criança que habita dentro de mim – e que também habita dentro de você. Então, é com ela que acesso as memórias de quando olhávamos para o céu e brincávamos com as nuvens, imaginávamos rainhas, fadas, monstros, sapos e, até mesmo, as malvadas bruxas. Brincávamos com as sombras em noites escuras; o medo nos rodeava e a imaginação crescia cada vez mais. Se a gente corre com a imaginação, a imaginação corre com a gente!

Quem nunca transformou pedras, folhas, madeiras, objetos quaisquer, em carrinhos, bonecas e animais, dando vida a cada um deles? Quem de nós não foi carregado pela voz de um Contador de Histórias ao mundo mágico, às vezes até surreal? A voz do Contador nos situava em um tempo e um espaço, ao mesmo tempo em que éramos capturados pela imaginação, como num sopro, por entre ventos e redemoinhos de palavras erámos levados ao mundo encantado do era uma vez.

Suspiramos com alegria nos olhos, para dizer que vida de criança é imaginar, criar, brincar sem querer ensinar nada a ninguém, por acreditarmos na ludicidade do SER criança; buscamos compreender a contribuição da contação de histórias à formação integral da criança em idade escolar. Objetivamos, também, entender, como os professores da rede pública municipal e da rede privada da cidade de Cáceres/MT, bem como, da escola Waldorf Livre Porto Cuiabá/MT se utilizam da contação de histórias para potencializar o processo de imaginação, fantasia, formação da personalidade, individuação por meio dessa arte de encantamento, ou seja, a formação integral. Foram essas, pois, as primeiras indagações que problematizamos e pensamos serem possíveis como fonte de inspiração desse estudo e dos objetivos, logo, traçamos o desenho da presente pesquisa estruturada em sete seções.

Embasamo-nos em Rudolf Steiner (2012) fundador das escolas Waldorf e da Antroposofia, Rudolf Lanz (2016), tradutor de inúmeras obras de Rudolf Steiner e outros autores (exerceu amplas atividades como conferencista em temas de Antroposofia e Pedagogia Waldorf), Rosely Aparecida Romanelli (2017, 2018) por ser uma pesquisadora do assunto e se

propor a contribuir para o estabelecimento da Antroposofia no mundo, Vygotsky (2018) e Gastão Bachelard (1991) que nos arrastam para o mundo da concepção do imaginário.

Além desses autores, mobilizamos Carl Gustav Jung (1985) com a contribuição da psicologia analítica, do *eu* e o inconsciente coletivo em direção aos arquétipos. Não menos importante, Bruno Bettelheim (1980), presenteando-nos com a psicanálise dos contos de fadas, Walter Benjamin (2018), Cleo Bussato (2017), Celso Sisto (2015), Ilan Brenmanm (2012), dentre outros, impulsionando voos rasantes para o mundo encantado e mágico dos contos e a arte de contar histórias; Bicudo (2011), Husserl (2020) e Merleau-Ponty (1999) por desenvolverem o método fenomenológico e por sua forma de concepção metodológica de pesquisa.

Na segunda seção, constam os voos metodológicos, a contextualização do problema, os objetivos, o *locus* de pesquisa e os sujeitos, assim como os tipos e meios da pesquisa e a técnica de investigação. Na terceira seção, discorreremos a respeito da historicidade do ato de Contar Histórias/Estórias, que surge desde os primórdios da relação entre o ser humano e a natureza, a partir da visão de diversos teóricos.

Na quarta seção, alçamos voos à imaginação. Dialogamos com outros “tecelões da imaginação”, Lev Vygotsky (2018), Gastão Bachelard (1991), Carl Gustav Jung (1985) e Rudolf Steiner (2012) acerca do conceito de imaginação. Na quinta seção, no sentido de ampliar a percepção do ver e do (des)ver do fenômeno que foi pesquisado, trazemos a contribuição da Psicologia Analítica de Jung (1985) como um caminho para o entendimento da importância da arte de contar histórias e de como as imagens arquetípicas, contidas nos contos e mitos, atuam na psique humana – em especial, na fase da infância.

Na sexta seção, abordamos a respeito da pedagogia Waldorf (2019) como um farol para uma educação mais humanizada. Dito de outro modo, da semente do “pensar”, do sentir”, do “querer”, ao germinar à luz do desabrochar no vale da cosmovisão antroposófica com Rudolf Steiner (2012) e a Pedagogia Waldorf (2019). Na sétima seção, ‘Um Passarinho me Contou’ é na percepção das pequenas coisas que chegamos a grandes conclusões – compreendendo os dados.

Do semear e germinar chegamos ao florescer deste estudo, que se revelou mais que desafiador, sobretudo uma construção afetiva com o vínculo prazeroso do encantar à medida em que, por meio dele fomos inspiradas ao exercício de nos tornarmos pesquisadoras na busca compreendermos esse movimento encantador da imaginação e da Pedagogia Waldorf (2015) e sua contribuição na Arte de Contar Histórias, em particular na arte de encantar. Por fim,

suspiramos para dizer que está História/ Estória nós contamos, quem quiser que conte outra, que entre por uma porta e saia pela outra!!!

## 2. VOOS METODOLÓGICOS

Nesta seção discorreremos acerca dos voos metodológicos com a contextualização de um novo modo de viver, implicando em um novo jeito de se fazer pesquisa, porém sem perder o caráter da cientificidade de se fazer ciência com humanização. Iniciamos, então, com a contextualização do problema e os objetivos, o tipo de pesquisa e a abordagem teórica lócus e os sujeitos. Em seguida apresentamos o quadro dos professores entrevistados e um outro quadro dos professores que enviaram vídeos, tipo de pesquisa, técnicas de investigação.

### 2.1 Contextualização do problema e objetivos

*Um passarinho me contou  
Que a ostra é muito fechada,  
Que a cobra é muito enrolada,  
Que arara é uma cabeça oca,  
E que o leão marinho e a foca...  
Xô, passarinho!  
Chega de fofoca.  
(José Paulo Paes)*

O mundo mudou! E não é fofoca de passarinho! Mundialmente, fomos avassalados por uma pandemia, à qual nominaram de Covid-19, *Sars-Cov-2*, ou Novo Corona vírus, um vírus que forçou instituições educacionais em todo o mundo a utilizarem, repentinamente, ferramentas tecnológicas disponíveis, já há algum tempo para criarem conteúdos e experiências de aprendizado de maneira remota para estudantes. Educadores de todas as áreas estão experimentando novas possibilidades de ensinar.

A vida mudou drasticamente, em um piscar de olhos. Deixamos de realizar práticas do dia a dia que eram comuns, como por exemplo, um simples flertar, ou ir à escola ou trabalho. O lema da vida passou a ser: ficar em casa! Todos os dias escutamos este chamado de pessoas próximas, nas mídias ou redes sociais, na intenção de proteção da coletividade, resumida na frase: “Fique em casa!” ou “Fique em casa, se puder!”.

Nossas emoções e comunicações, nossos afetos e comportamentos foram tocados e modificados pelo momento de pandemia. Tivemos que nos adaptar, resistir e prosseguir. Desse

modo, desafios nos foram impostos, um outro modo de se fazer pesquisa. Trazemos aqui, o resultado desse jeito de olhar para este velho e novo mundo.

Assim, anunciamos que a presente pesquisa é de cunho qualitativo, do tipo exploratório, seguindo a abordagem fenomenológico-hermenêutica, em busca de descrever e compreender o fenômeno investigado. Sustentado pelas leituras pertinentes, segundo Bicudo (2011, p. 17):

A fenomenologia, é um pensar a realidade de modo rigoroso. O que caracteriza não é ser ou procurar ser esse pensar, mas o modo pelo qual se age para perseguir uma meta. Falar em “modo pelo qual”, pode pôr em destaque, os procedimentos, os métodos, pelos quais se faz isso.

Na perspectiva de Bicudo (2011) compreendemos, que por meio da fenomenologia, pode-se estudar os processos que constituem as realidades sociais de modo mais profundo. Interessa, aos estudos fenomenológicos, os modos pelos quais podemos pensar o percurso das metas que se estabelecem. Bicudo (2011, p. 17) nos ensina, ainda, que:

[...]. Os procedimentos, são inseparáveis do fenômeno interrogado, e, portanto, do pesquisador. Neles estão presentes a busca do rigor e algumas concepções que dizem da interpretação do mundo, como: fenômeno, realidade, consciência, essência, verdade, experiência, a priori, categoria, intersubjetividade.

Desse modo, tanto procedimento, quanto os objetos de investigação estão atrelados, com efeito, até mesmo ao próprio pesquisador. Estão em discussão, desde o fenômeno e a realidade, até mesmo as questões de consciência, essência e verdade, além das experiências que se podem relacionar no sentido de compreender o fenômeno em questão.

Por isso, conforme Bicudo (2011, p. 17) “[...] Fenômeno: é a palavra que diz da fenomenologia. Compreendendo e interpretando seu sentido e significado, o mundo se mostra [...]. O que se manifesta, o que se aparece. É o que se manifesta à consciência”. Ou seja, o abordar a fenomenologia Husserliana como aporte teórico desta pesquisa, trazemos um pensar rigoroso, destacando os seus procedimentos. O que significa dizer que os procedimentos são inseparáveis do fenômeno interrogado, bem como do pesquisador (BICUDO, 2011).

Ressaltamos, ainda, que nessa relação do sujeito e do objeto, ou seja, alguém que percebe (sujeito) para algo que é percebido (objeto), estão presentes, a busca do rigor científico e outras concepções que dizem a respeito da interpretação do mundo, tais como o fenômeno, a realidade, a consciência, a essência e a verdade-experiência, a priori, também, a categoria, a intersubjetividade (BICUDO, 2011).

Nesse sentido, é preciso compreender cada conceito acima destacado. A palavra Fenômeno é o que se mostra e que se manifesta para uma consciência. O vocábulo deriva do verbo *fainestai*, em latim. Já o vocábulo realidade é o que emerge da intencionalidade da consciência. Ou seja, é o compreendido, o interpretado e o comunicado. Consciência, então, é a intencionalidade, é o estar voltado à essência fenomenológica, é mostrada pela realização de uma pesquisa rigorosa que busca as raízes, os fundamentos primeiros do que é visto (compreendido) e o cuidado com cada passo dado *na* e em busca *da* verdade (“mostração” da essência).

Seguindo a lógica da fenomenologia, é necessário o rigor do pesquisador fenomenológico, que se faz a cada momento em que interroga o fenômeno. Para tanto, são básicos dois momentos: o *epoché*, que é o processo que ocorre quando se põe o fenômeno em suspensão, destacando dos demais co-presentes ao campo da percepção do pesquisador, e a *redução*, quando se descreve o que foi visto e que seleciona as partes da descrição, consideradas essenciais ao fenômeno. Todo esse movimento, no sentido da compreensão do fenômeno, é feito com o auxílio de uma técnica chamada de variação imaginativa, realizada através de comparação no contexto, onde o fenômeno está situado, eliminando o que é da ordem do supérfluo. Desse modo, o pesquisador está capacitado a reduzir a descrição daquelas partes, segundo o que vê, como essencial, característico e básico.

A verdade fenomenológica não é algo dado, porque é entendida como um e/ou o desocultamento, como *aletheia*, significando “mostrarão”, do que é essencial ao fenômeno. Quanto à experiência, ela é compreendida como *uma* e/ou *a* experiência vivida, enquanto agir e fazer, de modo criativo e crítico. A priori, é, também, um termo que aparece no discurso fenomenológico, que consiste no conhecimento prévio, no qual a interrogação vai na direção do conhecimento reflexivo para o reflexivo. Husserl (2020)<sup>23</sup> fala, também, em categorias, entendidas como determinação do *Ser* do *Ente*. A intersubjetividade (**grifos nossos**).

Bicudo (2011, p. 121) comenta sobre o modo de proceder qualitativamente:

Dada a característica da pesquisa qualitativa, o fenômeno investigado é sempre situado/contextualizado. Exploram-se as nuances dos modos de a qualidade mostrar-se e explicitam-se compreensões e interpretações. Sendo assim, os dados trabalhados não se permitem-se generalizar e transferir para outros contextos.

Nessa linha de pensamento, Bicudo (2011, p. 121) menciona que as pesquisas em fenomenologia:

---

<sup>2</sup> HUSSERL, Edmund Manoel. **A ideia da fenomenologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

[...] permitem compreender as características do fenômeno investigado, e que, ao assim procederem, dão oportunidade para abrirem-se possibilidades de compreensões possíveis quando a interrogação do fenômeno é dirigida a contextos diferentes daquele em que a investigação foi efetuada. Sustentam raciocínios articuladores importantes para tomadas de decisão, políticas, educacionais, de pesquisa, e, aos poucos, semeiam regiões de inquérito com análises e interpretações rigorosas.

Desta forma, o fenômeno, que ora foi investigado é sustentado pelo desencadear de raciocínios articulados que leve a compreender o fenômeno por meio análises interpretativas, baseadas na hermenêutica (BICUDO, 2011).

No que se refere à Hermenêutica, Bicudo (2011, p. 99) salienta que se:

[...] trata da interpretação linguística do sentido: a compreensão do sentido por meio/por mediação da linguagem, ou seja, através do vaivém do *logos*. No entanto, o sentido da Hermenêutica não é apenas o objeto da compreensão ou da interpretação, mas também, o sujeito da Hermenêutica, uma vez que captamos o objeto (a verdade-sentido) a partir do sujeito (a razão-sentido).

É essa aproximação, de uma hermenêutica simbólica, que consiste em passar de um mero significado (o que diz) para o sentido (o que se pretende dizer), entendendo que o sentido é tudo aquilo que algo nos quer dizer humanamente (BICUDO, 2011).

Nesse sentido, fizemos o levantamento bibliográfico acerca da abordagem fenomenológica para melhor compreender os fundamentos teóricos que sustentam essa pesquisa, seguindo os princípios de uma pesquisa bibliográfica conforme Gil (2002, p. 44) afirma que toda pesquisa bibliográfica é de nível exploratório e o que define essa classificação é o levantamento de dados, pois:

A pesquisa é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza. Há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem a análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

Nesse caso, além das fontes bibliográficas esta pesquisa se dá por meio dos instrumentos de coleta de dados, os quais foram: a entrevista, a análise de vídeos gravados em momentos de contação de histórias onde os sujeitos (professores) se apresentam em um momento de atividade de narração em tempo de pandemia o que caracteriza, também, como uma pesquisa exploratória (GIL, 2002).

De acordo com Gil (2002, p. 195) a entrevista “é um procedimento utilizado na investigação social, tanto para a coleta de dados, quanto para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”. Considerando o que Gil (2002) comenta sobre coleta de dados, no caso aqui se refere a entrevista, reportamo-nos a Moran (2004) uma vez que essa pesquisa só aconteceu graças ao uso de tecnologias como *WhatsApp* e *e-mail*, particularmente a coleta de dados (entrevista), bem como, envio de vídeos por e-mail.

Posto isso, Moran (2004) compreende que o uso de tecnologias, tanto no processo de ensino-aprendizagem, quanto à composição do material de análise do pesquisador, torna-se um objeto de expressiva relevância, visto que o uso das tecnologias se faz cada vez mais presentes no universo educacional. Ponderamos, então, que por meio dos vídeos o pesquisador é capaz de compreender as realidades alternativas dos espaços onde se desenvolvem a construção do conhecimento, bem como da compreensão do coletivo em contato.

Desse modo, ao integra-se essa ferramenta ao desenvolvimento dos processos educacionais, o pesquisador pode dinamizar, assim como despertar novos olhares ao que se está pesquisando, compreendendo. Assim, por meio do suporte tecnológico, pretendemos compreender a contribuição da narração de histórias à formação integral da criança em idade escolar. E não menos importante vinculado ao objetivo geral traçamos como objetivos específicos:

- ✓ Entender a historicidade e a importância da contação de histórias à formação psíquica da criança;
- ✓ Discorrer acerca da concepção de contar e ler a partir da leitura de obras literárias referentes a literatura infantil e contação de histórias por diferentes autores;
- ✓ Descrever como os professores se utilizam da contação de histórias para potencializar o processo da construção do imaginário, fantasia, formação da personalidade, individuação, da criança em idade escolar;
- ✓ Perceber o papel da Arte, enquanto arte de contar histórias;
- ✓ Examinar a função da contação de histórias em uma Escola da Pedagogia Waldorf;
- ✓ Analisar a contribuição da Pedagogia Waldorf e seus procedimentos metodológicos para o processo da construção da imaginação, fantasia, individuação e da humanização.

*O correr da vida embrulha tudo.*

*A vida é assim: esquentada e esfria,*

*Aperta e daí afrouxa,*

*Sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem.*  
(Guimarães Rosa)

Entre o ‘velho’ e o ‘novo’ mundo que a pandemia desenhou, intermediados por este (des)sossego tão bem poetizado por Guimarães Rosa, enfatizamos que aqui, também, o correr da vida embrulhou tudo, esquentou e esfriou, apertou depois afrouxou. Sossegamos, depois desinquietamos.

Por fim, descobrimos que pesquisar, em meio à pandemia, requer coragem para adaptar-se ao que chega. Assim, traçamos outros rumos que o momento exigiu. Apresentamos, então, o Norte a que seguimos em relação ao *lócus* e ao *corpus* desta pesquisa.

## **2.2 Lócus e os sujeitos da pesquisa**

Os sujeitos que participaram da entrevista foram duas professoras da rede municipal de ensino de Cáceres-MT que atendem Educação Infantil (crianças com idade entre 4 e 5 anos); duas professoras que trabalham em escolas que oferecem o Ensino Fundamental I, séries iniciais, especificamente o 1º Ano; uma professora de uma escola privada que oferece Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II, que atua no 1º Ano, na cidade de Cáceres-MT.

Outrossim, compõe o universo de pesquisa, uma professora que tem experiência diretamente com crianças do primeiro septênio (crianças com idade entre 4 e 5 anos e 6 e 7 anos) na Escola Livre Porto Cuiabá-MT baseada em princípios e fundamentos na pedagogia Waldorf, exclusivamente atuando no primeiro septênio, isto é, baseada na Antroposofia, ciência criada por Rudolf Steiner, no fim do século XIX.

Essa escolha se deu, sobretudo, devido ao fato de que essa pedagogia tem como base curricular, “a Arte”, destacando como expressiva a Arte de Contar Histórias, bem como por priorizar a formação integral do ser humano. Na sequência, expomos o quadro das entrevistas com uma única questão. Destacamos que devido à pandemia, que exigiu o afastamento social, as entrevistas foram realizadas via *WhatsApp* e *e-mail*. Desse modo, para resguardar o nome dos professores entrevistados, usamos o codinome de passarinhos.

**Imagem 1** – Convite enviado por *e-mail* e *WhatsApp* aos professores para participarem da entrevista, bem como para o envio de vídeos no momento da narração de histórias com uma breve explicação do projeto



Fonte: Produzido pela Autora, 2021.

**Imagem 2** – Questão enviada por *e-mail* e *WhatsApp* aos professores aceitaram serem entrevistados



Fonte: Produzido pela Autora, 2021.

**Imagem 3** – Agradecimento enviado por *e-mail* e *WhatsApp* aos participantes das entrevistas e envio de vídeos



**Fonte:** Produzido pela Autora, 2021.

**Quadro 1** – Passarinhas na janela: apresentação dos professores entrevistados por meio de seus respectivos codinomes.

CODINOME	FUNÇÃO	REDE	CIDADE	FASE
Passarinha azul	Educadora	Municipal	Cáceres-MT	Educação Infantil
Passarinha amarela	Educadora	Municipal	Cáceres-MT	Educação Infantil
Passarinha verde	Educadora	Municipal	Cáceres-MT	Ensino Fundamental (1ª série)
Passarinha rosa	Educadora	Privada	Cáceres-MT	Educação Infantil
Passarinha Lilás	Educadora	Escola Livre Porto Cuiabá	Cuiabá-MT	Primeiro Septênio

**Fonte:** Produzido pela Autora, 2021.

**Quadro 1** – Quadro de apresentação dos professores que enviaram vídeos com narrativas de histórias

CODINOME	FUNÇÃO	REDE	CIDADE	FASE
Andorinha do Cerrado	Educadora	Municipal	Cáceres-MT	Educação Infantil
Corujinha do Mato	Educadora	Escola Livre Porto Cuiabá	Cuiabá-MT	Primeiro Septênio

**Fonte:** Produzido pela Autora, 2021.

### 2.3 Tipologia da pesquisa

Para esta Dissertação de Mestrado, acolhemos a pesquisa qualitativa, por ser mais adequada à discussão das ciências humanas e/ou ciências do espírito, pois conceber as ciências humanas enquanto ciências da vida, faz toda diferença à (re)leitura de novos mundos do fazer ciência em tempos de pandemia Covid-19.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como característica, a abordagem fundamentada nos princípios da Fenomenologia Hermenêutica, na busca da compreensão do sentido do fenômeno, com o auxílio da técnica denominada variação imaginativa, realizada através de comparação no contexto, onde o fenômeno está situado, eliminando o que se inscreve no âmbito do supérfluo. Desse modo, o pesquisador está capacitado a reduzir a descrição daquelas partes, segundo o que vê, como essencial, característico e básico.

Bicudo (2011, p. 121) comenta sobre o modo de proceder com pesquisas de âmbito qualitativo, onde:

Dada a característica da pesquisa qualitativa, o fenômeno investigado é sempre situado/contextualizado. Exploram-se as nuances dos modos de a qualidade mostrar-se e explicitam-se compreensões e interpretações. Sendo assim, os dados trabalhados não se permitem-se generalizar e transferir para outros contextos.

De acordo com Bicudo (2011) devemos contextualizar o fenômeno que será pesquisado, pois fazendo esse procedimento, podemos compreender diferentes interpretações, pois os dados obtidos na pesquisa não podem ser generalizados, tampouco transferidos para outros contextos. Bicudo (2011, p. 121) confirma, ainda, que:

São pesquisas que permitem compreender as características do fenômeno investigado, e que, ao assim procederem, dão oportunidade para abrirem-se possibilidades de compreensões possíveis quando a interrogação do fenômeno é dirigida a contextos diferentes daquele em que a investigação foi efetuada [...].

Ou seja, compreendemos que as pesquisas qualitativas podem produzir efeitos outros quando alçadas em compreensões possíveis do ponto de vista de várias relações com contextos distintos, uma vez que, à investigação, torna-se essencial que se pense e relacione com a exterioridade, posto que os processos sociais se constituem por meio da fluidez e do permear dos aspectos humanos, técnicos e científicos presentes no mundo (BICUDO, 2011).

Bicudo (2011, p. 121) considera, em suma, que as pesquisas qualitativas “Sustentam raciocínios articuladores importantes para tomadas de decisão, políticas, educacionais, de pesquisa, e, aos poucos, semeiam regiões de inquérito com análises e interpretações rigorosas

[...]”. Desse modo, o fenômeno que foi ora investigado, é sustentado pelo desencadear de raciocínios articulados para compreendê-lo, fazendo análises interpretativas baseadas na hermenêutica (BICUDO, 2011).

No que se refere à Hermenêutica, Bicudo (2011, p. 99) postula que ela:

[...] trata da interpretação linguística do sentido: a compreensão do sentido por meio/por mediação da linguagem, ou seja, através do vaivém dos ‘logos’. No entanto, o sentido da Hermenêutica não é apenas o objeto da compreensão ou da interpretação, mas também, o sujeito da Hermenêutica, uma vez que captamos o objeto (a verdade-sentido) a partir do sujeito (a razão-sentido).

É com a aproximação de uma Hermenêutica simbólica, que se consiste em ultrapassar o mero significado (o que diz) para o sentido (o que se pretende dizer), entendendo que, o sentido é tudo aquilo que algo nos quer dizer humanamente. Desse modo, a hermenêutica se ocupa da compreensão dos aspectos linguísticos do sentido, numa mediação possível entre os aspectos concernentes à linguagem. Interessa, pois, a essa teoria, não apenas a compreensão dos sentidos em si, mas também a compreensão do sujeito, visto que é por meio dele que se captam os sentidos, que, por entre a história e a linguagem, se constituem e se materializam.

## 2.4 Técnicas de investigação

Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com uma única questão enviada via *WhatsApp* e *e-mail*. Quanto aos vídeos gravados em momentos de narração de histórias, não houve interferência na escolha da narrativa pelo pesquisador, ficando a cargo dos professores a escolha. Os vídeos foram enviados via *e-mail* e *WhatsApp*. Na sequência, encontram-se os nomes das narrativas que analisamos à luz da teoria da fenomenologia:

## 2.5 E foi assim...

Imersos em diversas indagações, sem sermos soberanos, mas no sentido de trilharmos um caminho possível ao saber, recorreremos às palavras do menino do mato, como foi chamado o Poeta Manoel de Barros (2008, p. 153), quando em sua prosa poética ‘Soberania’ diz: “[...] foi aí que encontrei Albert Einstein (ele mesmo) que me ensinou esta frase: “a imaginação é mais importante do que o saber [...]”. Fazemos aqui, uma comunhão com autores que trazem discussões a respeito da importância da “imaginação”, porque neles encontramos respaldo para

guiar o nosso próprio ato de pensar; tal como Solange Jobim e Souza (1995) pensa em sua obra *Infância e Linguagem*, em que Bakhtin, Vygotsky e Benjamin, argumentam que: “[...] tudo é produto da criação e da imaginação humana” (SOUZA, 1995, p. 147).

Desse modo, Vygotsky (2018 *apud* SOUZA, 1995, p. 147) diz que “todos os objetos da vida diária, sem excluir os mais simples e habituais, são como fantasias cristalizadas”. Já sobre *A Arte de Contar Histórias*, com Nancy Mellon (2006, p. 17), a autora sussurra que “criar e narrar histórias é, antes de tudo, ajudar a guiar e a transformar a vida das pessoas”. Assim como, aos encantos de Sueli Pecci Passarini (2015, p. 22), quando afirma que “[...] a força da imaginação criadora só se mobilizará e ampliará se a criança for respeitada em suas necessidades reais, entre as quais se incluem brincar e ouvir histórias”. Todavia, foi necessário encontrar uma abordagem pedagógica que plasmasse a Arte de Contar Histórias para além de um apêndice pragmático, de uma prática mais reflexiva, a serviço de um mundo desassossegado.

A partir desse mundo em desassossego, buscamos caminhos que nos levassem para um mundo do sentir, do imaginar e do criar um lugar onde pudéssemos ouvir vozes de humano(s) para com outro(s) humano(s). Nesse sentido, interessamo-nos pela Pedagogia Waldorf, através do olhar generoso da pesquisadora Rosely Aparecida Romanelli (ROMANELL, 2017) ao apresentar o livro ‘A Pedagogia Waldorf’, como um voo inspirador adentrando nos meandros do pensar humano de Steiner (2000).

Rendemo-nos, então, à sua alma, pois, nela encontramos o cerne da ciência espiritual à qual iluminou o que buscávamos para a pesquisa, a compreensão da contribuição da Pedagogia Waldorf, por meio da contação de histórias para o processo do desenvolvimento integral do ser humano. O nosso encontro com A Pedagogia Waldorf foi de deslumbramento, em particular por ter como base curricular, “Arte”, o que a diferencia de todas as outras pedagogias. A Pedagogia desenvolvido por Steiner (2000) é baseada em uma abordagem mais lúdica, onde crianças aprendem através das artes e da própria vivência, ou melhor, também aprendem com a arte da vida.

Então, o admirar-se em nós foi bem maior, quando descobrimos que uma das artes em destaque dessa Pedagogia, é a arte de narrar histórias, pronto! a inspiração cresceu. Assim, por meio da narração de histórias, seja, contos de fada, lendas, mitos ou outras histórias nessa Pedagogia, são elas quem movem a imaginação, estimulam a fantasia, contribuem para o processo de individuação, potencializam a criatividade, solidificam o processo de humanização, bem como, desenvolvem as faculdades anímicas da criança.

Desse modo, nosso trabalho segue transitando na cosmovisão de Steiner (2000), por meio das reflexões de Romanelli (2018) em duas de suas obras, a saber: *A Pedagogia Waldorf e Formação Humana da Arte* onde a pesquisadora tece considerações a respeito da Psicologia Junguiana (JUNG, 1991), como aporte teórico para o entendimento da razão e da sensibilidade. Conduzidas, pois, por Romanelli (2018), através de cada gesto e palavra, da importância da Arte, seja ela qual for, encontramos, nessa Pedagogia, a Arte de Contar, sendo ela, essencialmente inspiradora quando se refere à intuição, emoção, sentimento, criatividade, imaginação, autoeducação, libertação e humanização.

Sorvemos com doçura e cuidado, passo a passo, cada tecer teórico de vários autores que fazem parte da essência desta pesquisa, pois como semente de poesia, vitalizam o que buscamos compreender com mais solidez no sentido da própria essência da vida, a imaginação. Sigamos, com efeito, armazenando no coração, toda a contribuição e calor, assim como toda a vitalidade de uma que fomos criança semeando a Arte de Contar Histórias e encantar, pois, um passarinho me inspirou.

Daí, então, a relevância da Pedagogia Waldorf de pensar na Arte de Contar Histórias como possibilidade de promover o pensar, o agir e o sentir, permeado pelos aspectos físico, afetivo e espiritual tão necessário na travessia de tempos áridos.

Conforme fomos nos aprofundando nas leituras e reflexões do objeto de pesquisa, muitas certezas foram se corporificando. Entretanto, elas ajudaram a revelar inúmeras lacunas de incertezas e, além disso, também, a partir delas, foi possível criar coisas novas. Sendo assim, o criar, antes de tudo, tem uma estreita relação com o processo da imaginação, criatividade, que nessa conjuntura, se consagra enquanto foco desta pesquisa.

Na busca para compreendermos a contribuição da contação de histórias à formação integral da criança em idade escolar, resultou no seguinte questionamento: Como os professores das escolas da rede pública e privada do município de Cáceres-MT e Cuiabá-MT, particularmente da Escola Waldorf dos segmentos da Educação Infantil e Ensino Fundamental, especificamente o 1º Ano, potencializam a imaginação, a fantasia, o processo da formação da personalidade e o processo da construção da individualização por meio da Contação de Histórias?

Compreender como esse processo acontece, nos exigiu, primeiramente, realizar um estudo teórico intensivo acerca de nosso objeto de pesquisa, o qual é apresentado ao longo da feitura desta Dissertação. Esboçamos, então, o caminho que atravessamos, carregados de expressões poéticas e cheios de emoções e encantamentos

### 3. HISTÓRIAS DE PASSARINHOS... CANTOS E ENCANTOS

*“A maneira de dar canto às palavras a menina aprendeu com os passarinhos...”*

(Manoel de Barros)

Dispomos, nesta seção, a respeito da historicidade do ato de Contar Histórias/Estórias, que surge no início da relação entre o ser humano e a natureza, a partir da visão de diversos teóricos. Apontamos, também, outros aspectos do ato de narrar, conforme os seguintes questionamentos: Como o ler é diferente do narrar? Narrar é, também, dramatizar? Contar Histórias/Estórias é uma Arte? Quem são os contadores de hoje? Se Contar Histórias é uma Arte, existem técnicas específicas para o desenvolvimento desse fazer artístico, ou seja, do seduzir, brincar e encantar com a palavra? Quais são essas técnicas?

Discorreremos sobre essa temática, a partir de diferentes perspectivas, tanto de autores de literatura infantil, quanto de Contadores de Histórias/Estórias. A Literatura Infantil é, de modo geral, a ferramenta da maioria dos Contadores de Histórias urbanos. Nesse sentido, nossa preocupação pauta-se no que é permitido contar ou não. Encontramos, em Ilan Brenman (2012), um menino às avessas, que trata, em sua obra intitulada *A condenação de Emília: o politicamente correto na literatura infantil*, da censura de livros, da queima de obras, dentre às quais, obras de literatura infantil do consagrado Monteiro Lobato.

A reflexão do autor é bastante pertinente, ao narrar sobre a história da infância. Podemos nos perguntar, no entanto: por que falar disso? A esta questão, respondemos: porque, como educadores e pais, não estamos permitindo que as crianças vivam os efeitos colaterais da vida. Minimizamos (ou, ao menos, tentamos minimizar) o impacto, por exemplo, dos sentimentos de dor, sofrimento, solidão, tristeza e preconceito, oferecendo doses diárias somente daquilo que, por convenção, é chamado de politicamente correto.

Ao fazermos isso, posicionamo-nos diante da negação da própria vida. Logo, é importante que possamos rever o nosso conceito do que é ‘politicamente correto’, no que tange à Literatura Infantil e sua relação com a Contação de Histórias.

#### 3.1 Os griots e a tradição oral

O que temos para contar é tão delicado quanto a nossa própria existência. Anunciamos, que esse processo dar canto e encanto às palavras vem de muito longe, em um tempo chamado de pedra lascada, pedra polida. Isto é, um tempo de tecnologia rústica e de comunicação simples. Os protagonistas dessa história eram chamados de homens primitivos. Eles deram início a um jeito simplório de comunicação, e, para fazê-lo, apropriavam-se daquilo que a natureza oferecia. Encontraram, nas pedras, um modo de registrar os seus ritos, seus hábitos e seu cotidiano.

Esses registros eram feitos através das pedras, que por cima de outras, eram feitas de telas, onde utilizava-se o carvão ou outros pigmentos para materializar os escritos e pinturas que emanavam desses homens. Surge, desse modo, o que conhecemos como Arte Rupestre. A Arte Rupestre consiste, principalmente, em pinturas feitas nas paredes de cavernas, mas foram encontradas, também, outros tipos de manifestações, tais como as esculturas e as cerâmicas, às quais temos em período mais recente.

As imagens consistiam, principalmente, na representação de animais, seres humanos, objetos celestes e figuras híbridas. Várias cenas de caçadas eram, também, representadas nas pinturas. Seja como for, era assim que os homens primitivos registravam o que consideravam importante em sua história, construindo um jeito de comunicar-se entre si e com o mundo.

Segundo Gomes (2018, p. 31):

Antigamente, a única forma de comunicação, além de desenhos encontrados há milhares de anos, nas paredes das cavernas, era a oralidade. Sem domínio da escrita, a transmissão de conhecimento era de boca em boca, daí a expressão oralidade. Por muito tempo, o poder da palavra foi dado aos anciãos com experiência adquirida pelos anos vividos.

Surgiram, desse modo, na África Central, os chamados Griots. O termo *griot* tem origem no processo de colonização do continente africano. A tradução do termo, em língua francesa, é, na língua portuguesa, “criada”. Entretanto, ainda na contemporaneidade, os *Griots* seguem cumprindo seu papel de guardiões da tradição, estando presentes em muitos lugares da África Ocidental, incluindo Mali, Gâmbia, Guiné e Senegal, entre os povos de origem Fula, Hausá, Woolog, Dagomba e entre os árabes da Mauritânia.

Já no Brasil, podemos ver semelhanças entre os *Griots* e os repentistas, que também se utilizam da oralidade para transmitir cultura. Em sociedades marcadas pela escravidão, os sujeitos foram, historicamente, considerados meros “objetos”, sem (o direito à) memória. Nesse sentido, é importante relembrarmos a importância da memória e reconstituí-la, para esses

povos, sendo os *Griots* a manifestação viva de uma memória transmitida de geração em geração (SISTO, 2015).

Contadores de Histórias, Mensageiros Oficiais, Guardiões de Tradições Milenares: todos esses termos caracterizam o papel dos *Griots*, que, na África Antiga, eram responsáveis por firmarem transações comerciais entre os impérios e as comunidades, assim como passar, aos jovens, ensinamentos culturais. São, na atualidade, a prova viva da força da tradição oral entre os povos africanos (SISTO, 2015).

Os *griots* e/ou *griottes*, utilizavam instrumentos musicais, tais como o *Agogô* e o *Akoting* (semelhante ao banjo). Estavam presentes em inúmeros povos, do norte da África à África Subsaariana, transitando entre os territórios para firmarem tratados comerciais, por meio da fala e, ensinando, também, às crianças de seu povo, o uso de plantas medicinais, os cantos e as danças tradicionais, sem mencionar as histórias de seus ancestrais.

A civilização ocidental prioriza a escrita como principal método à emancipação de conhecimentos e tem, historicamente, fadado povos sem a tecnologia da escrita ao âmbito da pré-história. Em sociedades de tradição oral, no entanto, a fala tem um aspecto milenar e sagrado, e deve-se refletir, profundamente, antes de pronunciar algo, pois cada palavra carrega um poder, tanto de cura, quanto destruição, na perspectiva dessas sociedades. Nesse sentido, os *Griots* são os guardiões da palavra, responsáveis por transmitir os mitos, as técnicas e as tradições de geração para geração (MATOS, 2009).

Segundo Matos (2009, p. 3); na África, cada velho que morre é uma biblioteca que se queima. Isso porque, nesse modelo de cultura, em que as mudanças de uma geração a outra são mínimas, são eles que melhor poderão transmitir, às novas gerações, a riqueza cultural de seu povo.

É imensurável a importância dos *Griots* para uma sociedade oral que se baseava, exclusivamente, na memória humana, uma vez que, por exemplo, não recebia a influência da cultura da escrita. A palavra, nessa perspectiva, tem a função de resguardar a memória social, das lembranças e das vivências/perceptivas dos indivíduos.

Outrossim, o homem da Cultura Oral, segundo Matos (2009), era muito conservador, temia qualquer inovação, pois acreditava que ela poderia provocar a perda da memória ancestral do grupo, gerando uma enorme confusão, levando a outra perda: a da identidade de grupo. De acordo com Matos (2009, p. 4):

[...] para o homem da cultura oral, o prazer não está na novidade. A centésima repetição de um conto ou de um relato qualquer pode emocionar e surpreender o ouvinte como se ele o estivesse ouvindo pela primeira vez. Também as fórmulas de abertura e fechamento dos contos são, basicamente, as mesmas.

Nesse sentido, por mais que a mesma história seja contada e interpretada, ainda que a tivéssemos ouvido por diversas vezes – até mesmo consecutivas – o sentimento de prazer será sempre uma novidade, pois cada vez que for ouvido, o mesmo conto sempre chocará de uma forma diferente, o ouvinte se relacionará de um modo distinto, da primeira vez, por exemplo, em comparação à segunda e assim sucessivamente (MATOS, 2009).

Assim, as aberturas e fechamentos de um conto são dependentes do modo como os sujeitos se relacionarão com o momento efetivo na/da contação. Isso equivale pensar, com efeito, em como percebemos os desfechos das histórias clássicas de maneiras distintas e sempre com uma novidade à personagem, onde nossa imaginação constrói uma saída possível, bem como outros modos de interpretação, a partir de condições sociais, políticas, culturais e ideológicas que nos atravessam ao longo de nossa vida (MATOS, 2009).

Matos (2009, p. 4), acrescenta, ainda, que:

Para os ouvintes, conhecê-las de antemão não diminui o prazer em brincar de adivinhá-las ou repeti-las com a mesma entonação dada pelo contador. A cadência ritmada e a repetição idêntica dos relatos na narrativa oral, passados de geração a geração, ajudam na memorização do conhecimento a ser transmitido.

Por meio da postulação de Matos (2009) essa prática oral guardava seus segredos, os quais se inscreviam nos encantamentos e na cumplicidade. O prazer não habitando a novidade, mas fazendo morada em cada vez que é despertado, diz respeito à cultura oral que é carregada de geração em geração.

Cada vez que um conto é trazido em determinados contextos e momentos da história ele é um conto novo. A novidade é constante para quem o ouve. É como se fosse a primeira vez que ele fosse contado, ouvido, apreciado, imaginado. Assim, o modo como será permeado/interpretado por quem conta e absorvido porque ouve, será sempre uma novidade que se modificará e se atualizará, não sendo linear, mas sim, uma constante metamorfose por entre tempos, sujeitos e história.

Segundo Matos (2009, p. 4) a palavra tem poder:

Ela criava laços indelévels de pertença ao grupo. Promovia um sentimento de cumplicidade entre as pessoas que compartilhavam as mesmas referências, e isso assegurava a coesão e a unidade do grupo. [...] a palavra contada não é simplesmente fala. Ela é carregada de significados que lhe atribuíam o gestual, o ritmo, a entonação, a expressão facial e até o silêncio que, entremeando-se ao discurso, integra-se a ela. O valor estético da narrativa oral está, portanto, na conjunção harmoniosa de todos esses elementos.

A palavra é a teia que une e carrega sentimentos, pessoas e referências. É por meio da palavra que as coisas do mundo vão ganhando corpo, vão se constituindo e se construindo no imaginário dos indivíduos. Os grupos que compartilham sentimentos e culturas se constituem, com efeito por meio da oralidade, por meio das palavras. Carregada de significados e sentidos, a palavra é um ímã que atrai os gestos, os ritmos, a entonação e as expressões faciais de quem está contando uma história a alguém e/ou um grupo de pessoas. Por isso, todos esses elementos, juntamente com as palavras que são eleitas pelo Contador de Histórias, criam os movimentos que se têm no ato de imaginar e apreciar a contação de histórias.

Ademais, o valor que é atribuído às palavras é expressivo no modo como os sujeitos se relacionam com o mundo e sua exterioridade. Além disso, a harmonia entre quem conta uma história, por meio dos dispositivos de uma narração juntamente com as palavras, produz um efeito de novidade instantânea aos elementos imagéticos que são criados pela imaginação dos sujeitos que apreciam a contação.

A arte da Narrativa Oral é uma das práticas mais antigas do homem. Sempre esteve presente em todas as civilizações, no entanto, as mulheres foram detentoras, na maioria dos relatos que se têm, dessa Arte de Narrar. De acordo com Matos (2009, p. 32); “em muitas culturas, havia pessoas preparadas para passar adiante, não só histórias de suas vivências, mas também ensinamentos do dia a dia, cantos sagrados, genealogia de reis e rainhas, a história dos seus heróis, enfim, tudo que pudesse perpetuar a história de um povo [...]”.

Culturalmente, percebemos que as histórias são passadas no dia a dia das sociedades. As figuras de heróis e heroínas são perpetuadas na cultura de um povo que vão sofrendo as atualizações que o momento histórico lhes proporciona. É, sem dúvidas, um processo que acompanha a raça humana por milênios.

Matos (2009, p. 32) complementa dizendo que, sob o ponto de vista da historicidade da narração, elas eram narradas quase sempre por figuras masculinas, por motivos que foram sendo consolidados por décadas, durante muito tempo, entretanto, segundo a autora “[...] as mulheres detiveram esse histórico de narradoras de histórias. [...] as mulheres mais velhas eram encarregadas desse ofício, consideradas como guardiãs dessa memória familiar ou ainda mesmo tribal [...]”.

Com isso, percebemos o espaço que foi aberto às mulheres na contação de histórias, pois, assim como os homens, elas estavam sujeitas ao ofício do narrar. Contudo, essa função de narração era deveras resguardada somente às mulheres mais velhas, pois elas eram consideradas guardiãs da memória e, por conseguinte, passaram a serem vistas como responsáveis pela

propagação da contação de histórias por entre os indivíduos mais jovens da comunidade em que habitavam. A essa afirmação, Matos (2009, p. 32) nos ensina que essas mulheres:

[...] eram denominadas de bruxas ou simples alcoviteiras. Mas, de qualquer forma, eram elas as detentoras do saber tradicional popular e continuariam a transmiti-los, ainda que muitas vezes contra os interesses dominantes de cada cultura ou enfrentando a cultura oficial letrada.

Mais uma vez, vemos que o misticismo é enxergado enquanto um processo de segregação e de uma certa misoginia. Contudo, os valores de certas culturas permitem – ou não – que as mulheres participem desse segmento. Conforme Matos (2009) os interesses dominantes das culturas eram contrariados por essas mulheres contadoras de histórias, uma vez que elas dominavam essa arte. A seguir discutimos um pouco mais desse processo de contação de histórias, bem como suas condições históricas por entre as culturas.

### 3.2 Alguém contando histórias aqui!

*Alguém contando histórias aqui.*

*E vem de longe, longe...*

*Ah! É tão bom de se ouvir!*

(Rosângela Gonçalves Rocha)

Para Sisto (2015), na contemporaneidade, não há mais a fogueira e o ritmo da noite, aconchegando os ouvintes em torno dos acontecimentos guardados na Memória do Narrador Tradicional. Assim como, não há mais a Música do tear, entrelaçando as Histórias que se contavam como cânticos de trabalho.

Sisto (2015, p. 23) reitera que, o que existe, por ora, é a distância e o tempo, onde juntos empurram os olhos às imagens prontas e às palavras frouxas que, por vezes, não acendem a imaginação. Segundo o autor, com tudo isso, poder-se dizer que “contar histórias é uma arte sem lugar em pleno século XXI”.

Não obstante, Walter Benjamin (2018, p. 25), filósofo e crítico literário, também prevê que a arte de contar se aproximava de seu fim, pois o lado épico da verdade (a sabedoria), está se extinguindo, pois:

[...] esse processo vem de longe. E nada seria mais insensato do que considerá-lo como um “sinal de decadência” e ainda menos de “decadência moderna”. Ao contrário, esse

processo é antes de tudo, um fenômeno ligado às forças produtivas, seculares e históricas, que expulsa, aos poucos, o conto do domínio da palavra viva, ao mesmo tempo que confere uma nova beleza ao que está desaparecendo.

Dito isso, Benjamin (2018) pondera sobre a ausência e a presença da figura do Contador de Histórias da tradição oral, atribuindo, aos camponeses e aos marinheiros, o título de antigos mestres da narrativa, aludindo que o artesanato foi a sua melhor escola (BENJAMIN, 2018).

Segundo Benjamin (2018, p. 21), nessa figura, se associava o saber que vem de longe, trazido para casa por aquele que viajou muito, uma vez que:

A experiência que se transmite oralmente é a fonte da qual beberam todos os contadores de histórias. E entre os que escreveram, os melhores são aqueles cujos escritos menos se afastam da fala dos muitos contadores anônimos. [...] “quem viaja muito, tem sempre muito o que contar”, diz a voz do povo, que representa o contador como aquele que vem de longe. Mas, também, é com prazer que ouvimos os casos daquele que ficou na sua terra, ganhando honestamente sua vida, e conhece suas histórias e tradições (BENJAMIN, 2018, p. 21).

Benjamin (2018) enxerga o declínio da narrativa como uma consequência do aparecimento do Romance, no início da Era Moderna. De modo que o Romance só se difundiu em função do aparecimento da escrita e da invenção da imprensa. Assim, compreendemos o processo de evolução dos modos de narrar, de acordo com as necessidades de atualização das sociedades.

É fato que uma geração nova de Contadores de Histórias bebe na fonte dos antigos contadores, porém, estes se atualizam, tornam mais versátil e, mais que isso, começam a se afastar-se de alguns costumes, aderindo a novos outros. Não há como prevalecer quaisquer que sejam os modos de constituição, evolução e interação entre os homens senão *por meio e através* das metamorfoses, já que todo ser evolui, porque não a arte de contar, narrar?

Todavia, Benjamin (2018, p. 21) faz distinção entre os dois gêneros de comunicação, dizendo que “[...] o que distingue o Romance, em comparação com todas as outras formas de prosa – contos de fada, lendas, e mesmo novelas – é que nem provém da tradição oral, nem ela conduz. Isso o distingue em primeiro lugar do conto”. Nesse sentido, para Benjamin (2018), os Contadores de Histórias contam suas próprias experiências – ou as de alguém – e acaba transformando-as em experiências para quem as escutam.

Quem ouve uma História se encontra na companhia do contador; mesmo quem lê, participa da companhia. O sentido da vida é o eixo central do romance. O romancista se isola. O lugar do nascimento do romance é o indivíduo em solidão com seus problemas existenciais. De um lado, digamos: “o sentido da vida”, de outro, “a moral da vida”.

Com relação a essas fórmulas, Conto e Romance se confrontam. Em meio a essa crise de comunicação o Romance foi ganhando espaço e vida e a Arte de Contar Histórias foi tornando-se rara, pois o discurso da informação foi decisivo para tal situação. Benjamin (2018) nos ensina que:

Cada manhã nos informamos acerca das novidades do globo terrestre. E, mesmo assim, somos pobres em histórias dignas de nota. A razão é que, nenhum fato nos atinge mais, sem que estejamos cercados de explicações. Em outras palavras: com isso, quase nada mais do que acontece vem a favor do conto, quase tudo se torna informação. A metade da Arte de Contar Histórias está em despojar de explicações a história contada (BENJAMIN, 2018, p. 28).

Como se vê, Benjamin (2018) foi um grande célebre apaixonado pela Arte de Contar Histórias e, em todas as suas afirmações deixa exaurir seu descontentamento pela nova ordem de comunicação, sustentada pelo discurso da informação. Segundo o autor, a informação vive apenas de instantes, deve-se render a eles e explicar-se neles, sem perda de tempo, é o imediatismo se fazendo presente na vida moderna.

O conto funciona de outro modo: não se desgasta, se aloja na memória do Contador e de quem o ouve, pois segundo Benjamin (2018, p. 32):

Contar histórias é sempre a arte de contá-las novamente, arte que se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde pois ninguém mais tece nem fia enquanto ouve histórias. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo mais profundamente aquilo que escuta se imprime nele. Onde o ritmo do trabalho o toma inteiramente, ele ouve as histórias de tal maneira que o dom de as contar lhe vem espontaneamente. Assim foi tecida a rede da qual faz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida há milhares de anos, em torno das mais antigas formas de artesanato.

Na concepção de Benjamin (2018) o conto funciona como uma obra de arte artesanal, artesanato camponês, marítimo, depois urbano, de comunicação. O Contador de Histórias mergulha na vida daquele que a relata para em seguida retirá-la. Desse modo, o Contador deixa sua marca em cada um dos contos os quais dá voz, como se fosse um oleiro deixando a impressão de sua mão na argila do vaso. Benjamin (2018, p. 34), com uma frase de lamento chega à conclusão de que “o homem de hoje não cultiva mais o que não pode ser abreviado”.

De fio a fio com o tear do tempo aquecido pela fogueira trepidando faíscas em nosso imaginário com o desejo subliminar de aquecer os corações humanos, o conto e os contadores ainda resistem. Seguimos, pois, os passos de Benjamin (2018), com sua bagagem de memórias feita artesanalmente. Procuramos abri-la para ouvir a vida do conto e dos Contadores de Histórias; e os contos não morreram, vivem, até hoje, basta puxarmos o fio da nossa memória, e, como num encanto, o conto aparece.

O conto é na contemporaneidade, o primeiro conselheiro das crianças, pois foi, outrora, o primeiro da humanidade e sobrevive secretamente. O primeiro contador verdadeiro continua sendo o dos contos de fadas. Esse conto sabia trazer um bom conselho, onde nada era mais difícil de se encontrar, e, onde a necessidade era a mais urgente, a sua ajuda era a que estava mais próxima (BENJAMIN, 2018, p. 47).

O olhar estético de Benjamin (2018, p. 48) é quase um manifesto em suas reflexões acerca da Arte (de contar contos de fadas):

O conto de fadas nos informa sobre as primeiras tentativas de a humanidade sacudir, para fora, o pesadelo que o mito depositou em seu peito. [...] as figuras dos bichos que vem ajudar a criança do conto nos mostram que a natureza prefere, muito mais, associar-se ao homem do que comprometer-se com o mito. O conto de fadas ensinou, há muito tempo, à humanidade, e, ainda hoje, às crianças, que o mais aconselhável é enfrentar o mundo do mito com astúcia e ousadia.

Por mais simples que sejam acreditamos que os contos de fadas têm o poder de regular e/ou dar algum tipo de suporte emocional à humanidade. Benjamin (2018) nos esclarece e fortalece a compreensão a respeito desse aspecto tão significativo na vida do homem, pois enfrentar as coisas do mundo de um jeito menos dolorido é um dos papéis dos contos de fadas.

É através dos contos que podemos compreender vários modos de apreensão de tudo o que nos cerca, assim como imaginarmos um mundo paralelo e, ao mesmo tempo nos entendendo enquanto indivíduos imersos em grupos sociais, os quais serão os lugares em que haverá processos de interação entre pessoas, por exemplo, em rodas de Contação de Histórias (BENJAMIN, 2018). Ainda segundo o autor:

[...] o conto de fadas polariza a coragem, a saber, dialeticamente, em astúcia e em ousadia) a magia liberadora do conto de fadas não coloca em cena a natureza de um modo mítico, mas indica a sua cumplicidade com o ser humano liberado. O homem maduro concebe essa cumplicidade apenas ocasionalmente, isto é, quando está feliz para a criança, ela aparece pela primeira vez nos contos de fadas e provoca a felicidade. (BENJAMIN, 2018, p. 48).

Desse modo, essa breve introdução à Arte de Contar Histórias, através do olhar afetivo e reflexivo de Benjamin (2018), torna-se um convite para abriremos outras portas para esse mundo de encantamento e adentramos sorrateiramente no universo da Contação de Histórias e sua contribuição para o desenvolvimento integral do ser humano em sua formação social. Assim, abriremos portas e janelas para vários Contadores de Histórias, Escritores e Pensadores para deixarem suas histórias que povoam esse universo do Contar e do Encantar; brincando com as palavras de um jeito prazeroso, conceituando e redimensionando o nosso imaginário.

Quem é esse Contador e Encantador de Histórias? Qual a diferença entre Contar e Ler? O que contar? Se contar é uma Arte, então quais são as técnicas para Contar Histórias? Por ora, sigamos com alguns conceitos sobre o ato de Contar Histórias.

### 3.3 Contarei a vocês uma história sem pé nem cabeça!

*“Vou lhes contar uma história  
Meio sem pé  
Nem cabeça  
E que por isso não usa  
Nem sapato nem chapéu.  
É uma história descalça  
Que gosta de pisar na grama  
E de sentir os cabelos  
Despenteados pelo vento.  
Vou lhes contar uma história,  
Esperem só um momento”.*  
(José Paulo Paes)

“Contar Histórias é um exercício de cidadania, é a linguagem artística mais democrática. Não exige um espaço fechado, nem aparatos de tecnologia específicos. Basta que haja alguém que conte e outro quem o ouça e pronto! O banquete será servido!” (SISTO, 2015, p. 11). Trazemos, nesse sentido, a relação de cumplicidade que Sisto (2015) faz entre o ato de ‘Ler’ e o ato de ‘Contar’, de modo que Contar Histórias significa resguardar o mundo do imaginário, em detrimento de um mundo enlatado, enclausurado, fechado em si mesmo, impedindo o livre exercício da imaginação.

Segundo Sisto (2015, p. 31):

Quando abrimos os olhos, a vida se coloca à nossa frente. Inevitavelmente começamos a formar um repertório de histórias, a nossa história. Então, somos crianças e queremos o brinquedo, os bichos, outras crianças, o doce, a fantasia. Somos jovens e queremos a aventura, a ação, a prova, o desafio, o ato heroico, o primeiro amor, o riso. Somos adultos e queremos tudo. Somos velhos e queremos tudo de novo. Existem muitas maneiras de se chegar ao mundo.

Sisto (2015) nos faz compreender que durante nossa vida somos incitados a construir um rol de histórias que vão nos constituindo e nos fazendo *ser* história. Enquanto crianças, somos doces e nos cativamos pelo novo e pelo fantástico. Já enquanto jovens, aventuramo-nos em episódios de ação que envolvem provas e desafios com o que entendemos pelo ponto de vista do heroísmo.

E, não menos importante, enquanto pessoas vividas, com certa idade, queremos viver tudo de novo, intensamente. Por isso que o exercício da imaginação se torna uma etapa importante que deve ser desenvolvida ainda no espaço escolar, uma vez que o resto de nossas vidas viveremos imaginando cada segundo, cada episódio, cada conquista. Conforme Sisto (2015, p. 31) “[...]. Existem algumas maneiras de conhecer o mundo. Mas não há como escapar: o mundo é uma grande história que se lê diariamente. De olhos abertos, podemos perceber que cada um faz parte desse grande livro [...]”.

Conhecemos desse modo as coisas do mundo e o próprio mundo, no sentido de compreendermos a nós mesmos. De acordo com Sisto (2015) a vida do homem é um livro e, sua vida individual faz parte de um capítulo ou talvez possa ser somente uma linha na escrita do tempo, da história, em suma, da história do próprio homem.

Sisto (2015, p. 31) diz, ainda, que:

[...]. Às vezes nos colocamos na história como personagem principal, às vezes como aquele que se opõe ao herói ou aquele personagem nem tão principal, mas que está sempre ao lado do “mocinho” e é seu amigo inseparável. Ou, quem sabe, a princesa que na aula de Matemática, fica sonhando com o príncipe que vai chegar a qualquer dia desses para salvá-la das garras da rotina? Mas, por outro lado, o bom mesmo é ser bicho solto com comportamento humano! Ou quem sabe, apenas alguém que observa e vai dando sentido às coisas [...].

Posicionamo-nos, de acordo com as circunstâncias do dia a dia e da vivência com outras pessoas, como personagens, ora de evidência, ora de segundo plano. Porém, Sisto (2015) nos explica que o ser humano deve ser como uma fera à solta pronta para criar, se relacionar e observar as coisas e os sentidos dessas coisas em relação a outros seres e o próprio mundo, ou aos grupos sociais os quais os cercam.

Sisto (2015, p. 31) postula, com efeito, que:

[...]. No exercício de juntar pedaços para construir conhecimento do mundo, vamos decifrando o mundo. Lendo o mundo. É, ler é duvidar? – É. Ler, é entender o significado das coisas e, por isso, entender o outro? – É. Ler é se transformar por meio do sentido que a palavra produz? – É. Então ler um bom livro é sempre garantir a mudança: nós nunca seremos os mesmos depois de terminada a leitura. Termina no papel e continua na vida! Mas ler é também ir além da capa e do título. É ler as imagens dentro e fora dos livros [...].

Com isso é pela fragmentação do imaginário, da construção imaginativa, que se pode construir um todo. Ou seja, ler os objetos, as pessoas, o mundo, é ler o próprio ser. Ao passo em que filtramos o modo de se entender e de se relacionar com o outro estamos consagrando ciclos em nossos caminhos e pondo determinadas barreiras:

[...]. Descobri outra dimensão da palavra. Ler jornal, porque informa. Ler quadrinhos , porque diverte; ler poesia , porque aponta o sentido do belo; ler placas, sinais, bulas de remédios, porque nos orientam; ler o filme, porque é bom mesmo e tem movimento, é , e tem cor e tem humor e romantismo e lugares desconhecidos e gente tão diferente; ler o livro porque, além de tudo, pode-se voltar quando se quer, e ler de novo, e sublinhar aquela frase marcante, e discutir com os amigos, e carregar para todo lugar, e ficar pensando, aumentando, transferindo, criando junto (SISTO, 2015, p. 31).

De acordo com Sisto (2015), contar histórias é um meio de comunicação ancestral , com seu olhar Sisto (2015) nos remete a Platão, especificamente em relação à sua obra ‘República’, onde Platão se referia à importância de contar contos – primeiro os contos, depois a ginástica – à educação ética das crianças gregas, sem, contudo, negar a função do entretenimento que os contos podiam proporcionar, bem como a Aristóteles, que preconizava que ouvir uma boa história é, também, experimentar o efeito catártico ou seja provocar o movimento de purgar os nossos sentimentos.

Ampliando a concepção da A Arte de Contar Histórias recorremos a Moraes (2017) onde ele a concebe enquanto Arte de brincar com as palavras. Conforme este autor, Contador de Histórias e Escritor, o Brincar permanece vivo em nossa memória afetiva, nas reminiscências de nossa infância que insistem em nos acompanhar, nas lembranças de um tempo em que fomos capazes de transformar em brinquedos tudo aquilo em que puséssemos as mãos, ou toda e qualquer palavra que brindasse os nossos lábios. Portanto, *eu* posso brincar com o que penso, com as palavras e com as histórias.

Por outro lado, Bussato (2017) defende que Contar Histórias é uma Arte, mas uma Arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial. O Contador de Histórias é um artista que tece os fios invisíveis dessa teia que é o Contar. Bussato (2017) complementa ainda, comentando que a Arte de Contar Histórias traz o contorno, a forma e reutiliza a memória, bem como nos conecta com algo que se perdeu nas brumas do tempo e que nos liga ao indizível, trazendo respostas às nossas inquietações.

Desse modo, o ato de Contar Histórias é uma Arte, porque traz inúmeras significações às nossas vivências, ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do *SER*. “Contar Histórias expressa e corporifica o simbólico, tornando-se a mais pura expressão do *SER*” (BUSSATO, 2017, p. 10).

Regina Machado (2015) revela, em sua obra intitulada ‘A arte da palavra e da escuta’, onde usa o termo ‘Arte da Palavra’ para designar, especialmente, a Arte de narrar histórias oralmente. Nesse sentido, anuncia que a Arte da palavra e da escuta também ensina, apontando para o que está além do certo e do errado (MACHADO, 2015).

Machado (2015) mostra preocupação com a intenção educativa que privilegia o “falar, ler e escrever corretamente” (MACHADO, 2015, p. 19) como obrigação social e “cidadã” (MACHADO, 2015, p. 19), porque, conforme a autora esclarece, corre-se o risco de afastar as crianças da Arte da palavra e da escuta e, portanto, de si mesmas, pois durante o exercício imaginativo de escutar e ler obras literárias, afloram perguntas sobre o que mais querem saber, não necessariamente sobre o que querem lhe ensinar (MACHADO, 2015).

Inspirada nas palavras da pesquisadora Elaine Gomes (2018) por meio de sua obra intitulada ‘A arte de narrar histórias’, nos remete a um tempo e espaço específicos, ao dizer que, antigamente, contar histórias era uma ação integrada à vida diária. Seja lá de qual lugar do mundo fosse, seja lá de qual classe social pertencesse, o ambiente era preparado para receber quem fosse prestigiar as histórias a serem narradas.

Vale lembrar, ainda, do modo de vida no campo, as modas de viola ao redor da fogueira depois de um dia de trabalho, entre uma música e outra, lá vinha o contador de causos. O ambiente, a lua, a noite, a fogueira, a roda de contadores, cantadores e ouvintes estavam ali, esperando o inesperável, vindo por meio da narração e da contação de histórias da época e sobre várias épocas (GOMES, 2018).

### **3.4 Prepare o seu coração para história que eu vou contar... Contar ou Ler?**

Há diferenças entre Contar Histórias e representar histórias? Segundo Bussato (2017) o teatro apresenta ações e a narrativa as descreve, o que não impede que, durante a contação de histórias, nos apropriemos de alguns elementos oferecidos pela linguagem teatral. No entanto, Bussato (2017) questiona: até onde essa apropriação é permitida para que o Contar Histórias mantenha as suas características?

Então, Bussato (2017, p. 75) compreende que é “até o limite que preserve, ao ouvinte, a possibilidade de imaginar os personagens e as suas ações, sem determinar, através de um corpo e/ou de uma voz, como é aquele personagem, e qual é a ação que ele está executando”. Qual é a diferença entre Ler e Contar? Bussato (2017) acredita que ler histórias, para os alunos, é uma prática que ocupa um significativo espaço no processo pedagógico.

Porém, Contar Histórias vem a ser outra técnica, e nos remete àquela figura ancestral que, ao redor do fogo, ou do pé da cama, contava histórias para quem quisesse ouvir e narrava contos do seu povo, mostrando aquilo que havia sido gravado na sua memória através da oralidade. Nesse sentido, a autora não sugere que o professor se torne uma biblioteca ambulante, memorizando várias histórias para contá-las, mas sim, sensibilizá-lo à importância de recuperar este traço de oralidade, por vezes deixado de lado por entre muitos espaços formativos (BUSSATO, 2017).

De acordo com Sisto (2013), em relação ao ato de Contar e Ler Histórias, o Contador de Histórias é aquele que conta histórias! Confusão comum é pensar que o Contador de Histórias é aquele que lê uma história diante de uma plateia. Quanto à relação de confusão que se faz entre contar histórias e encenar histórias, Sisto (2013) comenta que tem surgido uma estética própria dos Contadores de Histórias. Nesse sentido, quem conta histórias, conta histórias e não faz teatro. Embora o Contador de Histórias se utilize de marcações cênicas, isso não transforma o que ele faz em encenação, é apenas um recurso para tornar a história mais viva.

De acordo com Sisto (2013, p. 67) uma “[...] característica importante do contador de histórias é a de testemunha ocular dos fatos. Quando se conta uma história na terceira pessoa, o contador funciona como quem viu aquela história acontecer na sua frente e, por isso, está autorizado a contá-la e a conta com propriedade [...]”.

Nessa perspectiva, o que marca e diferencia o contador de histórias está justamente nesse caráter de autorização daquele que viu a história acontecer, ainda que o palco desse acontecimento ocorreu em sua imaginação, por meio da contação e narração de outrem e que foi ressignificada e posta em funcionamento para ser livre às novas interpretações e direcionamentos imaginativos por parte, agora, de quem a ouve.

Sisto (2013, p. 67) complementa dizendo que “[...] para sublinharmos ainda mais a diferença do contar histórias e do fazer teatro, não podemos esquecer que o contador narra a sua história, com todas as marcas do discurso narrativo e o ator vive a sua história com todas as ações possíveis [...]”. Cabe aqui destacar, que Gomes (2018) também aponta a distinção entre contar histórias e representar histórias. O ato de contar está mais ligado à performance do que à encenação teatral. Será que existe diferença entre uma história contada e uma história lida? Existiria, também, diferença, entre palavra oral e palavra escrita?

Com isso, é assim que Matos (2013, p. 17) inicia a abordagem entre Contar e Ler, dizendo que:

[...] quando a comunicação se dá através da palavra oral, nosso centro de percepção é o auditivo. Uma característica da percepção auditiva é que ela nos proporciona a experiência da unidade. O som nos invade por todos os lados e passa através de nós. Todo o nosso corpo é uma unidade auditiva, porque estamos no centro do campo sonoro.

Quando se lê, conforme a autora o centro da percepção passa a ser o visual. Se o som incorpora e unifica, a visão isola e separa: é o sentido da dissecação. Ainda aponta que “Quando mergulhamos numa leitura, separamo-nos das coisas do mundo. Nossa ‘viagem’, pela leitura, é solitária. Se, por um lado, a oralidade associa-se à ideia do grupo do coletivo, por outro, a leitura associa-se à ideia do indivíduo em sua introspecção e reflexão analítica” (MATOS, 2013, p. 17).

Nessa lógica, de acordo com Matos (2013), há uma distinção entre Contar e Ler, bem como entre o Contador de Histórias e o Leitor de Histórias. A Arte de ser ‘Contador’ envolve expressão corporal, improvisação, interpretação, interação com seus ouvintes. Ele cria e recria o conto, juntamente com seu auditório, à medida em que conta a própria história. O Leitor, por sua vez, empresta sua voz ao texto.

Nas palavras de Gomes (2018) o narrador da tradição oral instiga o narrador a provocar o ouvinte, a estimular o seu potencial de criação e de sua imaginação. Ainda que o narrador faça uso de outras linguagens artísticas, tais como os movimentos de dança, a imitação de voz e de gestos, o olhar que vai diretamente no olho e o corpo no sentido do espaço, ele continua sendo o narrador e sua performance, por meio de sua voz, na presença do texto.

Enfim, *LER* e *CONTAR* são linguagens que têm suas características próprias, regras e códigos, cada qual com o seu jeito singular de se manifestar no mundo. A Narrativa Oral se dá numa relação direta e imediata com o ouvinte: é espontânea.

### **3.5 Se você quiser, eu conto um conto! Ponto. Quem são os contadores de hoje?**

*O Contador de Histórias*

*É aquele que tem*

*O pó mágico de acordar as palavras*

*E brincar com elas...*

(Rosângela Gonçalves Rocha)

Autores como Benjamin (2018), Sisto (2013) e Bussato (2017) relatam que os Contadores de Histórias estavam em todos os lugares, especialmente nas camadas mais humildes da sociedade, em um determinado tempo e espaço.

Na contemporaneidade, a grande preocupação desses pesquisadores, escritores e contadores de histórias, é em relação ao desaparecimento desses personagens, porque, com eles, vai entranhado todo um legado da tradição oral, gente que carrega, consigo, uma memória ímpar. Contudo, o que se tem de notícias, a respeito disso, é que ainda há um *aqui* e mais, um outro *acolá*.

A boa notícia é que vem surgindo um movimento para recuperação dessa comunicação. De acordo com Bussato (2017), esse movimento ainda é um pouco tímido, mas mostrando para que veio. Desse modo, o autor o denomina como o movimento dos ‘Contadores urbanos’:

Eles começaram a aparecer aos poucos, ainda confusos sobre o significado de contar histórias, para quê? Para quem contar histórias. É um movimento saudável, pois urge retomar a arte da oralidade. O conto deve voltar a ocupar o espaço da casa, escola, entrar nos clubes, nos centros comunitários, hospitais, asilos, creches, ruas, enfim, não importa o lugar, e, sim, que ele volte a ocupar o espaço que foi seu (BUSSATO, 2017, p. 80).

Sisto (2013) chama à atenção, ao fato de que é preciso diferenciar um Contador de Histórias contemporâneo, por exemplo, de um Contador de Histórias popular, ou de um declamador e, até mesmo de um ator. É necessário sublinhar as diferenças de natureza de um texto escrito e de uma narração oral: a do primeiro, aponta para o consumo solitário; a do segundo, para o consumo solidário. O autor ainda assinala que “a transposição de um meio para outro vai determinar outras exigências: não mais a descrição, mas a síntese: não só a palavra, mas o gesto, as pausas, os silêncios, os movimentos corporais e as expressões faciais” (SISTO, 2013, p. 33).

O que contam, os contadores de histórias? Segundo Sisto (2013, p. 59):

O contador dos tempos passados sempre contou histórias que sabia de memória – as “avós” têm um papel fundamental nessa iniciativa – quase sempre associada a casos, histórias quase que verídicas, de família ou cotidianas, histórias que ele aprendeu de “ouvido” e os tão importantes clássicos da literatura popular, os contos de fadas, as fábulas, as lendas. Surpresa mesmo foi quando os contadores começaram a contar as histórias que estão nos livros de hoje, de autores nossos contemporâneos, de autores vivos. Novo dado era incorporado: as histórias que contam oralmente poderiam ir além dos textos da tradição oral e incidir em textos literários totalmente memorizados dos livros, inclusive textos de autores consagrados.

Conforme a perspectiva de Sisto (2013) os contadores de histórias permeiam o campo da memória. Eles incorporam as situações cotidianas, os contos de fadas e, até mesmo, as

lendas. A tradição oral é mantida por meio dos contadores de histórias que têm se consolidado nos entremeios das sociedades, ainda que proporcionalmente menores, se fazem presentes na contemporaneidade, pois estão a serviço da nossa imaginação.

Desse modo, conforme Sisto (2013), essas variedades de textos literários foram sendo incorporados pelos Contadores de Histórias. Eles foram obrigados a descobrirem um estilo ou qual seria a melhor maneira de contar história. Se contar história é uma Arte, quais são as técnicas que corroboram para o Contador, no sentido de construir o seu próprio estilo? Conhecer as técnicas e fazer bom uso delas, garante o sucesso da narração. Essa história, contaremos depois!

### **3.6 Um caldeirão de receitas com pezinho de lagartixa, rabinho de sapo, asas de morcego: Pronto! Outras receitas para contar histórias**

Existem outras receitas para contar histórias. Damos início às discussões deste tópico com Fabiano Moraes (2017, p. 18) que esclarece que “o ato de contar histórias enquanto expressão artística é um ato de criação”. Assim, para compreendermos melhor a respeito desse carácter, Moraes (2017, grifos nossos) o divide em três grupos, denominando-os como atributos do narrador: **o tudo saber sobre a história, o tudo poder ante à história** e o **em todo lugar da história poder estar**, e conclui dizendo que esses três elementos são semelhantes aos atributos divinos: onisciência, onipotência e onipresença.

O primeiro atributo ‘*O tudo saber sobre a história*’, é atributo do narrador no sentido de que ele tudo conhece sobre a história que está sendo narrada, pois a sabe do início ao fim, conhece o futuro dos personagens. Sabe sobre a Arte de resumir e de enriquecer a história com detalhes, descrições e sensações. ‘*O tudo poder*’, se refere, como o termo sugere, o poder que o narrador detém sobre a história/estória: a escolha da história/estória, também a escolha da maneira de como contá-la, das adequações que podem ser realizadas a partir do processo de interação, tanto com o ouvinte, quanto do próprio enredo.

Já em relação ao atributo ‘*Em todo lugar pode estar*’, diz respeito à capacidade de o narrador poder estar – ao mesmo tempo – em toda e qualquer parte da história. Ou seja, é a possibilidade de o narrador poder ir e vir para qualquer posição, no âmbito da história/estória, passear pelos ambientes, ver, – num instante – com os olhos de um personagem, e, no outro, com a visão de narrador ou mesmo com a dúvida dos que o ouvem.

São pertinentes as observações feitas por Moraes (2017) sobre a relação entre narrador-história-ouvinte. São relações que possuem vínculos diretos. Isto é, estão nas mãos do narrador,

sujeitas às modificações feitas por ele, assim como as decisões com relação ao processo de adaptação e ao momento de contar.

Lembrando que essas decisões, embora estejam ligadas diretamente às ações do próprio narrador perante à história, sofrem influência do ouvinte enquanto coprodutor. Embora o ouvinte não efetive um diálogo, de fato, com o narrador, ele interage com a história através de suas emoções expressas, tanto de seus olhares, quanto de sua atenção.

De acordo com Moraes (2017, p. 18) “[...] se todo ato de criação é exercido por um criador, no ato de contar histórias é o narrador quem molda a sua criatura, a história, exercendo o caráter de criador sobre sua criação no momento em que prepara e conta a história”. Gomes (2018) aponta como importante, a introdução de cantigas infantis no ato de narrar histórias, pois elas ajudam o público a estabelecer a relação entre o presente e o passado, ao mesmo tempo em que as cantigas também contam histórias. Assim como, por meio de uma dança de roda se percebe quais são as memórias dos corpos e como os corpos estão no espaço, qual espaço está sendo ocupado dentro da história e dentro de quem conta, de quem ouve.

Assim, podemos perceber o efeito da dança circular, das cantigas infantis e da contação de histórias. Segundo Gomes (2018, p. 62) “[...] As cantigas populares, assim como as danças circulares, proporcionam momentos de aproximação com o público com o narrador e, também, com a história”. É essencial, também, segundo a sugestão de Gomes (2018), o contador de histórias estabelecer um elo de pertencimento com a história que narrará. Para que isso ocorra, é necessário pesquisar e ler, para que a história faça sentido para o narrador, especialmente para que vibre como verdade para si mesmo, e, se assim for, assim será. Ainda nas palavras da autora:

Na contemporaneidade, estamos carentes de boas histórias, daquelas que nos surpreendem, que alteram nossa respiração, de maneira que fiquemos ali esperando desenrolar da história que vai sendo contada. Para tanto é preciso inventar, cultivar a nossa herança sensorial por meio das histórias ouvidas e contadas, e difundir, isto é, como narrador, espalhar pelo mundo maneiras de contar e de inventar uma boa história (GOMES, 2018, p. 69).

Gomes (2018) nos esclarece ainda, como trabalhar as histórias: ler e pesquisar contos, crônicas, romances, novelas, enredos, sagas e adaptações biográficas. Pesquisar, com efeito, e assistir às produções cinematográficas e minisséries é importante. Visitar exposições de Arte, espetáculos de teatro e de dança, também se tornam válidas. Tenha a música sempre presente, crie saraus, rodas de leitura e de histórias, para que trabalhar com histórias seja prazeroso, imaginativo.

Por fim, Matos (2018, p. 79) concebe que:

[...] não existem receitas para a arte de contar histórias: o público é diferente em cada performance, em cada conto. É como afirma Regina Machado, (2015) quem conta tantas histórias: “Não há técnicas sem presença [...] É a história que me conta como quer ser contada”. Às vezes, o excesso de planejamento pode limitar e reduzir a experiência viva de um professor, por exemplo, quando não exerce o seu poder de observação ou quando subestima o seu público.

Bussato (2017) aponta algumas técnicas necessárias para o narrar, por três vias: Ritmo, intenção, imagens. Sendo que, as imagens diferenciam-se entre: imagens verbais, sonoras e corporais. A imagem é um dos elementos de encadeamento da contação de histórias. Narrar, desse modo, significa a capacidade de traduzir, oralmente, as imagens contidas no texto. As imagens verbais são a condição inicial da tarefa do Contador de Histórias, ou seja, a capacidade que tem de gerar devaneios, ao nos colocar diante das personagens. Já em relação às imagens sonoras, compreende-se que são mais um recurso que deve ser explorado nas narrativas. São elementos surpresa para as performances do contador, pois provocam o imaginário.

Então, os contadores de histórias apropriam-se das onomatopeias – sons que carregam imagens – fazendo bom uso delas. A imagem corporal é aquele movimento que surge, espontaneamente e que traduz, numa imagem, aqueles gestos, formas corporais que melhor traduzem determinada passagem da história. Perceber a intenção e o sentido do texto, a partir dessa compreensão, é contar com o coração, pois cada texto tem um segredo e uma mensagem para passar. Toda narrativa apresenta um ritmo, e é essa velocidade mental que diz respeito à continuidade que se torna preciso imprimir na narrativa, sendo sempre do silêncio ao som. Essa consciência do ritmo confere musicalidade e harmonia à narrativa. E pronto, prepare sua narrativa!

Regina Machado (2015) menciona que um bom Contador de Histórias tem que ter história e presença. A presença deve ser interligada pela **intenção, ritmo, técnica (grifos nosso)**. Assim, exercita habilidades pessoais, recursos internos – combinados a um amplo repertório de informações disponíveis – além dos recursos externos, enquanto vai polindo e conquistando, ao longo de sua vida, a qualidade da presença.

A intenção é compreendida como tudo o que move e que dá sentido à experiência de contar histórias, ou seja, que toca ao coração. Quanto ao ritmo, é a cadência, a respiração do contador, conectado à ‘respiração’ da história. É durante a escuta que as imagens surgem e que podem ser visuais, táteis, olfativas e sonoras.

Os recursos externos são importantes, mas devem estar a serviço da história. A própria história indica como quer ser contada. Compreendemos que os recursos externos podem ser usados como sugestões a serem introduzidos no ato de narrar, relativos aos: objetos, panos,

músicas, canto, roupa, acessórios cênicos, como começar e como terminar devem ser pesquisados para cada história particular.

A técnica é entendida por um conjunto de conhecimentos possíveis, enraizados na intenção. Ou seja, é o estilo que o contador desenvolveu, de forma livre e espontânea. É baseada, desse modo, na experiência do contador. Com isso, Machado (2017, p. 100) postula que:

Ninguém pode ensinar uma pessoa a ser uma boa contadora de histórias e, ao mesmo tempo, qualquer pessoa pode aprender a contar bem uma história. Muitos professores, por exemplo, procuram por cursos que ensinem a prática de narrar e esperam que lhes sejam respondidas perguntas tais como: que técnicas devem ser utilizadas? Que histórias devem ser contadas para crianças de oito anos? Como manter a atenção da audiência? Uma história deve ser lida ou contada? [...] raro, perguntarem como posso me preparar – o que posso aprender – para que eu mesmo encontre respostas para minhas perguntas?

Já Sisto (2012) propõe algumas dicas para que o contador de história conte melhor as histórias às quais elege. Segundo o autor, são 13 elementos que garantirão o sucesso, sobretudo da literatura viva. Emoção, texto, adequação, corpo, voz, olhar, espontaneidade e naturalidade, ritmo, clima, memória, credibilidade, pausa e silêncios, além dos elementos estéticos.

O autor considera a voz (timbre, ritmo, altura e intensidade), os gestos (movimentos, gestos que sejam a expressão pessoal do contador), o olhar (para o público, dentro de si e das imagens mentais da história que está contando). Além disso, considera outros elementos fundamentais nesse sentido, tais como a preparação, o envolvimento emocional com a história, interiorização da sequência do texto (a História), a adequação do texto, de acordo com ambiente onde será contado e exercitar a espontaneidade, assim como a naturalidade ao falar com a plateia.

É bom lembrar, com efeito, que o Contador de Histórias deve incorporar o ritmo de uma história, pois cada parte exige uma certa postura. É importante provocar o clima, sem esquecer-se de que pode ele variar, de acordo com a história que será contada. É expressivo, aqui, o papel da memória. A memória se refere à compreensão do texto e não ao ato de decorar o texto em si. O Contador de História deve passar credibilidade ao público, induzindo-o a acreditar em sua narrativa. É pensando no ato de narrar pausadamente e fazer uso do silêncio, quando necessário, assim como do elemento estético. Assim, o Contador de História transformará suas histórias em espetáculos. As histórias têm de ser, sempre, maiores do que os contadores (SISTO, 2015).

Desse modo, Sisto (2015, p. 34) nos ensina, em relação ao que vimos discutindo a respeito dos Contadores de História, que; “o primeiro passo parece ser um mistério: sentir algo especial pelo conto porque acreditamos que só podemos contar bem uma história quando ela

nos toca de forma especial, quando faz vibrar alguma coisa dentro de nós. É a paixão que vai permitir o trânsito e a circulação da história”.

Conforme Sisto (2015) não é difícil compreendermos como se dá esse processo de contar qualquer história a alguém. A priori pensamos nos mistérios do caráter de ‘especialidades’ que o modo de contar pode trazer. Contudo, algo dentro de nós despertará algum tipo de imaginação e/ou sentimento que pode emergir de alguma circulação por entre as histórias às quais somos atravessados durante nossa constituição em sociedade.

Por isso podemos pensar, ainda que de maneira simplória: *‘não sei, só sei que é assim’*, em relação ao modo como apreendemos e/ou sentimos quando ouvimos alguma história. A história tem de ser, sempre, maior do que quem as conta. Por assim dizer, Sisto (2015) nos alerta em se tratando de que o mais importante é a história, conduzida pelo contador por meio de sua sonoridade, evocada pela voz, cheiro, cor, imagem, que reverberam pelo corpo, fluindo pelo tempo. Desse modo, materializa-se a Arte de Contar Histórias. Ou seja, Contar Histórias é saber capturar quem ouve, independente dos acessórios e efeitos. É, sobretudo, ter aquele jeito de Scheherazade<sup>4</sup>, encarnando a sua magia, que levou o seu leitor a querer sempre mais, mais, mais...

É aí, então, que chegamos ao ápice da apreensão dos contos por meio da Contação de Histórias, pois compreendemos o enredo, o imaginamos e entendemos o: *‘felizes para sempre’* ou o: *‘conte outra vez!’*.

### **3.7 Somos feitos de histórias, das histórias para o mundo, do mundo para as histórias! Então, conte outra vez! Por que contar? O que contar?**

*“Ela lhe contou histórias,  
Ele a ensinou a voar...  
Amavam-se,  
Mas ele não queria crescer...”*  
(Peter Pan)

Estudamos, analisamos e compreendemos, neste tópico, por meio das asas da imaginação dos Contadores de Histórias. Para que possamos entender a respeito desse universo,

---

<sup>4</sup> “Segundo a lenda da antiga Pérsia, Scheherazade, com sua beleza e inteligência, fascinou o rei ao narrar histórias fantásticas por mil e uma noites, poupou sua vida e ganhou o eterno amor do Rei Shariar. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Xerazade>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

adentramos, agora, naquilo que move a nossa existência: as histórias. Por isso, por diferentes olhares, abrimos portas e janelas, com a sutileza de cada olhar, descortinando a magia, o encantamento do ‘*porquê*’ de contar histórias é tão importante na vida do homem.

Mas, o que contar? Contar contos, mitos, fábulas, lendas, novelas, sagas, um monólogo, uma parábola, anedotas, uma alegoria. Seja lá o que escolhermos, contemos! Entre gostosuras e bobices, segundo Abramovich (1994, p. 16), torna-se “[...] importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão de mundo”.

Nessa acepção, compreender o mundo é descobrir um mundo imerso em conflitos, cheio de problemas, que, de um jeito ou de outro, atravessamos e, assim, também encontramos as soluções às questões, das menores às maiores que nos afetam. De acordo com Abramovich (1994), além de conhecermos outros lugares, através das histórias, sempre se pode rir, ser cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento e de suscitar, também, o imaginário. Ter a curiosidade respondida, em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar diversas questões.

É ouvindo histórias, que se pode sentir emoções tão importantes para o desenvolvimento da personalidade da criança, tais como: tristeza, raiva, bem-estar, medo, alegria, insegurança e tranquilidade. Ou seja, viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve. Enfim, é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

Da arte da palavra e da escuta, com Machado (2015) colhemos que a leitura e a escuta dos contos tradicionais podem nutrir, despertar, valorizar e exercitar o contato com imagens internas, abrindo outros voos, conquistas e desafios. Outrossim, ao ouvir os contos, a criança está diante de heróis e heroínas que enfrentam situações nas quais valores humanos, tais como coragem, liberdade, beleza, determinação e justiça, subjagam o medo, a inveja, a covardia e a traição.

Dessa forma, é através de variadas situações humanas que os contos produzem efeitos em diferentes níveis de percepção, como: intrigar, fazer pensar, trazer descobertas, perguntas, questões, provocar o riso, o susto, o maravilhamento e, sobretudo, o trabalho com a imaginação pode manter viva a chama da flexibilidade diante da diversidade no mundo.

Gomes (2018, p. 9) reflete sobre o encantamento, dizendo que:

Como mãe, lembro que um dos momentos mais gostosos na relação com os meus filhos era quando deitávamos no chão e lá, aconchegados, iniciávamos histórias com suas personagens preferidas, misturando-se no grande cesto de tear [...] era como se fadas, reis, rainhas, princesas, príncipes, dragões, duelos, espadas e jogos de todos os

tipos saltassem de suas bocas e tomassem forma. O riso, o local, tudo tinha uma cor diferente. O poder da imaginação era verdadeiro e real!

A autora descreve, como mãe e Contadora de Histórias, o momento mágico e encantador de uma relação afetiva e amorosa, entre quem ouve e quem conta, momentos de risos, recheados de imaginação que o momento do contar proporciona, para além da escrita, do simplório.

Segundo Bussato (2017), narrar um conto implica em se apropriar dos seus símbolos, sendo, pelo fato de vivermos em um momento árido, cheio de imagens vazias, sem significados, torna-se imprescindível retomar significados à nossa existência. A autora esclarece, ainda que o conto existe para ser ouvido e fruído. Além disso, se o conto se presta a tantas áreas do conhecimento, o melhor é tê-lo como uma alternativa para inspirar e insuflar o espírito, como afago ao coração, um alento aos sentidos, pois se assim for, não se perderá jamais.

De acordo com Sisto (2013) contar é uma Arte do ver, ouvir, sentir, Arte para *ser*. Sussurrando palavras ao vento, Sisto (2013) complementa que o ato de contar histórias, emancipa, tanto quem ouve, quanto quem conta, ou seja, o sujeito ouvinte e o sujeito leitor. Só por isso, basta!

Contudo, Sisto (2013) propõe olhar à Arte de Contar Histórias com uma perspectiva bem maior do que a da própria história e, somente depois, olhar como objeto de ensino, ferramenta de uma educação integral, com necessidades e competências técnicas e estéticas, mas, também, como vocação para o amor: pelo exercício do ensinar, pela história, pela literatura, pelo compromisso social inerente aos sujeitos sociais que somos.

Posto isso, vale lembrar que os Contadores de Histórias não contam só contos de fadas. Contam mitos, fábulas, lendas, piadas e tantas outras histórias. Os contos de fadas têm, como característica, um final feliz. O mito tem, como marca, o trágico, e é complexo muito mais adequado à fase adulta.

*“Canta, passarinho:*

*Um conto de fadas é mito para criança.*

*Há mito certo para cada estágio da vida”.*

(Joseph Campbell)

Se o conto de fadas é uma história que tem, como marca, um final feliz, aliviando os conflitos internos presentes na criança, os mitos ativam determinados temas que a criança ainda

não está preparada para lidar, porque é preciso ter certo amadurecimento intelectual e psicológico para compreendê-los. Na concepção de Bussato (2017, p. 33):

O mito nos aproxima daquela parcela divina que denominamos de espírito, fonte, origem. Ele serve de estrutura para nos conectar com nosso deus interior, com as forças internas que nos movimentam e nos propulsionam a ir adiante. Eles têm características grandiosas, capaz de mobilizar o nosso ser, basta que estejamos abertos para isso. Se estivermos sensibilizados para recebê-los poderemos perceber como ele atua junto de nós.

Desse modo, a criança ainda não está preparada para mobilizar seu *ser* interno, no sentido de uma dimensão cosmológica do universo e seus mistérios. Quanto às fábulas, elas falam da realidade externa, visto que têm um caráter prático. As fábulas abordam temáticas de como poderemos melhorar nossas atitudes cotidianas, nossas condutas sociais, assim como nossas convivências.

Assim, as fábulas fazem analogias entre causas e efeitos, encerram em padrões sociais de comportamento, evidenciando valores e, geralmente, soluções justas. Atribui-se a Esopo (séc. I d.C.), a ideia de usar fábulas para transmitir situações de relacionamento dos seres humanos, tendo, como protagonistas, os animais.

Já as lendas, são eventos conservados na tradição popular, de fatos que poderiam ter acontecido, ou aconteceram, muito próximos ao narrador. As lendas explicam coisas que, racionalmente, não podem ser explicadas, são histórias fantásticas que nada têm a ver com a realidade ou partem de um determinado aspecto social. Também são construídas em torno de personagens históricas e religiosas, além de falarem de casos corriqueiros do cotidiano de um povo.

É no exercício de juntar os fios e pedaços de alguma coisa do mundo, que vamos tecendo o nosso próprio mundo, construindo conhecimento, contando sobre ele e, assim, contando sobre nós mesmos, seja criança, adolescente ou adulto. Se uma luz, uma estrela, apareceu na escuridão e não se encontrou uma lógica para isso, a imaginação humana se encarrega de encontrar uma explicação, obviamente, fantasiosa e sobrenatural.

Assim, apresentamos, neste tópico, a Arte do Contar, Encantar e Sorrir. Sempre que o mundo diz “não”, reaprendemos a sonhar, seja com os contos de fadas, mitos, lendas ou fábulas. Não importa o quanto são diferentes, sejam em estrutura ou significado. O que importa é que todos levam para o mesmo caminho, para uma única origem, a nossa imaginação. Então, veremos que a História não tem fim, continua sempre que você responde ‘sim’ à sua imaginação.

### 3.8 Passarinhando com Alice no país das maravilhas, na terra do nunca: os contos de fadas

*“Se quiser que os seus filhos sejam brilhantes,  
Leia contos de fadas para eles.  
Se quiser que sejam ainda mais brilhantes,  
Leia ainda mais contos de fadas”.*

(Albert Einstein)

Passeando pelo jardim da terra do nunca, vamos encontrando muitos motivos para ficarmos, pois aqui, tudo é atemporal e mágico. É só abrir o livro para o conto despertar! Dragões, princesas e fadas vão surgindo, exaurindo toda a sabedoria popular com temas essenciais da condição humana que perpetuam até hoje.

Os contos de fadas são tão importantes e ricos, que têm sido aproveitados como fonte de estudos para psicanalistas, sociólogos, antropólogos e psicólogos, cada qual com o seu olhar e sua perspectiva acerca do assunto, dando suas interpretações e se aprofundando no que mais lhes interessam.

Bussato (2017) anuncia que os povos orientais acreditavam no poder curativo dos contos e, em muitas situações, o remédio indicado para determinadas condições patológicas, era ouvir um conto e meditar sobre ele. O conto funcionaria, sob essa perspectiva, como um reestruturado do desequilíbrio emocional que teria provocado o distúrbio físico, adquirindo um carácter terapêutico. Assim, poder-se-ia dizer que o conto encantaria curando.

Se os contos de fada têm esse carácter curativo de encantar e alimentar o imaginário da criança, fazendo brilhar o seu mundo interior, provocando riso, choro e medo, é possível afirmar que a criança por meio dos contos de fadas exercita e treina suas emoções. Nesse sentido, Bussato (2017, p. 18) pondera que:

Um conto nunca vai provocar o mesmo efeito nas diversas pessoas que o ouvem. É a história de vida de cada um que determinará com que cores e com que música ele vai soar. Uma princesa citada num conto jamais será a mesma personagem para as diferentes pessoas que estiverem ouvindo este conto. A minha princesa anda e fala como eu imaginar, pois esta determinante só compete a mim [...].

Conforme Bussato (2017), os contos estão sujeitos às várias interpretações e atravessamentos sociais de cada indivíduo que ouve, em determinado momento histórico e em cada fase de sua vida. Os significados são atribuídos conforme a experiência de vida do sujeito

ouvinte. Por isso, o conto é uma metamorfose, tanto no domínio de quem conta, quanto pelo domínio de quem ouve, quando ouve e como ouve.

Bussato (2017, p. 18) complementa afirmando que; [...] a história também será única para cada um que ouvi-la. Esta possibilidade de imaginar o espaço e o tempo em que ocorre a história nunca será a mesma, considerando-se apenas os elementos que o conto oferece. Ela será construída pela imaginação de cada ouvinte, logo, será única.

Desse modo, Bussato (2017) considera que os modos de interpretação e construção da histórica contada permeia o indivíduo e se ergue em sua imaginação dando a elas novas roupas, cenários e intensidades. Não podemos esquecer ainda o fato de a imaginação ser livre e única de indivíduo para indivíduo. Está, aí, a garantia da metamorfose dos contos, de sua longevidade e de seu caráter único e próprio no modo de significar na história.

Observemos, pois, quando a imaginação encontra um terreno fértil nos contos da literatura oral, o quão transformador é, além de ser libertador e democrático, sobretudo uma varinha de condão, para o processo de individuação da criança, quando está na fase inicial de sua formação social.

Benjamin (2018) nos ensina que o conto de fadas é, até hoje, um conselheiro das crianças. Além disso, os contos, bem como os Contadores de Histórias ocupam um lugar de conselheiros, de fato, de toda a humanidade. Ademais, esses conselheiros sobrevivem até à contemporaneidade, visto que “O primeiro contador verdadeiro é e continua sendo a dos contos de fadas” (BENJAMIN, 2018, p. 47).

É pertinente reafirmar a respeito da importância dos contos de fadas para a formação da personalidade de uma criança. Na contemporaneidade, continuam aconselhando as crianças a enfrentarem com ousadia, astúcia e coragem, as intempéries da vida. A magia libertadora dos contos de fadas vai para além de algo fantasioso, ou seja, vai para algo que se enraíza da vida para história, da história para vida. Só por isso, vale o encantamento.

O porquê dos contos de fadas? O porquê das palavras mágicas da ordem do dia? Sabem o porquê? Porque os contos de fadas estão mergulhados no maravilhoso mundo da fantasia, partindo da realidade, mexendo com as emoções que qualquer criança já experimentou, pelo menos alguma vez em sua trajetória imaginativa, constitutiva e formativa. Além disso, qualquer um pode adentrar em um caminho fora dos limites do tempo e do espaço. Os personagens são simples, vivem inúmeras situações diferentes e buscam superar os seus limites.

Dessa forma, os contos de fadas por meio da fantasia, do imaginário e com a presença de entidades surreais, tais como: fadas, bruxas, duendes, animais falantes, reis e rainhas, se bastam por contribuírem para que a criança encontre respostas para seus conflitos, do maior ao

menor deles. Então, pode-se anunciar que os contos de fadas falam sobre o medo e o amor, das dificuldades de ser criança, dos modos distintos de carência, de autodescobertas, assim como de perdas e buscas.

Daí a sua relevância à formação integral da criança. Então, há de se indagar, por que os contos de fadas não envelhecem? Ou, será mesmo que eles envelhecem? Visitamos, ainda, as fadas de ontem, hoje e as de sempre? Qual é o encantamento? Onde está a magia?

O conceituado psicólogo austríaco, Bruno Bettelheim (1980), em seu livro ‘A psicanálise dos contos de fadas’, nos presenteia com contribuições importantes para que possamos entender o efeito que os contos de fadas causam nas crianças. Nessa obra, Bettelheim (1980) discorre a respeito da forma como as situações presentes nos contos de fadas podem ser identificadas com sensações, com os temores que as crianças enfrentam e com as situações novas que se apresentam, e com o que elas ainda não sabem lidar.

‘*Era uma vez, num reino distante...*’. A senha mágica para abrir a porta de um mundo – nem tão distante assim – o mundo dos contos de fadas. As crianças abrem as portas e as janelas e se entregam, se jogam nesse mundo, no sentido de compreenderem o mundo do outro lado da janela e a si mesmo. É um mundo mais que encantado, como podemos sentir, o mundo dos contos de fadas, tão presente em nossas vidas, em nosso jeito de ser ‘*Nem tão Cinderela, nem tão Peter Pan*’.

Os contos são histórias que transitam entre o natural e o sobrenatural e são criados pela imaginação coletiva. Permanecem entre nós há séculos e séculos. Os contos de fadas invadiram a Europa a partir do século XII e foram registrados por alguns ilustres conhecidos, como o francês Charles Perrault (1628-1703), que reuniu contos da tradição oral e editou um livro intitulado ‘Contos da mãe gansa’, cuja autoria atribuiu ao seu filho, então com 10 anos.

Já na Alemanha, os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), conhecidos como os irmãos Grimm, publicaram os contos colhidos da boca do povo, principalmente de uma camponesa chamada Catherine Wieckamann. A maior parte dos contos que fazem parte do primeiro livro da dupla, ‘Contos para crianças e para o lar’, foram contados por ela.

Dito isso, é fascinante mergulhar nesse universo dos contos de fadas, mitos, fábulas, lendas, pois é, sobretudo, recuperar o conto de literatura oral. É, também, perpetuar a nossa cultura e a nossa História. Além disso, eles são uma via de acesso ao nosso próprio ser.

### **3.9 Era um passarinho às avessas, com olhar desassossegado sobre a literatura infantil: o que é politicamente correto, na literatura infantil?**

*“Entenda os seus medos,  
Mas jamais deixe que eles sufoquem os seus sonhos”.*

(Alice no País das Maravilhas).

Diálogo com um passarinho às avessas, com um olhar desassossegado sobre a literatura infantil. Esse desassossego torna-se pertinente para o momento contemporâneo em que vivenciamos. Falo de Ilan Brenman (2012) que, com um olhar cheio de travessuras, sacode a história da literatura infantil e da infância como um todo, com provocações sobre o que é politicamente correto na literatura.

Nesse universo, Brenman (2012) nos remete à Emília, a boneca de pano criada por Monteiro Lobato, sendo ela, quem o guiará mediante à atual tendência ao politicamente correto. Segundo Brenman (2012), é preciso seguir o fio de Emília: o direito à imaginação, para que as crianças não cresçam em um mundo onde heróis sejam menos queridos porque a ordem é ignorar os perigos.

Nesse sentido, Emília, a boneca que encantou várias gerações com seu espírito inquieto, incontrolável, representa a imaginação e, por assim ser, desconhece os limites que vêm querendo lhe impor. O livro ‘A condenação de Emília: o politicamente correto na literatura infantil’, faz uma análise desse fenômeno do politicamente correto.

Brenman (2012, p. 29) se refere ao que chama de ‘politicamente correto’, como:

A expressão “politicamente correto” surgiu nos anos 1960 e 70, nas universidades americanas, inspirada no pensamento do filósofo francês Jacques Derrida (1930 – 2004), com seu conceito de “desconstrução”. Tal conceito permitiria “revelar”, na leitura de textos de toda ordem, inclusive os literários, a marca de preconceitos raciais, sexuais etc.

Foi com este pensamento, segundo Brenman (2012), de desconstrução por Derrida, que a literatura passou a ser a desmontada, especialmente os cânones. Logo, professores analisavam as obras que tinham cunhos machistas, racistas, de gênero, raça, classe, por trás das obras, importavam mais do que sua função poético-imagética.

No Brasil, o auge do ‘politicamente correto’ chega em 2004, com a circulação da cartilha intitulada ‘Politicamente correto & direitos humanos’, sendo uma publicação de âmbito governamental. Contudo, a reação foi tão intensa e contrária a essa publicação que o governo federal teve de recolher todas as cartilhas espalhadas pelo país.

Explica Brenman (2012), que constavam, nessa cartilha, as questões raciais e de gênero, palavras como “negro”, “branquelo”, “caipira”, “a coisa tá preta”, e tantas outras que ofendessem os seus representantes, que deveriam ser banidas, pois eram impróprias. Nesse sentido, se considerarmos essa cartilha um modelo a ser seguido, várias obras deveriam ser reeditadas, por terem expressões ofensivas, canções populares, provérbios, etc.

Outro livro citado por Brenman (2012), que também abordava a questão do ‘politicamente correto’, foi lançado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), que divulgou um trabalho muito parecido intitulado ‘Terminologia sobre deficiência na era da inclusão’.

Na perspectiva de Brenman (2012, p. 40):

A ideia de que as crianças se tornarão cidadãos melhores por meio de prescrições como essa é comprovadamente falsa. Existe preconceito? Sim. Mas não acredito que essa seja a melhor forma de combatê-lo. Quando mais regras rígidas são impostas na educação, menos espaço se tem para trabalhar querelas internas e externas. O problema maior é que esse movimento adentrou também o campo das cantigas infantis [...] e dos contos de fadas.

Posta essa perspectiva, Brenman (2012) comenta que cantigas como ‘*Atirei o pau no gato*’, ‘*Boi da cara preta*’, tornaram-se assustadoras, e tantas outras ganhando novas versões, politicamente corretas, na grade curricular das escolas. Contudo, essas canções foram modificadas pelas escolas. A mudança se deu devido à função educativa das cantigas, agora remodeladas, o que evitou pressões de pais de alunos que consideravam que as cantigas originais incentivavam o medo e a violência.

Na nova versão, de acordo com Brenman (2012, p. 44), as cantigas ficaram:

Sobre o “Atirei o Pau no Gato” diz-se que a letra estimula os estudantes a desenvolver um sentido de “responsabilidade ecológica”. “O Boi da Cara Preta” tornou-se “do Piauí” para soar menos assustador. Os professores também estão deixando de cantar o velho “Cachorrinho está latindo lá no quintal/Cala a boca cachorrinho/Deixa o meu benzinho entrar” para colocar em seu lugar uma versão que pede ao cão para “calar a boca” – e sim “ficar quieto” [...].

Não só o ‘politicamente correto’ invadiu as cantigas infantis, mas como também, os contos de fadas. Segundo Brenman (2012) os irmãos Grimm revisavam seus escritos, riscando expressões e alterando situações, a seu ver, inadequadas às crianças. Como exemplo disso, menciona o fato de terem retirado, dos contos, qualquer referência à gravidez antes do casamento.

No conto da Rapunzel, a personagem principal brincava com o príncipe na torre e percebe que suas roupas começavam a não entrar mais no seu corpo, o que foi substituído por eles, na segunda edição dos Contos da Infância e do Lar, onde foram retiradas essas referências a uma possível gravidez.

Na primeira edição dos contos de infância e do lar, os olhos das irmãs da Cinderela são poupados; já na segunda, pombos bicam seus olhos. Contudo, receitas moralizantes protestantes também não faziam parte das histórias orais coletadas, mas os irmãos Grimm acreditaram que seria um benefício inseri-las nos contos.

Já Charles Perrault, modificou, também, os contos que coletou, que foram adaptados à moral vigente na corte francesa do século XVII. Apesar dessas intervenções nos contos de fadas, esses autores consagrados mantiveram, consciente ou inconscientemente, a essência primordial dessas narrativas.

Complementa Estés (2006, p. 11 *apud* BRENMAN<sup>5</sup>, 2012, p. 48) que:

Nos contos de fadas achavam-se gravadas ideias infinitamente sábias que durante séculos se recusaram a se deixar mutilar, desgastar ou matar. As ideias mais persistentes e sábias estão reunidas nas teias de prata a que chamamos de contos [...]. Quer entendamos um conto de fadas cultural, cognitiva ou espiritualmente – ou de outras maneiras, como quero crer –, resta uma certeza: eles sobreviveram à agressão e à opressão políticas, à ascensão e à queda de civilizações, ao massacre de gerações e as vastas migrações por terra e mar. Essas joias multifacetadas têm realmente a dureza de um diamante, e talvez nisso resida o seu maior mistério e milagre: os sentimentos grandes e profundos gravados nos contos são como rizoma de uma planta, cuja fonte de alimento permanece viva sob a superfície do solo mesmo durante o inverno, quando a planta não parece ser vida discernível à superfície. A essência perene resiste, não importa qual seja a estação: tal é o poder do conto

É inquestionável a importância dos contos de fadas e das cantigas infantis à formação integral da criança, embora tenham passado, em um momento histórico, por censura e retaliação por serem subjugados no balaio da visão do que é ‘politicamente correto’, mesmo assim, ainda resistem ao tempo.

Ainda em relação à proposição dos livros do que é ‘politicamente correto’, o pesquisador levanta alguns questionamentos, tais como: Os livros politicamente corretos destinados às crianças não seriam uma reprodução desse mundo atolado de informação? Não seriam livros “impregnados de explicações”? Tais livros, assim como as informações, seriam faltosos daquilo de que mais a infância necessita: metáforas e símbolos? O que aconteceria se

---

<sup>5</sup> BRENMAN, Ilan. **A condenação de Emília**: o politicamente correto na literatura infantil. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

todas as crianças só consumissem livros politicamente corretos? Nossa capacidade de sonhar seria entupida com gordurosas doses de linguagem enlatadas e cindidas?

Por fim, Brenman (2012) comenta que poderíamos pensar que os livros ‘politicamente corretos’, destinados às crianças, são os livros do não – tempo. Eles são feitos por encomenda, são de fácil entendimento e deglutição, fazem o trabalho que os pais, que não têm tempo, deveriam fazer: educar os filhos.

Ou seja, a falta de tempo terceirizou a educação da infância, e a literatura infantil, que deveria ser uma ferramenta poderosa para pinçar esse tempo, alimentando e nutrindo verdadeiramente a imaginação dessas crianças que é substituída por uma pseudo-*fast*-literatura, que afasta da infância uma das perguntas mais primordiais do ser humano: “Qual o sentido da vida?”

Diante disso, Brenman (2012, p. 155) considera que:

A infância está pedindo socorro e nós, adultos, em vez de ouvimos suas súplicas, a estamos amordaçando, tapando sua boca com guloseimas culturais altamente calóricas e de pouco valor nutritivo. Com a boca ocupada em mastigar tantas informações efêmeras, a criança vai se calando e se transformando numa réplica do entristecido, inquieto, angustiado, raivoso e desesperançado adulto. Outro fator preponderante na desconstrução na infância, e que rouba a maior parte do tempo dela, é a herdeira do telegrafo: A televisão.

Nesse sentido, pais e educadores, preocupados com cantigas infantis, contos de fadas nocivos à alma infantil, com histórias diabólicas de bruxas, ogros e lobos famintos, não percebem que o perigo mora ao lado. Brenman (2012) adverte, também, que os livros da ordem do ‘politicamente correto’ são feitos para uma infância idealizada, não concebem a existência do inferno dentro de cada um de nós, crianças, jovens e adultos.

Desse modo, Brenman (2012) acredita na importância das histórias que toquem em assuntos que reflitam os sentimentos das crianças, tais como amor, ódio, medo, tristeza, solidão, e que, embora rejeitadas por muitos, comunicam-se inexoravelmente com o mundo interior infantil. Brenman (2012, p. 211) finaliza afirmando que “as histórias podem ser consideradas um talismã contra o desespero”.

Trazer as histórias de *ontem* e de *hoje*, sem mascarar as condições da existência humana, é permitir, à criança, vivenciar a dialética da vida, saboreando a sua própria catarse, como diria Aristóteles, todavia, de forma lúdica. É, também, lembrar que, por detrás de cada conto de fadas e das cantigas infantis, existiram humanos, que, de uma forma ou outra, também fizeram a travessia interna de sua própria existência.

Nesse sentido, é também contribuir para o desenvolvimento da personalidade da criança, ajudando a apurar o seu senso crítico, medindo seus conflitos internos e, por fim, jamais negando à vida. A criança tem o direito de ser criança, como disse Alice no país das maravilhas: “Entenda os seus medos, mas jamais deixe que eles sufoquem os seus sonhos” (PSICANÁLISE CLÍNICA, 2019, p. 1).

## 4. NAS ASAS DA IMAGINAÇÃO

*“Eu escuto a cor dos passarinhos”.*

(Manoel de Barros)

Por escutar a cor dos passarinhos viajo com eles nas asas da imaginação, todavia, conosco irá também aquela moça tecelã... Ao acordar, ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite... E sentava-se ao tear, linha clara para começar o dia. Delicado traço cor da luz, ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Tecer era tudo o que queria, tecer era tudo o que fazia. Então, tecia, tecia... e, ao tecer a imaginação, plasmava...

É com esse fio mágico que nos movemos e dialogamos com outros tecelões da “imaginação”, como: Lev Vygotsky (2018), Gaston Bachelard (1991), Carl Gustav Jung (1985) e Rudolf Steiner (2012). Assim, fomos abrindo as janelas e afastando as cortinas para tecemos o tempo a tempo, os conceitos de imaginação, e, logo, enveredarmos para outros lugares e pessoas podermos encontrar. Por fim, podemos dizer que a imaginação é fonte de inspiração e de vida. A imaginação faz a gente e a gente faz a imaginação...

### 4.1 Imaginar era tudo que queria, imaginar era tudo que tecia... Imaginando com Vygotsky

*“Nós nos transformamos em nós mesmos através dos outros”.*

(Levy Vygotsky)

De crianceira para crianceira à “imaginação e à criação na infância” por Vygotsky (2018), com ele compreenderemos o papel da imaginação na construção do desenvolvimento da personalidade da criança. Segundo Vygotsky (2018), nós nos transformamos em ‘nós mesmos’ através dos outros, ou seja, as relações sociais que estabelecemos determinam muito do que somos, assim como o outro é determinante na constituição do nosso imaginário da memória e da criação.

De acordo com Vygotsky (2018), a imaginação é a base criadora de toda atividade do homem. Portanto, tudo é produto da criação humana: todo o mundo da cultura e os objetos da vida cotidiana, sem excluir, desde os mais simples até os habituais. Segundo o autor, a

imaginação é como se fossem fantasias cristalizadas, não importando se o que se cria seja algum objeto do mundo externo ou construção da mente e/ou produto do sentimento.

Observa-se, em seus postulados teóricos, dois tipos de comportamento humano possíveis. O primeiro diz respeito a um tipo de atividade que Vygotsky (2018) denominou como reconstituítor ou reprodutivo. Tal preceito está intimamente ligado à memória; sua base consiste em reproduzir e/ou repetir meios de conduta já criados e elaborados.

Conforme Vygotsky (2018, p. 14), a relação entre imaginação, criação e memória se dá pelas marcas vivenciadas e reproduzidas a respeito de sua infância, ao afirmar que:

Quando me lembro da casa onde passei a minha infância ou de países distantes que visitei, reproduzo as marcas daquelas impressões que tive na primeira infância ou à época das viagens. Desta forma, quando faço desenhos de observação, quando escrevo ou faço algo seguindo determinado modelo, reproduzo somente o que existe diante de mim ou o que assimilei e elaborei anteriormente. O comum em todos esses casos é que a minha atividade nada cria de novo e a sua base é a repetição mais ou menos precisa daquilo que existe.

Vygotsky (2018), ao expor essa relação entre sua infância e as criações de sua imaginação, revela-nos que a memória se atualiza e reproduz marcas que outrora foram vivenciadas e, conforme foram ocorrendo, essas memórias ganharam espaço no imaginário ganhando novas significações no decorrer do tempo em que são lembradas, remetidas e/ou acionadas pelo ato de rememorar do indivíduo.

Ou seja, tudo o que já foi vivido e significado anteriormente, quando reproduzido, aciona uma nova produção com base no passado, mas que, repetida em um dado momento da história, materializa-se em outras formas e condições do que já existe no mundo (VYGOTSKY, 2018).

É imensurável, o quanto a preservação das experiências vividas pelo homem torna-se tão importante e necessária para a sua adaptação ao mundo que o cerca. O homem, ao criar e elaborar hábitos permanentes que se repetem, perpetua o que já existe no mundo. Isso se dá devido à plasticidade do cérebro de uma substância nervosa, base orgânica dessa atividade reprodutiva ou da memória (VYGOTSKY, 2018). É dessa forma, então, que o nosso cérebro se mostra um órgão que conserva nossa experiência anterior e facilita a sua reprodução em determinados contextos sociais, em determinado tempo e lugar na história.

Além dessa atividade reprodutiva, existe outra, que Vygotsky (2018, p. 15) chamou de combinatória ou criadora. Segundo o autor “Toda atividade do homem que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, e não a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência, pertence a esse segundo gênero de comportamento criador ou combinatório”.

Vygotsky (2018, p. 15) acrescenta, ainda, que o cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas, também, “o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento”.

Desse modo, se as atividades realizadas pelo homem se restringissem somente à reprodução do ‘velho’, ele – o homem – seria um ser voltado somente às coisas do passado. Assim, o homem só se adaptaria às circunstâncias do futuro apenas se reproduzisse alguma coisa de alguém, pois “É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o modificando o seu presente” (VYGOTSKY, 2018, p. 15).

É importante ressaltar, pois, que o fato de o nosso cérebro ter uma fantástica plasticidade que o permite reproduzir, criar e combinar deu origem ao que a psicologia denominou de imaginação ou fantasia se consagra enquanto atividades significativas e essenciais para o desenvolvimento da personalidade do ser humano.

Do ponto de vista de Vygotsky (2018, p. 16):

No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade, e, portanto, não pode ter qualquer significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando igualmente possível a criação artística, a científica e a técnica.

Do ponto de vista de Vygotsky (2018), no que se refere às fantasias e à imaginação do ser humano, podemos compreendê-las como atividades criadoras e fomentadoras da vida cultural, assim como dos preceitos de criação de ordens artística, científica e técnica, uma vez que o campo da imaginação emerge o que não é de ordem real, mas produto de significados práticos e inerentes ao ser humano e sua relação com o mundo.

Não se pode negar, sem dúvida, que tudo o que existe no mundo é produto da imaginação e da criação humana. A imaginação e a criação são inerentes ao ser humano, não sendo, assim, algo que se restrinja ao alcance dos chamados seres iluminados, antes, sim, é para todos. Logo, a atividade imaginativa e criadora se manifesta em todos os campos da vida cultural, seja pela criação artística, científica ou técnica (VYGOTSKY, 2018).

Contudo, a força criadora se manifesta com maior intensidade na infância, sendo uma das questões importantes da psicologia e da pedagogia infantil, bem como do desenvolvimento e do significado da atividade de criação para o desenvolvimento geral e do amadurecimento da criança (VYGOTSKY, 2018). Basta, desse modo, que observemos o processo de manifestação criadora na criança por meio de suas brincadeiras.

De acordo com Vygotsky (2018, p. 18):

[...] a criança que monta um cabo de vassoura e imagina-se cavalgando num cavalo, a menina que brinca de boneca imagina-se a mãe; a criança que, na brincadeira, transforma-se num bandido, num soldado do exército vermelho, num marinheiro, todas essas crianças brincantes representam exemplos da mais autêntica e mais verdadeira criação.

O autor pondera, ainda, a respeito das brincadeiras infantis. Elas são, frequentemente, ecos que ressoam em algum momento da vida em que a criança ouviu dos adultos que a cercavam. Porém, os elementos experienciados pela criança durante a infância nunca se reproduzem nas brincadeiras conforme ocorreram na realidade, mas, sim, de forma outra, a depender das circunstâncias e do poder da imaginação. “A brincadeira da criança não é apenas uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas” (VYGOTSKY, 2018, p. 18).

Percebe-se, aqui, então, a capacidade da criança, de combinar elementos para construir o velho de novas maneiras, o que constitui a base da criação. Para que haja uma melhor compreensão sobre o modo como ocorre a atividade criadora da imaginação, de onde surge, a que está condicionada, e, a que leis se subordina, é preciso entender, em suma, o mecanismo psicológico da imaginação e da atividade de criação a ela ligada.

Foi esse, o caminho percorrido por Vygotsky (2018), o de procurar compreender o processo da imaginação e da criação na fase da infância, a priori, por meio das indagações postuladas por ele, observando mais atentamente à questão cultural e às influências sociais, buscando compreender, por conseguinte, o papel do outro.

Vygotsky (2018) comenta sobre as quatro formas principais de relação entre a atividade de imaginação e a realidade. Esclarecê-las, desse modo, ajudará a compreender que a imaginação não é um divertimento ocioso da mente, ora vago, ora irreal, mas é, antes de mais nada, uma atividade necessária ao percurso de vida de todo ser humano.

Desse modo, a primeira forma de relação entre a imaginação e realidade é o fato de que a experiência está a serviço da imaginação. É bom frisar que a imaginação se apoia, sempre, na experiência, ou seja, constrói-se sempre a partir de elementos impregnados da realidade, que circundam o ser humano, conseqüentemente, presentes nas experiências anteriormente vividas pela pessoa.

Portanto, quanto mais rica é a experiência de vida da pessoa, maior é o volume de material que comporá a sua imaginação, pois a atividade criadora da imaginação depende da riqueza e dessa diversidade das experiências anteriores. Isso explica, segundo Vygotsky (2018),

o porquê de a imaginação da criança ser mais pobre que a do adulto, pois o último carrega, em si, uma significativa experiência.

Posta essa afirmação, podemos compreender que, quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimila, e, assim, maior será a quantidade de elementos da realidade que ela terá, em suas experiências, e, dessa maneira, mais significativa e produtiva serão as atividades produzidas por sua imaginação. Lembramos, assim, que a fantasia não se opõe à memória, pelo contrário, ela se apoia-se, entrelaçando mais e mais combinações, cada vez mais novas e ricas.

A segunda forma de relação entre fantasia e realidade não diz respeito à articulação entre os elementos da construção fantástica e da realidade. Aqui, o processo é bem mais complexo. Sua essência consiste no produto final da fantasia e um fenômeno complexo da realidade. Essa forma de relação se torna possível somente graças à experiência alheia e/ou experiência social.

Nesse sentido, observa-se que a imaginação, nesses casos, não funciona livremente, mas é guiada pela experiência de alguém, que atua como condutor, isto é, o produto da imaginação coincide com a realidade. Nessa relação, é por meio do outro que a minha, a sua, a nossa imaginação se constituirá (VYGOTSKY, 2018).

Nessa linha de pensamento, Vygotsky (2018, p. 27) confere que:

[...] a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e desenvolvimento humano. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de uma pessoa porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ela pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua própria experiência.

Importante pensar a respeito do que nos diz Vygotsky (2018) quando se refere à capacidade de imaginar coisas e/ou situações não vivenciadas por meio da imaginação, a exemplo, por meio da narração de outrem.

É como se houvesse um elo entre real e imaginário, entre quem narra e quem ouve, embora possa não ter sido vivenciado pelo homem, mas está lá a serviço da imaginação para ser criado, fantasiado e desenvolvido por meio do poder de criar, imaginar e narrar.

Vygotsky (2018, p. 27) segue afirmando que:

A pessoa não se restringe ao círculo e a limites estreitos de sua experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando a experiência histórica ou social alheias com ajuda da imaginação. Assim, configurada, a imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda atividade mental humana.

As relações humanas sociais, culturais, políticas e ideológicas estão configuradas na imaginação do homem. Estão guardadas na mente humana ainda que suas experiências não tenham alcançado tais episódios durante sua vivência, mas os limites da imaginação alcançam o fantasioso, o irreal e são construídos, edificados, imaginados de acordo com o contexto de cada ser inserido no seio social. Desse modo, mais uma vez, é possível verificar que há uma estreita relação de dependência entre os preceitos da imaginação e os da experiência. Dito isso, no primeiro caso, a imaginação se apoia na experiência, já no segundo, é a própria experiência que se apoia na imaginação.

No que se refere à terceira forma de relação entre a atividade de imaginação e a realidade, esta é, por outro lado, de caráter emocional, manifestando-se de duas formas, conforme a concepção de Vygotsky (2018): a primeira forma se consolida através da lei da expressão dupla dos sentimentos, isto é, qualquer sentimento, qualquer emoção, tende a se encarnar em imagens conhecidas, correspondentes a esse sentimento. Por exemplo: o medo, expressa-se não somente pela palidez e tremor, mas também, pela secura na garganta e outras manifestações cercadas pelo sentimento que domina cada pessoa.

A segunda forma foi chamada de lei do signo emocional comum, e consiste nas impressões ou as imagens que possuem um signo emocional comum, ou seja, que exercem, em nós, uma influência emocional semelhante. Tendem a se unir, contudo, apesar de não haver qualquer relação de semelhança, por exemplo, quando dizemos que o tom azul claro é frio e o vermelho é quente, aproximamos a impressão de frio apenas com base nos estados de ânimo que ambos induzem em nós. Em outras palavras, esse processo pode ser entendido como uma construção social das cores com estados da natureza, assim como com estados do corpo humano.

Nesse sentido, é fácil entender que a fantasia, guiada pelo fator emocional – pela lógica interna de sentimento –, constituirá o tipo de imaginação mais subjetivo e mais interno do ser humano. Assim, no primeiro caso, os sentimentos influem na imaginação, e, nesse outro, em específico, o caso inverso, a imaginação influi no sentimento.

Ademais, Vygotsky (2018, p. 30) postula que:

Todas as formas de imaginação criativa contêm, em si, elementos afetivos. Isso significa, que qualquer construção da fantasia influi, inversamente, em nossos sentimentos e a despeito de essa construção por si só não corresponder à realidade, todo sentimento que provoca é verdadeiro, realmente vivenciado pela pessoa e dela se apossa.

Nesse sentido, o efeito psicológico, a influência que a arte plasma sobre nós é bem perceptível. Seja em uma música, um filme, um livro literário, ou, ainda, uma pintura, a criação imagética dos seus autores, a fantasia, nos inquietam, perturbam e contagiam, seja por meio dos destinos dos heróis, paixões, alegria, até mesmo da desgraça, apesar de estarmos diante do inverídico e de invenções construídas pela fantasia.

Somos tocados, muitas vezes, por uma simples combinação de impressões externas, desencadeando um complexo de vivências e sentimentos de acordo com as experiências de cada um. Mergulhamos e entregamo-nos a sentimentos de dor, alegria, através do pulsar imagético que os sentimentos provocam e fazem emergir emoções outras que se manifestam em e através do nosso corpo.

Sobre a quarta forma de relação entre fantasia e realidade, Vygotsky (2018, p. 31) pondera que ela consiste no fato de:

[...] que a construção da fantasia pode ser algo completamente novo, que nunca aconteceu na experiência de uma pessoa e sem qualquer correspondência com objeto realmente existente; no entanto ao ser externamente encarnada, ao adquirir uma concretude material, essa imaginação “cristalizada” que se fez objeto, começa a existir realmente no mundo e a influir sobre outras coisas. Essa imaginação torna-se realidade. Qualquer dispositivo técnico – uma máquina ou um instrumento – pode servir como exemplo de imaginação cristalizada ou encarnada.

Assim, mediante à construção da fantasia como sendo algo novo sem que haja uma experiência prévia nos mostra que, a relação entre fantasia e realidade se consolida à medida em que o objeto criado pelo fantasioso, o imaginativo, realmente existe e/ou se torna cristalizado perante a linha de criação do ser humano.

Por fim, os produtos da imaginação retornam à realidade modificados, tornando-se completos, tanto o círculo da atividade criativa da imaginação, quanto a própria criação. Entretanto, é importante lembrar que não é somente na área técnica que esse círculo completo acontece. É possível constatar, também, sua existência no campo da imaginação emocional e na imaginação subjetiva. Assim, o sentimento e o pensamento movem as criações humanas, ou vice-versa.

Vygotsky (2018) demonstra que são sempre as percepções externas e internas a base da nossa experiência. Desse modo, quando uma criança vê e ouve, ela acumula material para suas posteriores criações fantasiosas. Além disso, se a vida não nos coloca diante de desafios, pouco ou nada se pode criar, pois a criação é, sempre, impulsionada por algo que nos incomoda, surgindo necessidades, anseios e desejos, logo só há criação imaginativa se há uma inquietação

prévia, pois não são as respostas que movem o mundo, e, conseqüentemente o homem, mas sim, as perguntas, o desejo de conhecer sempre mais.

Dessa forma, a atividade da imaginação depende da experiência, das necessidades e dos interesses, ou seja, da capacidade combinatória, da encarnação material e dos frutos da imaginação, que dependem, também, do conhecimento técnico e das tradições, sobretudo dos modelos de criação que influenciam a pessoa.

De acordo com Vygotsky (2018, p. 44):

[...] Nenhuma invenção e descoberta científica pode surgir antes que aconteçam as condições materiais e psicológicas necessárias para o seu surgimento. A criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores.

Conseqüentemente, isso explica o porquê, conforme Vygotsky (2018), de a classe privilegiada ainda deter o maior número de inventores, na área das ciências, na área técnica e no mundo das artes, pois possuem as condições necessárias para poderem criar.

Historicamente, podemos pensar em preceitos que possam fazer com que essa perspectiva mude de acordo com o tempo, já que o caminho da criação é livre e pode ser acionado pela imaginação provocativa, questionadora, inquietante e, mais que isso, fantasiosa e engenhosa para criar, criar e criar.

Théodule Ribot (1839-1916<sup>6</sup> *apud* Vygotsky, 2018, p. 44) menciona que:

Comumente, falam tanto do voo livre da imaginação, dos super poderes do gênio, que se esquecem das condições sociológicas (sem falar das outras) das quais dependem a cada passo. Por mais individual que seja qualquer criação, ela sempre será um coeficiente social. Nesse sentido, nenhuma invenção será estritamente pessoal já que sempre envolve algo de colaboração anônima.

Posto isso, a imaginação criadora não depende de talento e/ou de dons previamente estabelecidos. Engana-se quem acredita nesse pensamento, pois é presente para todos, em maior ou menor grau e constante no desenvolvimento infantil, a imaginação. Como vimos, a atividade da imaginação criadora é muito complexa e depende de uma série de múltiplos fatores em sua constituição.

Destacamos, pois, que os interesses da criança e do adulto são significativamente diferentes, e, por isso a imaginação de ambos se diferencia. Contudo, a criança é capaz de imaginar bem menos do que um adulto, mas ela dá “asas” aos produtos de sua imaginação e os controla em menor intensidade. Entretanto, a imaginação da criança é sempre julgada como

---

<sup>6</sup>VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

algo vulgar, irreal e inventado, com pouca significância, o que caracteriza como mais pobre, sem valor para os adultos.

Engana-se, contudo, quem ousa dizer que a imaginação de uma criança não alça voos por mundos possíveis. Sem medo de errar, a criança cria mundos e caminhos pelos quais o medo não impera, e, conseqüentemente, sua liberdade pelo campo da imaginação é fluida e abrangente à medida em que consegue criar, viajar e desvendar sua própria criação mediante suas condições de produção imaginativa sobre o que deseja imaginar.

Frisamos, em tempo, que a atividade da imaginação, na infância, inicia o seu declínio na adolescência. Isso acontece devido à própria fase pela qual o adolescente transita, a chamada fase de transição, caracterizada por contradições, transgressões e críticas demasiadas em relação a si. É na adolescência que a imaginação tem seu foco mudado, não é mais a capacidade de criar que está em jogo, mas sim, a fase de ponderações, taxações, críticas e postulações que estão arraigadas na sociedade que são primadas, assim como o desejo imaginativo se torna, agora de encaixe nos moldes estabelecidos à dita, idade da rebeldia, a adolescência.

Segundo Vygotsky (2018), esse processo pode ser observado quando a criança perde o interesse pelas brincadeiras infantis, bem como pelos contos de fadas. Inicia-se, nessa fase de transição, uma nova forma de imaginação por meio da criação literária.

Essa criação é estimulada pelas vivências subjetivas, pelo aprofundamento da vida íntima do adolescente, formando um mundo interno. O lado objetivo, entretanto, tende a encarnar-se em versos, narrativas e nas formas criativas que o adolescente percebe na literatura dos adultos que o cercam. Nessa idade de transição, a imaginação pode se manifestar como fuga para o sonho, para o mundo imaginário, afastando o adolescente do mundo real.

Por fim, Vygotsky (2018) menciona Théodule Ribot (1839-1916), ao concordar com a sua afirmação dizendo que “A imaginação criadora penetra com sua criação à vida pessoal e social, especulativa e prática em todas as suas formas; ela é onipresente” (VYGOTSKY, 2018, p. 59). Ou seja, é inevitável que tenhamos uma imaginação criadora trabalhando a todo momento, em tudo que vemos, ouvimos e sentimos durante nossa vida.

A imaginação e a criação mantêm uma relação intrínseca e inerente ao ser humano. Criar não é uma atividade fácil, além de proporcionar alegrias às pessoas, proporciona, conseqüentemente, sofrimento, na perspectiva de Vygotsky (2018). No entanto, é extremamente importante cultivar a imaginação criadora na idade escolar. Não devemos nos esquecer de que tudo o que existe e todo o futuro que ainda há de vir, vêm por meio da imaginação criadora do ser humano.

É imprescindível que todo o trabalho pedagógico, tanto da escola, quanto do professor, consista em direcionar o comportamento infantil e do adolescente para o desenvolvimento e ao exercício de sua imaginação criadora.

Proporcionar o ato de criar, especialmente com moldes à criação de uma personalidade imaginativa, pensada para o futuro, e, todavia, preparada pela imaginação criadora de alguém que a faça encarnada no presente, é acreditar que o ato da criação é para todos, não subjugando somente os chamados de gênios.

Este, talvez, seja mais um desafio do professor e mais uma função da escola.

#### **4.2 Nas águas claras, profundas e doces do imaginar: fogo, terra, ar, água com Gaston Bachelard**

*“Nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha...”*

(Gaston Bachelard)

Como é que a gente voa quando começa a sonhar, ou devanear? Devaneamos, nas águas claras, profundas e doce do imaginar de Bachelard (1998) forjada por sua alquimia dos quatro elementos com a força de seus arquétipos: fogo, terra, ar, água.

De outro modo, em “A Poética do Devaneio”, obra escrita em 1960, Bachelard devaneia por caminhos filosóficos, nos remetendo ao mergulho do despertar da imaginação tecida em uma imagem poética, alinhavada pela alquimia dos quatro elementos. Assim, se fecharmos os olhos já podemos sentir o trepidar do fogo, o escorrer da água, o cheiro da terra, o som do vento, eis, então! o devaneio Bachelardiano. De um jeito bem surreal, que aquece a nossa alma, reacende os nossos desejos, emoção, Bachelard (1998) destaca os sonhos e os devaneios como um jeito de pensar, sentir, aproximando imaginação e a razão, sendo estas dependentes no processo de criação, então, consideramos o ato de criar como sendo dependente do ato de sonhar.

Assim, ele próprio é um sonhador, um sonhador de palavras. Nas palavras de Bachelard (1998, p. 17):

Sou, com efeito, um sonhador de palavras, um sonhador de palavras escritas. Acredito estar lendo. Uma palavra me interrompe. Abandono a página. As sílabas da palavra começam a se agitar. Acentos tônicos começam a inverter-se. A palavra abandona o seu sentido, como uma sobrecarga demasiada e pesada que impede o sonhar [...] A palavra vive, sílaba por sílaba, sob o risco de devaneios internos [...] como não devanear enquanto se escreve? É a pena que devaneia. É a página branca que dá o direito de devanear.

O sonhador de palavras com o seu devaneio poético, Gaston Bachelard, filósofo francês (1884-1962), devaneia por meio do viés da fenomenologia da imaginação, plasmado pela alquimia imagética dos quatro elementos (água, terra, fogo e ar), provoca-nos à reflexão acerca da importância da imaginação para a compreensão do mundo e do ser humano, bem como sua relação com a educação e com a formação de professores.

Nessa perspectiva, Bachelard (1998) dedica um capítulo da sua obra, “A Poética do Devaneio”, para a infância, o que chamou de “Os devaneios voltados para a Infância”. Bachelard (1998) nos diz que “uma infância em potencial habita em nós”. Ou seja, segundo o autor:

Ao sonhar com a infância, regressamos à morada dos devaneios, aos devaneios que nos abriam o mundo [...] nos devaneios da criança, a imagem prevalece acima de tudo. As experiências só vêm depois. Elas são contra o vento de todos os devaneios de alçar voo. A criança enxerga grande, a criança enxerga belo. O devaneio voltado para a infância nos restitui a beleza das imagens primeiras. [...] as raízes da grandeza do mundo mergulham numa infância (BACHELARD, 1998, p. 97).

De acordo com Bachelard (1998), os sonhos que se têm na infância, projetam, evidentemente devaneios que abrem portas às perspectivas de mundo. A imagem, contudo, permanece no interior da criança e as experiências de vida aparecem somente depois, pois a criança projeta seu olhar para além, enxergando a beleza das coisas do mundo. Assim, podemos pensar essa relação entre a infância e as experiências de vida aliadas à criação, à imaginação, ao projetar-se para a beleza que habita o ser, o viver.

Desse modo, o poeta devaneia, trazendo o fogo, em sua memória, comentando que é sempre desse modo, como um fogo esquecido, que a infância pode ressurgir em nós. Para Bachelard (1998), um passado rememorado não é, simplesmente, um passado de percepções. Dessa forma, é por meio do devaneio que o passado é concebido como valor de imagem.

A imaginação vai pintando desde à origem os quadros que gostaríamos de rever, com cores e formas, até mesmo às coisas mais simples que nos cercam, nos permeiam. A memória e a imaginação são inseparáveis, como um jogo, disputam para nos devolver as imagens que se ligam à nossa vida.

Ainda em relação à memória e à imaginação, Bachelard (1998, p. 103) complementa:

[...] em suas solidões felizes, a criança sonhadora conhece o devaneio cósmico, aquele que nos une ao mundo. Ao nosso ver, é nas lembranças dessa solidão cósmica que devemos encontrar o núcleo de infância que permanece no centro da psique humana. É aí que se unem mais intimamente a imaginação e a memória. É aí que o ser da

infância liga o real ao imaginário, vivendo com toda a imaginação as imagens da realidade. [...] A cosmicidade de nossa infância reside em nós.

Bachelard (1998) nos provoca a uma reflexão mais aprofundada no que se refere à capacidade do imaginário da criança em guardar em sua psique humana devaneios que unem o real com o imaginário.

É por meio da imaginação e da memória que as imagens da realidade são processadas, e, com isso, as coisas do mundo são lidas, interpretadas e compreendidas à medida em que essa imaginação e essa memória são guardadas e acionadas quando necessário à leitura e vivência do mundo, seja na fase da infância, seja na adolescência e até mesmo na fase adulta. Imaginar não tem idade. A imaginação e a criação são livres!

É com fluidez poética que Bachelard (1998) pinta, vivifica e ressignifica a infância que habita em nós, como um jogo de tripla ligação: memória, imaginação e poesia. O autor dá ênfase à íntima relação entre a memória e a imaginação, entre o real e o imaginário, modeladas, por conseguinte, pela existência cósmica, a cosmicidade de uma infância que nos coloca diante da vida.

Na perspectiva de Bachelard (1998), a alquimia dos quatro elementos (água, terra, fogo e ar) é incorporada em seus pensares, sonhos, e, particularmente, em seus devaneios. São, com efeito, os elementos, voltados para a infância como arquétipos. Esses arquétipos estão presentes na base da alma humana, como por exemplo, o arquétipo do fogo, da água e da luz. Bachelard (1998) se refere, a esses arquétipos, como a água da criança, o fogo da criança, as árvores da criança, as flores primaveris da criança. Logo, a criança é o próprio cosmos. É criação, é imaginação, é devaneio.

Assim, ele toma cada arquétipo, enquanto reservas de entusiasmo que nos ajudam a acreditar no mundo, a amá-lo, a criar o nosso próprio mundo. Cada arquétipo é, desse modo, uma abertura, um convite para o mundo.

É perceptível que há uma ressonância dos arquétipos da infância e da cosmicidade, pois conforme afirma Bachelard (1998, p. 122):

[...] este é o fato fenomenológico decisivo: a infância, no seu valor de arquétipo, é comunicável. Uma alma nunca é surda a um valor de infância. Por mais singular que seja o traço evocado, se tiver o signo da primitividade da infância, soma das insignificâncias do ser humano, este tem um significado fenomenológico próprio, um significado fenomenológico puro porque está sob o signo do maravilhamento. Pela graça do poeta, tornamo-nos o puro e simples do verbo maravilhar-se.

Como um alquimista, Bachelard (1998) medita no devaneio poético da infância, despertando a cosmicidade da infância pela graça de um poeta, sempre a maravilhar-se. É com um olhar de pureza que o poeta devaneia para compreender o nosso apego ao mundo. Ele reúne, a cada arquétipo de uma infância, a nossa própria infância.

Então, Bachelard (1998) anuncia que não podemos amar a água, amar o fogo, amar a árvore, sem colocar, neles, um amor, uma amizade que remonta à nossa infância. Amamo-los como infância presente em cada um em nós.

Dito isso, faz-se necessário ressaltar que há uma diferença entre a noção de arquétipo, de Carl Gustav Jung (1985), e os complexos de imagens simbólicas dos elementos, de Bachelard (água, terra, fogo e ar). O arquétipo, em Jung (2000), são representações coletivas, essência do Inconsciente Coletivo.

Já as imagens poéticas de Bachelard (1991), são enaltecimentos individuais dos arquétipos coletivos. Nesse caso, há uma estreita relação com a subjetividade do sonhador, mantendo assim os arquétipos sempre vivos, poeticamente e imagetivamente.

Na concepção de imaginação de Bachelard (1991), os arquétipos de água, terra, fogo e ar são tomados como elementos de forças imaginativas, que vivificam as coisas da natureza. Concebem, também, outras forças imaginantes, essas que escavam, segundo ele, o fundo do ser, produzindo germes internos.

Bachelard (1991) rebela-se, ao afirmar que “A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade que cantam a realidade. É uma faculdade *de e sobre* humanidade” (BACHELARD, 1991, p. 16, grifos nossos).

Na estética de Bachelard (1991), existem dois tipos de imaginação: a imaginação formal e a imaginação material. A imaginação formal é baseada no olhar, na abstração, e, nesse sentido um olhar contemplativo e passivo do mundo. Através da imaginação formal, o homem se distancia do mundo, contemplando-o como um espetáculo.

Já a imaginação material, ao contrário, recupera o mundo e sua materialidade real, pois ele resulta do enfrentamento do homem com a resistência material das coisas que o cercam, a imaginação material é um convite à ação transformadora das coisas do mundo por meio e através do homem. Há, ainda, na estética de Bachelard (1991), uma experiência cognitiva visual (ou a imaginação dos olhos) e uma experiência cognitiva material (ou a imaginação das mãos).

Para Bachelard (1991), essa imaginação material e dinâmica, expressa através dos padrões recorrentes dos quatro elementos alquímicos (água, terra, fogo e ar), é a linguagem

primária do inconsciente. Com um olhar fenomenológico, Bachelard (1991) se distancia da tradição em relação à concepção de imaginação.

A imaginação, segundo postula Bachelard (1991), fundamentalmente criadora, é uma imaginação dinâmica que resulta do embate de forças, de um corpo a corpo com o mundo. Ou seja, é uma imaginação que tem origem na “mão feliz” que aceita a provocação de um mundo resistente e árido, entretanto, feliz por criar livremente, por unir trabalho e liberdade e por criar na liberdade de sua vontade emaranhada pela imaginação.

Segundo Bachelard (1991) o trabalhador-artista é possuidor de um onirismo ativo, um sonhador, que vê, no contato corporal com o mundo, a fonte inesgotável de devaneios intensos que se multiplicam numa proliferação ininterrupta de imagens materiais. Desse modo, a materialidade da imaginação se faz. O artista retorna à infância, pois a criança é um materialista nato. O artista da matéria e do corpo resgata, assim, a legitimidade do devaneio e o direito de sonhar, criar e imaginar.

Desta forma, na concepção estética e filosófica de Bachelard, pode-se distinguir duas imaginações: uma imaginação que dá vida à causa formal contemplativa e uma imaginação que dá vida a causa material criando e transformando tudo o que o cerca no mundo.

#### **4.3 Passarinho de toda cor, gente de toda cor, amarelo, rosa, azul me aceite como eu sou com Carl Gustav Jung**

*“Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta”.*

(Carl Gustav Jung)

Se os arquétipos habitam a alma, é para lá que vamos abrindo janelas e portas para um novo mundo. Do outro lado do mundo surge um raio de sol, acalantando a alma humana, abrindo janelas e portas para um novo mundo, o mundo do interior do ser humano.

Assim, sob uma energia cósmica, transcendente, mística, desponta, como um profundo investigador da alma humana, Carl Gustav Jung (1985), psiquiatra, psicoterapeuta, criador da psicologia analítica, que mergulha em direção à compreensão do *eu* e do *inconsciente coletivo*.

Jung (2000) nos deixa um legado de reflexões a respeito da construção e afirmação do *eu* e do *inconsciente coletivo* a partir da concepção e da percepção dos arquétipos em consonância com a vida e suas implicações em relação às imagens, sonhos, fantasias ao se materializarem a partir da escuta dos seus pacientes.

Conforme os pensamentos de Romanelli (2018, p. 30), a respeito dos preceitos de Jung (2000), nos revelam que:

Jung [...] considera que as tendências inconscientes têm um objetivo situado além da consciência humana. Isso faz desdobrar o conceito inicial de inconsciente em outros dois: inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. Enquanto na instância pessoal os conteúdos inconscientes que vêm à tona podem ser contextualizados em uma esfera de ação e pessoas, o inconsciente coletivo trabalha com imagens arquetípicas e primordiais que se referem aos conteúdos recorrentes nas mitologias, nas religiões e nas culturas de vários povos.

Romanelli (2018), ao trazer a perspectiva de Jung (2000), chama-nos a atenção a respeito do conceito de inconsciente, este que se dispõe em pessoal e coletivo, uma vez que as relações humanas permitem que o indivíduo desenvolva essa dualidade de processos ocorrentes na esfera psíquica. Ademais, tanto a esfera pessoal, quanto a coletiva, produzem efeito nas relações sociais, culturais, bem como políticas do homem.

Desse modo, Jung (2000), ao notar que vários pacientes descreviam imagem, sonhos e fantasias que incluíam referências que não poderiam ser sondadas em seus passados pessoais, percebeu que havia ali algo para além disso, uma relação intrínseca que emergia. Foi, então, que o autor observou que muitos desses elementos, narrados pelos seus pacientes, continham figuras e temas religiosos encontrados em diversas culturas e mitologias no decorrer da história.

Para Jung (2000), o inconsciente coletivo não está atrelado às experiências pessoais, e, portanto, não é adquirido individualmente. Diante disso, o autor faz a distinção: o inconsciente pessoal é representado pelos sentimentos e ideais reprimidos, desenvolvidos durante a vida de um indivíduo.

O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado por meio dos nossos ancestrais, sendo, ele, um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas por toda a história da humanidade.

Jung (2000, p. 32) pondera, ainda, que:

Do mesmo modo que o indivíduo não é apenas um ser singular e separado, mas também, um ser social, a psique humana também não é algo de isolado e totalmente individual, mas, em suma, um fenômeno coletivo. E assim como certas funções sociais ou instintos se opõem aos interesses dos indivíduos particulares, do mesmo modo a psique humana é dotada de certas funções ou tendências que, devido à sua natureza coletiva, se opõem às necessidades individuais.

Jung (2000) discute a respeito da pluralidade do indivíduo, pois, além de singular, é um ser social e que não é isolado, mas, sim, coletivo. Do mesmo modo como os indivíduos têm desejos particulares, a psique humana se vale de processos coletivos que se opõem à natureza

individual. Nesse sentido, eu sou *eu* e os outros em *mim*, sempre com as representações arquetípicas já que o indivíduo é um ser social.

Tendo em vista essa afirmação, trazemos o que Jung (2000, p. 46) compreende a respeito da análise dos sonhos de uma de suas pacientes:

[...] Aparecem sonhos e fantasias, que se revestem de um aspecto diferente. O “cósmico” parece ser um sinal infalível das imagens coletivas; as imagens de sonhos e fantasias são associadas ao elemento “cósmico”, tais como tempo e espaço infinitos, a enorme velocidade e a extensão dos movimentos, conexões “astrológicas”, analogias telúricas, lunares e solares, alterações nas proporções do corpo; etc. [...].

Desse modo, Jung (2000) percebe ao estudar a mente humana vários aspectos importantes que se relacionam com os sonhos e as fantasias. As imagens da ordem do coletivo, estão relacionadas ao que o autor denomina de cósmico. Ademais, esse elemento de cosmicidade é associado ao tempo e ao espaço, por possui conexão com os astros do espaço sideral.

Jung (2000, p. 46) segue analisando o caso e diz que:

[...] O aparecimento de motivos mitológicos e religiosos nos sonhos também indica a atividade do inconsciente coletivo. O elemento coletivo é anunciado muitas vezes por sintomas peculiares: [...] sonhos em que se voa através do espaço, a modo de um cometa, ou se tem a impressão de ser a terra, o sol ou uma estrela; ora se é extraordinariamente grande, ora pequeno como um anão; ou, como um morto, chega-se a um lugar estranho, num estado de alheamento, confusão, loucura, etc. Do mesmo modo, podem ocorrer sentimentos de desorientação, vertigem e outros semelhantes, juntamente com os sintomas de inflação.

Sendo assim, ao fazer essa observação, Jung (2000) constata que, o que se inscreve no âmbito da mitologia, aparece nos sonhos, pois estão presentes no inconsciente coletivo dos indivíduos. Nos sonhos, Jung (2000) afirma que é possível voar por entre o espaço como se fosse na velocidade da luz e, o mais interessante, é que a percepção de tamanho é relativa, uma vez que os elementos cósmicos, ora parecem gigantescos, ora significativamente minúsculos. Isso se dá, pelo fato da atividade do inconsciente coletivo proporciona um deslocamento tanto das coisas reais, do mundo e do que não pode ser palpável pelos indivíduos, mas podem ser imaginados por eles.

Parece-nos, conforme trazido por Jung (2000), que esses processos soam como meros devaneios entre passado e presente confundidos entre sonho, fantasia e realidade, quando na verdade não o é. Todavia, podemos pensar que essa relação com o cosmos se dá pelo processo

de criação das atividades do inconsciente coletivo a significar e produzir efeitos de sentido na interpretação e na compreensão do indivíduo a respeito das coisas do mundo.

O deslocamento, conforme o relato acima, quando se ressalta a respeito de viagens no tempo e no espaço sideral, podem ser interpretados como deslocamentos tangentes da imaginação e da criação que se projetam na produção de episódios extraordinariamente fantásticos, e, de certa forma, improváveis de serem realizadas fisicamente, mas que têm, sua materialização, na ocorrência efetiva do imaginário, já que a imaginação tudo pode fazer, tudo pode realizar, basta imaginar.

Jung (2000) traz à tona um olhar mítico, cósmico e esotérico, ao analisar o sonho como uma obra divina, dado à importância desses processos como elemento imagético, especialmente por indicar atividade do inconsciente coletivo, onde os arquétipos tomam vida. Logo, o inconsciente coletivo, então, pode ser compreendido como um banco de imagens latentes, chamadas de arquétipos ou imagens primordiais.

É dessa forma que Jung (2000) contribui para compreendermos a importância do imaginário e da fantasia por meio dos sonhos e a materialização dos arquétipos no cotidiano de qualquer indivíduo socialmente constituído em determinado contexto histórico e social. Nesse sentido, tanto os sonhos, quanto os arquétipos exercem demasiada importância para a resolução de conflitos de ordem psíquica do ser humano ao provocar a imersão do indivíduo em si mesmo, articulado pelo eu e pelo consciente coletivo, e, desse modo, por meio dos sonhos, as fantasias e imagens imergem entrelaçadas pelos arquétipos.

Aqui não se trata de um conceito imagético, mas, sobretudo, trata-se de uma vida construída e reconstruída onde a imagem e a fantasia são vinculadas ao sonho com a presença dos arquétipos, não obstante, também, são tomados como elementos terapêuticos na busca do autoconhecimento, da libertação e da afirmação de “si mesmo” ou individuação, como designou Jung (2000).

De acordo com Jung (2000, p. 17):

Os sonhos contêm imagens e associações de pensamentos que não criamos através da intenção consciente. Eles aparecem de modo espontâneo, sem nossa intervenção e revelam uma atividade psíquica alheia à nossa vontade arbitrária. O sonho é, portanto, um produto natural e altamente objetivo da psique, do qual podemos esperar indicações ou pelo menos pistas de certas tendências básicas do processo psíquico.

A contribuição de Jung (1985) ao explicar a respeito dos sonhos, nos soa pertinente quando o autor pondera sobre as imagens e associações de pensamentos criados por meio da intenção do consciente. É pertinente discutir sobre esse processo que ocorre no interior da mente

do indivíduo, uma vez que esses episódios criados pela mente emergem de maneira arbitrária, e, muitas vezes, contra a nossa vontade, mas que permeiam o ser e significam as coisas da vida do ser humano de forma natural. Ademais, por ser um produto estritamente natural da mente humana, o sonho está presente durante todo o percurso da vida do ser humano e não pede permissão para acontecer, ele apenas ocorre.

Jung (2000) considera, ainda, que o sonho é entendido como qualquer outro processo vital e não se consagra enquanto uma simples sequência causal, por exemplo, mas, sobretudo, um processo que tem raízes nas orientações teológicas. Desse modo, o autor verifica que devemos esperar, em suma, que os sonhos nos “forneçam certos indícios sobre a causalidade objetiva e sobre as tendências objetivas, pois são verdadeiros autorretratos do processo psíquico em curso” (JUNG, 2000, p. 17).

A nossa intenção foi demonstrar de que forma a psicologia analítica, criada por Jung (2008), ao longo de sua experiência como psicoterapeuta analítico, por meio da escuta de pacientes com problemas patológicos ocupa-se da imagem e/ou do imaginário e da fantasia, plasmados pelos sonhos ora materializados pelos arquétipos, ora por processos diversos da psique humana.

Tratamos de forma mais detalhada, dos conceitos Junguianos em uma outra sessão, uma vez que comentaremos a respeito dos arquétipos presentes nos contos de fadas e a sua relevância na/para a construção da individuação do Ser e da relevância da imaginação como aporte à compreensão do desenvolvimento da personalidade da criança.

#### **4.4 Nas asas do dragão com o menino Rudolf Steiner**

*“A nossa mais elevada tarefa deve ser a de formar seres humanos livres que sejam capazes de, por si mesmos, encontrar propósito e direção para suas vidas”.*

(Rudolf Steiner)

Com uma varinha de condão carregada de magia e encantamento, o filósofo Rudolf Steiner (2000), criador da Pedagogia Waldorf e da Antroposofia, é quem nos guiará, em suas asas de dragão, à visão cosmológica da imaginação. Na concepção Steiriana, a Antroposofia é um modo de observar, entender o mundo, e, sobretudo, o homem, ou seja, ela se ocupa por estudar a relação do homem com todos os seres, assim como do homem para com o outro.

Desta forma, Steiner (2012) se vê inspirado nessa conexão do mundo e do homem, considerando que ambos estão, sempre, em processo de expansão, de forma que o corpo, a mente, o espírito e o ‘eu’ se manifestam como teias que se entrelaçam, reverberando o pensar, o sentir, e o querer; coroados por uma energia anímica, que faz toda a diferença na compreensão do desenvolvimento da aprendizagem do ser humano, especificamente, por exemplo, das crianças que frequentam a escola Waldorf.

Desse modo, Steiner (2012), como um rei, encanta o mundo e a vida por meio de suas próprias vivências e ideias, anunciando, para o mundo, tudo aquilo que dizia ter experimentado, sua vida era o seu laboratório, dizia. Steiner (2012) nos presenteia com alento à esperança de que é possível unir Ciência e Religião, considerando a essência divina do homem, assim como suas relações que perpassam os meandros destes dois campos de conhecimento.

Nesse sentido, a Pedagogia Waldorf concebe o homem como uma unidade harmônica físico-anímico-espiritual, e, a respeito desse princípio, fundamenta toda a prática educativa, abrangendo, com efeito, todas as dimensões humanas, que estão em íntima relação com o mundo. A Pedagogia Waldorf explica e fundamenta o desenvolvimento dos seres humanos segundo os princípios gerais evolutivos que compreendem às etapas dos sete anos, denominadas de septênios.

Cada um dos septênios possui uma meta a ser cumprida e uma metodologia específica a ser alcançada. O enfoque artístico, ou seja, a arte, é a essência da base curricular da Pedagogia Waldorf. É por meio da arte que se perpassam as outras áreas do conhecimento, desfazendo a rigidez e a racionalidade das disciplinas, especialmente as mais exatas, com a inclusão de vivências estéticas.

De acordo com Lanz (2016, p. 135):

[...] a importância das matérias artísticas, que apelam ao sentimento e à ação do aluno: ele tem de fazer algo com as mãos ou outras partes do corpo – tem de criar algo que seja resultado de sua fantasia, usando à vontade, a perseverança, a coordenação psicomotora, o senso estético. Por isso, essas matérias têm alto valor pedagógico e terapêutico, quando exercitados com regularidades.

Lanz (2016) chama à atenção às atividades desenvolvidas na fase da infância que acionem a fantasia da criança, uma vez que se torna fundamentalmente importante, o desenvolvimento de disciplinas que emanem valores psicológicos e terapêuticos, no sentido de exercitar regularidades psíquicas e corporais da criança que está a explorar as coisas do mundo por meio da curiosidade, da criação, do questionamento e da fantasia proporcionada pela imaginação.

A Pedagogia Waldorf, além de ter, enquanto missão, o caráter pedagógico social, tem, também, a arte, como fonte de inspiração, bem como a imaginação e a intuição, despertando a sensibilidade de crianças e jovens, no sentido de enxergar o mundo de forma artística, como obra de arte, por meio de vivências estéticas, naquilo que, a priori, a arte e o enfoque artístico podem oferecer como devoção presente na contemplação.

Assim, Steiner (2012) explica, pelo viés da Antroposofia, como memória, fantasia e imaginação atuam no desenvolvimento do conhecimento pelo ser humano, fundamentando-se em uma pedagogia da espiritualidade e/ou espiritual, conforme o autor denominou.

Posto isso, a pesquisadora Romanelli (2017, p. 104) nos diz que:

A visão anímica humana acontece, na visão Steiriana, como produto de duas forças antagônicas existentes no Cosmos: A antipatia e a simpatia. Ao nascer, a entidade humana entra no mundo físico em virtude da ação das forças de antipatia, geradas no mundo espiritual. A existência dessas forças se reflete nas atividades representativas da alma humana. Essa representação possibilita a formação das imagens pelo ser humano, durante sua existência física, a partir do momento do nascimento.

Segundo Romanelli (2017), podemos compreender, com efeito, que a relação entre o mundo espiritual e o mundo humano, material, possui relação intrínseca às atividades geradas pela alma humana após o nascimento. Ou seja, tem a ver com a formação do imagético que, somado a essas duas forças, em atrito, dão origem/vida às percepções de mundo.

A vida se retrata no tempo, um tempo representado por duas forças antagônicas, antipatia e a simpatia. Para Steiner (2012), o pensar está relacionado à antipatia, ou seja, é esse estado de observação sensorial, onde o observador se afasta do objeto para melhor enxergar, observar, pensar, lembrar do objeto que está fora de si. Isso se deve ao fato de que o conceito e a representação mental exigem distanciamento, e esse movimento, Steiner (2012) denominou como sendo a antipatia.

A força da antipatia, segundo Romanelli (2017), surge no momento da concepção e do nascimento do indivíduo, no instante em que entra em contato com o mundo físico, em decorrência da ação das forças de antipatia, fecundadas no mundo espiritual. Essas forças refletirão em toda existência humana, de forma que essa representação possibilitará a formação de imagens pelo ser humano.

Em relação às forças de simpatia, Romanelli (2017, p. 104), pautada na perspectiva de Steiner (2012), postula que elas:

[...] geram à vontade, que como germe, está pronta a atuar durante toda a vida até a morte. A vida dos sentimentos da entidade humana existe, então, a partir dessa

alternância contínua, como sístole e diástole, entre simpatia e antipatia. A memória também acontece em virtude das forças de antipatia.

A vontade e o querer, por exemplo, nos lançam para o futuro, assim, atrelamos a nossa vontade por um sentimento de simpatia. Se a memória só acontece em virtude do sentimento de antipatia, de outro modo, a fantasia nasce pelas forças da simpatia. Romanelli (2017) salienta que, para Steiner (2012), o conteúdo conceitual nasce da memória, como da fantasia, nasce a imaginação, sendo estas últimas emanadas do sentimento de vontade.

Desse modo, a partir dessas forças antagônicas da antipatia e da simpatia como uma espécie de jogo entre representação mental e a vontade ou o querer vão se constituindo a memória, a fantasia e a imaginação do indivíduo para com as coisas ao seu redor (ROMANELLI, 2017).

Desse modo, apresentamos um mundo em um grão, cheio de fantasia, imaginação, memória e sonho, devaneios, por diferentes perspectivas de pensadores como Vygotsky (2018), com seu aporte teórico embrenhado da visão do materialismo sócio-histórico, Bachelard (1991) pelo viés de devaneios poéticos fenomenológicos, Jung (2000) por meio da psicologia analítica e Steiner (2012) inspirado pela cosmovisão antroposófica nutrindo nossa alma.

Na travessia das postulações teóricas de Vygotsky (2018), Bachelard (1991), Jung (2000) e Steiner (2012), foi possível mensurarmos, embora em tempo distantes que todos habitaram o mesmo universo, semearam em cada gesto poético da palavra o direito de todo ser humano de criar, libertar das amarras culturais, sociais, emocionais, psicológicas, onde a arte, o outro, a experiência, a memória, a imaginação, a fantasia, o sonho, o devaneio nosso de cada dia e os arquétipos exercem grande influência no nosso jeito de ser e estar no mundo.

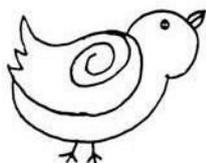
Na medida em que enfrentamos diariamente a fúria do ‘dragão interno’ sonhamos com a delicadeza das fadas e sentimos o cheiro da poção mágica do caldeirão das bruxas, personagens que habitam em nós, assim construímos caminhos em busca de nós mesmos pelo direito de sonhar, imaginar, fantasiar, criar.

Ademais, compreende-se com os preceitos teóricos discutidos e sustentados pelos autores desta seção que, o fato de estimular a imaginação criativa na criança, ainda na fase da infância, possibilitará que ela desenvolva sentimentos experimentais e fantasiosos, bem como sonhos que exercerão influências positivas na forma como o ser humano enxergará as coisas do mundo, com efeito, a partir dos sentimentos de empatia, em observância aos aspectos mentais humanos emanados das relações sociais e psíquicas do homem, em suma, na sua relação com o outro.

**Figura 1** – Frase de Manoel de Barros sobre a imaginação<sup>7</sup>

*Eu queria crescer pra passarinho...*

*Manoel de Barros*



Fonte: Pinterest, 2021.

#### **4.5 Da poção da alma: fantasia em ordem, coração tranquilo com Carl Gustav Jung**

Fomos abduzidas pelos voos da fantasia. E, voamos no sentido de compreendermos a importância da fantasia para o desenvolvimento integral da personalidade da criança em idade escolar, pois há muita sobreposição entre imaginação e fantasia, o que requer uma explicação mais detalhada, uma vez que ao contarmos histórias deparamos com contos de fada e lendas, que parecem inacreditáveis por causa de seus poderes surreais, são considerados produtos da fantasia fértil de nossos antepassados.

A fantasia é necessária para a aventura de estar, ser, no mundo: relembrando a infância, talvez uma das imagens mais vivas, muitas vezes, o momento especial em que alguém conta uma história. Seja um avô, uma avó, um tio, uma tia, um irmão mais velho, a mãe, o pai, professor(a), enfim, pessoas queridas que se dispõem a parar as suas ocupações para abrir um círculo mágico em envolta de um tempo fora do tempo. Com fluidez, encantamento uma voz narra do tempo que os animais falavam, tinham vida e raciocínio, de um animismo constante nas histórias, uma casa de doces escondida dentro de uma floresta, como no conto de fada de João e Maria ou de um castelo onde um príncipe que sonhava com a dona de um pequeno sapatinho perdido. Seria, então, a fantasia um produto da imaginação?

Jung (1985) sempre desenvolveu o interesse e o trabalho sobre as fantasias a partir de sua própria vivência pessoal, principalmente após o rompimento com Freud, quando passou por uma intensa perturbação emocional. Naquele momento, percebeu seu desconhecimento a respeito do que lhe ocorria e optou por deixar que essas fantasias e visões fluíssem livremente.

---

<sup>7</sup> PINTEREST. **Arte Neoconceitual**. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/8585055513720519/>> Acesso em: 20 jan. 2021.

A priori Jung (1985) lidou com essas fantasias como se fossem patológicas, só posteriormente a considerou importante, passou levar a sério, percebeu que esse trabalho gerava mudanças no psiquismo e a reconsiderou como sendo algo potencialmente saudável, interessante e instigante. Assim, também, passou analisar os seus pacientes que ora e outra eram acometidos pela fantasia que, aparentemente não estavam nem despertos e nem adormecidos, entretanto, a fantasia estava ali como um remédio para alma.

Em sua obra “A natureza da psique” Jung (2000, p. 312) refere-se a fantasia a partir das observações feitas em seus pacientes:

Diversos é o que se passa com as fantasias espontâneas. Geralmente elas assumem uma forma mais ou menos composta e coerente, e frequentemente contêm elementos claramente significativos. Alguns pacientes são capazes de produzir fantasias em qualquer tempo, deixando que elas “surjam” livremente eliminando a atenção a crítica.

Nesse sentido, podemos considerar as observações feita por Jung (2000) em momentos de terapias junto aos seus pacientes que, a fantasia é oriunda do inconsciente, é espontânea, surgindo a qualquer momento, não necessita de esforço, adapta a realidade, é livre de crítica ou seja, de julgamento.

No livro “O desenvolvimento da personalidade”, Jung (2013) dedica uma parte do seu trabalho ao estudo da Psicologia Infantil, também como a “Psicologia Analítica e Educação”. Nesse sentido, A Psicologia Analítica trouxe brilhante contribuição à educação, relevantes questionamentos, reflexões, particularmente chamando atenção especial para algo muito importante, tanto na teoria como na prática acerca da fantasia infantil.

E, por falar em teoria e prática em relação a fantasia infantil, Jung (2013) relata que certo dia foi procurado por um pai, na oportunidade o pai queixava de sua filha com idade 3 anos de idade, ora e outra a criança fazia questionamentos um tanto perturbador à sua idade. No entanto, Aninha como foi chamada por Jung, segundo ele a garota usava de sua intuição e vivacidade intelectual. Jung, então, a considerou importantes a serem observadas, especialmente por ser uma criança sadia e bem disposta, de índole um tanto temperamental, porém sem problemas de ordem neurológica.

Foi assim, segundo Jung (2013), por volta dos três anos, ela começou a fazer perguntas e a manifestar desejos fantasiosos. Certa vez, a garota em um diálogo com a avó onde aparentemente o foco do questionamento tratava-se da morte. No entanto, para Jung (2013), foi a forma que Aninha encontrou bem oportuna para resolver um problema provisoriamente. Uma vez que, há algum tempo vivia perguntando à mãe se algum dia ela não poderia ter uma boneca

viva, uma criancinha talvez um irmãozinho. Assim, seguia normalmente as perguntas as cerca da origem dos bebês, da vida. As perguntas de Aninha, surgiam de maneira espontânea e sem despertar atenção, os pais não lhes davam grande importância. Certo dia, os pais lhe deram a explicação jocosa de que os bebês eram trazidos pela cegonha relata Jung (2013).

Conforme com Jung (2013, p. 13) “É mesmo costume generalizado dar-se pouco valor ao que dizem as crianças; em qualquer fase de idade, são elas consideradas ainda irresponsáveis no tocante às coisas essenciais, enquanto que as coisas sem importância são treinadas até a perfeição de autômatos”. Normalmente, é assim que nos comportamos enquanto pais, adultos, professores ao sermos indagados pelas crianças, não damos devida importância as perguntas aparentemente bobas, sem sentido e acabamos muitas vezes respondendo sem dar a menor importância ao que foi questionado.

De acordo com Jung (2013, p. 14) Aninha prossegue com seus questionamentos sempre em torno da vida, como: “Por onde sai o bebê? “Como é que a mãe tem filhos, mas nem a ama-seca nem as empregadas da casa os têm? Um dia, apareceram laranjas à mesa como sobremesa. Impaciente, Aninha começou a reclamar e disse: ‘Vou pegar uma e engoli-la inteirinha até que chegue à barriga, e depois vou ter um bebê’”. Imediatamente, Jung (2013) ao ouvir esse comportamento de Aninha se recordou de fábulas em que mulheres sem filhos passam a engravidar após terem comido frutas, peixes ou outras coisas.

Nesse sentido, Jung (1985, p. 24) destaca que:

Desse modo procurava Aninha resolver o problema a respeito de como os bebês propriamente entram no corpo da mãe. E com isso adotou ela uma maneira nova de interrogar, que até agora não foram formuladas com tanta precisão. A solução apresentada na forma de uma alegoria, tal como é o específico do pensamento arcaico infantil. (o modo de pensar na forma de alegorias ainda perdura no adulto, na camada imediatamente abaixo da consciência).

As alegorias são muito significativas, o sonho faz com que elas cheguem ao limiar da consciência, conforme Jung (2013) disse, além disso pode-se encontrar essas alegorias infantis nas fábulas. As fábulas, segundo ele, parecem ser muito infantis e encerram por isso, além de outros significados, também a mitologia desenvolvida pela criança a respeito dos processos sexuais. Enfim, em sua análise expõe que a poesia das fábulas exerce um encantamento também sobre os adultos, isso significa, que permanecem vivas no nosso consciente.

Dito isso, Jung (2013) comenta que Aninha segue fazendo perguntas mirabolantes para os pais, agora com já com 5 anos de idade. Entretanto, o inconsciente, nunca desistiu do

interesse pelo enigma da criação do ser humano. Apesar de Aninha conhecer uma série de fatos importantes sobre a sexualidade, não foi observado nenhum efeito prejudicial, nem sobre a atitude moral nem sobre o evoluir do carácter, disse Jung (2013), entretanto, para ele no ponto de vista terapêutico foram muitos salutares.

Embora, Jung (2013, p. 32), declara não ser partidário do esclarecimento sexual das crianças na escola, nem mesmo de qualquer esclarecimento generalizado e indiscriminado, porém apresenta a conclusão de que “É preciso que tomem as crianças assim como elas são de verdade, e não como gostaríamos que fossem. Então cumpre, na educação, seguir as linhas naturais do desenvolvimento, sem ater-se a prescrições já caducas”.

Relatamos, mesmo que de forma abreviada os momentos terapêuticos entre Jung (2013) e Aninha, com a intenção de trazermos à tona a questão da fantasia, que entre uma pergunta e outra Aninha recorria a fantasia para compreender e ser compreendida quanto ao enigma da criação humana. Jung (2013), explica que embora Aninha tenha recebido esclarecimento, parece que as crianças demonstram tendência a dar preferência a alguma explicação fantasiosa.

Para Jung (2013, p.32) multiplicam os casos de crianças que preferem qualquer teoria fantasiosa, em consequências dessas observações e de outras semelhantes. Vejamos o que diz:

[...] veio-me o pensamento, se justamente a explicação fantasiosa ou mitológica, a preferida pela criança, não seria por isso mesmo mais indicada do que a fornecida pela ciência natural. Esta última, apesar de corresponder aos fatos reais, encerra em si a mesma a ameaça de fechar de modo definitivo as portas da fantasia. No caso relatado acima, as portas da fantasia não foram definitivamente fechadas porque a fantasia simplesmente pôs de lado a explicação da ciência.

A partir de casos como o da Aninha, onde o jogo de faz de conta, da fantasia, estava sempre presente nas soluções dos conflitos que a garota procurava do seu jeito resolver, Jung (2013) então, traz a luz questões como:” Será que o esclarecimento causou prejuízo às crianças? ao contrário, segundo ele; as crianças se desenvolveram de modo sadio e normal. Os problemas que surgiram em determinada época foram resolvidos. A atividade da fantasia não foi prejudicada no mínimo, também não enveredou por algum caminho que de qualquer modo pudesse ser tido como anormal conclui.” (JUNG, 2013, p.34)

Considerando as observações feitas por Jung (1985), compreendemos que a fantasia é produto do inconsciente, sendo um pensamento espontâneo. Deste modo, percebemos o quanto Aninha a todo momento fez uso dele, o que a ajudou a emancipar da realidade dos fatos e

construir seu próprio mundo. No entanto, às vezes o inconsciente nos apresenta seu lado desfavorável e perigoso quando as fantasias surgem com exagero, confundindo e desviando a atitude consciente. Ou seja, a fantasia não pode ser usada como substituto da vida real e muitas vezes o inconsciente é sentido perigoso para alertar sobre a necessidade de se voltar para as exigências da vida.

A perspectiva Junguiana em relação a fantasia por meio dos relatos de Aninha, nos levou a refletir mais profundamente a respeito da importância da contação de histórias, seja por meio de contos de fadas ou outras histórias como um recurso fundamental no sentido de potencializar ainda mais esse pensamento espontâneo. Outrossim, um recurso necessário para o processo do desenvolvimento humano, uma vez que favorece imagens simbólicas com as dimensões mais profundas da Psique. Desta forma, por meio da contação de histórias de contos de fadas ou outras histórias adentramos magicamente na penumbra misteriosa do nosso inconsciente, logo é, condição básica para se conhecer o significado da vida.

Daí, a importante contribuição da contação de história, seja de contos de fadas, mito, lendas, fábulas e outras histórias, pois falam a linguagem da alma, por serem similares aos sonhos e as nossas fantasias. Para finalizar, trago a fala de Jung (2013) bem oportuna, para por fim, compreendermos a função da fantasia e a necessidade de potencializá-la por meio da contação de histórias. Fantasiemos, solte sua fantasia e ouçamos que “Não é que a realidade talvez seja ignorada, mas é que isso é apenas negado, justamente porque é preferida a explicação mitológica, visto ser ela que libertou os homens da realidade concreta dos sentidos” (JUNG, 1985, p.34).

Por fim, percebemos que a fantasia é a força criativa do espírito humano, é por meio da fantasia criadora e da força da imaginação que o ser humano libera suas amarras existenciais. Assim, a criança como Aninha e tantas outras misturam muito fantasia com realidade, desejo com fato, elevando ao viver lúdico do brincar, do faz de conta. Ela prefere, muitas vezes, a explicação fantasiosa que, embora não corresponda aos fatos reais, participa da busca do significado no desenvolvimento do pensamento.

Ressaltamos que ao emancipar-se da realidade dos fatos, a criança constrói um mundo imaginário que é próprio da infância e corresponde a uma carência interna do ser humano expressiva. Naturalmente, a criança aprende as fronteiras entre a realidade e a fantasia e vai aos poucos diminuindo, entretanto, a função da imaginação permanece, sendo um recurso importante para a vida.

#### 4.6 Pelos poderes da fantasia, pelo poder de voar: Rudolf Steiner e a Pedagogia Waldorf

*"Eu gosto do absurdo divino das imagens."*

(Manoel de Barros)

Pelo poder do voar ao mundo da fantasia, permita-se entrar nesse mundo, permita –se também sair ao encontro de si mesmo. A priori, permita-se conhecer acerca de como tudo começou. Prepare seu coração para ouvir, sentir, o que iremos contar, pois é, a Ciência espiritual de Rudolf Steiner (2000), plasmada nos fundamentos da pedagogia Waldorf, fundada por ele, mergulha fundo nas águas escuras, profundas, da psicologia analítica Junguiana trazendo à tona questões como: Imitação, arquétipos, fantasia, imaginação, individuação e a relação dos contos de fada no processo do desenvolvimento integral do ser humano, constituem a luz para o caminho de um ser com mais plenitude e feliz.

Para Steiner (2000) esta busca é feita através da educação para as crianças e jovens e da autoeducação para os adultos. Nesse sentido, a arte na Pedagogia Waldorf, traz o equilíbrio entre o ser e o não ser e o vir a ser, destacamos, então, a priori a arte de narrar histórias, seja qual for, por meio de contos de fadas ou outras histórias é uma forma de educar a fantasia, uma educação imagética que impulsiona a força da fantasia para que ela se transforme em imaginação criadora, é o que norteia a nossa percepção por ora.

Destarte, Romanelli (2017, p.105):

[...] para Steiner, a fantasia quando é recebida de forma suficientemente intensa – o que, segundo ele, na vida comum, acontece apenas inconscientemente – assume um vigor que a faça a permear todo o ser humano, possibilitando que ele vivencie as imaginações comuns, pelas quais são representados os objetos exteriores. Steiner afirma, então, que o conteúdo conceitual nasce da memória, como da fantasia nasce a imaginação, sendo estas emanadas da vontade.

Cabe aqui, destacar a importância da narrativa de contos de fada ou outras histórias para que esse processo imagético plasme com toda força o mundo da fantasia, feito poesia provocando simplicidade, espontaneidade que brota magicamente do SER criança. Steiner (2012, p.15) menciona que; durante toda a vida, aquilo que se expressa nos contos de fadas passa pelas mais profundas vivências da alma. Só que o conto de fadas, no que se refere à vivência e ao dá origem à vivência, é uma livre expressão imagética, muitas vezes até lúdica.

Percebe-se que uma educação imagética nutrida pela narrativa de contos de fada, emana e deixa fluir a fantasia guardada nas profundezas do inconsciente da criança, tomando forma como alimento que produz mais sabor à imaginação.

Conforme, Steiner (2012, p.24) “Diante de nenhuma outra obra de arte, a não ser dos contos de fadas, sentimos realmente uma tão íntima alegria com as imagens espontâneas, tendo, porém, uma noção das mais profundas vivências anímicas, das quais nascentes tais contos”. A narrativa de contos de fada são, segundo Rudolf Steiner (2012), um tesouro espiritual da humanidade. Fruto de vivências primordiais da existência humana, sua atuação tem um efeito inconsciente na alma ao resgatar, por meio de imagens significativas, como: a fantasia, imaginação.

Por esse motivo, pessoas de todas as épocas, principalmente crianças, sempre reconheceram neles, embora de modo inconsciente, algo afim com sua própria alma. Reis, princesas, anões, gigantes – todas estas imagens – correspondem a profundas realidades interiores do homem. Lanz (2016, p.49) narra qual é a chave de ouro da educação Waldorf:

A chave de ouro da educação durante o segundo septênio consiste, pois, em trabalhar com os sentimentos da criança, em apelar à sua fantasia criadora e em aumentar essas forças com imagens que as fecundem e elevem. Deve-se proteger o jovem contra todas as imagens perniciosas que possam vir de fora e principalmente, contra tudo o que possa arrefecer a intensidade de seus sentimentos.

Obviamente, uma pedagogia que recebe carinhosamente a menção de ser a pedagogia do coração, é esperado o seu acolhimento, afeto, zelando para que todas as abstrações, conceitos sem vidas e raciocínio intelectuais, que não potencializam à fantasia da criança, não alimenta as forças sentimentais, ao contrário, destroem, murcham, ressecam, então, esse tipo de educação deve ser banida. Logo, o apelo é de afastar o ensino somente intelectualizado, pois, esse pode trazer sequências desastrosas, irreparáveis, embora a maioria dos ensinamentos modernos defenda esse tipo de educação.

A Pedagogia Waldorf se difere das demais pedagogias justamente por oportunizar à criança experimentar o mundo, saboreando-o como parte de si mesma, com a alegria do estar presente, o encantamento do conseguir fazer e o deslumbramento das descobertas, por meio de narrativas dos contos de fada e outras histórias a criança compartilha todo o seu ser com o que a rodeia. Suas imagens e explicações sobre tudo estão permeadas de fantasia porque para ela o mundo ainda é pura magia. Por ser assim, uma produtora de encantamento, a Pedagogia Waldorf despertou o nosso interesse por promover a relação entre arte, sensibilidade e intuição, fantasia, imaginação, individuação, humanização por meio da narrativa de contos de fadas

semeando uma educação imagética, colhendo a fantasia, encarnando a imaginação de forma lúdica.

Por fim, parodiando o poeta Manoel de Barros: No descomeço era fantasia. Só depois é que veio o delírio do verbo imaginação. O delírio do verbo fantasiar estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos. A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som. Então, se a criança muda a função de um verbo, ele delira. Eis, aqui a nossa descoberta o verbo tem que pegar delírio para imaginar.

## 5. PALAVRAS DE PASSARINHOS

*“Pois minha imaginação não tem estrada.*

*E eu não ando mesmo da estrada.*

*Gosto do desvio e do desver.*

*Palavra de passarinho”.*

(Manoel de Barros)

Com o intuito de ampliar a percepção do *ver* e do *desver* do fenômeno que foi pesquisado e posteriormente é analisado, trazemos a contribuição da Psicologia Analítica de Jung (2013) como um caminho para o entendimento da importância da Arte de Contar Histórias, bem como, de compreender como as imagens arquetípicas, contidas nos contos e mitos, atuam na psique humana; em especial, na infância, fase em que, aos poucos, os arquétipos são impressos pelo viés dos contos de fadas e dos mitos, através da imaginação, da memória e fantasia.

Entretanto, primeiramente é necessário conhecermos os conceitos Junguianos, entre eles, os de individuação, símbolo, arquétipos, intuição, consciente e inconsciente, anima *animus* e si mesmo. Desse modo, fazemos um breve apontamento da relação entre a perspectiva Junguiana e os arquétipos vinculados ao inconsciente coletivo. Complementamos essa trajetória dialogando com Bruno Bettelheim (1980), utilizando para esse fim, sua obra intitulada ‘A psicanálise dos contos de fadas’, na qual o teórico compreende as razões, as motivações psicológicas, os significados emocionais, a função do divertimento, assim como a linguagem simbólica do inconsciente que estão subjacentes nos contos infantis.

Tecemos, com efeito, a respeito de outros aspectos dos contos, do ato de contar e ouvir histórias, sob uma perspectiva que os considera além de um entretenimento artístico, sobretudo, como uma fonte terapêutica inesgotável, mensurando o quanto as histórias tem um papel curativo, tendo em vista que uma história inspiradora pode transformar, tanto os ouvintes, quanto aquele que as contam. Nessa perspectiva, a imaginação, por intermédio dos contos e mitos, oportuniza infinitas possibilidades para tratar e retratar feridas internas e alguns conflitos ao longo da existência humana.

Ao abordar essa questão, recorreremos à pesquisadora Susan Perrow (2013) que relata experiências de histórias curativas para comportamentos desafiadores a partir da psicologia analítica. Evocamos, ainda, Nancy Mellon (2006) para acender uma fogueira em seu coração à

entrega da magia do poder, do mito e das histórias para despertar e curar as energias físicas e espirituais transformadoras de vidas.

### **5.1 Fia, fio a fio, fino fio, frio a frio e a psicologia analítica junguiana**

Psicologia Analítica foi o nome designado por Jung (1985) para abranger todo o seu sistema teórico, que tem como base, raízes profundas voltadas à compreensão da existência humana. Segundo consta, Jung (1985) foi um pesquisador de suas próprias experiências no que se refere à investigação do inconsciente, tudo o que acontecia com ele, incluindo os seus sonhos, fantasias e intuições, que para a maioria das pessoas passaria despercebido, era, para ele, uma fonte de pesquisa e análise na busca de compreensão de si mesmo e do sentido da vida nas relações com o social.

Jung foi um pensador extremamente intuitivo, além de místico, sempre se interessou pelos fenômenos psíquicos. Ademais, o pesquisador mergulhou no mais profundo de sua alma, conectou-se com seu inconsciente e buscou inspiração e coragem para mudar a face dos estudos em psicologia.

Ponderamos, assim, alguns conceitos da psicologia analítica que nos ajudarão a elucidar esta pesquisa por serem relevantes à compreensão da importância da Contação de Histórias, no sentido de potencializar a imaginação, a fantasia, a individuação e a humanização do ser humano, essencialmente da criança, numa visão mais holística. Assim, abarcar os conceitos de individuação, símbolo, arquétipo, persona, sombra, intuição, consciência e inconsciência, *anima*, animus e si mesmo, são obviamente a primazia das discussões em psicologia analítica.

A priori, Jung (1985, p.4) sempre se interessou pelos fenômenos psíquicos. A psique, segundo ele, é concebida como “a totalidade de todos os processos psíquicos, tanto conscientes quanto inconscientes”. Assim, o autor chama-nos a atenção, enfatizando que tudo aquilo que não é da ordem do consciente é inconsciente. Dessa forma, a psique é formada pelo inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

Na concepção de Jung (1985), é no inconsciente pessoal que estão armazenadas as lembranças perdidas e/ou reprimidas, aquelas que foram propositalmente esquecidas, pois são lembranças dolorosas, formando um banco de dados que podem surgir na consciência a qualquer momento. Para Jung (1985), o inconsciente existe ‘a priori’. Entretanto, o inconsciente coletivo foi a sua grande descoberta, pois definiu como a camada mais profunda da psique é

constituída por imagens que foram herdadas pela humanidade e, é nessa camada que todos os humanos são iguais, todos nós trazemos imagens de comportamentos que, vez ou outra, escapam de nosso controle.

Dessa forma, a existência do inconsciente coletivo não depende de experiências individuais, como é o caso do inconsciente pessoal. Porém, seu conteúdo precisa das experiências reais para expressar-se. Jung (1985) chamou de arquétipos a estes traços funcionais do inconsciente coletivo.

Logo, os arquétipos, pode-se dizer que foram registros de experiências gravadas, registros de muitas situações típicas da vida, por meio de imagens guardadas no interior da constituição psíquica. Em relação aos arquétipos, eles não são observáveis em si. Somente podemos percebê-los através das “imagens primordiais” (JUNG, 1875, p.53).

Romanelli (2018, p. 28-29) aborda o que seria essa imagem primordial, compreendendo que esse conceito diz respeito ao fato de que:

A imagem é uma representação imediata oriunda da linguagem poética, considerada pelo autor a imagem da fantasia, que se relaciona de forma direta com a percepção do objeto externo ao indivíduo. Portanto, ela depende da atividade inconsciente da fantasia, é produto dela aparecendo de maneira espontânea na consciência, tal como a visão ou alucinação, sem ter, no entanto, o caráter patológico desta [...].

Segundo Romanelli (2018) a imagem é produto da linguagem poética, ou seja, pertence à ordem do fantástico. É, contudo, uma relação de produção de sentidos entre fantasia e/ou objeto, com o indivíduo em sua psique.

Por isso, tanto os sujeitos, quanto a imaginação e suas fantasias, estão intimamente ligados(as), uma vez que a linguagem poética possui uma relação intrínseca com esses aspectos, evocando o domínio do que é fantástico, do belo e da poesia que se escondem por detrás das coisas do mundo.

Romanelli (2018, p. 28-29) segue argumentando que “[...] A imaginação é a representação da fantasia. [...] Quando Jung qualifica o arquétipo como imagem primordial, significa que essa imagem possui um caráter arcaico, apresentando motivos mitológicos conhecidos, sendo então qualificada como arquétipo”. Nessa perspectiva, compreende-se que as estruturas que moldam o nosso comportamento passariam de geração para geração. Cada pessoa que nasce recebe um “passado mental” de seus antepassados. As imagens primordiais e/ou arquétipos, compõem parte dessa herança que vem de muito tempo atrás.

Desse modo, as imagens primordiais estão presentes na mente da maioria das pessoas. Ou seja, o inconsciente coletivo trabalha com imagens arquetípicas, imagens primordiais

recorrentes, tanto nos contos de fadas e nas mitologias, quanto nas religiões e em culturas de oriundas de vários povos. Já o inconsciente pessoal se refere à pessoalidade, à ação pessoal e à individualidade do ser.

Quanto à consciência, segundo as postulações de Jung (1985) ela é parte racional e objetiva da psique humana. A consciência é o que organiza o sentido de todo o conteúdo que extrapola o limite do inconsciente e emerge para ser exteriorizado. Desse modo, a consciência é o que faz o equilíbrio.

Alt (2000) salienta que Jung (2000) afirma ter dado o nome de arquétipos a esses padrões coletivos, valendo-se de uma expressão de Santo Agostinho. Arquétipo, por assim dizer, significa um “*typos*” (impressão, marca) que encerra em motivos mitológicos, os quais surgem na forma dos contos de fadas, em meio aos mitos, nas lendas e, com efeito, no folclore. Alguns desses motivos mais conhecidos são: a figura do herói, do redentor, do dragão (sempre relacionado com o herói, que deverá vencê-lo), da baleia e/ou do monstro que engole o herói na história e assim vai.

É importante esclarecer, contudo, que não se deve confundir arquétipo com imagem arquetípica, uma vez que as representações arquetípicas são imagens e ideais, enquanto o arquétipo, conforme Alt (2000), se caracteriza por certos elementos formais e por determinados significados fundamentais.

Em sua obra intitulada ‘Contos de fadas e mitos’ com abordagem Junguiana, Alt (2000) expõe sobre os arquétipos estruturais da psique, o Self, “o Deus em nós”, a Persona, a Sombra e o *Animus/Anima* todos pertencem ao inconsciente coletivo. Nesse sentido, Self é o centro da personalidade e o equilíbrio que abarca, tanto o consciente, quanto o inconsciente.

Persona é uma máscara que o indivíduo utiliza para se relacionar com o mundo, papéis que representamos socialmente para nos sentirmos aceitos nos grupos sociais. Já quanto à sombra, ela se desenvolve em oposição à persona. A sombra são os nossos defeitos que precisam ser melhorados, na medida em que desejamos e nos tornamos mais conscientes. Portanto, seria o lado obscuro que a persona esconde.

*Anima* e *Animus* são conceitos relevantes quando se pretende compreender a psicologia analítica. Segundo Alt (2000) o nome latino *animus*, espírito, e *anima*, têm o mesmo significado do grego ‘*anemos*’, que significa vento. Significa, desse modo, “soprar”, ar, princípio vital. *Animus*, está ligado ao princípio pensante e sede dos desejos e paixões. *Anima* significa princípio de aspiração e expiração do ar é de registro feminino.

Conforme Alt (2000), Jung tece dessa maneira, uma estrutura que representa a parte sexual oposta a cada indivíduo, uma estrutura chamada *anima* no homem e *animus* na mulher. Segundo Jung (1998 *apud* ALT, 2000, p.187):

Os sentimentos de um homem são, por assim dizer, os de uma mulher, e assim aparecem nos sonhos. Designo esta figura pelo termo de *anima*, por ser ela a personificação das funções inferiores, que relacionam o homem com o inconsciente coletivo. A totalidade do inconsciente coletivo apresenta-se no homem sob forma feminina. Para mulher ele se afigura como uma entidade masculina, e eu o denomino *animus*.

Na perspectiva de Jung (1998 *apud* ALT, 2000), *anima* e *animus* são considerados arquétipos que se relacionam com o processo de individuação, do autoconhecimento e das relações interpessoais dos indivíduos. São considerados, desse modo, os contrapontos da orientação de gênero do ego do ser; ou seja, um ego que tem uma orientação de gênero masculina, necessariamente terá uma *anima* que é uma estrutura feminina que habita em seu inconsciente para poder fazer o contraponto sexual relativo ao *animus*.

Desse modo, esses aspectos levam os indivíduos para outros lugares materiais, espirituais e demais outros onde acontecem as relações humanas e de alma. Assim como um ego, que tem uma orientação de gênero feminino, terá, em seu inconsciente, um contraponto sexual que Jung denomina *animus*.

Jung (1998, p. 338) definiu *Anima* e *Animus* conforme aponta Alt (2000, p. 27), também, como:

Cada homem sempre carregou dentro de si a eterna imagem da mulher; não a imagem desta determinada mulher, mas a imagem de uma determinada mulher. Essa imagem, examinada a fundo, é uma massa hereditária inconsciente, gravada no sistema vital e proveniente de eras remotíssimas; é um “tipo” (“arquétipo” de todas as experiências que a série dos antepassados teve com o ser feminino, é um precipitado que se formou de todas as impressões causadas pela mulher; um sistema de adaptação transmitido por hereditariedade... Visto esta imagem ser inconsciente, sempre será projetada, inconscientemente, na pessoa amada; ela constitui uma das razões importantes para a atração passional ou para repulsa.

Romanelli (2018) disserta a respeito do conceito de Jung (1985) acerca do símbolo, que para ele é uma produção espontânea da psique individual que surge das experiências do indivíduo e se dispõe em torno de um arquétipo que aparece em sonhos e fantasias, podendo ser símbolos coletivos importantes, tais como a cruz, a estrela de Davi e/ou uma mandala.

Na análise Junguiana, a visão simbólica tem um lugar de destaque à compreensão do outro e da psique. Podemos enxergar os símbolos naturais que seriam os oriundos da psique

inconsciente e que, se explorados e aprofundados, revelam inúmeras relações com imagens arquetípicas primordiais.

Em relação à intuição Romanelli (2018, p. 29-30), explica:

[...] a intuição, segundo Jung, é uma função psicológica básica, que transmite a percepção por via inconsciente. O objeto dessa percepção pode ser uma coisa interna ou externa, tornando a intuição da natureza subjetiva ou objetiva. No primeiro caso é uma percepção originada por fatores psíquicos inconscientes ligados ao sujeito que intui. No segundo caso, a percepção provém de impressões subliminais que evocam pensamentos e sentimentos.

Na perspectiva Junguiana, a intuição funciona como um banco de dados onde são armazenadas e processadas as informações de experiências passadas, dos objetivos futuros e processos inconscientes. Retomando os conceitos, Romanelli (2018) comenta que *anima* e *animus* tem estreita relação com a razão – o logos, o consciente e a sensibilidade.

Assim, *anima* é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem, como (sentimentos instáveis, sensibilidade desmedida, desejo de vingança, desesperança), por outro lado, a *animus* personifica os aspectos masculinos no inconsciente da mulher com manifestações, como (insegurança, frieza, passividades, sensação de nulidade e de vazio). Desse modo, à psicologia analítica junguiana, integra-se esses dois polos opostos presente na alma humana, buscando o equilíbrio, tanto cognitivo, quanto afetivo. Jung (1985) tem como base esses opostos para uma proposta do processo de individuação.

**Figura 2** <sup>8</sup> - Trecho da música “A borboleta e a lagarta” de Palavra Cantada



Fonte: <https://bityli.com/BZANp>

<sup>8</sup> Fonte: PALAVRA CANTADA. **A borboleta e a lagarta**. São Paulo: Gravadora Independente, 1999.

## 5.2 Um passarinho cochichou: Se é pra eu SER, que eu seja sempre eu mesmo: No caminho da INDIVIDUAÇÃO.

*Só aquilo que somos realmente tem o poder de nos curar.*

(Carl Gustav Jung)

No silêncio da vida, um passarinho cochichou sorrateiramente sobre a dor e a delícia de ser o que é. Tomamos, então, como verdade, passamos a questionar: Quanto tempo se leva para ser o que se é? Será que somos? Seja lá como for, descobrimos que aparentemente somos e deixamos de ser constantemente, vivemos em uma eterna metamorfose, tido de outro jeito, estamos em uma eterna construção, o que Jung (2000) denominou como caminho da individuação.

Para Jung (1985) a individuação acompanha todo o crescimento humano, referindo-se, sempre, ao processo de tornar-se uma pessoa inteira. Na obra “O Eu e o Inconsciente” (1985), na qual o autor faz uma descrição de tal processo saindo do Eu, passando pela persona, anima/animus, até chegar à personalidade mana - entendida como o Self de cada um de nós. Apreendemos, então, que a individuação é um processo pelo qual uma pessoa se torna um indivíduo, uma unidade consciente, ele por ele mesmo. Em outras palavras, é um processo que visa a levar a pessoa a ser humana.

Romanelli (2018, p. 32) comenta que:

Individuação é um processo de formação e particularidade do ser individual, especialmente no que diz respeito ao seu desenvolvimento psicológico enquanto ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. [...] é um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual.

Evidentemente que a individuação não se refere a uma ideia abstrata, um termo meramente teórico; ao contrário, refere-se a uma mudança na vida da pessoa na direção de ela se tornar mais humana, mais plena e mais consciente de si mesma. Porém, a individuação não pode ser compreendida como algo que se possa alcançar.

Ela é um processo lento, árduo, que exige muito esforço da pessoa e que demandará todo o tempo da existência terrena sem, contudo, chegar ao alvo proposto. Assim, a individuação é muito mais um caminho psicológico e existencial a ser trilhado, do que um alvo a ser conquistado; é mais uma proposta de vida transformadora do que um estado de ser tecida por toda nuance que a própria vida nos apresenta.

Ainda nessa perspectiva Romanelli (2018, p. 32) complementa que:

Existe também o aspecto da individuação que está ligado à função transcendente, ao desenvolvimento e à integração do animus e da anima, ao equilíbrio e ao desenvolvimento das funções racionais e irracionais. Essas atividades da psique humana traçam as linhas de desenvolvimento individual que não podem ser adquiridas pelos caminhos instituídos pelas normas coletivas.

Com isso nessa perspectiva, a individuação consiste num processo que se desenvolve ao longo da vida, impulsionando cada sujeito a se reconhecer como ser único e diferenciado. Entretanto, tal objetivo só se concretiza na medida em que o “eu” permitir que as experiências se tornem conscientes, ou seja, quanto mais conscientes nos tornamos de nós mesmos, mais livres nos sentimos.

Em sua obra “o eu e o inconsciente” Jung (1985, p. 49) postula uma aproximação quase que de sinonímia entre individuação e si mesmo, atentemos:

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos, pois traduzir “individuação” como “tornar-se si-mesmo” (*Verselbstung*) ou “o realizar-se do si-mesmo” (*Selbstverwirklichung*).

O processo de individuação consiste no desenvolvimento da personalidade integral, reconhecendo a sombra como parte de si mesmo, como um processo de escolha, aquele lado que ficou negligenciado ou não escolhido, que poderia ter sido vivido e não foi. O confronto com a sombra é um dos primeiros aspectos do processo de individuação, um trabalho diário de consciência de si, um processo de escolha, tomada de consciência e lapidação de si na busca do “eu” interno.

De acordo com o pensamento Junguiana, para sermos inteiros precisamos nos esforçar para conhecer a nossa sombra. Nesse processo nos colocamos diante do desconhecimento de si mesmo, podendo levar o indivíduo a uma posição de prisioneiro de sua sombra, vivendo assim, uma vida de tristezas, com desconfianças e descrenças a respeito de sua própria vida.

Consequentemente, tornar-se a si-mesmo é um processo no qual o indivíduo deve submergir nas dores e delícias de ser o que é, para finalmente emergir mais pleno, aceitando-se, sendo verdadeiro, fiel consigo mesmo sem máscaras, sem subterfúgios, anunciando o seu “eu” único, incomparável, transitório, assim, ressignificando o seu lugar no mundo, entrelaçado pela plenitude do seu “SER” tornando o seu próprio si mesmo.

Posto isso, é necessário um ego bem estruturado para reconhecer que tudo aquilo que projetamos nos outros, principalmente as coisas que menos gostamos, são nossas e de mais ninguém. Uma vida sem a presença da sombra torna-se sem brilho e sem criatividade, pois é ela que impulsionam o ser humano para a criatividade e à busca de soluções inerente a existência humana.

Elucidamos um breve resumo acerca do conceito de individuação por ser relevante na compreensão da psicologia analítica, bem como, da Pedagogia Waldorf com objetivo de anunciar a sua contribuição em relação análise da importância da contação de histórias e a narrativa de contos de fada no processo da construção da imaginação, fantasia, individuação, libertação e humanização. Os contos de fadas, através de sua linguagem metafórica, mostram um caminho para a individuação, um caminho de conexão com a alma, um caminho de encontro com o Self, e por este motivo são tão terapêuticos e irresistivelmente atraentes. Eles ajudam no desenvolvimento de partes da personalidade que talvez ainda não estejam constituídos, mas que podem estar em vias de realização. Os contos são mais do que ensinamentos, são uma verdadeira iniciação, misteriosa e mágica, quase sagrada.

Como todas as obras de arte tradicionais, eles são sóbrios, em meios, mas ricos em símbolos e arquétipos. Os contos são um enigma cuja resolução deve ser procurada no nosso interior e não neles mesmos, são formas simbólicas pelas quais a psique se manifesta e que podem contribuir para a formação harmoniosa da criança. Há saídas para o ser humano, não somente a partir da coletividade, mas, sobretudo, a partir das metamorfoses de cada um – o caminho a que Jung chamou o “processo de individuação”.

Os conceitos apresentados neste capítulo constituem os princípios básicos da Psicologia Analítica na qual nos embasamos para a execução desta pesquisa. A teoria Junguiana da personalidade humana é bem mais ampla do que aqui foi exposto, e, vale a pena ser estudada mais profundamente, entretanto, os conteúdos aqui elucidados são suficientes para o desenvolvimento da proposta em questão.

### **5.3 Uni duni tê salamê mingûê meu coração escolheu você: Pedagogia Waldorf e o caminho da individuação por Rudolf Steiner**

*“Nós somos incompletos, nos sentimos incompletos.*

*Só podemos ser completados pelo mistério”.*

(Manoel de Barros)

Uni duni tê salamê mingûê meu coração escolheu você, então, com o tom e cor de brincadeira, risos, anunciamos que a Pedagogia Waldorf, segundo Lanz (2016) é denominada de a Pedagogia das mãos, do coração e da mente, isto é, uma pedagogia do querer, do sentir e do pensar reconhecendo o ser humano como único e especial. Respeitando e valorizando a individualidade de cada ser humano, tecida na liberdade com o propósito da criança tirar de dentro de si as ideias e as soluções para os seus desafios do cotidiano.

Neste sentido, Lanz (2016) comenta que o querer (agir) atua por meio das atividades corporais; o sentir, por meio das atividades artística e o pensar, por meio dos contos de fada e outras histórias. Assim, acreditamos, bem da verdade, que no embalo, sonoridade do ato de narrar histórias como um meio pelo qual a criança alcança harmonia e estabilidade em seu processo de individuação, autoconhecimento e conhecimento da realidade exterior.

Lembrando, que Rudolf Steiner (2000) revisita o referencial teórico Junguiano, então, podemos ver o descortinamento e a entrada do sol ao abrir a janela da casa da psique humana para compreendermos o processo da individuação do ser no sentir antroposófico Steiriano. Posto isso, para Passarini (2011), os contos de fada registram o processo de individuação do ser humano nos primórdios de sua história, vem de longa data, a relação do ser humano e os contos.

Daí, a nossa percepção da importância da narrativa de contos para o desenvolvimento da personalidade humana, essencialmente no que tange a individuação, ao autoconhecimento, autoeducação, humanização, substancialmente presente na proposta da Pedagogia Waldorf fundamentada na Antroposofia. Cabe lembrar, segundo Passarini (2011) no processo de individuação do ser, a pedagogia fundamentada na Antroposofia inclui entre seus principais recursos, a narração criteriosa de histórias ricas em imagens conceituais ou arquetípicas.

Nesse sentido, a proposta da Pedagogia Waldorf tem como práxis no seu cotidiano de sala de aula a narração de contos e outras histórias desde a educação infantil, ensino fundamental, tendo como um dos seus objetivos o despertar da consciência dos seus alunos, a capacidade de solucionar dificuldades existenciais, de propiciar padrões para a escolha de princípios éticos, morais e de orientar para uma vida cheia de ideais, sonhos, além de possibilitar a formação da estrutura linguística.

Os alunos da Escola Waldorf são embalados constantemente pela sonoridade de um bom narrador de contos, isto é, pelo professor Waldorf. Destacamos que no livro de Passarini (2011) "O fio de Ariadne" um caminho para narração de histórias, a autora se inspira na

abordagem antroposófica de Rudolf Steiner no que se refere ao desenvolvimento infantil, aqui chamados de septênios, relatando acerca da importância dos contos de fada e outras narrativas no processo de individuação da criança, descrevendo como acontece esse processo de acordo com cada septênio, conforme, Steiner (2012 *apud* PASSARINI, 2011, p. 106) acreditava:

Os contos de fada registram o processo de individuação do ser humano nos primórdios de sua história, enquanto os mitos e lendas relatam a criação e a evolução do Cosmo, espelhando nossa própria individuação. ( ) Penetrar em contos de fada é adentrar um ambiente, conseguir viver a atmosfera de uma floresta escura ou de um jardim cheio de flores; é ler o contos de fada afastando -se da simbologia, da palavra escrita, da mensagem, mas vivenciar: como é estar no alto de uma torre, numa floresta, numa janela ou na beira de um lago?

Posto isso, passamos a expor como acontece o despertar da consciência e o processo da individuação por meio da narrativa de conto de fadas e outras narrativas nas escolas Waldorf, fundamentada nos preceitos antroposóficos e do firme olhar amoroso de Steiner, como se fosse um príncipe nos encanta com a sutil percepção do desenvolvimento humano e da estreita relação do desabrochar da individuação em cada ciclo do desenvolvimento infantil, onde a narrativa segue toda uma linha do tempo, tecendo fio por fio o feitiço de ser singular, individual de cada criança.

É preciso antes, puxar um fio, o fio de Ariadne, aqui representado por Passarini (2011, p. 113) que tece fio a fio o objetivo de narrar contos de fada, seja lá, qual for a idade a que nos encontramos “Aprender a ouvir e a imaginar é a função e o objetivo de narrar contos de fada e outras histórias. O homem só passa de criatura a criador graças à liberdade, sempre possível em sua imaginação”.

Vamos, então, adentrar nos meandros do narrar contos de fada e outras narrativas puxado pelo firme fio de Passerini (2011) considerando os septênios, onde a autora descreve quais são os caminhos indicados por Steiner, tendo como luz o caminho ao processo de individuação. No que diz respeito ao primeiro septênio, a autora comenta que a criança vive os contos de fada desde o momento em que começa a dizer “eu” até aproximadamente os sete anos, a criança nesse período não separa a si mesma da realidade circundante, sua consciência “eu-mundo” é integrado. Essa separação acontece de forma gradativa, quer dizer, vai adquirindo a noção de sujeito: ela própria, objeto e o mundo.

Compreendemos, portanto, da importância dessa fase da criança, pois é, o momento onde ela constrói uma imagem de si mesma e do mundo, sendo exteriorizadas na Pedagogia Waldorf por meio de atividades como modelagem, desenho, expressando atividade do seu próprio corpo em crescimento ou realidade externa como ela percebe.

Quanto ao trabalho educativo ou formativo Passerini (2011) complementa dizendo que além de atividades que visem sensibilizar o corpo de percepção e desenvolver habilidade motora da criança, existe um lado tão importante quanto o primeiro, que é, o desenvolvimento da linguagem e da imaginação por meio dos contos de fada, preferencialmente os coletados pelos irmãos Grimm, lembra que os contos de fada são narrados com a certeza de que nada têm a ver com a questão da percepção sensorial.

Conforme, Passerini (2011, p. 105) expõe ao referir a essa fase da criança:

Para qualquer criança, ouvir contos de fada seria como um retorno a um país de origem, país em que se situa o berço da humanidade. Os conteúdos dos contos de fada são próprios para os pequenos. Sua importância está na condição de sementes, que lançadas na alma, produzirão sentimentos, ideias, ideias. Ao se tornarem adultas, enfrentando as dúvidas e dificuldades da vida, tais pessoas poderão resgatar, conscientemente ou não, a força de suas verdades. A vivência dessas histórias contadas, a própria energia dos símbolos, o momento mágico, a intimidade da relação adulto-criança, representam um tesouro que se transformará em qualidades para atuar e compreender o mundo e a si mesmo.

É subliminar, a importância da narrativa de contos nesse ciclo que se encontra a criança, pelo fato dos contos de fada registrarem a constituição do processo de individuação do ser humano ao longo de sua história, além disso, a narrativa de contos trabalha com imagens que alimentam o pensar imaginativo sendo o mundo das imagens o lugar da criança, e o pensar imaginativo é o que oportunizará condições de estabelecer um vínculo afetivo com mundo natural e social a que está inserido. Lembrando, o que diz Passerini (2011, p. 98) quanto essa fase do pensar imaginativo:

A fase do pensar imaginativo prolonga-se até a idade aproximadamente de doze anos, ocasião em que a criança apresenta possibilidades reais de pensar intelectualmente, isto é, de reconhecer noções como nomeação e distinção, classificação, sistematização e conceituação, concreto e abstrato, bem como das relações de causalidades e reciprocidade. Até atingir o período de desenvolvimento em que o pensar intelectual se torna possível, a criança deve ter oportunidade de viver as possibilidades do pensar imaginativo, que lhe proporciona a auferição de forças modeladoras de sua individualidade.

Percebemos o quanto é significativo a vivência da fase do pensar imaginativo, como fonte inesgotável de forças modeladoras da individualidade e no processo da individuação do ser humano de estar e ser no mundo. Por outro lado, alguns estudos apontam como relevância o poder terapêutico que os contos tem ao serem narrados desde a infância, pois, formam um banco de imagens, constituindo um acervo na psique humana, respondendo às necessidades, na

vida adulta, de dar respostas aos grandes enigmas existenciais, como questões relativas à vida e a morte.

Discorreremos por ora, o narrar contos de fada para crianças com mais de seis anos de idade, sendo a fase do início da pré-alfabetização, uma vez que a criança está saindo do jardim encantado dos contos. Nessa fase, Passerini (2011) revela que Steiner acrescenta como contribuição o estudo sobre os temperamentos humano, que são vinculados a constituição quaternária: corpo físico, corpo éterico, corpo astral e eu. A cada corpo há o predomínio de um temperamento, dito de outro jeito, temos então: um corpo físico, temos um temperamento melancólico (criança com características como tristeza, amargura e ansiedade); corpo éterico, um temperamento fleumático (criança paciente e pachorrenta, revelando, por vezes, traços de indiferença pelo meio e pelas pessoas em seu redor); corpo astral um temperamento sanguíneo, (cheia de vida, com muito interesse por novas aprendizagens, é uma criança extremamente ativa e comunicativa); já o eu, um temperamento colérico, (revela tendência à fúria, demonstrando várias vezes e das mais variadas formas os seus estados de irritabilidade).

Aqui, de forma resumida citamos a importância de cada temperamento, fizemos isso para elucidar como o professor Waldorf faz a escolha da narrativa dos contos de fada, levando em consideração o temperamento que ora a criança apresenta. Nesse sentido, a narrativa estará contemplando a singularidade de cada aluno, o que requer o sentir bem sutil do professor Waldorf quanto as escolhas dos contos de fada, especialmente quando se tem como objetivo a individuação do ser criança que nesse ciclo está em processo.

Salientamos, como Passerini (2011, p. 119, grifo nosso) retrata o processo do narrar histórias, comparando ao plantio ao ato de desabrochar de uma flor:

Contar histórias é como plantar uma semente: há o preparo da terra, a semeadura e a espera para que ela absorva o que lhe é necessário, interagindo com seu novo ambiente, havendo depois a germinação. Em nosso trabalho, entendemos como fundamental esse processo, principalmente e no aprendizado de conteúdos relacionados com a alma.

Seguindo ainda a semeadura do narrar histórias, seja conto de fadas ou outras narrativas sempre vislumbrando também o processo de individuação do ser humano, percebe-se que a criança vivencia os contos de fada até o momento em que se autodomina eu até, mais ou menos sete anos de idade. Já com oito anos inicia-se outras indicações de narrativas como fábulas e lendas de santos, aqui a criança apresenta a unidade eu-mundo.

Conforme, Passerini (2011) as fábulas revelam as atitudes do animal, representam um aspecto do ser humano, com esse tipo de narração pretende-se mostrar todo o lado humano

de impulsos, desejos e cobiças como realmente são; as crianças irão identificar-se, não por uma conclusão intelectual, e sim como vivência, sentimentos. Quanto a narrativa de lendas dos santos representa seres humanos que têm controle, que se colocaram a serviço de si mesmos todos os desejos, impulsos e cobiça. Assim, segundo a autora, esse aspecto instintivo e natural deverá, um dia, estar sob nosso domínio como adultos. Vejamos:

As lendas de santos são contadas no mesmo ano em que as fábulas, como contrapondo a estas. O homem não vive só os grandes ideais, nem tampouco apenas seus desejos, impulsos e cobiças; na realidade ele necessita harmonizar essa dualidade. A ideia educativa que orienta essas narrações de fábulas e lendas é mostrar que em verdade os instintos existem, e que através de modelos ideais os instintos são transformados (PASSERINI, 2011 p. 123).

Quando a criança se aproxima de nove anos de idade o seu eu, se define de forma mais clara em oposição ao mundo, ou melhor, a consciência da separação: eu-mundo/ solidão, então, pode-se vislumbrar que a integração ou unidade entre a criança e a realidade está encerrando, é chegado o momento que a criança enxerga o mundo fora de si, de acordo com Passerini (2011) os sentimentos iniciam uma polarização em virtude dessa oposição ao mundo.

O relacionamento com a autoridade de pais e professores passam a oscilar com os seguintes comportamentos: ora reverência, ora ressentimento, ora obediência, ora obstinação é a conhecida crise dos nove anos. Nessa fase que se encontra a criança, narra-se as histórias do Velho Testamento o objetivo não é religioso, e sim transmitir a imagem da segurança para que a criança vá fazendo escolhas confiante, segura, contagiada pela certeza de uma verdade. Passerini (2011, p. 125) menciona que individualizar é o paradigma básico das histórias bíblicas, logo, é necessária para essa fase em que a criança se encontra:

[...] individualizar no sentido de a criança vivenciar o fato de estar cada vez mais separada do contexto global. Anteriormente tudo fazia parte dela: a noite, a terra, o pai e a mãe, a planta. Nessa idade, ela se encontra sozinha; portanto, é o momento de trazer-lhe toda a história desses acontecimentos, na linguagem que esse povo podia entender e adequada a essa idade, quando a criança compreende mediante a essa forma imaginativa de expressão.

Constatamos o quanto é importante as histórias do Velho Testamento por narrar a Criação, a origem Cósmica e humana, é assim que esse conteúdo trabalha o inconsciente da criança, apresentando a segurança, a certeza de uma verdade. Quanto essa perspectiva, Passerini (2011, p. 126) faz a seguinte observação:

O processo de individuação ou de consciência “eu-mundo do ser humano pode ser expresso como um processo de chegada da criança à Terra, advinda dos mundos

espirituais ou arquetípicos. Para ela são muito naturais os conteúdos das histórias, que a levam a sentir a confiança e segurança num Deus maior guiando seus passos, tal qual guiou os passos de seu povo.

Verifica-se que a narração de histórias do Velho Testamento contribui, sobretudo nas escolhas que a criança deverá fazer durante o seu desenvolvimento como: o que é bom ou não, isto é bom ou não. Além disso, as histórias do Velho Testamento, onde retrata a presença de Deus, como a figura de um pai que transmite segurança, limites bem definidos, e isto é tudo o que a criança precisa nessa idade. Ao completar dez anos, instala-se nesse momento a vivência da consciência e da incompreensão, comenta Passerini (2011, p. 128), “A vivência, para a criança, de seu eu separado do mundo se intensifica, traduzindo em solidão. Esse processo de individualização se verifica na busca por conquistas individuais, desafios físicos e leituras de livros com esse tipo de conteúdo”.

Nesse momento, aparentemente a criança se apresenta mais forte que o mundo, cheia de coragem, e o deseja de enfrentar obstáculos e desafios como os heróis da mitologia nórdica, talvez; seja a forma de como a criança queira conquistar seus espaços, marcar fronteiras tendo os nórdicos como exemplo. Ouçamos o que Passerini (2011, p. 129) comenta acerca da mitologia nórdica:

Cada mitologia expressa uma conquista anímica pela qual a humanidade passou, e todas foram muito importante para sua evolução. Os nórdicos vivenciaram intensamente aquilo que possibilita nos enxergarmos como seres individualizados, identificados enquanto seres que pensam, sentem e agem, que têm livre-arbítrio.

Encontramos aqui a identificação da criança de dez anos, heroínas, heróis seres individualizados em busca da conquista de si mesmo por meio de uma bela narrativa de mitologia nórdica, com exemplo de coragem e conquistas e o doce prazer de ser o que é. Passerini (2011) conta que a fase pré-adolescência e do desenvolvimento dos juízos de valor que acontece aos onze anos de idade, de acordo com a autora, a criança de onze anos é muito harmoniosa, vive um período de equilíbrio em todos os sentido, admira o que quer.

Nesse momento da pré-adolescência é indicando narrativas dos mitos da Atlântida, Índia, Pérsia, Egito, Grécia, biografia do Alexandre, o Grande. Essas narrativas são indicadas da Atlântida até Grécia/ Roma pelo fato do pré-adolescente em desenvolvimento está conquistando o raciocínio lógico-abstrato como forma de pensamento e de linguagem, além disso, os alunos percebem o sentido de ver nessas grandes culturas a transformação da consciência humana.

No que diz respeito a criança de doze anos a autora comenta que, para os professores Waldorf, é o momento do aluno de doze anos despedir-se do pensar mítico para tornar-se filósofo, momento do pensar imagético para o lógico e o abstrato. Nessa perspectiva é entre os doze a catorze anos conforme Passerini (2011) que o pensar em imagens conceituais declina, ou seja, diminui, dando força nesse momento a um pensar abstrato, dentro de uma lógica racional como do povo grego. Este momento é marcado por grandes mudanças na vida da criança não só física, como também comportamental. Assim, o aluno Waldorf busca confronto, sempre responde contrapondo diante de uma afirmação. Outrossim, acontece a conquista de espaço dentro do âmbito familiar, o que requer por parte da família a revisão de forma educacionais.

Nessa fase as narrativas indicadas são biografias de homens célebres na História, na Ciências e nas Artes, então se pode pensar em *Alexandre, O Grande; Leonardo da Vinci, Mahatma Gandhi* e tantos outros. Passerini (2011, p. 134) explica o motivo pela qual dessas narrativas, em que “O significado e a importância de se contarem biografias está no fato de, mediante histórias de figuras célebre, se apresentarem modelos ideias de coragem, sofrimento, conquista, justiça, fraternidade, bem como a possibilidade de se reconhecer a essência do ser humano”.

Cabe lembrar, o quanto é vultoso e virtuoso termos alguém como fonte de inspiração seja em que idade for, no entanto, especificamente nesse período entre doze a catorze anos. Na Pedagogia Waldorf faz toda diferença, pois a criança busca, na biografia de homens célebres, modelos de modos como eles viveram, como resolveram suas dificuldades, como transcenderam seus limites. Esse gênero de narrativa tem em seu cerne a compreensão do outro, sobretudo do desejo do conhecimento de si mesmo. Esse desejo é marcado na compreensão dos aspectos essenciais do ser humano de como manifestaram sua individualidade. Desse jeito a criança busca agora em líderes humanos e não mais em deuses a compreensão, a orientação e o modelo de comportamento e seus ideais.

Para melhor ilustrar o percurso que fizemos na busca de compreendermos como a Pedagogia Waldorf se utiliza da narrativa de contos de fada, fábulas, mitos e outras narrativas para o processo da construção da individuação do aluno da Escola Waldorf nos apoiamos no quadro demonstrativo feito por Passerini (2011) segue a baixo:

**Quadro 3** – A utilização de contos de fadas, fábulas, mitos e outras narrativas na Pedagogia Waldorf

<i>EDUCAÇÃO WALDORF</i>		
<i>CRIAR = EDUCAR</i>		
<i>Não é encher um buraco, mas acender um fogo livre. (Heráclito)</i>		
Harmonizar as energias evolutivas internas da criança com as energias circundantes por meio da narração de contos, fábulas, lendas, mitos e biografias		
<i>Idade</i>	<i>Desenvolvimento</i>	<i>Narrativas</i>
3	diz 'eu' – início do processo de individualização	contos de fada – curtos Irmãos Grimm
4	unidade eu-mundo / inocência	aquisição de hábitos / habilidades psicomotoras
5		contos de fada
6	unidade eu-mundo / maturidade física	aquisição de hábitos
7	capacidades emergentes: conceituar / memória	contos de fada / alfabetização
8	unidade eu-mundo	fábulas de animais e lendas de santos
9	consciência da separação eu-mundo / solidão	Velho Testamento / expulsão do Paraíso / povo que se rebela contra Deus
10	vivência da consciência / incompreensão	os deuses se afastam da humanidade / mitologia nórdica
11	pré-adolescência / juízos de valor	mitos da Atlântida, Índia, Pérsia, Egito, Grécia biografia de Alexandre, o Grande
12/13/14	formação de juízos de valor	biografias de homens célebres na História, na Ciências e nas Artes

**Fonte:** Passerini, 2011.

Semear, semeando, sementes de narrativas de contos de fada ou outras histórias é a garantia de anunciar colheita de belas flores pelo caminho, a esperança brota, floresce, particularmente no caminho do desenvolvimento humano. De um conto a um ponto, de um ponto a outro conto, é o que nos move e a roda gira, gira, como o girassol, gira a flor e a proposta da Pedagogia Waldorf iluminada por Rudolf Steiner, a favor da singularidade, individualidade de cada ser, em particular da criança.

Esperançar, foi o caminho que percorremos para anunciar que narrar contos de fada ou outras histórias é um perfume eterno que paira na psique humana, trazendo o mundo das sensações, meio pelo qual a criança alcança harmonia e estabilidade em seu processo de individualização, autoconhecimento, humanização e o conhecimento da realidade que a cerca, compreendendo a beleza das coisas que passam...e voltam, a natureza nos ensina.

#### 5.4 O despertar dos contos de fadas e os arquétipos

*“Na infância, bastava sol lá fora,  
Um canto, um conto e o resto se resolvia...”.*

(Rosângela Gonçalves Rocha)

Em determinado momento da história, os positivistas acreditavam que os contos e mitos não passavam de mentiras, engodos, sem um caráter científico. Com o advento da psicologia analítica, os contos de fadas e mitos passaram a ter outra percepção. Sendo vistos, então, como fonte inesgotável da própria compreensão das emoções e do ser humano.

É com o relógio do Deus Cronos a movimentar a roda do tear, que, resistentemente, reexiste, insiste obstinadamente na arte de contar histórias como direito, como narrativa ética/estética da existência humana e sua relação com mundo, por meio dos contos de fadas e mitos. Assim, em um canto, um conto faz sua morada, abrigando-se na psique, na casa do inconsciente coletivo.

De acordo com Von Franz (1984, p. 18) “Os contos de fadas representam algo muito distante da consciência humana, certa vez, ouvi Jung dizer que, se você fizer uma interpretação minuciosa de um conto de fadas, precisará no mínimo uma semana de férias depois, porque se trata de um trabalho difícil”. Bem sabemos que os contos de fadas são materiais poderosos quando depositamos a nossa energia sobre eles para compreendê-los, embora apresentem uma linguagem simples, nos permitem discernir o modo como funcionam nossas emoções. Talvez esta seja razão de continuarem fazendo sentido, sendo pesquisados, lidos por leitores contemporâneos e contadores de histórias.

Marie Louise Von Franz (1984), uma das maiores expoentes no estudo dos contos de fadas, reitera dizendo que “os contos são **a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do ser humano**, pois eles representam os arquétipos na sua forma mais simples, plena e concisa”. Dito isso, na psicologia analítica, contos de fadas e mitos estão intimamente ligados ao inconsciente coletivo por meio dos arquétipos e seu papel é fundamental no desenvolvimento da consciência. Contribuindo para a compreensão de si e do outro, os contos de fadas e mitos são material fabulosos na busca incessante por nós mesmos.

Campbell (1997) reitera que Jung e seus seguidores trazem verdades a respeito dos heróis e os efeitos do mito presentes na vida moderna, anunciando que cada um de nós tem seu próprio panteão do sonho – privado, não reconhecido – e que a última encarnação de Édipo, a continuidade do romance entre Bela e Fera, foi interrompida em uma determinada rua e/ou

avenida, esperando que o semáforo mude. Desse mesmo modo, continuamos cotidianamente a nossa saga da existência.

Já os contos de fadas e seus personagens também revelam um pouco de cada um de nós, mesmo quando não queremos reconhecer as bruxas, ogros, madrastas e vilões, eles estão ali, nos mostrando nossas sombras, medos e conflitos internos. Os contos, portanto, trazem o mundo dos arquétipos para o nosso dia a dia, dando sentido à vida! Mostram-nos como viver o nosso destino, sejam ora momentos felizes, ora momentos conflituosos, ora marcados por momentos de perdas e medos. No entanto, ao nos abirmos aos aprendizados desses momentos iremos encontrar o tesouro interno, uma fonte inefável de conhecimento que irá enriquecer as nossas vidas e nos encher de significado.

Cada conto de fadas com sua linguagem simbólica possibilita que a psique se manifeste. Fornecendo às energias instintivas uma direção simbólica e um conteúdo cheio de sentido, acordando conteúdos inconscientes, possibilitando sua integração na consciência, e assim, apontando o caminho para a resolução de conflitos é a vida nos contos, é nos cantos e contos da vida vamos nos tecendo enquanto ser único, singular, humano.

Ainda pelo caminho da psicologia analítica, adentraremos na interpretação de alguns arquétipos que foram analisados por Jung (2000) em seu livro “Os arquétipos e o inconsciente coletivo” na busca da compreensão da psique humana, tão presente na vida moderna em nós, nos contos de fadas e mitos. Portanto, podemos dizer a reencarnação dos arquétipos em cada um de nós, vive em movimento como simbolismo nas profundezas do ser humano.

Jung (2000) denominou de “A Grande Mãe” o arquétipo que envolve as características positivas e negativas da figura materna. Aquela que gera, nutre, produz e sustenta a vida, representadas pelas (genitoras e matriarcas), já o lado negativo o poder e a destruição, pois a Grande Mãe também é capaz de devorar e negligenciar a sua criação destruindo. Lembro aqui da nossa relação com a nossa mãe, GAIA, TERRA, PACHAMAMA e tantos outros sinônimos possíveis para esta grande mãe.

Outro arquétipo analisado por Jung é o da sabedoria, dos mistérios da vida e seus significados, representado pelo “O Velho Sábio” que se manifesta por rigidez, excesso de moralidade e o falso saber, sendo o seu sentido inconsciente, emergindo o seu lado negativo. Jung salienta que todos carregamos essa figura arquetípica em nós lamentavelmente, pois nos confundem através de discursos bem convincentes. Então, nos remete a figura dos políticos e religiosos são movidos pelo aspecto negativo relacionado a este arquétipo.

Já o Herói, é o arquétipo que luta conta todas as adversidades, contra o mal, enfrentando tempestades e as intempéries da vida. Embora seja fraco, revestido de sua persona

torna-se forte, no entanto quando vemos um herói vencendo as suas batalhas sentimos a sensação de libertação e conquista da nossa própria consciência. A coragem e a vitória, produz em nós um êxtase motivador que nos impulsiona para a busca do equilíbrio.

Finalmente, o arquétipo dos arquétipos chamado por Jung (2000) de “O Self” que é a busca pela perfeição, representa unidade, integração e a harmonia da nossa personalidade, isto é, o equilíbrio, a centralidade, assim como o sol e a luz. A função desse arquétipo de extrema importância, consiste na organização e na unificação, pois ele tem a poderosa missão de atrair, harmonizar e equilibrar os demais arquétipos.

O reconhecimento dos Arquétipos, que são peças fundamentais na análise Junguiana nos auxilia de forma considerável na busca pelo equilíbrio, pelo autoconhecimento e pela paz interior. Sendo também uma importante ferramenta, guardada as sete chaves no inconsciente coletivo para bordar a nossa própria história no sentido de elaborarmos e vivenciarmos nossos complexos, nem tanto bruxa, fada, herói, vilão.

O processo de individuação é o eixo da psicologia Junguiana é através dele que a pessoa vai se conhecendo, retirando suas máscaras e as projeções lançadas anteriormente no mundo externo e integrando-as a si mesmo. Não se trata de um processo fácil e simples, nem tampouco ocorre linearmente. É um processo doloroso, difícil e ocorre em um movimento circunvolutório direcionado a um novo centro psíquico, o Self, ou seja, o equilíbrio.

Esses arquétipos acima supracitados, ao sabor do tempo reverberam nos contos de fadas revestidos de uma grande mágica com nuances de sentimentos antagônicos em duelos, como um jogo diário o amor contra ódio, o amor puro contra o amor egoísta.

Os valores éticos e os valores espirituais, contra a imoralidade e o materialismo, geram uma leitura simbólica oculta por meio de dois mundos: mundo consciente e o mundo inconsciente, ou seja, um mundo da racionalidade, lógica, do real e outro da magia, do desconhecido, do maravilhamento, do fantástico, surpreendente, esse sim, é o mundo interior.

Mergulhar neste mundo do maravilhamento é se encher do sopro da vida é movimentar a roda do tear, tecendo a movimentação dos protagonistas dos contos de fadas, movimentando de um lado ao outro percebendo o instante em que assumem diferentes papéis em diferentes histórias. A roda gira, o olho espia, a mente dá sentido, entre uma página e outra as letras significam.

Jung (2000) analisou os seguintes protagonistas presentes nos contos de fadas. O Herói/Vilão – São os que participam da ação. Geralmente os Heróis são pobres, jovens, fracos, desajeitados (quase sempre o filho mais jovem é quem vai solucionar os problemas através das tarefas a ele impostas, sendo chamado de Parvo ou Simplório).

Os Heróis não têm características definidas, podendo ser bons, tristes, maus, felizes, bonitos, feios. Vão representar nos Contos, assim como nos Mitos, o “Rito Inicial”, o neófito, o aluno, o princípio do caminho da iniciação. O Vilão é forte, vigoroso, imperioso, mas anseia mais poder, pois é mortal, finito, representa a materialidade, o corpo e o seu processo de deterioramento.

O Herói e o Vilão dentro do esoterismo são duas forças dentro de si mesmo. A Cara e a Coroa, o Positivo e o Negativo, o Bem e o Mal, o Espírito e a Matéria, a Luz e a Escuridão. A Consciência e a Inconsciência. O Despertar e o Sono. Não podemos negar que estes papéis simbólicos dos protagonistas presentes seja no conto ou mitos são reflexo da nossa própria vida em constante ser e não ser reverberando em um espaço em determinado tempo sempre no pulso do imaginário ao real, do real ao imaginário.

### **5.5 Era uma vez um gato xadrez! A psicanálise dos contos de fadas com Bruno Bettelheim**

*“Os contos de fadas são a pura verdade:  
Não porque nos contam que os dragões existem,  
Mas, porque nos contam que eles podem ser vencidos”.*  
(G.K Chestern)

Talvez era apenas bruxas, fadas, sapos, pirilampos, bem como, talvez era só a presença do espanto, do medo, da alegria, só sei que a magia acontecia! foi assim que descobri que há sempre um conto de fadas acontecendo na vida.

E tudo faz sentido toque de caixas, sai da cartola um belo coelho, é ele Bettelheim (1980) o psicanalista, discípulo de Freud, utiliza-se de conceitos psicanalíticos para compreender a função dos contos tradicionais dentro do processo psíquico infantil, ou seja, para ele o conto seria a expressão das etapas para elaboração de uma síntese entre o id e o superego num ego mais harmonioso, mais equilibrado

Bettelheim (1980, p. 14) considera que:

Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas histórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e

inconscientes. A medida em que as estórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego.

Seja lá como for o desenrolar de um conto de fadas, talvez com final feliz ou triste, o fato é que sempre estarão presentes em seu enredo as emoções, sentimentos, emergidos da psique humana na busca do equilíbrio, da harmonia. Os contos de fadas vêm sempre com uma força surreal, aquela força misteriosa do próprio ser humano que desconhece dentro de si, o poder de superar, aceitar, recuar, experimentar o sabor de estar vivo, vivendo.

Neste sentido, Bettelheim (1980) comenta para que realmente uma história prenda a atenção da criança, é preciso considerar que a história deve entretê-la e despertar sua curiosidade. A história deve também estimular a sua imaginação, ajuda –lá a desenvolver seu intelecto e a tornar claras as suas emoções, sugerir soluções para os problemas que a perturba, equilibrar sua ansiedade e desejos. Enfim, deve relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade, promovendo confiança nela mesma e no seu futuro.

Para Bettelheim (1980, p. 13):

nada é tão enriquecedor e satisfatório para criança, como para o adulto, do que os contos de fadas folclóricos. [...] os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas na vida moderna da sociedade de massa; [...], mas através deles pode -se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre soluções corretas para os seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro de uma compreensão infantil.

O tempo passou, entretanto, a sabedoria dos contos de fadas ficou. É com ele por meios deles que as crianças têm a possibilidade de entender o mundo, a lidar com os seus sentimentos, colocando ordem no seu interior, criando ordem em sua vida. Os contos de fadas revelam de um modo sutil, implícito um jeito de viver e conviver com o outro sem falar das vantagens de um comportamento moral, não usa de conceitos éticos abstratos, mas daquilo que é significativo para estar no mundo em meio as intempéries com pessoas tão diversas.

De outro modo, os contos de fadas, conforme Bettelheim (1980) transmitem à criança que uma luta contra as dificuldades graves da vida é inevitável, faz parte da existência humana. Entretanto se a pessoa enfrentar com coragem, sem intimidar-se, com determinação será vitoriosa.

No ponto de vista de Bettelheim (1980), as estórias modernas escritas para crianças pequenas evitam abortar problemas existenciais, para ele a criança necessita que lhe seja dada sugestões em forma simbólica sobre como ela pode lidar com as questões da existência e crescer a salvo para a maturidade. Além disso, o autor faz uma crítica sobre as estórias chamadas “fora

de perigo” são estórias que não mencionam nem a morte nem envelhecimento, os limites da nossa existência, nem o desejo pela vida eterna. Estes são temas necessários para o processo sadio do desenvolvimento da personalidade da criança.

Na perspectiva de Bettelheim (1980) os contos de fadas têm como características abordar o dilema existencial de forma breve, simplificando as situações, os personagens são mais típicos do únicos. O bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta pra resolvê-lo. O mal não é isento de atrações, simbolizado pelo poderoso dragão ou gigante, o poder da bruxa, a astuta rainha. Lembrando que nos contos de fadas, como na vida, a luta do bem e do mal, a punição ou temor é apenas um lado limitado de intimidação do crime. A convicção de que o crime não compensa é um meio de intimidação muito mais efetivo, razão pela qual nos contos de fadas a pessoa má sempre perde.

Por outro lado, os personagens nos contos de fadas não são ambivalentes, ou seja, não são boas e nem más, assim como todos nós somos na vida real. Basta revisitarmos o conto “Gato de Botas” que arranja o sucesso do herói através da trapaça, e João, que rouba o tesouro do gigante. Neste sentido os contos de fadas tomam os problemas existenciais como amor pela vida, o medo da morte o que gera ansiedade. No entanto os contos de fadas oferecem soluções de um jeito que a criança pode apreender no seu nível de compreensão.

As perplexidades existenciais estão presentes nos contos de fadas e foram analisadas por Bettelheim (1980) de forma sutil e encantador como a própria vida é. Neste sentido os contos toma os problemas existenciais, orientando, guiando a criança para o futuro de forma que ela compreenda tanto na sua mente inconsciente quanto consciente a abandonar seus desejos de dependência infantil tornando-se independente, uma existência mais livre, equilibrada. Sem contar ainda que os contos de fadas é um entretenimento para criança, divertimento, ao mesmo tempo que a esclarece sobre si mesmo.

Enquanto obras de arte, Bettelheim (1980, p. 20) comenta:

[...] prazer que experimentamos quando nos permitimos ser suscetíveis a um conto de fadas, o encantamento que sentimos vêm do significado psicológico de um conto (embora isto contribua para tal) mas das suas qualidades literárias – o próprio conto como uma obra de arte. O conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra arte. Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente, compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é.

Quando se trata de emoção, sentimentos, coisas da existência humana é complicado mensurar, buscamos na a arte então o trabalho constante da estética, da ética, a literatura tem

este poder mágico de dizer de forma sutil sobre as alegrias e as dores que cada um de nós vive. Assim, o voar requer, evoca adentrar na psique humana redescobrimo a si e outro por meio dos contos de fadas. Um olhar minucioso, generoso onde a vida é tratada como uma obra de arte, a arte da existência humana.

## 5.6 Um pássaro na gaiola inspirou a contar, a cantar: Histórias Curativas

*“Conhecer a sua própria escuridão é o melhor método para lidar com a escuridão dos outros”.*

(Carl Gustav Jung)

O melhor o tempo esconde, longe muito longe, mas dentro aqui! ao abrirmos o nosso baú interno iremos encontrar um tesouro, são memórias, histórias recheadas de alegrias, tristezas, medos, ousadias.

Não podemos negar a nossa história e as histórias que ouvimos. As histórias são curativas quando usadas como processo terapêuticos, logo, elas colam feito tatuagem em nós, elas nos adoecem e nos curam das nossas fragilidades, por meio delas reconhecemos a nossa própria escuridão, para então lidar com a escuridão do outro. Neste sentido, me movo para contar que as histórias são curativas, cura quem conta e quem ouve, pois aquece corações, desperta a imaginação, ressoa na pessoa no corpo e na alma.

Para além da visão artística, de entretenimentos, Perrow (2013) tece com maestria o poder das histórias como fonte curativa para comportamentos desafiadores como uma pílula mágica, nos inspira a criar histórias curativas para crianças, para isto basta deixar a luz entrar, quem sabe eu ou você seja o raio desta luz.

Então, escute a sugestão de Perrow, 2013, p. 16):

[...] baseando-me na definição do dicionário da palavra “cura” – “trazer ao equilíbrio, tornar são ou inteiro”, as histórias terapêuticas são apresentadas aqui como histórias para ajudar a restaurar o equilíbrio ou a integridade em que o comportamento está, de alguma forma, desequilibrado.

A intenção de Perrow (2013) é compartilhar luzes de histórias que trata de diferentes temáticas da existência humana, como um viés de apontamento das dores da alma. Assim como ajudar que cada um crie suas próprias histórias curativas, fornecendo aos professores, pais,

cuidadores, terapeutas infantis várias ferramentas para criar histórias dirigidas a comportamentos desafiadores. Compreendendo que a palavra aqui “comportamento” se relaciona à criança, ou seja, um “modo de agir de uma criança” podendo ser positivo (cooperativo, prestativo, participativo, cordial, confiável, honesto ou como negativo (agressivo, desonesto, preguiçoso, desrespeitoso, ganancioso, irritante etc.).

Perrow (2013, p. 67) alerta:

Por favor, lembre-se de que as histórias não são pílulas mágicas com o poder de consertar e curar todas as dificuldades e desafios. Tampouco pode haver uma lista de histórias adequadas a toda situação. O comportamento é relacional e contextual. [...] cada criança existe e se desenvolve dentro de uma rede intrincada de relações ambientais – familiar, escolar, comunitário e global.

Bem sabemos que é preciso relevar as particularidades de cada criança, sobretudo respeitar a história de cada uma enquanto processo curativo de maneira que seja restauradora e traga libertação. Observe o que Perrow (2013, p. 67) considera como história terapêutica:

Todas as histórias têm potencial curativo ou terapêutico. Se uma história faz as pessoas rirem, a risada pode ser curativa. Se uma história as faz chorar, isso também pode ser curativo. Contos de fadas e folclóricos, com seus temas universais e desfechos, têm possibilidades curativas. Eles podem oferecer esperança e coragem para enfrentar os desafios da vida e ajudar o ouvinte a encontrar caminhos para continuar.

Assim, para cada dor uma história, para cada alegria uma poesia, as histórias são terapêuticas seja ouvido as clássicas, as que serão construídas por cada criança são sempre alimentos para alma, estimulam a imaginação, a coragem para enfrentar os desafios, promovem esperança, alegria, liberam as emoções, sentimentos. Dito isto, Perrow (2013, p. 67) complementa:

A própria experiência de ouvir uma história, não importa o conteúdo, pode ser “curativa”. A contação de histórias usada de forma regular nos programas escolares pode ajudar a desenvolver e fortalecer a concentração das crianças e ativar sua imaginação. Esses efeitos são um bálsamo curativo na modernidade, quando crianças, frequentemente, passam muitas horas passivamente assistindo TV e a DVDs. Potencialmente, todas as histórias são curativas; porém, determinadas histórias podem ajudar ou curar determinadas situações.

Se contar histórias ou criar histórias está intrinsecamente relacionado a cura, assim como curar é restaurar a saúde, propiciar o equilíbrio, tornar-se pleno, reconhecer o senso de completude que todos nós necessitamos para continuar a nossa jornada humana, então, sigamos

contando, encantando, surpreendendo, se redescobrimo na inteireza de ser, vibrando a luz da sabedoria transformadora por meio de criar histórias ou contar histórias.

### **5.7 Mergulhando no oceano do interior. Contos terapêuticos e sua contribuição para o equilibrando o corpo, mente, espírito.**

*“Só aquilo que somos realmente tem o poder de nos curar”.*

(Carl Gustav Jung)

O ressoar de um sino e as batidas de um tambor reverberando no pulsar do coração ao encontro daquilo que somos certamente é o que nos cura. Ao mergulharmos no oceano do nosso interior, tecido pelo poder do mito e das histórias para despertar e curar as energias físicas e espirituais é o que inspira Nancy Mellon (2010) e nos inspira a compartilhar a experiência de aprender a extrair as energias de cura pelo viés de uma boa história.

De um jeito surreal, poético, Mellon dá vida a quem move a nossa vida “os nossos órgãos internos” dando voz e vez a cada um deles através do desenrolar da história de tudo o que os constituem. Narra o entrelaçar das teias biológicas, emocionais, espirituais, corporificado pelo desempenho de suas funções e o seu importante papel nos grandes mistérios do cosmo. Assim, nenhum órgão é visto como meramente biológico, mas constituinte de uma poesia na busca de um corpo e mente equilibrada, vitalmente ligado tanto a psique quanto ao espírito.

Assim, para Mellon (2010, p. 13):

Muitos ensinamentos médicos e espirituais orientais e ocidentais, especialmente os de Rudolf Steiner, inspiraram-me a questionar de que maneira a natureza e os cosmos maiores tecem em nosso interior cada detalhe da forma humana e despertam a consciência. Neste estudo da sabedoria do corpo, [...] sou grata as minhas experiências com a euritmia, o yoga, a contação de histórias, a cura por meio das artes e a medicina da energia.

Exercitar a nossa percepção acerca dos nossos órgãos internos para além de sua função pragmática nos provoca, “o sentir”, entrelaçados por práticas holísticas sob uma energia psíquica, cósmica e pela perspectiva da arte de contar e ouvir histórias.

É com a fluidez das histórias que ouvimos, construímos ou contamos vamos nos tornando mais conscientes de nós mesmos, sentimo-nos o humano em nós, um ser que ri, sente,

cria, chora, é curioso, corajoso. Deste modo, nutrimos o nosso interior, nos curamos e curamos cada órgão que ao longo da nossa vida são os protagonistas de uma boa história, da nossa história.

Mellon (2010, p. 16) nos convida a refletir para além da materialidade do corpo:

O corpo é muito mais que algo atraente a ser adorado ou exercitado em academias; mais que um fator genético e químico a ser estudo; mais que um aparato cujas partes podem ser extraídas e substituídas ou consertadas em meio ao clima frenético de um hospital ou clínica medica. Creio que a visão mecanicista do corpo seja apenas um passo na consciência humana.

Dito isto, tomar consciência do corpo é tomar consciência de si, despertando a vasta sabedoria, inteligência que habita dentro de nós onde o corpo é o nosso templo cercado de emoções, sentimentos e histórias. A arte de contar história, criar, é a arte da vida, a arte da cura, assim, como para Mellon (2010) a contação de histórias é uma arte terapêutica.

Em relação ao corpo, a cura, imaginação, Mellon (2010, p. 20) comenta que “Atrelar a imaginação ao corpo pode revelar obstáculos desconhecidos e despertar novas soluções e resoluções para a saúde. Quando eles são imaginados no contexto de uma história, os sintomas físicos geralmente diminuem ou até desaparecem por completo, às vezes de maneira permanente”.

A vida sendo narrada, tendo como personagens os órgãos do corpo, histórias que tocam, transformam. Quem conta a história e a pessoa que está acometido de uma enfermidade, relata a sua doença através dos olhos da imaginação como uma paisagem ou um personagem, então, a contação de histórias além de ser uma arte, torna-se arte terapêutica.

Enquanto arte terapêutica, Mellon (2010) usa a técnica de estimular começos e fins positivos e criativos, estimulando padrões rítmicos de histórias, logo, o protagonista incluirá os seus problemas como um personagem ou como um som, cor ou paisagem. As histórias são ouvidas, acolhidas, partilhadas segundo Mellon (2010) com olhar terapêutico; o contar, o criar, o ouvir, o chorar, o rir tem outro sentido ao ser narrada por cada paciente.

A partir desta técnica que Mellon (2010) usou, observou e descreveu os elementos básicos da história como: Mitos e histórias ressoam com processos internos específicos, comenta que esse padrão confiável invoca bem-estar e poder de regeneração em cada célula do corpo. O protagonista se põe a caminho em busca de mais, amor, justiça, sabedoria e felicidade. Há sempre um problema, um ou mais obstáculos e/ou antagonistas interferem na viagem. Por outro lado, advém uma ajuda sábia e benevolente, geralmente com a oferta de um presente ou dom.

Finalmente, um final positivo, o protagonista realiza a busca com alegria e celebração. Neste sentido, as histórias são um portal para cura interior, assim como nos contos de fadas e mitos o protagonista inicia a sua viagem com a possibilidade de encontrar um novo amor, saúde, poder, força e felicidade da mesma forma acontece na vida real, assim como acontecia com os seus pacientes sendo eles heróis, heroínas de sua própria história. Pode-se então, sussurrar aos quatros cantos “cada um de nós tem a capacidade de construir histórias maravilhosas terapêuticas por encantamento pela vida que pulsa, pois nas histórias, qualquer coisa é possível.

De coração aberto, Mellon (2010) expõe sua experiência de unir a contação de histórias como processo terapêutico acrescentando como fonte de inspiração os órgãos internos. Inundada de emoções relata a relação de cada órgão com a espiritualidade com mente- alma inteligente, propondo terapias holísticas para complementar o maravilhamento com o modo como todas as esferas orgânicas geram e respondem as histórias específicas, e como a natureza e o universo mais amplos dão suporte ao processo de contação de histórias, vislumbrando o bem-estar.

Cada órgão no toque do olhar de Mellon (2010), tem sentido e faz sentido. O primeiro órgão inspirador ela anuncia como “O mediador animado” se referindo ao coração, talvez porque novas histórias desafiam e dilaceram nosso coração. Ao acordamos o contador de histórias que habita em nós, podemos criar e viver histórias nas quais o rancor pode se transformar em algo positivo, deixando o seu coração falar, fluir.

Seguindo a contação de história de cada órgão, cada um com sua especificidade e beleza, Mellon (2010) sugere praticas holísticas como Yoga, dança, mantra, musicas, palavras afirmativas no sentido de estimular cura, o autoconhecimento. Inicia com coração, depois segue até intestino delgado e o chama de “o artista da casa”, pois ele é o centro da criatividade.

Desce em direção ao fígado o denomina de “o servidor bem-disposto” sendo ele essencial para o nosso bem-estar. Já a vesícula biliar, é a tomadora de decisões gerando pensamentos corajosos e ardorosos. O intestino grosso chamado de “O perfeccionista” e todos os órgãos dependem da saúde rítmica do intestino grosso o que exige dele todo um movimento perfeito. Os líderes inspiradores, os pulmões, como inspiradores com poderes de liderança, os pulmões sustentam proezas de memória e musicalidade. O catalisador, o nosso estômago, ele procura equilibrar a si mesmo e o corpo inteiro convocando de maneira faminta simplesmente o alimento certo.

Os protetores pacíficos: o baço e o pâncreas. O pâncreas é o guardião da doçura de todo o corpo, segundo Mellon (2010) Rudolf Steiner chamou o baço de “o mais espiritual dos órgãos, guardião do limiar entre as influencias cósmicas e a individualidade. A bexiga, a atriz

representam o início da experiência de seu papel desintoxicante, quem nunca por medo ou emoção não deixou a urina jorrar entre as pernas, era ela bexiga em cena.

Os sábios silenciosos, são eles os rins, Mellon (2010) os caracteriza como dois gêmeos em forma de feijão, são os alquimistas de nossa urina diária, como uma semente imóvel e concentrada guarda os segredos da vida, as personalidades de rins fortes evitam confusão e conversa à toa.

Temos a pele designada por Mellon (2010) como “O guarda da fronteira “, a nossa pele seria uma roupa sem costura que vestimos todos os dias, com ela podemos vivenciar várias sensações quando tocada, traz prazer e alegria vigorosa do movimento, chegamos ao pericárdio “o juiz amável” é o protetor do coração, sendo ele sensível e forte. Ainda percorrendo por todo o caminho do corpo, encontraremos “o curador generoso” conhecido como timo a sede da alma, a glândula mestra de todo sistema imunológico.

O que contar sobre o apêndice “o individualista”, é um bolsão de poder, ajuda a sentir a fortaleza intestinal. Quanto aos órgãos genitais “os voluptuosos” trabalham de modo diligente para regular as forças magnéticas a partir das quais somos feitos, formam o nosso corpo para o amor. Finalmente chega-se ao cérebro “o pensador refinado”, reunido e organizado a partir de influências cósmicas e terrestres, o cérebro cria reflexo de si mesmo e mitos nascem. O cérebro procura luz.

De um jeito singelo, apresentei resumidamente a relação da contação de histórias como arte terapêuticas, bem como, palavras chaves que fazem parte da história de cada órgão referenciada por Mellon (2010), não adentrei nas profundezas de sua experiência como terapeuta, bem como em relação as terapias holísticas que acessou, como mais um caminho de cura de seus pacientes.

Expusemos, por ora, o quanto a contação de histórias como arte terapêuticas podem nos conectar com as nossas dores, fragilidades, emoções mais profundas de nossa vida. Lembrando quanto as histórias podem nos adoecer e curar não importa que caminhos tenhamos que atravessar, o importante é que histórias temos sempre a contar, pois elas nos ajudam a imaginar, libertar, humanizar nos convidando para primavera de cura desenvolvendo em nós e no outro mais força para transformação, evolução.

E a grande pergunta, um grande segredo será que o seu corpo tem escutado você e você ele? Seja como for, quer você componha uma história de maneira intencional, quer ela componha você, cada órgão ouve.

De coração aberto desejamos que você consiga transitar pelo caminho da dor, do amor, da alegria e da tristeza, porque não há nada mais humano que a imperfeição, assim como a busca do equilíbrio por meio da contação de histórias, curando pequenos dramas dentro de nós.

## 6. UM PASSARINHO ME CONTOU

*Ouçã e você esquece; veja e você lembra; faça e você entende.”*

(Rudolf Steiner)

Um passarinho me contou do sopro da nossa existência e da perene dança do tempo, da eternidade da alma, do ser, da vida, falo de Rudolf Steiner (2000) e de outros passarinhos (as) que também acreditam na cosmovisão antroposófica, na Pedagogia Waldorf (2016) como um farol para uma educação mais humana, assim como, de que é possível pensar o pensar, sentir sentindo, querer fazendo; comungando ciência e espiritualidade, ou, como ele denominou, ciência espiritual.

Iremos ousar voos com ele, onde o céu é o limite de sua sensibilidade, em suas asas seguras estaremos, podemos ouvi-lo dizer: *Ouçã e você esquece; veja e você lembra; faça e você entende”*; imbuídas por esse aforismo seguimos, com o passarinho da liberdade, da espiritualidade, “Rudolf Steiner” (2000), o poeta da imaginação, o criador da Pedagogia Waldorf. Trago, também, Rudolf Lanz (2016), que contribuirá com seu conhecimento acerca da Pedagogia Waldorf. Inspirada pela sensibilidade de Rudolf Steiner (2000), Rosely Romanelli (2018) nos contemplará por meio de suas reflexões sobre a formação humana e a arte.

Por fim, Sueli Pecci Passarini (2011) nos conduzirá pelo caminho da narração de histórias e sua importância para o desenvolvimento da personalidade da criança de forma integral, holística, onde, a priori, o propósito é promover uma educação mais humanizada, potencializando a imaginação, individualidade, liberdade, aqui, cada gesto de amor faz toda diferença, voemos!!!

Então, apresentamos a Pedagogia Waldorf, a Teoria do Conhecimento, de Rudolf Steiner (2000), fundamentada em sua compreensão do desenvolvimento humano, o que a torna diferente de outras teorias pedagógicas, pois baseia-se numa observação íntima do “ser criança” e das condições necessárias ao desenvolvimento infantil.

Logo, sem esse conhecimento, o próprio conteúdo da Pedagogia Waldorf não pode ser compreendido. Mediante ao exposto, a dinâmica dessa abordagem pedagógica será tecida em contexto com subdivisões inerentes ao próprio fio que a constitui, enquanto um caminho para um ensino mais humano, ou seja, com fundamentos e princípios gerais inerentes à própria pedagogia, por meio da visão de Rudolf Lanz (2016), na obra: A pedagogia Waldorf: caminhos para um ensino mais humano.

Com o propósito de redimensionar a compreensão e a importância dessa pedagogia, no que se refere à arte de contar histórias e à relação com os contos de fadas, fábulas, mitos, busquei bases na obra de Sueli Pecci Passerini (2011), “O Fio de Ariadne: um caminho para a narração de histórias”, e, reitero, com a obra: “A Pedagogia Waldorf: formação humana e arte”, de Rosely Romanelli (2018), bem como, outros teóricos que dialogam sobre essa pedagogia.

### **6.1 Da semente do ‘pensar’, ‘sentir’, ‘querer’ ao germinar e florescer no vale da cosmovisão antroposófica com Rudolf Steiner e a Pedagogia Waldorf**

*“No coração, tece o sentir  
Na cabeça, luze o pensar  
Nos membros, vigora o querer  
Luzir que tece  
Pensar que vigora  
Vigora que luze  
Eis o homem!”.*  
(Rudolf Steiner)

Se contar histórias é uma arte que nos liga ao indivisível e traz resposta às nossas inquietações, então, conto a história do filósofo e educador, Rudolf Steiner (2000, p. 121), trazendo o contorno, a forma, atualizando a nossa memória e nos conectando com a sua cosmovisão antroposófica, como ele, poeticamente, emanou: *“No coração, tece o sentir; na cabeça, luze o pensar; nos membros, vigora o querer; luzir que tece, pensar que vigora, vigora que luze. Eis o ser humano. É com esse luzir, emanadas desta energia cósmica que iremos sonhar as fantasias, imaginar o indivisível, pensar o pensar, sentir, querer, inspirando, plasmando o que de mais humano este pensador nos oferece com força à senda para sociedade mais humanizada.*

Rudolf Steiner (2000) nasceu em Kraljevec, na Áustria, em 1861. Viveu sua infância em meio à natureza, com paisagem magnífica, em um lugar montanhoso. Fundador da Antroposofia e da Pedagogia Waldorf, *filósofo, escritor, artista e estudioso*. De acordo Passerini (2011), Steiner definiu, como Antroposofia, “um caminho de conhecimento que pretende fazer o espírito humano chegar à união como o espírito cósmico”, ou “um

conhecimento produzido pelo Eu Superior do homem”, ou seja, Antroposofia é uma forma de observar o mundo, o homem e sua relação com tudo o que o cerca.

Steiner (2000) foi um homem muito prático, construiu sua teoria do conhecimento a partir de suas vivências, concretizando ideias e influenciando vários pensadores. O seu desejo era mostrar para o mundo tudo o que ele dizia ter vivenciado anteriormente. Seu pai era maquinista e esperava que o filho se tornasse um engenheiro. Por influência paterna, cursou Ciências Exatas, no Instituto de Tecnologia de Viena, apesar disso, desde cedo, tinha muita sensibilidade para os assuntos espirituais.

Entretanto, foi durante os estudos técnicos, na Alemanha, que passou a ter contato com as ideias filosóficas de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) e de outros pensadores que o influenciaram muito, especialmente Goethe. Aos 22 anos, Steiner foi contratado para organizar os escritos de Goethe. O pensamento de Goethe o influenciou muito nos construtos teóricos Steineriano. No entanto, ao mesmo tempo em que editava e catalogava as obras do filósofo alemão, começou a desenvolver sua própria linha de pensamento: a teoria da Ciência espiritual, bem como, a Pedagogia Waldorf.

Em 1914, Rudolf Steiner se casa com Marie Von Sivers, passa a se chamar Marie Steiner. Nos 10 anos seguintes, ele desenvolve várias áreas do conhecimento humano a partir da perspectiva antroposófica, como: arte; euritmia; pedagogia; vida social; medicina antroposófica e farmacêutica (elaboração de medicamentos antroposóficos); terapias; agricultura; apicultura; arquitetura; teologia.

Steiner (2000) encontrou muita resistência na aceitação da sua teoria do conhecimento, chamada de “ciência espiritual”, perante ao mundo científico de sua época, uma vez que a ciência moderna materialista, mecanicista, enquadrava o ser humano em sistema de regras e o interpretava a partir delas, tais como as leis da química, biologia, física, psicologia, sociologia, e outras ciências modernas. No entanto, a Antropologia enfoca o ser humano sob uma perspectiva mais ampla, embora seu raciocínio e métodos não deixem de ter rigor científico. Steiner definiu a antroposofia como "um caminho de conhecimento para guiar o espiritual do ser humano ao espiritual do universo”.

Complementando, Romanelli (2017, p. 40) relata que Antroposofia se define como:

[...] define-se Antroposofia como um conhecimento espiritual conquistado pelo homem, não revelado e respaldado por uma tradição autoritária, mas elaborado pelas forças cognitivas do ser humano individual. Para que isso seja atingido, Steiner procura objetivar o ato de pensar, inaugurando o que ele qualifica de pensar sobre o pensar, tendo como “eu” como sujeito desse ato.

Neste sentido, o pensar sobre o pensar é uma forma de apreensão da realidade, tornando o homem consciente de tudo o que o cerca. Romanelli (2017, p. 44) comenta sobre o caminho lógico de Steiner sobre sua teoria do conhecimento:

Steiner acredita num caminho claro e definido pelo pensar até a realidade espiritual. O pensador materialista acredita que o conhecimento só pode residir no âmbito do mundo sensorial. O místico rejeita o uso da cognição e acredita que o caminho da fé é o mais correto. Para Steiner, o mundo espiritual manifesta-se por meio das ideias. Negá-las é, de algum modo, negar o mundo espiritual e mergulhar num vazio de ideias. Ele entende a experiência mística como uma união viva que acontece no próprio interior do ser humano com as fontes da existência humana.

Posto isto, a perspectiva antroposófica Steiriana preconiza que a estrutura do homem é similar à dos reinos mineral, vegetal e animal, o que os diferencia em relação ao ser humano são os aspectos psíquicos e espirituais, o “eu”, e, portanto, a consciência de si. O homem é um ser único, singular, consciente, movido a satisfazer seus desejos, tem liberdade de escolha. O animal, predeterminado pelas características de seu grupo, não tem liberdade de escolha, tampouco individualidade.

Para Steiner (2000), o homem é constituído por quatro elementos, ou seja, tem uma constituição quaternária, ou quadrimembração, vejamos: corpo físico, corpo etérico - ou vital -, corpo astral (alma) e do Eu (espírito). Neste sentido, é possível fazer uma correlação com a teoria do filósofo grego, Empédocles, por volta do século V a.C. Segundo ele, tudo que existe no universo seria composto por quatro elementos principais: terra, fogo, ar e água. Então, pode-se pensar que terra (corpo físico), água (corpo etérico), ar (corpo astral) e fogo (Eu).

Steiner, em sua cosmovisão antroposófica, nos apresenta à quadrimembração. Aqui, busco em Rudolf Lanz (2016), esta compreensão, apresentada desta forma: o corpo físico é a estrutura sólida, material, palpável, mensurável, sujeita às leis da física e da química, é totalmente morta quando não permeado pelo segundo elemento, o corpo éterico.

O corpo éterico (ou vital) são as forças responsáveis por todo o princípio da vida, presentes em todos os seres (vegetais, animais ou seres humanos). É ele, quem nos dá a possibilidade de desenvolvermos vida vegetativa, ou seja, crescimento, regeneração e reprodução. Já o corpo astral (corpo anímico ou alma), são forças da consciência, presentes nos reinos animal e humano, formam o fundamento para uma vida sensitiva. Sua função é organizar os processos vitais, manifesta-se como sistema nervoso e vida psíquica.

Finalmente, o “EU” (espírito), é o elemento da essência do ser humano, fazendo toda diferença, distinguindo-o dos demais reinos e seres da natureza. Tem responsabilidade pela atuação saudável dos demais corpos e o aparecimento do andar ereto, da fala e do pensar. É a

nossa individualidade, nossa entidade espiritual, relaciona-se com os processos de calor do âmbito do organismo. A partir do momento em que homem se reconhece, se autodetermina, reverberando o “EU”, se separa e se distingue do animal, tornando-se livre para fazer suas escolhas. Conforme Passerini (2011, p. 16) “Todos os seres foram criados, são criaturas, mas apenas o ser humano, a partir de seu eu, de sua parcela espiritual, pode transcender essa condição e passar de criatura a criador. Liberto das leis exteriores que o criaram, o homem torna-se livre para criar ou destruir. A escolha é sua”.

Neste sentido, o homem é responsável pela construção de sua história, seja ela criativa ou não, e, ao acrescentar o “eu”, manifesta o seu espírito. Somente um ser constituído de corpo, alma e espírito é capaz de escrever o seu destino, tornando-se o que é, um ser livre. O fato de o Homem ter consciência, lhe confere um distanciamento do reino animal, Lanz (2016, p. 25) comenta sobre esta faculdade do ser humano:

[...] O homem possui, pois um centro autônomo de sua personalidade, o qual constitui o amago de sua consciência e do qual ele tem uma experiência direta e inofismável. Quando fala desse centro, ele diz “eu”, e esse eu ou ego, verdadeira parcela espiritual, é que distingue do animal. [...] ele é esse eu (ego), ao qual os três corpos servem apenas de base ou envoltório.

Essa tomada de consciência do homem lhe confere sua personalidade. Assim, o Eu pensa, deseja, por intermediário de seus corpos inferiores. O Eu ama, odeia, cobiça, renuncia, escolhe seus atos entre o bem e o mau, expondo suas emoções e sentimentos. Lanz (2016) comenta que os poetas, há muito tempo, já diziam de um “fogo da personalidade, do amor, do ódio”, com muita razão, pois o elemento fogo é, por assim dizer, o apanágio espiritual do Eu.

De acordo com Romanelli (2017), Steiner pregava a liberdade individual, a autoconsciência, o livre arbítrio, e, no campo da educação, para educar com liberdade, era preciso que o professor conhecesse seus alunos, ou, ainda, tivesse o domínio sobre o desenvolvimento do ser humano. Destarte, ao ter, como base, o pensamento, ou, ainda, o pensar sobre o pensar, de forma a compreender a entidade humana, o objetivo da Antroposofia era tornar o homem um ser mais espiritualmente livre (LANZ, 2016).

Na concepção Steiriana, o ser humano é trimembrado, formado por corpo, alma e espírito. O corpo agrega a vida do mundo físico. A alma é a portadora dos impulsos anímicos e sentimentos. O espírito é a conexão com o mundo divino-espiritual. Assim, inspirado pelos princípios da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. Steiner correlaciona a trimembração com a questão social, aplicando cada um a uma esfera da atuação humana. Deste

modo, a liberdade, em sua visão, é exercida na área da cultural e espiritual. A igualdade é empregada na área política-jurídica em relação a fraternidade necessária na área econômica.

Romanelli (2017, p. 84) comenta sobre a intenção de Steiner, em relação a trimembração, no aspecto social e educacional.

A ideia da trimembração social surge em Steiner como um desdobramento da autonomia que o ser humano pode atingir caso siga o caminho cognitivo exposto por ele. É como extensão da ideia de um ser humano autônomo capaz de assumir uma postura ética diante da vida pessoal e na convivência social, a autonomia entre os três âmbitos da vida em sociedade construir-se-iam numa questão de conscientização não havendo o uso de força ou coação.

O enfoque da trimembração social, pensada por Steiner, está vinculado à sua proposta de pedagogia, onde a base é a formação de indivíduos livres, com igualdade de direitos e fraternidade para cuidar das necessidades financeiras, materiais. Posto isto, ressalto que, além da constituição quaternária do homem e do enfoque da trimembração social, Steiner (2000) revela, não só importância apenas no campo pedagógico desta constituição, bem como procura analisar as várias atividades anímicas do homem, como o “pensar”, o qual se junta à percepção sensorial e à memória, o “sentir e o querer”.

Destaco que essas atividades anímicas tem uma estreita relação com a constituição física, nos graus de consciência da mente humana. Neste sentido, o corpo humano se divide em cabeça, tórax e abdome, aos quais se acrescentam os membros. Lanz (2016) estabelece o seguinte paralelo com o estado de consciência, o qual apresento:

**Quadro 4** – Estado de consciência da constituição do corpo humano

<b>SISTEMA</b>	<b>PRINCIPAL LOCALIZAÇÃO DO CORPO</b>	<b>ESTADO DE CONSCIÊNCIA</b>
<b>Neurosensorial</b>	Cabeça	Consciência total vigília
<b>Rítmico-circulatório</b>	Tórax	Semiconsciência sonhos
<b>Metabólico-motor</b>	Abdome e membros	Inconsciência sono

**Fonte:** Produzido pela Autora a partir de Lanz (2016).

Conforme Lanz (2016), essas três atividades anímicas e sua projeção no corpo refletem suas características, também, no campo espiritual. Outrossim, ele também cita a tríade em relação ao estado de consciência, o pensar, o sentir, o querer, sendo elas um dos fundamentos do conceito de homem, teorizado por Steiner, bem como base da pedagogia Waldorf:

**Quadro 5** – As três atividades anímicas teorizadas por Steiner

<b>Pensar (Intelecto)</b>	<b>Sentir (Sentimento)</b>	<b>Querer (Metabolismo)</b>
Plena consciência	Semiconsciência	Inconsciência

**Fonte:** Produzido pela Autora a partir de Lanz (2016).

Vale mencionar que é desafiador e importante a tomada do estado de consciência plena pelo homem, sendo ela a senda para uma vida de plenitude, da liberdade. O homem se constituindo enquanto dono do seu destino e desperto. Estas três capacidades anímicas se desenvolvem e se relacionam de forma diferente a cada período da vida.

De acordo com Lanz (2016), há uma polarização e harmonização nestas três capacidades anímicas, onde o sentir é o mediador. Quando pensamos, estamos, necessariamente, visualizando o passado. No entanto, não tratamos de fatos, e, sim, de nossas percepções sobre os fatos.

O cérebro trabalha com o imaterial, o que significa que, para todas as coisas físicas com as quais fazemos contato com os nossos sentidos, a mente cria representações. O pensar está sempre ligado à observação sensorial e ao conhecimento geral. Neste sentido, Steiner emprega a palavra antipatia - o distanciamento, o recuo do indivíduo em relação ao objeto para melhor enxergar, observar, pensar, lembrar que objeto está fora deve ter uma forma que facilite a observação.

O sentir está intimamente ligado ao tempo presente, e é bastante volátil, de modo que, frequentemente, alternamos entre as polaridades de simpatia e antipatia. Nossos sentimentos fazem a ponte entre o pensar (cabeça) e o querer (membros). Uma criança pequena, por exemplo, tem o Querer muito forte, e intimamente ligado ao Sentir. Quando ela se agita, pedindo alguma coisa, é porque cada movimento está ligado à sua vontade. Já com o idoso, acontece o contrário, o Querer, tornou-se independente do Sentir, que passou a ligar-se mais ao Pensar.

Já a dimensão do querer, conecta-se com o futuro, prevalecendo, aqui, o sentimento de simpatia. Queremos ser unos com nosso ato. Se queremos algo, projetamo-nos em direção ao futuro, da mesma forma como voltamos para o passado, ao “conhecermos”. O futuro, neste caso, é sempre cheio de vida.

Quanto à tríade (pensar, sentir, querer), no livro “A filosofia da liberdade”, Steiner (2000, p. 80) externa que:

Pensar e sentir corresponde à natureza duálca de nossa entidade [...]. O pensar é o elemento através do qual participamos do universo geral; o sentir é o meio pelo qual nos retraímos em nosso mundo próprio. Nosso pensar nos une ao mundo, nosso sentir nos reconduz a nós próprios, fazendo de nós um ser individual. Se fossemos apenas seres pensantes e dotados de percepção, a nossa vida transcorreria numa endereça total. Se apenas nos reconhecêssemos como eu, nosso eu nos seria completamente indiferentes.

Observa-se que a vida é um eterno devir, onde o pensar, o sentir, o querer estabelecem vínculos vitais, vibrando na forma que o “Eu” contempla o mundo. Para Steiner (2008, p. 103):

O querer e o sentir aquecem a alma humana ainda depois do evento que os originou. O pensar, no entanto, facilmente causará uma impressão posterior de frieza, parece ressecar a alma. [...] Quem investigar o pensar em suas profundezas descobrirá nele também o sentimento e o querer em sua manifestação essencial. E por outra lado, quem menospreza o pensar para se voltar ao mero sentir e querer perderá a verdadeira essência deles (STEINER, 2008 p. 103).

Ouço o sussurro do vento, a ponto de acreditar que o pensar, sentir e querer mantêm uma estreita relação com a mente, coração, mãos e com o passado, o futuro e o presente. A mente é que move as percepções, conceitos, argumentos e ideias; no entanto, é o coração, quem vibra por meio das emoções, das vivências, do humor, do astral e dos valores; as mãos e membros conectam-se com as vontades, as intenções, as motivações, a energia e as ações.

## **6.2 Sinto tudo, não sei de nada. A luz que brota em tempos sombrios: Os princípios da Pedagogia Waldorf**

*“A Natureza faz do homem um ser natural;  
A sociedade faz dele um ser social;  
Somente o homem é capaz de fazer de si um ser livre”.*  
(Rudolf Steiner)

**Figura 3<sup>9</sup>** – Os princípios da Pedagogia Waldorf



**Fonte:** Web del maestro CMF

O fundamento da Pedagogia Waldorf é oportunizar, à criança, ao adolescente, a harmonia física-anímica-espiritual na prática educativa, partindo da visão antropológica, fazendo com que esta educação responda às necessidades, vigentes e futuras, do ser humano. Seus princípios são pautados na trimembração do organismo social, que partiu da revalorização dos impulsos da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, onde se tem liberdade (no pensar) com responsabilidade, igualdade (jurídico- legal) de deveres e direitos, e fraternidade, como respeito mútuo, regendo as instituições com base na Pedagogia Waldorf. Romanelli (2017, p. 98) afirma que:

Em suas preocupações com as questões sociais, Steiner acredita que a educação pode ser colocada como tarefa social básica para reformulação da sociedade e das relações entre os homens. Sua proposta era de que isso fosse alcançado tendo a educação

<sup>9</sup> WEB DEL MAESTRO CMF. **Diferencias entre los métodos pedagógicos alternativos:** Montessori, Waldorf, Reggio Emilia y Pikler. Docentes, Educación y Pedagogía. Disponível em: < <https://webdelmaestrocmf.com/porta/diferencias-entre-los-metodos-pedagogicos-alternativos-montessori-waldorf-reggio-emilia-y-pikler/>>. Acesso: 18 jan. 2021.

como possibilidade de desenvolvimento espiritual do homem, para seu crescimento como ser capaz de relacionar-se de forma harmônica no âmbito social. De acordo com a concepção de ser humano livre, apresentada pela antroposofia, a criança educada pela Escola Waldorf tem seu desenvolvimento pautado pelos septênios, de maneira a preservar suas potencialidades e o desenvolvimento de sua individualidade.

Considerando as preocupações de Steiner com as questões sociais, destacamos que, no início do século passado, Rudolf Steiner retomou a ideia que havia, na antiga cultura grega, de que se dividia, a vida humana, em dez períodos de sete anos, ou septênios, e as fundamentou para o ensino aplicado à Pedagogia Waldorf.

Assim, no período entre a infância e a adolescência, dá-se importância aos três primeiros septênios, nas faixas de 0 a 7 anos, de 07 a 14 anos e de 14 a 21 anos. Esta organização em períodos de sete anos está ligada a fatores que antecipam alguns acontecimentos marcantes, períodos em que a criança e o jovem recebem educação na escola.

Cada septênio apresenta momentos, evidentemente, diferenciáveis, nos quais surgem ou despertam interesses, perguntas latentes e necessidades concretas. Romanelli (2017, p. 115) esclarece o primeiro septênio: o mundo é bom:

[...] no primeiro septênio o desenvolvimento do corpo etérico é gradativo até que se torne autônomo. Ocorre também o desenvolvimento do corpo físico, plasmado pelo etérico. O corpo astral e o “eu” ainda não despertaram e a criança é muito permeável a tudo que está a seu redor. Esse é um fato que, segundo Steiner, todo educador deve conhecer e considerar. A criança absorve inconscientemente tudo que existe ao seu redor, tanto no aspecto físico quanto ao emocional. O clima emotivo que a circunda, o caráter e o sentimento das pessoas que a rodeiam, tudo penetra na criança e é absorvido pelo corpo etérico. Desta forma, pelas forças plasmados do corpo, as influências externas exercem efeitos profundos sobre a formação física e psíquica da criança e a acompanham durante sua vida futura.

No primeiro septênio (zero a sete anos), a criança emprega todas as suas energias para o desenvolvimento de seu físico, manifestando toda sua volição através de intensa atividade corporal. Acontece uma metamorfose na formação física da criança, metamorfoseia-se em maior ou menor, a capacidade de atuar com liberdade na vida adulta, no âmbito cultural-intelectual. É também nesta fase que a criança tem uma grande abertura em relação ao mundo.

Ela acolhe, sem resistência anímica, tudo o que lhe advém do ambiente em redor, entregando-se ao mundo com confiança ilimitada. Vive num estado de ingenuidade paradisíaca, num mundo em que o bem e o mal se confundem, indistintamente. Romanelli (2017, p. 111) pondera que:

O primeiro septênio: o mundo é bom. No primeiro septênio o desenvolvimento do corpo etérico é gradativo até que se torne autônomo. Ocorre também o

desenvolvimento do corpo físico, plasmado pelo éterico. [...] Segundo Steiner, a criança imita inconscientemente tudo o que percebe, porque o ambiente a permeia. Seu comportamento, seu modo de falar, as suas maneiras à mesa, seus gestos, são uma cópia dos modelos que a rodeiam. Sua forma de assimilação acontece pela imitação e pelo exemplo, que são palavras mágicas que caracterizam a forma pela qual a criança se relaciona com o mundo. O papel do educador nessa fase é, então, para Steiner, manter a criança suprida de carinho e amor, calor e aconchego. Na falta desse suprimento surgem os traumas e os problemas psíquicos e as consequências físicas: queda de resistência e doenças. Assim, ficam grandemente comprometidas os desenvolvimentos mental e físico. As condições que cercam a criança devem fazê-la gritar alegremente: “O mundo é bom”

Na perspectiva Steineriano, todos os órgãos de percepção sensória da criança estão abertos e, a partir de uma intensa atividade em seu interior, ela responde com a repetição dos estímulos vindos do ambiente exterior, por meio da imitação. Essa imitação é a grande força que a criança de primeiro septênio tem disponível para a aprendizagem, inclusive a do falar, do fazer, do adequado ou impróprio no comportamento humano. E é por meio da imitação mais sutil que ela gera, ainda sem consciência, o fundamento da sua moralidade futura.

Nesse período, a criança tem muitos amigos, está aberta a novos contatos, porém, as amizades ainda são bastante superficiais, não atingindo, efetivamente o outro, pois são muito mais destinadas a trazer o outro para o seu próprio mundo e brincar. Sua relação mais importante com o mundo exterior transcorre de fora para dentro. No entanto, as experiências adquiridas ainda não são centralizadas no eu, isto é, no centro de sua consciência.

Conforme Romanelli (2017, p. 119), no segundo septênio, a criança acredita que o mundo é belo:

Segundo septênio o mundo é belo. No segundo septênio (7 – 14 anos) conforme os ensinamentos de Steiner, percebe-se o corpo tomando a liderança e promovendo o desenvolvimento da fantasia, do sentimento e da emotividade. O pensar e a memória evoluem rapidamente, porém intensamente permeados de sentimentos e emoções. O educador deve, então, atuar principalmente sobre o corpo astral, pois só por meio dele pode atingir os corpos etéricos e físico de forma sadia, permitindo que desabrochem as forças próprias do “Eu”. [...] Steiner ressalta a importância do cultivo de um sentido estético e artístico. [...] pelo sentido estético, o bom é percebido como belo, enquanto o mau é percebido pelo feio.

Cada septênio na pedagogia Waldorf tem sua contribuição para o desenvolvimento integral da criança, no sentido de consolidar sua individuação, libertação e seu processo de humanização. Nesse sentido, deve ser respeitado cada ciclo e não atropelados.

Existe todo um encandeamento para compreendê-los, pois são o pilar basal do fundamento da teoria do conhecimento de Rudolf Steiner, que aponta para uma metodologia de ensino que propõe o pensar, o sentir, o agir, deste modo, promovendo a formação de um ser

humano mais harmonioso. Complementando, Romanelli (2017, p. 124) comenta sobre o Terceiro septênio: O mundo é verdadeiro:

Terceiro septênio: o mundo é verdadeiro. O processo vivido pela criança no terceiro septênio inicia-se, na verdade, com o que Georg Locklear chama de A aventura da razão e da pré-puberdade – que começa a partir dos doze anos. Segundo ele, nessa fase ocorre uma grande transformação física, ocasionando um comportamento desajeitado, devido ao crescimento, que o jovem não acompanha, na velocidade com os sentimentos e com o pensar. [...] Assim, a criança e o jovem estão consolidando seus corpos físicos para que ele forneça a sustentação necessária para o estabelecimento do pensar, e com ele o nascimento do “eu” da individualidade. [...] A consciência humana, segundo ele, atua no ponto de encontro entre o fluxo do futuro e fluxo do passado. Recorrendo aos aspectos metodológicos, ele lembra que no segundo septênio, quando o corpo etérico está sendo constituído na criança, ele se plasma com o auxílio pedagógico da fantasia, por intermédio de contos, mitologia, biografias etc. Ou seja, pelo fluxo do passado. No terceiro septênio, quando se está atuando sobre a formação do corpo astral, são os ideais para futuro que contribuem para que isso aconteça.

Assim, de passo a passo, de flor em flor, a vida humana não decorre de forma linear, mas em ciclos, como já sussurrada por Steiner, a criança sorva os encantos que a vida, generosamente, oferece por meio do olhar, do sentir do educador, quem conduzirá a criança a flertar com o desconhecido, com o intenso regozijo da descoberta com muita confiança em si.

Aqui, o papel do educador é de manter, suprir de carinho e amor, calor e aconchego,

**TABELA RESUMO DA PEDAGOGIA WALDORF**

	Faixa etária (setênios)	Corpo sutil prioritário	Atividade prioritária	Relação com educador	Mensagem principal
	14 – 21 anos	Corpo - Eu	Pensar	Transparência/ Inspiração	O mundo é VERDADEIRO
	7 – 14 anos	Corpo Astral	Sentir	Autoridade / Reverência	O mundo é BELO
	0 - 7 anos	Corpo Etérico	Querer (Agir)	Imitação / Exemplo	O mundo é BOM

emanando, de acordo com cada ciclo, o mantra de cada septênio: O mundo é bom, o mundo é belo, o mundo é verdadeiro.

**Figura 4 – Resumo da proposta da Pedagogia Waldorf na visão de Rudolf Steiner para cada fase do desenvolvimento humano durante a vida escolar<sup>10</sup>**  
 Fonte: Pedagogia da Inteira (2018).

<sup>10</sup> PEDAGOGIA DA INTEIREZA. **Pedagogia Waldorf**: a educação na visão de Rudolf Steiner. 2018. Disponível em: <<https://pedagogiadainteireza.com/2018/02/11/pedagogia-waldorf-a-educacao-na-visao-de-rudolf-steine>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

Lanz (2016) revela que o educador Waldorf atua com seu corpo etérico sobre o corpo físico do aluno, justamente na época em que o próprio corpo etérico do aluno também plasma o corpo físico (lembrando que isto acontece no primeiro septênio). A maneira de ser do educador, sua índole, atuará sobre a criança até os sete anos, uma vez que ela aprende por imitação. Já no segundo septênio, é a vida temperamental do educador, as emoções que emanam e agem sobre o corpo etérico dos alunos; o eu do educador, sua personalidade intelectual e moral, provocam, no terceiro septênio, as reações emocionais nas influências astrais dos alunos.

Sob esta perspectiva, então, exigem-se qualidades e capacidades diferentes de um educador de jardim de infância, ensino fundamental e, até mesmo, do ensino médio, quiçá da universidade. Ressaltando que isto se deve a três princípios pedagógicos elaborados por Steiner: a imitação, no primeiro septênio, a autoridade amorosa, no segundo septênio e o juízo próprio, resultado da observação e da vivência própria, no terceiro septênio.

Outrossim, Steiner reconhece que, diante da complexidade da meta da pedagogia e da responsabilidade espiritual, a meditação, reflexão íntima desligada da realidade, é uma das grandes tarefas do educador Waldorf, pois o aluno Waldorf deveria ser objeto de atitude meditativa constante, no fazer do educador, bem como, entende-se que um bom educador, estará, sempre, preocupado com sua autoeducação.

O verdadeiro interesse e preocupação do adulto em melhor conhecer e servir a cada criança, fará com que desenvolva a capacidade interior de tecer um elo de investigação invisível com cada criança do seu grupo. É sob esta conexão cósmica, que a Pedagogia Waldorf transcende a mera transmissão de conhecimento, fazendo total diferença entre tantas outras propostas de pedagogia. Assim, ela se converte em sustentação do desenvolvimento integral do educando, cuidando que tudo o que se faça tenha, como meta, a transformação de sua vontade e o cultivo de sua sensibilidade e intelecto.

Desse modo, procura-se estabelecer uma relação harmônica entre desenvolvimento e aprendizagem, fazendo confluir a dinâmica interna da pessoa com a ação pedagógica direta, ou seja, integrando os processos de desenvolvimento individual com a aprendizagem da experiência humana, culturalmente organizada. Outro diferencial da Pedagogia Waldorf, é que sua visão pedagógica dá especial atenção para que, no ensino, se entrelacem, os pontos de vista científicos e estético-artísticos, com os aspectos relativos ao respeito profundo e à admiração ante ao mundo e tudo o que o cerca.

O impulso artístico proposto por Steiner, baseado na antroposofia, por meio da euritmia, escultura, pintura e arte da fala, é a varinha mágica que possibilita, ao aprendiz, entrar em contato com seu próprio eu artístico. Na busca do elemento artístico específico de cada arte, a pessoa depara-se com o universo dos fenômenos, conhece suas formas de expressão, e pode criar, a partir de elementos como equilíbrio, movimento, cor, som, forma, ritmo, etc. A aproximação com tais elementos exige concentração e auto-observação, qualidades que se adquirem durante o próprio fazer artístico.

Ao criar algo completamente novo, saído inteiramente do seu interior, a pessoa trabalha e mostra seus limites, ao mesmo tempo em que afirma sua individualidade e valoriza a si mesmo, dá passos rumo à superação. Por outro lado, o fazer artístico ampliado pela antroposofia, é sempre um veículo de expressão da alma, em outras palavras, onde o objetivo é a comunicação plena do artista – que segue por um caminho de autotransformação – como espectador da obra de arte, podendo atuar positivamente sobre este, levando ao equilíbrio e a harmonização interna do indivíduo. Em cada arte, um elemento e uma função.

Então, se tem escultura (aprende-se a criar respeitando as qualidades de cada material, visando captar sua essência e não apenas a sua aparência), pintura (com esse conhecimento, ele pode utilizar a essência das cores para revelar muito de si próprio), euritmia (juntamente com a música e a poesia, a euritmia expressa suas vivências mais íntimas).

Segundo Rudolf Steiner (2000), a euritmia é a fala visível, arte da fala (desenvolvendo as qualidades artísticas da linguagem e expressando-se artisticamente), Terapia Artística (fundamenta-se na visão médica, terapêutica e artística, ampliada pela Antroposofia de Rudolf Steiner, segundo a qual o homem é um ser constituído de espírito, alma e corpo vivo, e no conhecimento teórico e prático dos elementos das artes e das leis que os regem). Outrossim, não menos importante, é o currículo Waldorf, que tem em sua base o segredo de um bom ensino, que consiste em, não apenas, querer transmitir informações, mas ensinar a aprender, onde a arte perpassa por todas as outras áreas do conhecimento, de modo integral.

É oportuno mencionar a participação ampla dos pais, desde a presença nas reuniões formais no trabalho pedagógicos dos professores, bem como, envolvimento no conselho dos pais, que depende muito do espírito que reina em cada escola. Waldorf já mensurando a importância desta harmonia, para a realização das metas, princípios da pedagogia Waldorf. Romanelli (2017, p. 142) faz alusão ao foco na arte como prática cotidiana da pedagogia Waldorf:

A Pedagogia Waldorf surge, com seu enfoque artístico, como uma possibilidade de desenvolvimento dessas faculdades. Pelo uso da imaginação, da estimulação a fantasia, a criança desenvolve seu potencial criativo e as faculdades anímicas, que lhe possibilitam enxergar o mundo de forma artística. Na prática, ao ouvir um conto de fadas, por exemplo, ela cria ativamente imagens em sua alma. Essas imagens surgem no momento em que ela foi solicitada a desenhar aquilo que lhe foi transmitido pelas palavras. O exercício constante dessas atividades fortalece suas potencialidades de criação. E é nisso que reside sua maneira diferenciada de enxergar o mundo. Antes de trabalhar o intelecto, o professor atua nas forças da fantasia e da imaginação. Quando esse intelecto for solicitado posteriormente, poderá atuar de maneira que Steiner vislumbra em sua metodologia, unindo conhecimento e arte.

Daí a relevância da arte, sobretudo a contribuição da Pedagogia Waldorf, de pensar na arte de contar histórias para além de uma visão mecanicista, mas como possibilidade de promover o pensar, agir, o sentir, sustentado por pressuposto teórico que visa a formação do ser humano, permeado pelo aspecto físico, mental, espiritual.

E, sobretudo, traz um olhar de valorização à imaginação, à fantasia, bem como, o processo de individuação, humanização, tão oportuno para esse tempo árido, onde a tecnologia, o panorama político brasileiro, têm levado à inversão dos valores.

Deste modo, Romanelli (2017, p. 139) versa sobre o método de Steiner:

Apenas Steiner sita seu método numa perspectiva que abrange, segundo ele, o aspecto espiritual da entidade humana [...]. O que se pode perceber é que Steiner está propondo um “encantamento” por meio desse processo, que ele justifica com necessidade do uso do elemento artístico para que se atue na natureza volitiva do ser humano em formação. Aqui, pode-se vislumbrar, na Pedagogia Waldorf, “a sensibilidade mytica” de Steiner, trazendo à prática cotidiana “uma possibilidade libertadora de construção da pessoa, através do exercício da imaginação criadora, criativa geradora de utopia”

Para conservar ou reavivar o estado de encantamento no aspecto espiritual do ser humano, nada tão inefável, sutil, como a arte, sendo ela fonte de vida, libertação que conduz ao caminho da individuação, na plenitude do si mesmo da existência humana.

### **6.3 Se essa rua fosse minha, eu iria ladrilhar com muita arte para histórias eu contar: Conte um conto, por favor...**

*“Os contos de fadas são um legado inestimável do passado que alimenta e protege a vida interior da criança”.*

(Rudolf Steiner)

No princípio, era a palavra, o conto, as fadas, os contadores de histórias e a pedagogia Waldorf assim revelam. Ao contrário do que muitos adultos pensavam, os filósofos defendiam que as crianças precisavam de contos de fadas, argumentavam que contos de fadas contribuíam para o desenvolvimento da imaginação e da compreensão das suas emoções.

Lanz (2016) conta que pairavam dúvidas relacionadas aos construtos da Pedagogia Waldorf ao descrever a importância dos contos de fadas no processo educativo das crianças até oito anos de idade. Neste sentido, surgiram inúmeras críticas, questionamentos, referindo-se, especialmente, ao fato de que em plena época da técnica e da divulgação científica, pensar-se em um mundo irreal de fadas, anões, príncipes encantados, cheios de milagres e de crueldades para os pequenos. Lanz (2016, p. 113) defende o porquê da importância dos contos de fadas na formação humana:

Nas grandiosas imagens dos contos, encontramos os grandes princípios diretores da evolução humana: o estado original de harmonia e perfeição (o reino); a queda (a madrasta, andanças pela floresta); a perda da harmonia original (o mundo das pedras, os sofrimentos); as tentações (dragões, fadas más) o despertar da inteligência (anões que auxiliam, outros seres elementares); a alma que luta (a princesa vestida de traços, ou o príncipe que passa por estado de harmonia (o casamento feliz da princesa com o príncipe) etc. Em seus mínimos detalhes, os autênticos contos de fadas revelam essa origem oculta que, para gerações remotas, continha toda a moralidade de que estas precisavam, além de satisfazer sua curiosidade histórica.

É imensurável, a contribuição do conto de fada para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, pois, os contos com suas histórias de obstáculos e provações desenham as etapas da viagem que a criança terá de enfrentar na vida. Além de darem conforto, os contos de fadas contribuem para o desenvolvimento da imaginação e da compreensão das suas emoções, do processo de humanização, individuação, libertação.

É sob esta acepção, sem dúvida, que a Pedagogia Waldorf e Rudolf Steiner plasmam todo um jeito de ir além de palavras, frases, imagens. Sobretudo, toca o corpo, a mente, o espírito da criança, em pleno desenvolvimento no ápice da sua vida.

Com a perspectiva antropológica da pedagogia Waldorf Sueli Pecci Passerini (2011) abordamos a respeito da contribuição dos contos de fadas e da contação de histórias na formação integral da criança em idade escolar. Aqui, trilhamos caminho de Passerini (2011), tendo como base o seu Fio de Ariadne percorrendo o seu pensar, sentir, querer, na busca do desenvolvimento integral da criança nas escolas Waldorf, por meio dos contos de fadas e da contação de histórias. Dito isto, referindo-nos ao modo como Passerini (2011, p. 101) descreve este momento de que “A narração de histórias para os alunos, nas salas de aula das Escolas

Waldorf, é uma práxis que possui como objetivo despertar a consciência e possibilitar paradigmas de comportamento”.

Assim, Passerini (2011) relata o ritual desta vivência por meio da narração de contos de fadas, de acordo com o ciclo de cada criança Waldorf, dito de outro jeito, respeitando os septênios, bem como, o que contar em cada momento. Para Passerini (2011, p. 104), há um trabalho educativo em cada ciclo, quando se refere aos contos de fada:

A criança vive os contos de fada desde o momento em que começa a dizer “eu” até aproximadamente os setes anos, podendo contá-las, dependendo da história e de seu próprio desenvolvimento, até por volta dos nove anos. Nesse período ela não separa a si mesma da realidade circundante – sua consciência “eu-mundo” é integrada. Durante essa fase, ela vivencia lenta e gradativamente a separação, ou seja, adquire a noção de sujeito – ela própria – e objeto – o mundo.

Observa-se que nesta fase a criança encontra-se em processo de construção de sua própria imagem, bem como a do mundo em que se insere, e tais representações são exteriorizadas por meio de desenhos, modelagem, expressando a atividade de seu próprio corpo.

O trabalho educativo tem como função proporcionar conteúdos, promover a sensibilização do seu corpo de percepção, desenvolvendo sua habilidade motora. Outra questão é a linguagem e o desenvolvimento da imaginação por meio dos contos de fada, especialmente dos clássicos dos irmãos Grimm, em razão de sua fidelidade à tradição oral. Neste caso, os contos de fada são narrados com a certeza de que nada têm a ver com a questão da percepção sensorial.

Seguindo esta lógica, qual seria o significado e a importância dos contos de fada no cotidiano da escola Waldorf? Segundo Passerini (2011), a vivência dos contos de fada é integrada, una, circular, sem começo nem fim, atemporal. O drama relatado nos contos aborda a evolução da humanidade.

Em outras palavras, o conto de fadas é uma imagem grandiosa da história da humanidade desde os seus primórdios. Ao ouvir os contos de fada, as crianças viajam para um outro universo, para o país de origem, para o berço da civilização. É pelo tempo e como o tempo, que as sementes dos contos de fadas são lançadas e plasmam, na alma da criança, produzindo sentimentos, emoções, ideias.

Neste sentido, os contos de fada abraçam a alma, o espírito humano. Passerini (2011, p. 106) conta-nos este segredo milenar:

Os contos de fada registram o processo de individuação do ser humano nos primórdios de sua história, enquanto os mitos e lendas relatam a criação e a evolução do Cosmo,

espelhando nossa própria individuação. O adulto pode viver plenamente o conteúdo de um conto de fada por intermédio de todas as artes: pintura, desenho, modelagem, confecção de bonecos-personagens e dramatização.

É vasto e complexo o mundo dos contos de fada, entretanto, restaurador. Nas escolas Waldorf, existe todo um encadeamento do contar, do narrar, respeitando a rotina, a evolução de desenvolvimento de cada fase da criança e do jovem. Vale lembrar como se processa a narração dos contos de fada no jardim de infância:

O tom da voz é calmo, monocórdico, sem oscilações, para que a criança se afaste das impressões do mundo sensorial, mantendo a consciência de sonho próxima do sono. Pela força da palavra significativa, mas dita de forma serena, ela pode viver seus próprios conteúdos interiores, imaginando a partir de si mesma, vivenciando a liberdade, possível do âmbito imaginativo. (PASSERINI, 2011, p 106).

Os contos de fada seguem um encadeamento de voz, um espaço de rotina, sendo narrado do começo ao fim com a mesma palavra, na mesma ordem, está proposta de narração é oral. Se estende em casa, à noite, e no outro dia, na escola, ou seja, cotidianamente. Assim, possui como objetivo possibilitar, desenvolver, fortalecer e cultivar a memória, mas, principalmente, a capacidade de representar de forma sequencial imagens conceituais que são base para o processo de aprendizagem formal.

Comentamos acima sobre o processo da narração de contos de fada das crianças que frequentam o jardim da infância Waldorf com idade de cinco anos. Já as crianças com idade de seis anos completos, iniciam a escolaridade, saindo do mundo encantado do jardim de infância, adentrando para a classe de pré-alfabetização, ou seja, para o primeiro ano. Inicia-se, então, o mundo das letras, números, e o ato de desenvolver, adquirir outras habilidades e competências necessárias, próprias do currículo da primeira série. Ressaltando o que Passerini (2011, p. 109) comenta, sobre esta nova fase, “Nesse momento da criança com mais de seis anos de idade, o contar não é monocórdico; aqui entra um colorido – ligado não à emoção do narrador, mas ao modo como cada criança, nesse momento, pode receber a história: é o colorido referente aos temperamentos”.

Aqui, faço um breve esclarecimento acerca da teoria dos temperamentos – melancólico, colérico, sanguíneo, fleumático, sendo eles os “temperos” do comportamento humano. Foi o filósofo Empédocles, na antiga Grécia, que os relacionou aos quatro elementos da natureza: terra, fogo, ar, água, que chamava de quatro humores. Posteriormente, foram estudados por Immanuel Kant, Wilhelm Wundt. Steiner aprofundou este estudo a partir da

Antroposofia e considerou o conhecimento dos temperamentos essencial para a lida do fazer pedagógico do professor.

É importante frisar que é raro encontrar um indivíduo com um determinado comportamento, de forma pura, pois normalmente apresentam traços de dois ou mais temperamentos. Conforme Lanz (2016) A criança sanguínea: é chamada de aérea, corpo leve e ágil, parece viver acima do chão. Não para por muito tempo, está sempre se movimentando, pulando. Quando cai, chora por alguns segundos, logo retorna a alegria, sendo este, o seu estado predominante. Sua concentração é instável. É inteligente, mas precisa de concentração. Não gosta de comida pesada, tendo, como preferência, alimentos azedos e picantes. Dorme com facilidade, acorda com rapidez, predomínio do elemento aéreo, isto é, dos processos de respiração e circulação. Tem tendência doentia para a superficialidade e para interesses fúteis. Não é pela força, que o adulto consegue dominar esse temperamento. Ela tentará prender o interesse da criança sanguínea a uma ocupação ou uma pessoa, por meio de uma inclinação afetiva.

O temperamento melancólico é oposto ao sanguíneo. Tem comportamento pesado, triste, foge ao contato com o mundo ambiente. Cria, dentro de si, um mundo imaginário em que gosta de isolar-se. Possui movimentos lentos e desajeitados. Não são facilmente aceitos pelos colegas, e isto reforça sua tendência à solidão e ao ensinamento. A criança se transforma em herói, em princesa, em autor de infinitas proezas. Tem uma tendência a doenças, qualquer dor ou mal-estar a arrasa, ela se compraz, possui uma sensibilidade, tanto física como psíquica, é extrema. O melancólico come pouco e sofre, muitas vezes, de problemas de digestão. Pende pelo gosto de contos tristes e sentimentais, o seu temperamento sanguíneo está relacionando com elemento “ar”, o melancólico tem grande afinidade, com o peso da matéria sólida, isto é, com o elemento “terra”.

Quanto ao temperamento colérico, está relacionado ao elemento fogo. A criança colérica é pequena e atlética, acessível. O colérico é líder nato, temperamento explosivo. No entanto, é perseverante, corajosa e aplicada, nem sempre aprende com facilidade. O tratamento do temperamento colérico requer paciência e compreensão. Para amenizar este temperamento, é preciso exigir, da criança colérica, esforços físicos, até o limite de sua capacidade.

Na criança fleumática, foi observado a presença do elemento “água”. Seu o corpo é gorducho, tem uma sonolência quase crônica, vive com sono. Sua fantasia é medíocre, entretanto, é ordeiro e perseverante. A constância dos sentimentos conduz a uma bondade em relação aos colegas e uma fidelidade. Por ser introvertido, acaba sofrendo com o seu jeito de ser, e acaba colocando sua atenção na comida e na alimentação. Nas atividades artísticas,

aparece, frequentemente, um senso estético bem desenvolvido; contudo, a força do fleumático estará menos na inspiração genial do que na execução esmerada e na regularidade de exercícios. O tratamento do fleumático consiste, principalmente, em despertar-lhe a consciência e a atenção, reduzir as horas de sono. Em vez de sopas, pudins e doces, introduzir mais frutas, saladas e alimentos bem salgados, isto é, uma alimentação mais saudável. Atentemos para as imagens abaixo.

**Figura 5**<sup>11</sup> - Os temperamentos baseados em Steiner (2012)



Fonte: Escola da Filosofia – Pedro Mota (2014).

<sup>11</sup> MOTTA, Pedro. **Os Temperamentos e o Determinismo Biológico da Psique**. Escola da Filosofia. Disponível em: <<https://pedromota.blogs.sapo.pt/2014/10/>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

**Figura 6**<sup>12</sup> - Os temperamentos baseados em Steiner (2012)



**Fonte:** Escola da Filosofia – Pedro Mota (2014).

Nesta perspectiva, o professor tem o desafio de encontrar o ponto de equilíbrio de sua classe, bem como de si próprio, uma vez que dispõe do conhecimento sobre os quatro temperamentos, que o ajudará a compreender os alunos e a si. Assim, tendo controle sobre seu próprio temperamento, o professor pode ajudar melhor, cada aluno, a harmonizar seu temperamento. Ao contrário, se o professor for um colérico extremo, por exemplo, poderá ser um tirano na classe, ou, se for um fleumático extremo, não conseguirá entusiasmar os alunos a aprender.

Feita esta breve apresentação dos temperamentos, para melhor compreendermos como se dá o processo de narrar contos para crianças com mais de seis anos de idade, relembramos que Rudolf Steiner concebe a constituição humana de forma quaternária: corpo físico, corpo éterico, corpo astral e eu, os quatro corpos estão intimamente ligados aos quatro temperamentos, com o predomínio, em um deles.

Se observamos que há um predomínio no corpo físico, temos um temperamento melancólico; se há no corpo etérico, um temperamento fleumático; se do corpo astral, um temperamento sanguíneo; se do eu, um temperamento colérico.

<sup>12</sup> Idem.

Passerini (2011, p. 110) explica como o narrar contos de fada acontece, a partir das experiências de um professor Waldorf, considerando os temperamentos:

Ao contarmos uma história, interessaremos uma criança mais tristonha, com tendência á melancólica, enfatizamos situações relativas a esse conteúdo e a efetiva ajuda que alguém possa dar a quem sofre. Se a criança tem uma tendência fleumática, sendo a alimentação um elemento muito importante em sua vida, será atraída para o conto ao descrevemos, em detalhes, as iguarias da mesa de casamento do príncipe com a princesa. No caso de uma preponderância da sanguinidade, ou seja, da criança que se interessa por todas as impressões circundantes, ao narrarmos a história é importante irmos de um aspecto ao outro da narrativa, tal qual uma borboleta vai de uma a outra flor. Se dentro do conto existe um desafio, aspecto que atrai mais fortemente a criança colérica, conferimos o colorido da linguagem preponderantemente à ação e á forma concisa de contar.

Visto que a narrativa dos contos de fada, nesta fase, tem como norte, a priori, a percepção e compreensão de cada temperamento da criança, é a partir deles, que a narrativa acontece. Considerando que, no primeiro septênio, é importante ouvir uma história sem interrompê-la. A imagem, aqui, será uma grande aliada para o cultivo da memória. Por volta dos seis anos ou sete anos, a capacidade da memória está ligada à sequência, ao ordenamento do pensamento desenvolvido. As escolhas dos contos passam por alguns critérios, a começar pelos mais curtos, para crianças pequenas, depois em função do tipo (temperamento) de crianças.

Passerini (2011, p. 112), a partir do relato de experiência da professora Waldorf, afirma que:

É preciso desenvolver uma sensibilidade em relação ao grupo de crianças – conhecer suas necessidades e, portanto, intuir, qual história é mais apropriadas. Pode –se perder o conto, quando não adequado, por ser esse um momento precoce ou pelo fato de o momento certo já ter passado. Em nosso estudo e interesse no assunto, lemos dezenas de contos até quem dele se revele o mais apropriado para certo grupo de crianças. Procuramos não contar histórias que se hajam tornado desenho animado ou filme [...].

A partir das experiências relatadas pelas professoras da escola Waldorf, colhidas por Passarini (2015), constatamos o compromisso que o educador Waldorf tem, com ato de narrar contos de fada, já que consideram importante o contar, porque, contando - e não lendo - se estabelece uma relação íntima e uma percepção de como elas, as crianças, estão vivenciando o momento do conto.

Além disto, o objetivo central da narração de histórias é levá-las a acalmar e desenvolver seu mundo interior, tanto quanto as impressões sensoriais e sua atividade motora lhes propiciam as capacidades relativas ao âmbito exterior de sua vida. Trata-se de desenvolver

a imaginação a partir da própria criança. Por meio dos contos, são desenvolvidas atividades teatrais e ilustrações, em geral com cenário, que, desta forma, finalizam o processo de interiorização da narrativa, feita com bonecos diáfanos, sem caracterização bem definida e nem dramaticidade.

Seguindo este raciocínio, são questionados as ilustrações, os desenhos animados e os filmes, pois eles continuam a desenvolver a capacidade perceptiva, em detrimento da imaginativa. Tão belo quanto contar, é aprender a ouvir e a imaginar: este é o objetivo de narrar contos de fada e outras histórias. A imaginação é quem move a vida, a vida é movida. Vale lembrar o que importa, neste processo de narrar contos de fada: não a quantidade de histórias, mas a qualidade desta narração.

Nesta visão, o contador de história (professor(a) Waldorf) é preparado para este momento, iniciando-se com a escolha e depois com a leitura imaginativa do conto, até memorizá-la, sem interpretar seu simbolismo, porém, revelando, sutilmente, o mundo interior de cada contador. Desse modo, como melhor horário para este preparo, sugere-se antes de adormecer, durante muitas noites, e, após isto, reescrever, a partir da memória, mantendo a fidelidade do conteúdo, tornando-se uma ladainha, principalmente para as professoras do jardim de infância.

No balanço do tempo, ao sabor do vento e da imaginação, do conto até chegar a outro ponto, puxamos cada fio do tear imagético, da função, do valor dos contos de fada, do ato de narrar sob a luz da pedagogia Waldorf. Adentramos em um espaço gostoso, cheio de cores, iluminado de ideias, com vida em movimento. Falo do espaço das crianças do primeiro septênio das crianças, com idade de quatro a cinco anos (jardim de infância) e de seis anos (pré-alfabetização, ou 1ª série). Fizemos toda uma travessia, para compreendermos a estética, a ética, que tramam esta Pedagogia, vislumbrando a formação humana, com olhar mais atento, integral, isto é, holístico, em direção à criança, bem como os desafios do professor Waldorf, para além do seu fazer pedagógico, sobretudo do seu pensar, sentir e querer.

Em relação à escolha feita por mim, por abordar o primeiro septênio, não foi somente por questão de escolha, mas por afinidade do ressoar do coração de uma contadora de histórias, enfeitada por experiências, pelo encantamento da fase do florescer de cada criança.

Emanada por esta magia, apresento, posteriormente, a análise de dados desta pesquisa, que pretende compreender a contribuição da contação de histórias a formação integral da criança em idade escolar. Objetivando, também, entender como os professores da rede pública municipal e rede privada da cidade de Cáceres, que atendem à Educação Infantil e Ensino Fundamental, assim como, professora que atende crianças do primeiro septênio da Escola

Waldorf Livre Porto Cuiabá, utilizam da contação de histórias no sentido de potencializar a imaginação, a fantasia, no processo da formação da personalidade e no processo individuação.

## 7. VOOS DE PASSARINHOS: COMPREENDENDO OS DADOS COLETADOS

### 7.1 Um passarinho me contou que é na percepção das pequenas coisas que chegamos a grandes conclusões – compreendendo os dados

*“Um passarinho não canta porque tem uma resposta,  
Ele canta porque tem uma canção”.*

(Provérbio Chinês)

Anunciamos, aqui, não uma resposta do que lemos, ouvimos, contamos, sobretudo, a percepção do canto, do conto, do encanto de palavras carregadas de sentidos, assim, inspirada pela epígrafe de que um passarinho não canta porque tem uma resposta, mas porque tem uma canção. Seguimos contando e cantando, sem a preocupação com o chegar, mas com o gozo da travessia, do voo, com encantamento da vida, da magia de tudo o que um olhar fenomenológico pode captar entre o céu e a terra com raízes e asas para voar.

Sorvemos com o cuidado, a interrogação que norteou esta pesquisa, a partir das análises, das percepções dos dados coletados por meio de: entrevistas, vídeos gravados em momentos de contação de histórias em tempo de pandemia, pelos professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino e de instituições privadas da cidade de Cáceres/MT e Cuiabá-MT.

As percepções, as análises da coleta de dados terão ressonância com a abordagem teórica da Fenomenologia e da Hermenêutica, no sentido de melhor compreendermos o fenômeno pesquisado. Entendemos que, ao assumir uma pesquisa qualitativa, com abordagem fenomenológica /hermenêutica, faz-se necessário expor algumas considerações acerca desta abordagem. Na fenomenologia, ao conceber que fenômeno é o que se mostra em um movimento perceptivo, dito de outro jeito, em um ato de percepção, onde sujeito é ‘observador’ e objeto, ‘observado’.

O fenômeno que se mostra, no ato da percepção, é realizado por um sujeito individualmente contextualizado, que percebe com olhar atento, em direção ao que se mostra. Sob esta perspectiva, é que trilhamos este estudo, levando em consideração, também, o que Merleau-Ponty (1990) se refere, em relação à percepção, quando diz que é nela (percepção) que a verdade do existente, enquanto tal, mostra-se a nós como presença.

De acordo Bicudo (2000), é na análise das Unidades de Significado, que a inserção fenomenológica/hermenêutico faz sentido. Para tecer essa análise, direcionamos, firmemente,

a descrição à luz da interrogação, evidenciando as unidades de significado, e as reproduzimos na linguagem do sujeito, de forma ingênua, despreziosa, porque não estava ponderada e pensada, sob o aspecto do tema investigado. Explanamos essa fala conforme a linguagem do pesquisador, já considerando recursos da hermenêutica-fenomenológica, por permitirem acontecer a dialética solo perceptivo/experiência perceptiva do sujeito/explicitação pela linguagem.

Em seguida, apresentamos as Unidades de Significado, já postas, de modo mais explicativo, a essência do que se mostra, também como sob o viés do olhar do fundamento teórico e princípios da pedagogia Waldorf. Deixemos de fofocas de passarinhos e voemos!!! Aspirando a uma melhor forma de compreensão da análise das entrevistas, uso codinomes para cada professor, no sentido de resguardar a identidade de cada entrevistada. Dividimos esta seção, então, em duas partes.

Na primeira parte, que é o subitem 7.1, abordaremos a respeito da percepção dos professores da educação infantil e fundamental da rede municipal de ensino de Cáceres/MT, e de uma professora da escola privada, que atende à educação infantil e fundamental, acerca do modo como o ato de contar histórias pode contribuir à formação integral da criança em idade escolar; bem como, da professora que atua exclusivamente no primeiro septênio, que tem, como princípios e procedimentos, a pedagogia Waldorf, em Cuiabá/MT.

Na segunda parte, subitem 7.2, versaremos em relação a compreensão e análise dos vídeos enviados pelos professores da rede municipal de Cáceres, da educação infantil e ensino fundamental, e dos professores da escola Livre Porto, que atuam exclusivamente no ciclo do primeiro septênio, em momentos de narração de histórias.

As análises buscam descrever e entender a forma como os professores das escolas públicas municipais e privadas do município de Cáceres-MT, bem como, da Escola Waldorf Livre Porto Cuiabá, se utilizam da contação de histórias no sentido de potencializar o imaginário, a fantasia, o processo da formação da personalidade e da individuação. Outrossim, a formação integral da criança em idade escolar. Não menos importante, trazemos à percepção pelo viés das entrevistas e vídeos;

Também as análises respondem aos objetivos específicos, como: entender a historicidade e a importância da contação de histórias para a formação psíquica da criança; discorrer acerca da concepção de contar e ler, a partir de leituras de obras literárias, particularmente de autores de literatura infantil e contação de histórias. Descrever por meio das entrevistas dos professores da rede de ensino municipal e privada de Cáceres e da Escola Waldorf Livre Porto Cuiabá como se utilizam da contação de história no sentido de

potencializar a imaginação, fantasia, no processo da construção da personalidade da criança e no processo da individuação; perceber o papel da arte enquanto arte de narrar histórias; analisando por meio da entrevista, vídeo em momento da narração a função da contação de histórias em uma Escola da Pedagogia Waldorf;

Daí, a relevância desta pesquisa, sobretudo a contribuição da Pedagogia Waldorf, de pensar na arte de contar histórias para além de uma visão mecanicista, entretanto, como possibilidade de promover o pensar, o sentir, o querer sustentado por pressuposto teórico que visa a formação integral do ser humano, de forma holística, permeado pelo aspecto físico, mental, espiritual.

E, sobretudo, com um olhar de valorização à imaginação, à fantasia, a construção do processo de individuação, humanização do SER, tão oportuno para esse tempo árido, por ora sem direção, onde a pandemia da covid-19, a qual atravessamos, mundialmente, nos colocou diante das nossas fragilidades, em detrimento dos desmandos políticos, em uma espécie de jogo de desumanos, onde fomos avassalados por tortura moral, ética e da banalização da vida.

Neste sentido, vivemos uma história de terror, como um conto, e não sendo qualquer conto, estamos aprendendo com ele. Sem dúvida, o narrar contos nunca foi tão necessário, para acalantar as nossas dores, refrigerar a nossa alma e espírito, sobretudo para recordarmos da nossa humanidade.

Por fim, conforme Steiner (2012, p. 40), os contos e mitos são como um anjo bom que a terra natal concede ao ser humano, desde seu nascimento, para acompanhá-lo em sua caminhada pela vida.

**Figura 7 -** Passarinhas na janela<sup>13</sup>



<sup>13</sup> DREAMSTIME. **Pássaros do amor na janela.** Disponível em: <<https://pt.dreamstime.com/ilustração-stock-pássaros-do-amor-na-janela-images52421850>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

Fonte: Dreamstime, 2021.

Por meio desta única interrogação: **de que modo o ato de contar histórias pode contribuir na construção da personalidade humana?** Iniciamos a nossa aproximação com os sujeitos e o objeto da pesquisa.

Deste modo, então, temos, como intenção, mediante a esta entrevista, de forma aberta, atingir o objetivo principal deste estudo, ou seja, compreender a contribuição da contação de histórias à formação integral da criança em idade escolar. Dessa maneira, a compreensão que tivemos compõe parte importante deste trabalho, pois surge de um modo bem singular sobre o fenômeno e os sujeitos que estão envolvidos. Acreditamos que é de extrema importância trazermos trechos literais da entrevista, onde as entrevistadas iam-se expressando, despretensiosamente. Ressaltamos que as entrevistas foram realizadas via *e-mail* e *WhatsApp*, em razão do dito “novo normal”.

Para as análises, destacamos unidades de sentidos do subitem 7.1: 1) A importância da narrativa de histórias; 2) A contribuição da contação de história para formação da personalidade do ser humano; 3) A relação do imaginário e o real; 4) A função da fantasia na formação integral da criança; 5) A relevância da narrativa dos contos de fada no processo da construção da personalidade humana; 6) A contribuição da narrativa de contos no processo de individuação do ser humano; 7) O aspecto referente a sensibilidade e criatividade; 8) A função do narrar histórias nas escolas Waldorf.

Foram criados quadros com as unidades de significação, para, posteriormente, fazermos análises das unidades de sentidos. As unidades de sentido foram retiradas das falas das entrevistadas, visando descrever por meio das entrevistas dos professores da rede de ensino municipal e privada de Cáceres e da Escola Waldorf Livre Porto Cuiabá como se utilizam da contação de história no sentido de potencializar a imaginação, fantasia, no processo da construção da personalidade da criança e no processo da individuação. Assim, a partir do que as professoras relataram, desenvolvemos a nossa análise. Temos, em nossa pesquisa, diferentes sujeitos, que trabalham em diferentes modalidades de ensino, mas todas com formação em pedagogia.

Assim, foi necessário elaborar dois quadros: um com as professoras que foram entrevistadas, e, outro, com as professoras que enviaram vídeos em momentos de contação de histórias os quais serão apresentados nas unidades de significação e as unidades de sentido.

Inicialmente, apresentamos o quadro das unidades de significação das professoras entrevistadas.

### 7.1.1 Unidades de Significações

**Quadro 6** – Passarinha Azul (educadora) / Rede Municipal de Ensino / Cáceres/ Educação Infantil



Ouvir histórias nos une a um universo paralelo ao nosso. As histórias aguçam a nossa imaginação e acende nossos sentimentos, se tratando da contação de histórias no ato pedagógico faz com que as nossas crianças construam de forma prazerosa sentimentos bons, traz alegria e a imaginação. Todos nós trazemos lembrança da contação de histórias, pois sempre vivemos em um contexto histórico em que a contação de histórias manteve viva as tradições, passando de geração para geração desta forma contribui para que as famílias acrescentassem seus valores e assim a formação da própria personalidade. As histórias através dos autores têm o dom de colocar embutido uma contribuição para a formação humana.

**Fonte:** Produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).

**Quadro 7** – Passarinha Amarela (educadora) / Rede Municipal de Ensino / Cáceres/ Educação Infantil

Sim, contribui sim. As crianças gostam, imaginam, criam e despertam emoções. Até nós adultos gostamos né? Eu adoro.



**Fonte:** Produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).

**Quadro 8** – Passarinha Rosa (educadora) / Rede Municipal de Ensino / Cáceres/ Ensino Fundamental (1ª série)

Quando a gente conta uma história para criança ela elabora muitos conflitos como conceitos do bem e do mal, do belo, do feio, do invejoso, da ingratidão. A partir do momento que você conta histórias ela vai ampliando o universo dela, ela vai conhecendo outras maneiras de poder enxergar o mundo que não só aquela que ela vivencia. Ela pode conhecer outros lugares, ela conhece histórias de Portugal, conhece histórias da África. Assim, ela vai construindo um universo vai ampliando também o seu pensamento, sua criatividade, acho que dessa forma ela contribui e muito, não só de crianças, mas o nosso enquanto ser humano.



**Fonte:** Produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).

**Quadro 9** – Passarinha Verde (professora) Rede privada de educação/ Cáceres/ Ensino Fundamental (1ª série)

A priori vejo que a leitura é um estímulo para que as crianças pensem, sintam e expressem seus sentimentos. Além disso, são componentes responsáveis por despertar a sensibilidade, a emoção, o autoconhecimento, pois na fase da Educação Infantil a prática de contação de história é de suma importância para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, afinal é exatamente nesta fase que constroem as experiências que subsidiarão a formação do caráter, da personalidade e da consciência.



**Fonte:** Produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).



**Quadro 10** – Passarinha Lilás (educadora) Escola Livre Porto Cuiabá / Cuiabá/ Primeiro septênio

Bom, sobre o contar histórias nas escolas Waldorf. Primeira coisa que a gente tem que pensar, o que é contar histórias? Contar é muito diferente de você ler histórias. Quando você lê, você tá se relacionando com aquele livro, o livro está interpondo entre você e quem está ouvindo a história. Então, você já não tem uma relação pessoa a pessoa, por isto que contar é melhor que ler. Ler é melhor do que não fazer nada, certo? Mas, contar, quando você está contando, você estreita uma relação, você está olhando para pessoa, seja criança, adulto ou idoso. Isto muda a relação que você tem com essa pessoa. Para contar histórias sem estar lendo isto irá envolver várias coisas, vai envolver coisas que você não só saiba o que as histórias representam, porque as histórias falam de realidade que não são realidade do nosso mundo, elas falam da realidade de outro mundo sutil. Fala de arquétipos, ela fala de coisas que são impalpáveis. Fala de verdades eternas, a bravura, a beleza, a honestidade, a sensibilidade, a ingenuidade, a inocência, a -pureza, estas coisas são ligadas a área do emocional, do psicológico, do anímico espiritual. Então é muito interessante que quando você for contar histórias, você seja uma pessoa que estudou tudo isto, existem muitos livros muitas bibliografias boas sobre isto. Ser contador de histórias é bem diferente de você preparar uma historinha ficar em frente às pessoas e contar aquela história. Inclusive no momento que você começa estudar o que tá por trás das histórias, este mundo velado, fantástico, que não está as vezes muito claro aos nossos olhos, mas que o nosso interior percebe de maneira tão intensa, isto muda tudo. Isto muda o relacionamento que você vai ter com esses conteúdos e com as pessoas para quais que você vai relatar. Outra coisa importante, na verdade quando você vai contar uma história, você não vai interpretar a história, você relata um fato que ocorreu, ocorre para sempre, eternamente no âmbito não físico, você é apenas o fiel relator. Então, você não tem que interpretar, não tem que botar sua opinião em nada. Você é apenas um instrumento, o contador de histórias apenas é um instrumento que possibilita que essas histórias, que estes conteúdos anímicos- espirituais sejam trazidos, veiculados, disponibilizados, divulgados a outras pessoas.

**Fonte:** Produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).

**Quadro 11** – Passarinha Lilás (educadora) Escola Livre Porto Cuiabá / Cuiabá/ Primeiro septênio

Estás histórias, ouvir histórias, proporcionam experiências internas grandiosas mexe com as pessoas, por isto que é uma coisa terapêutica, uma coisa importante não só para desenvolver a fantasia, a imaginação, a linguagem, ampliar o vocabulário. Normalmente são contadas por nível de linguajar muito sofisticado, muito pouco cotidiano, mais formal. Então, é muito importante que você prepare para você contar, isto estou falando de um contador de uma maneira geral uma pessoa realmente que se dedica a isto, eu me dediquei, me dedico a isto sou pesquisadora, isto é importante você pesquisar as histórias, as histórias são contadas em diversos lugares do mundo. Então, você começa a perceber que as verdades são realmente eternas e acontecem em qualquer lugar do mundo. Elas são relatadas para os povos através de histórias, você vai perceber que existem histórias muito parecidas em todos lugares, é muito interessante, é muito rico, isto só reforça a noção de que você está tratando com verdades eternas, isto é muito legal. Agora, quando o contador de histórias além de ter se preparado como contador, então, todo esse conhecimento, toda a postura dele, a maneira de falar, sua gestualidade, a sua entonação, sua voz, sua respiração, as pausas, as pausas são muito importantes. Toda essa forma de falar, você trabalha em entorno do conteúdo e da forma, isto é fundamental para que você realmente seja um bom contador de histórias para que você prenda atenção do seu público. Agora, quando você além de ser contador de histórias você tem formação dentro da pedagogia Waldorf, isto vai te enriquecer muito mais, percebi em mim que tive esta oportunidade de fazer a formação de ser mãe Waldorf, professora, de participar ativamente de várias escolas, isto traz para você uma riqueza muito maior porque a visão que antroposofia, que Steiner trouxe para o ser humano do próprio ser humano é uma visão muito diferentemente que a gente tem corriqueiramente de todas outras linhas pedagógicas.



**Fonte:** Produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).



**Quadro 12** – Passarinha Lilás (educadora) Escola Livre Porto Cuiabá / Cuiabá/ Primeiro septênio

Dentro da pedagogia Waldorf à medida que você coloca o homem como centro deste estudo, deste conhecimento, desse desenvolvimento, a sua preocupação é como você pode proporcionar, criar todas as possibilidades, todas oportunidades para que este ser humano que está a sua frente se desenvolva plenamente da melhor maneira possível, isto muda muito, você começa a ter mais cuidados. Você inclusive tem cuidado com as seleção das histórias, porque se você conhece um pouco sobre o desenvolvimento humano , você sabe que uma criança de três anos é diferente de uma criança de 9 anos, elas estão níveis de desenvolvimento diferentes não só no físico como anímico –espiritual. Então, o que essas crianças precisam são coisas diferentes, o que essas crianças, realmente vamos dizer em termos de absorção em tempo de atenção se irão aproveitar também é diferente, que conteúdos anímico-espirituais cada faixa etária necessita também é diferente. Então o trabalho que você vai fazer ainda mais rico, muito mais rico porque você vai direcionar para crianças pequenas trazendo para ela histórias que tenham um conteúdo próprio por seu nível de desenvolvimento e que estimule o seu desenvolvimento, que realmente acolha e desenvolva essa criança, considerando seu tempo de atenção, o seu conhecimento as suas vivências, suas necessidades você vai escolher temas, escolher histórias, as a duração, o como você irá contar, como que você vai estimular as imagens, as fantasias. As crianças pequenas são diferentes de crianças mais velhas ou do adulto. Se você pensar terapeuticamente em uma pessoa que esteja fazendo um trabalho terapêutico, então ela vai ter outras necessidades, então você tem esse olhar mais cuidadoso, mais efetivo com o trabalho que você vai fazer com as histórias.

**Fonte:** Produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).

**Quadro 13 – Passarinha Lilás (educadora) Escola Livre Porto Cuiabá / Cuiabá/ Primeiro septênio**

Então, dentro da escola Waldorf, da educação Waldorf, da antroposofia você tem outra visão de ser humano, que ele não é só um corpo físico que se desenvolve que cresce e morre, mas você olha para este ser humano de uma maneira mais completa considerando todo o seu aspecto: físico, aspecto emocional, aspecto espiritual e de desenvolvimento e todos esses ângulos, tudo que você vai fazer, como você vai fazer, o que você fazer, o porque você vai fazer muda completamente porque o seu foco é mais completo, mais abrangente. Então eu sinto assim as histórias contadas num ambiente em que a pessoas que está contando quando tem esses conhecimentos você começa olhar o próprio clima que a pessoa cria para começar a contar essa história, existe todo cuidado. Você colocar o ambiente acolhedor, calmo, silencioso não é uma coisa simples é uma coisa que você tem que cuidar dos detalhes. Eu tive uma professora que na época que fiz a formação Waldorf ela fala isto a vida é feita de detalhes, e as vezes a gente não presta atenção nos detalhes, isto muda tudo. Se eu começo a contar uma história onde as crianças estão sentadas aconchegantes, você consegue colocar uma penumbra de preferência, estou criando um clima, se consigo tocar instrumento bem delicado ou só murmuro simplesmente faço só bem suave. As crianças começam a perceber e os adultos também um clima diferente está para acontecer e se minha voz é calorosa, voz sem pressa, uma voz que dá este aconchego e na hora que você começa a contar a história dizendo era uma vez... você já remete para outra dimensão, era uma vez é totalmente fora do tempo, do espaço outra temporalidade de repente você pode acender uma pequena vela.

**Fonte:** Produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).



**Quadro 14** – Passarinha Lilás (educadora) Escola Livre Porto Cuiabá / Cuiabá/ Primeiro septênio

Aliás antigamente as histórias eram contadas ao redor da fogueira, o fogo sempre teve essa magia de criar um clima todas reuniões importantes eram feitas ao redor da fogueira. Certamente, grande maioria dos contadores de histórias e acendem uma vela como se estivesse lembrando, homenageando essa pequena fogueira que nos reuniam para que a gente pudesse ir para esse outro mundo. Então eu acho que a pessoa que fez toda sua formação na educação Waldorf, na pedagogia na escola Waldorf, na antroposofia, o fato dela ter outra visão de ser humano isto vai mudar tudo, não só o contar história, a sua postura, o olhar para outro, olhar para as plantas, olhar para o mundo, olhar as coisas, animais e outro olhar completamente diferente é por isto que muda de repente a magia, o cresce como se tivesse colocando um fermento, este encantamento ela cresce. E por isso que toda vez que a pessoa entra em uma sala de um jardim de infância da escola Waldorf ela entra e tem aquele ah!ah! aquele a de admirar-se essa coisa admirar-se é uma coisa que dentro da visão da pedagogia Waldorf importante despertar nas pessoas isso, essa coisa deslumbrar uma coisa absolutamente encantadora, a gente tá vivendo um mundo que está precisando muito disso de encantamento magia, aconchego, calor, humanidade, então vejo que o contar história na pedagogia Waldorf é diferente de todo outro contato que você possa ter em festinhas, livrarias por causa deste cuidado, desse cuidado com o ambiente, criar o clima, esse cuidado de olhar para o mundo, para as pessoas de forma mais humana, respeitosa, mais carinhosa, mais verdadeira, mais plena de amor fraterno, que anda esvaziado de sentidos.

**Fonte:** Produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).

### 7.1.2 Unidades de Sentidos



Neste espaço, apresentamos as unidades de sentidos das passarinhas nas janelas entrevistadas: Azul, Amarela, Lilás, quanto às passarinhas Verde e Rosa, não apresentaram, em sua fala, esta temática. Elencamos as percepções das professoras, que destacam a importância da narração quando se trata da imaginação.

**Quadro 15** – Quadro das unidades de sentidos

 Unidades de sentidos
<p><i>A passarinha Azul comenta que a narração de histórias aguça a imaginação, acrescentando que há dois mundos: o real e o imaginário.</i>            Professora da educação infantil (crianças com idade de 5 anos) rede municipal)            Cáceres/MT</p>
<p><i>Já a passarinha Amarela, diz que ouvir contos estimula a imaginação.</i>            Professora da educação infantil (crianças com idade de 5 anos) rede municipal            Cáceres/MT</p>
<p><i>Quanto à passarinha Lilás, que tem formação na pedagogia Waldorf, cita que ouvir histórias nos leva para dois mundos: o mundo da realidade e o mundo sutil. Comenta que as histórias falam da realidade de outro mundo, falam dos arquétipos.</i>            Professora do primeiro septênio, mãe, pesquisadora da escola Waldorf Livre Porto Cuiabá/MT</p>


**Fonte:** Produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).

Nossa análise em relação à percepção das professoras (azul, amarela, lilás), quanto à unidade de sentidos “imaginação”, presente nas falas destas três passarinhas, nos remete ao que Passerini (2011) expõe quanto a relação entre o ouvir o imaginar. Segundo ela, este é um dos objetivos, quando se narra contos de fadas ou outras histórias: levar a criança a aprender a ouvir e a imaginar. Finaliza comentando que “o homem só passa de criatura a criador graças a liberdade, sempre possível em sua imaginação”, ou seja, é preciso uma mente livre, sem modelos a seguir, para criar, imaginar.

Se aquietarmos e mergulharmos em nossa mente, indo ao encontro da voz do narrador, que narra em espaço de tempo, a imaginação influi e seremos criadores sem direção. Neste sentido, é perceptível, a compreensão das educadoras, quanto a uma das funções do ato de narrar histórias, ao estabelecerem uma relação íntima entre ouvir e imaginar.

Em relação à passarinha Lilás, que tem formação na pedagogia Waldorf, ela menciona um elemento novo, “os arquétipos”, o que me pareceu fazer uma estreita relação com a imaginação. Jung (2000) chamou de arquétipos, os traços funcionais do inconsciente coletivo, logo, os arquétipos, pode-se dizer, foram registros de experiências gravadas, registros de muitas situações típicas da vida por meio de imagens guardadas em nossa constituição psíquica, que estão presentes, também, nos contos de fadas, o que valida a percepção da passarinha Lilás.

Voz Franz (1915, 1998), ao examinar os contos, disse que, especialmente os contos de fadas, se baseiam em certas funções da psique, com a pele e a carne removidas, isto é, há algo sempre surpreendente, entre o terror e o divino, que os povos antigos experimentavam ao encontrar os arquétipos. Deste modo, e em outro tempo, observamos o eco dos estudos de Voz Franz na fala da passarinha Lilás, ao se referir de dois mundos: o real e o sutil, em relação aos arquétipos.

### 7.1.2.1 Unidades de sentidos – Unidades de sentidos em relação à contribuição da narrativa de contos de fadas ou outras histórias na construção do despertar da fantasia

Destacamos a categoria do despertar da fantasia por meio das falas das passarinhas:  
(azul, amarela, verde, rosa, lilás)

Quadro 16 – Quadro das unidades de sentidos fantasia.

 Unidades de sentidos – Fantasia
<i>A passarinha azul não faz referência a categoria fantasia</i> <i>Professora da educação infantil (crianças com idade de 5 anos) da rede municipal</i> <i>Cáceres/MT</i>
<i>A passarinha amarela não comenta acerca da categoria fantasia</i> <i>Professora da educação infantil (crianças com idade de 5 anos) da rede municipal</i> <i>Cáceres/MT</i>
<i>A passarinha Rosa não faz referência a categoria fantasia.</i> <i>Professora da rede privada do ensino fundamental (1ª série)</i>
<i>A passarinha verde não menciona a categoria fantasia</i> <i>Professora do ensino fundamental da rede municipal (1ª série)</i> <i>Cáceres/MT</i>
<i>A passarinha lilás comenta que as escolhas das narrativas de histórias têm estreita relação com a função de estimular as imagens, as fantasias.</i> <i>Professora do primeiro septênio, mãe, pesquisadora da escola Waldorf Livre Porto.</i> <i>Cuiabá/MT</i>



**Fonte:** Fonte: Produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).

Passamos analisar, então, a categoria fantasia, recorrendo as falas das passarinhas: azul, amarela, verde, rosa, que não a mencionou em nenhum momento da entrevista. De modo que compreendemos que, provavelmente, não tenham citado pela simples razão de desconhecerem a função da fantasia e a necessidade de potencializá-la por meio da contação de história, ou, talvez, por acreditarem que imaginação e fantasia são similares.

Já a passarinha lilás comenta da estreita relação das escolhas das narrativas de histórias e quanto sua função, essencialmente no que tange o trabalho de estimular a fantasia. Percebemos, então, que na fala da passarinha lilás a Pedagogia Waldorf tem em sua metodologia de ensino aprendizagem o livre brincar, o faz de conta, a fantasia. É por isso que usam o lúdico, a contação de histórias e a capacidade de aprender pela imitação, natural dessa idade respeitando o septênio em que a criança se encontra. Na nossa percepção a passarinha lilás não concebe fantasia e imaginação como algo similares, entretanto, considera ambas necessárias para o processo da construção integral da personalidade da criança.

Nesse sentido, podemos considerar as observações feita por Jung (2000) em momentos de terapias junto aos seus pacientes que, a fantasia é oriunda do inconsciente, é espontânea, surgindo a qualquer momento, não necessita de esforço, adapta a realidade, é livre de crítica ou seja, de julgamento. Vale comentar que a psicologia analítica de Jung, é um dos referenciais teóricos da Pedagogia Waldorf, por isso elucidamos aqui, por ora, e outra, estar presente mesmo que de maneira implícita na fala da passarinha Lilás quando se refere a fantasia e a imaginação. Destacamos, também o que diz, Romanelli (2017, p. 105):

[...] para Steiner, a fantasia quando é recebida de forma suficientemente intensa – o que, segundo ele, na vida comum, acontece apenas inconscientemente – assume um vigor que a faça a permear todo o ser humano, possibilitando que ele vivencie as imaginações comuns, pelas quais são representados os objetos exteriores. Steiner afirma, então, que o conteúdo conceitual nasce da memória, como da fantasia nasce a imaginação, sendo estas emanadas da vontade.

Tomamos, então, a citação de Romanelli para validar a compreensão da passarinha Lilás quanto a estreita relação entre fantasia e imaginação. Percebemos que Lilás não as entende

como similares, mas como complementares onde cada qual exerce sua função, sobretudo na formação integral da criança em idade escolar.

**Quadro 17** – Quadro das unidades de sentidos – sentimentos e emoções.

 Unidades de sentidos – Sentimentos e emoções	
<p><i>A passarinha azul diz que contar histórias para crianças faz com que construam, de forma prazerosa. Sentimentos, ou seja, acendam sentimentos.</i></p> <p><i>Professora da educação infantil (crianças com idade de 5 anos) da rede municipal Cáceres/MT</i></p>	
<p><i>A passarinha amarela relata que as histórias despertam emoções.</i></p> <p><i>Professora da educação infantil (crianças com idade de 5 anos) da rede municipal Cáceres/MT</i></p>	
<p><i>A passarinha verde disse que contar histórias é um estímulo para que as crianças pensem, sintam e expressem seus sentimentos.</i></p> <p><i>Professora da rede privada do ensino fundamental (1ª série)</i></p>	
<p><i>Já a passarinha rosa, expõe que as histórias provocam conflitos, como conceitos do bem e do mal, do belo, do feio, do invejoso, da ingratidão.</i></p> <p><i>Professora do ensino fundamental da rede municipal (1ª série) Cáceres/MT</i></p>	
<p><i>Em relação à percepção, a passarinha lilás, com formação na pedagogia Waldorf, acrescenta um olhar diferenciado, trazendo a palavra “terapêutica”, quando declara que ouvir histórias proporciona experiências internas grandiosas, mexe com as pessoas, por isso é uma coisa terapêutica, uma coisa importante, não só para desenvolver a fantasia, a imaginação, a linguagem, ampliar o vocabulário.</i></p> <p><i>Professora do primeiro septênio, mãe, pesquisadora da escola Waldorf Livre Porto. Cuiabá/MT</i></p>	
	

**Fonte:** Produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).

Nesta unidade de sentidos, as passarinhas azul, amarela, verde e lilás apresentam percepções de forma unânime sobre como contar histórias. Emanam sentimentos e emoções próprios do ser humano. Saliento que a passarinha Lilás trouxe um elemento novo, quanto a sua percepção, ao tomar a narrativa de contos como algo terapêutico. Mellon (2010) teve, como fonte inspiradora, Rudolf Steiner, ao revelar que as histórias podem contribuir para o processo de cura, a partir de contos de fadas, onde o personagem principal inicia uma viagem e, finalmente, encontra um novo amor, saúde, poder, força e felicidade, dito de outra forma, o

comportamento da personagem passa ter influência na cura dos conflitos existenciais que ora atravessamos. Neste sentido, a passarinha lilás toma como terapêutica, esta busca pela cura, uma vez que mexe com os sentimentos e emoções de quem conta e de quem ouve.

Bettelheim (1980), a esse respeito, considera que, mesmo quando um pai não entende por que razão o filho ficou tão envolvido, emocionalmente, por um dado conto, é melhor que ele guarde este conhecimento para si, uma vez que estas experiências e reações na criança são subconscientes e devem permanecer lá, até que ela tenha uma idade e compreensão mais madura. Já as passarinhas azul, amarela, verde e rosa, demonstram a percepção de que o narrar, de fato, provoca sentimentos, emoções, na criança sendo confirmado pelos estudos de Bettelheim, em seu livro “A psicanálise dos contos de fadas”.

**Quadro 18**– Quadro das unidades de sentidos – Unidades de sentidos em relação à contribuição da narrativa de contos de fadas ou outras histórias na construção da formação da personalidade humana.

 Unidades de sentidos – Formação da personalidade humana	
<p><i>A passarinha azul disse que o contar histórias, como ato pedagógico, torna-se importante, porque trata de valores, contribui para que as famílias acrescentem seus valores, e, assim, à formação da própria personalidade. As histórias, através dos autores, têm o dom de colocar, embutida, uma contribuição para a formação humana.</i></p> <p><i>Professora da educação infantil (crianças com idade de 5 anos) da rede municipal.</i></p> <p><i>Cáceres/MT</i></p>	
<p><i>A passarinha verde comenta que a contação de histórias é de suma importância para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, afinal, é exatamente nesta fase, que se constroem as experiências que subsidiarão a formação do caráter, da personalidade e da consciência.</i></p> <p><i>Professora da educação infantil (crianças com idade de 5 anos) da rede municipal.</i></p> <p><i>Cáceres/MT</i></p>	
<p><i>Em relação à passarinha lilás, ela menciona que as histórias falam de verdades eternas, a bravura, a beleza, a honestidade, a sensibilidade, a ingenuidade, a inocência, a pureza, estas coisas são ligadas à área do emocional, do psicológico, do anímico, espiritual.</i></p> <p><i>Professora do primeiro septênio, mãe, pesquisadora da escola Waldorf Livre Porto.</i></p> <p><i>Cuiabá/MT</i></p>	
	

**Fonte:** Produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).

As passarinhas Amarela e Rosa abordaram a questão do ato de narrar, em suas falas, quanto à contribuição na formação da personalidade. No entanto, a passarinha Azul, menciona, por meio de suas percepções a respeito dos valores perpassados nas narrativas e acrescenta como elas são importantes como apêndice, auxiliando as famílias, no sentido da construção do caráter, personalidade e da consciência da criança. As passarinhas Amarela e Rosa não abordaram a questão do ato de narrar, em suas falas em relação à contribuição na formação da personalidade humana. No entanto, a passarinha Azul menciona que a narrativa de histórias contribui à formação humana. Relata que é por meio dos valores que perpassam nas narrativas e complementa dizendo de como elas são importantes como um apêndice, auxiliando as famílias no sentido da construção do caráter, personalidade e da consciência da criança.

A passarinha Verde também aponta esta percepção em relação à narração de histórias, de sua contribuição ao desenvolvimento e aprendizagem, salientando, especialmente, a necessidade nesta fase, no caso, se refere à 1ª série do ensino fundamental. A nossa percepção, as passarinhas Azul e Verde encontram, nas narrativas de histórias, um campo fértil para trabalhar aspectos da formação humana, como valores. Sob esta ótica, em consonância com esta unidade de sentidos que emanam das percepções das passarinhas Azul e Verde, leiamos o que Machado (2015) expõe, sobre esta unidade de sentidos.

A escuta e a leitura de contos tradicionais podem nutrir, despertar, valorizar e exercitar o contato com imagens internas, abrindo possibilidades para as questões das crianças estejam preparadas a perguntar. Sua experiência pessoal de valores humanos fundamentais pode ser exercitada no contato com os contos tradicionais. Neles, cada narrativa expressa um caminho, um percurso de desenvolvimento, envolvendo necessidades, questões e conquistas: os desafios, provas e obstáculos permeiam as ações de heróis e heroínas que enfrentam situações nas quais valores humanos como coragem, liberdade, beleza, determinação e justiça subjagam o medo, a inveja, a covardia, a traição. (MACHADO, 2015, p.55)

Sem dúvida, conforme citado por Machado, quanto à escuta e leitura de contos, percebemos marcas deste entendimento nas vozes das passarinhas Azul e Verde, do quanto narrar contos - ou qualquer outra história - é um celeiro de fatos que enaltecem os valores éticos, contribuindo para a formação da personalidade humana.

Acredito que o fato de a passarinha Lilás ter formação na pedagogia Waldorf lhe confere um outro olhar, quanto a esta unidade de sentidos, uma vez que percebemos o reverberar deste conhecimento da ciência espiritual, quando a passarinha Lilás relata que as histórias falam de verdades eternas (o que nos leva a entender que se trata dos arquétipos): a bravura, a beleza, a honestidade, a sensibilidade, a ingenuidade, a inocência, a pureza.

Assim, a passarinha Lilás verte o seu olhar para um olhar mais holístico, expondo que ato da narrativa influencia em todos os aspectos do desenvolvimento da criança: corpo, mente, espírito e o eu, ao contemplarmos, em sua fala, as seguintes áreas: a área do emocional, do psicológico, do anímico espiritual.

Nesta perspectiva, compreendemos que a passarinha Lilás concebe a importância das narrativas, seja por meio de contos ou outras histórias, na construção na personalidade humana, implicitamente, compreendemos que se trata de uma formação integral e mais humanizada, plasmando o corpo físico, a mente, o espírito, o eu.

Passerini (2015) menciona que a narração de histórias para os alunos das escolas Waldorf é uma prática cotidiana, faz parte da vida diária das crianças, em sala de aula, isto significa que é uma práxis que tem, como objetivo, despertar a consciência e possibilitar modelos de comportamento.

Desta forma, a percepção da passarinha Lilás está em plena consonância com o revelado por Rudolf Steiner, ao construir a ciência espiritual.

Outras unidades de sentidos que a passarinha Lilás trouxe como contribuição e as outras passarinhas não relataram de modo mais fluido, tais como: a questão da criatividade, sensibilidade, ler ou contar, técnicas para contar histórias, formação para narradores, a visão antroposófica sobre o homem, a pedagogia Waldorf e humanização. Entretanto, são unidades de significações de extrema relevância para compreensão do objetivo geral e específicos que trilhamos para este estudo.

**Quadro 19 – Unidades de sentidos em relação à contribuição da narrativa de contos de fadas ou outras histórias na construção da individuação**

 Unidades de sentidos – Individuação
<p><i>A passarinha azul relata que ouvir histórias nos une a um universo paralelo ao nosso. As histórias aguça a nossa imaginação e acende nossos sentimentos [...] faz com que as nossas crianças construa de forma prazerosa sentimentos bons, traz alegria e imaginação.</i>  <i>Professora da educação infantil (crianças com idade de 5 anos) da Rede Municipal Cáceres/MT</i></p>
<p><i>A passarinha amarela narra que as histórias criam e despertam emoções.</i>  <i>Professora da educação infantil (crianças com idade de 5 anos) Rede Municipal Cáceres/MT</i></p>
<p><i>A passarinha rosa comenta que a partir do momento que você conta histórias para criança, ela vai ampliando o seu universo, vai conhecendo outras maneiras de enxergar o mundo.</i>  <i>Professora do Ensino Fundamental (1º ano) Rede Municipal Cáceres/MT</i></p>

*A passarinha verde menciona que contar histórias desperta a sensibilidade.  
Professora do Ensino Fundamental (1º ano) Rede privada de ensino  
Cáceres/MT*

*A passarinha Lilás narra que na da pedagogia Waldorf à medida que você coloca o homem como centro deste estudo, deste conhecimento, desse desenvolvimento, a sua preocupação é como você pode proporcionar, criar todas as possibilidades, todas as oportunidades para que este ser humano que está a sua frente se desenvolva plenamente da melhor maneira possível, isto muda muito, você começa a ter mais cuidados. Você inclusive tem cuidado com as seleções das histórias, porque se você conhece um pouco sobre o desenvolvimento humano, você sabe que uma criança de três anos é diferente de uma criança de 9 anos, elas estão níveis de desenvolvimento diferentes não só no físico como anímico – espiritual.  
Professora do primeiro septênio, mãe, pesquisadora da escola Waldorf Livre Porto.  
Cuiabá/MT*



**Fonte:** Produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).

Ao coletarmos as falas das passarinhas (Azul, Amarela, Verde, Rosa e Lilás pertinentes a categoria individuação, destacamos de suas falas frases que remetem ao processo de individuação, dito de outro jeito, que subjaz a compreensão desta esfera. Não encontramos a concepção de individuação, tão pouco o vislumbre do conhecimento do que se trata na fala das entrevistadas. No entanto, foi possível compreendermos o caminho necessário para que a criança ao longo de sua existência construa o seu processo de individuação relatada por cada passarinha, embora, despretensiosamente, sem se atentarem para o tema de individuação ao perguntarmos: como a contação de história contribui no sentido de potencializar a imaginação, fantasia, individuação, humanização da criança em idade escolar? Considerando o contexto descrito, passaremos, então, para as análises.

A passarinha Azul, relata que ouvir histórias nos une a um universo paralelo ao nosso e acende nossos sentimentos faz com que as nossas crianças construam de forma prazerosa sentimentos bons, traz alegria e imaginação. Percebemos que a passarinha estabelece uma relação cósmica entre ouvir histórias e o processo de construção da individuação quando se refere ao universo paralelo ao nosso, apontando como consequência desse vínculo cósmico sentimentos bons, alegria e imaginação. Quanto essa perspectiva, Passerini (2011, p. 126) faz a seguinte observação:

O processo de individuação ou de consciência “eu-mundo do ser humano pode ser expresso como um processo de chegada da criança à Terra, advinda dos mundos espirituais ou arquetípicos. Para ela são muito naturais os conteúdos das histórias, que a levam a sentir a confiança e segurança num Deus maior guiando seus passos, tal qual guiou os passos de seu povo.

Dito isso, do semear ao desabrochar, tivemos a seguinte percepção quanto a passarinha azul, que se veste em tempo, a tempo, em espaço, criando conexão cósmica com processo de individuação, se assim, podemos intuir. Da mesma forma encontramos esse olhar cósmico quanto ao processo de individuação da criança reverberando no pensamento de Passerini (2011) ao se referir da chegada da criança à Terra, advinda dos mundos espirituais ou arquetípicos. Quanto a passarinha Amarela, diz que as histórias criam e despertam emoções, entendemos que passarinha faz alusão ao papel da narrativa no processo da individuação.

Nesse sentido, a narrativa de histórias seria um portal de entrada para o mundo interno da criança, onde ela iria defrontar com suas emoções, mexer, remexer e se encontrar de um jeito lúdico, singular. A passarinha Rosa comenta que a partir do momento que você conta histórias para criança, ela vai ampliando o seu universo, vai conhecendo outras maneiras de enxergar o mundo.

Nossa percepção em relação a fala da passarinha Rosa quanto o processo da individuação é de que é um processo ao mesmo tempo individual, mas que se volta para o coletivo, logo, seria “eu/mundo e o outro. Assim, olhar sobre o mundo parte de um ser, único, na medida que está construindo outras maneiras de enxergar o mundo, assim deixando sua marca por onde passa. Percebemos o ressoar da voz de Romanelli (2018, p. 32) quando comenta a respeito da individuação tão atual e presente na percepção da passarinha Rosa:

A individuação é um processo de formação e particularização do ser individual, especificamente no que diz respeito ao seu desenvolvimento psicológico enquanto ser distinto do conjunto coletivo. Portanto, pode-se dizer que é um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual.

Já passarinha Verde diz que contar história desperta a sensibilidade. Constatamos na fala da passarinha Verde que narrar história tem como consequência o despertar da sensibilidade da criança, o que implica na construção do processo de individuação voltado para arte, tomamos aqui como um o olhar artístico, onde o “eu” se volta para o mundo interno e externo aguçando a sensibilidade materializando a individuação do sujeito, seja, por meio da pintura, música, artesanato, desenho, literatura etc.

Ao criar algo completamente novo, saído inteiramente do seu interior, a pessoa trabalha e mostra seus limites ao mesmo tempo em que afirma sua individualidade e valoriza a si mesma. E é assim que, com a ajuda da arte, dá os primeiros passos rumo à superação de si mesma. Neste sentido a individuação buscar estimular o indivíduo a despertar o melhor de

si, onde o eu se faz presente na forma ver o mundo conduzindo ao equilíbrio entre razão e sensibilidade, o eu e o outro, preparando para a vida sempre ao encontro de uma convivência coletiva saudável. Sob esse prisma, vejamos o que Passerini (2011, p. 66) comenta:

O ser humano anseia por conhecer a si mesmo e ao mundo que o rodeia; mas ao estudar, analisar e compreender esse mundo, ele o sente como separado de si, o que lhe pode provocar angústia e solidão. Esse fato- ou seja, o despertar da consciência – verifica-se ao longo da evolução e da individuação humanas, fazendo que o homem deseje a união com o mundo, a integração nele. Como bem nos esclarece Fischer, a Arte se revela como a possibilidade para solucionar tal cisão ou distanciamento entre o ser humano e o conhecimento, na direção da plenitude de vida.

Em relação a passarinha Lilás, ela narra os princípios da Pedagogia Waldorf destacando que à medida que se coloca o homem como centro, segundo ela, a relação com criança passa ser outra. Diferentemente das falas das outras passarinhas, a passarinha Lilás acrescenta algo novo, uma pedagogia que diferencia das ditas comuns, a partir do momento que olha para o ser humano, com olhar mais amoroso e particularizado, inexoravelmente em relação à criança. O professor Waldorf preocupa-se em compreender os níveis de desenvolvimento da criança, levando em consideração não só o aspecto físico, mas o anímico-espiritual.

Desse modo, pautada no respeito e no cuidado, inclusive no momento da escolha da narrativa de histórias para possibilitar o desenvolvimento pleno da criança e sua individuação. A priori a passarinha Lilás ao citar as escolhas das narrativas de acordo com o nível de desenvolvimento de cada criança, a indicação é pelo fato de que no período entre os três e doze anos de idade, elas possuem características de pensar em conceitos imagéticos. À vista disso, entendemos que os educadores Waldorf trabalham com conteúdo ricos em imagens, como contos de fada, fábulas, lendas, mitos, livros sagrados e biografias para ajudá-los em seu processo de individuação. Passerini (2011, p. 106) expõe como são feitas as escolhas das narrativas objetivando o processo de individuação:

Os contos de fada registram o processo de individuação do ser humano nos primórdios de sua história, enquanto os mitos e lendas relatam a criação e a evolução do Cosmo, espelhando nossa própria individuação. O adulto pode viver plenamente o conteúdo de um conto de fada por intermédio de todas as artes: pintura, desenho, modelagem, confecção de bonecos-personagens e dramatização.

Nas escolas Waldorf, existe a preocupação em atender a individualidade de cada aluno, cada qual tem seu tempo de desenvolvimento de aprendizagem respeitado, bem como seus talentos e capacidades são tratados como únicos. Daí, também o porquê é importante a forma

de se escolher o que narrar, como narrar, quando narrar, por parte do professor Waldorf, entendemos que tudo está intrinsecamente conectado, como uma teia, entrelaçada pelo o pensar, sentir e o querer.

**Quadro 20** – Unidades dos Sentidos baseados na Pedagogia Waldorf

<b>UNIDADES DE SENTIDOS</b>	
 <b>Ler ou Contar?</b>	<p><i>A passarinha Lilás faz distinção entre ler e contar, dizendo que o livro interpõe quem lê e quem conta, logo, não há uma relação de aproximação pessoa a pessoa, ao contrário do que acontece quando se narra uma história.</i></p>
 <b>Técnicas para contar histórias</b>	<p><i>Comenta o quanto é importante pesquisarmos as histórias, conhecermos melhor o que contamos, dizendo que é bem diferente, preparar uma história e ficar diante do seu público e contar. Salienta a importância de se criar um clima, um ambiente aconchegante, entonação de voz, gestualidade, postura, usar um instrumento para chamar atenção, cuidar dos detalhes, isto muda tudo.</i></p>
 <b>Contar é interpretar?</b>	<p><i>A passarinha Lilás destaca que contar não é interpretar: o contador é apenas um fiel relator, um instrumento que possibilita essas histórias, estes conteúdos anímicos- espirituais</i></p>
 <b>A Antroposofia/ Rudolf Steiner</b>	<p><i>Relata sobre a visão antroposófica de Steiner ao falar para o ser humano do próprio ser humano, é uma visão muito diferente de todas outras linhas pedagógicas. Conclui dizendo que, dentro da escola Waldorf, da educação Waldorf, da antroposofia, você tem outra visão de ser humano, isto é, ele não é só um corpo físico que se desenvolve, que cresce e morre, mas considera todos os seus aspectos: físico, emocional e espiritual</i></p>
 <b>A Pedagogia Waldorf</b>	<p><i>A passarinha Lilás relata sobre a importância de conhecermos sobre o desenvolvimento humano para as escolhas das histórias para diferentes idades, conforme os níveis de desenvolvimento, não só no físico, como anímico-espiritual. Finaliza dizendo que, o que as crianças precisam são coisas diferentes, em termos de absorção, em tempo de atenção, até se irão aproveitar, também é diferente, quanto ao conteúdo anímico-espiritual que cada faixa etária necessita</i></p>
 <b>O despertar do admirar-se na visão da pedagogia Waldorf</b>	<p><i>A passarinha Lilás menciona sobre o despertar do admirar-se nas pessoas e sua importância na visão da pedagogia Waldorf, comentando que deslumbrar é absolutamente encantador. Conclui dizendo que estamos em um mundo que está precisando muito disso: de encantamento, magia, aconchego, calor, humanidade, logo, o contar história na pedagogia Waldorf é diferente de todo outro contato que você possa ter em festinhas, livrarias, por causa deste cuidado com o ambiente, de criar o clima, esse cuidado de olhar para o mundo, para as pessoas, de forma mais humana, respeitosa, mais carinhosa, mais</i></p>

	<i>verdadeira, mais plena de amor fraterno, que anda esvaziado de sentidos.</i>
--	---

**Fonte:** Fonte produzida pela Autora a partir da narrativa da entrevistada (2021).

No primeiro momento da entrevista, a passarinha Lilás faz distinção entre ler e contar, comentando que o livro interpõe quem lê e quem conta, logo, não há uma relação de aproximação entre pessoa a pessoa ao contrário do que acontece quando se narra uma história. A passarinha Lilás acredita que ao narrar um conto se estabelece uma relação próxima entre quem conta e quem ouve.

Segundo Dohme (2013), a maioria dos autores que trata da narração de histórias para crianças, aconselha que elas devem ser narradas e não lidas, isto porque, quando se narra uma história, cria-se um clima mais aconchegante, de mais credibilidade, proporcionando mais interação entre o narrador e o ouvinte.

Betteheim (1980), coerentemente, ensina que, devido às importantes emoções que a história desperta na criança, a narração é mais adequada, por permitir maior envolvimento e maior flexibilidade. Apontamos, então, a percepção da passarinha Lilás, ao fazer a distinção, também, entre ler e contar, sugerindo o contar, especialmente pelo fato de fazer toda diferença, a partir do momento que se incorpora uma pedagogia que tem, no seu cerne, um caminho para humanização. O contar transforma vidas.

Outrossim, a passarinha Lilás revela algumas dicas para se narrar histórias. Comenta o quanto é importante pesquisarmos as histórias, conhecermos melhor o que contamos, dizendo que é bem diferente preparar uma história e ficar diante do seu público. Salienta da importância de criar um clima, um ambiente aconchegante, entonação de voz, gestualidade.

Compreendemos que a passarinha Lilás faz um alerta quanto à forma, o conteúdo de como contar histórias, para não sair contando ao bel prazer, sem que haja estudo, dedicação, pesquisa, pois é por meio destes critérios, que, com certeza, quem conta irá descobrir o que está por trás de cada história, segundo ela, deste mundo velado, fantástico, que não está, às vezes, muito claro aos nossos olhos, mas que o nosso interior percebe de maneira tão intensa.

Outras reflexões são provocadas pela passarinha Lilás. Conforme ela, contar não é interpretar, o contador é apenas um fiel relator, um instrumento que possibilita essas histórias,

estes conteúdos anímicos-espirituais, sejam trazidos, veiculados, disponibilizados, divulgados a outras pessoas.

Aqui tivemos a sensação de que a passarinha Lilás nos convida a pensar no valor ético, estético, social e humano que um contador de histórias deve ter, seja ele amador, profissional ou só curioso. Por outro lado, a passarinha Lilás nos conduz ao propósito da pedagogia Waldorf, que tem como tradição a narrativa como recurso pedagógico, um instrumento valioso para a educação e o desenvolvimento harmônico da criança. Passarini (2015, p. 119) explica sobre o contar histórias “Contar histórias é como plantar uma semente: há o preparo da terra, a semeadura e a espera para que ela absorva o que lhe é necessário, interagindo com seu novo ambiente, havendo depois a germinação em nosso trabalho”.

Analisamos que a passarinha Lilás nos contempla com este olhar supracitado ao compartilhar como se conta histórias e o porquê de contar, especialmente nas escolas Waldorf. Em relação às unidades de sentidos acerca da visão antroposófica de Rudolf Steiner, bem como da pedagogia Waldorf, a passarinha Lilás se refere ao que Steiner trouxe para o ser humano do próprio ser humano uma visão muito diferente de outras linhas pedagógicas.

Compreendemos que a passarinha Lilás percebe o quanto a visão antroposófica de Rudolf Steiner se diferencia consideravelmente de outras pedagogias, evidenciando, de certa forma, o quanto de humano existe no cerne da pedagogia Waldorf, uma vez que é sabido que a ciência espiritual de Rudolf Steiner foi construída a partir de sua própria vivência, isto é, de suas experiências diárias de um humano falando para outro humano.

Além disso, ela (Lilás) ao comentar que a pedagogia Waldorf coloca o homem como centro deste estudo, tendo como preocupação do professor ou do contador de histórias de proporcionar, criar todas as possibilidades, todas as oportunidades para que este ser humano, que está à sua frente se desenvolva plenamente da melhor maneira possível.

Finaliza dizendo que o professor quando imerso plenamente por esta pedagogia, começa a ter mais cuidado, inclusive com as escolhas das histórias. Pelo fato de a pedagogia Waldorf ter outra visão do ser humano, isto vai mudar tudo, não só o contar história, a sua postura, o olhar para outro, olhar para as plantas, olhar para o mundo, olhar as coisas, animais, é outro olhar completamente diferente, é por isto que muda de repente, a magia cresce, como se tivesse colocando um fermento. Desta forma, a percepção da passarinha Lilás se entrelaça não só com os construtos da pedagogia Waldorf, mas com a sua própria vida, com o seu jeito de ver o mundo do ser professora Waldorf, ou seja, parece tornar a sua vida tão mágica, encantadora, com eterno admirar-se da própria da pedagogia Waldorf, quando se tem como prática diária o ato de narrar contos ou outras histórias.

Desta maneira, Lanz (2016) menciona que, o que distingue a pedagogia Waldorf de outras teorias pedagógicas é o fato de ela se basear numa observação íntima do “ser criança” e das condições necessárias ao desenvolvimento infantil. Evidencia que, mesmo com este conhecimento, precisaria de base se não estivesse imersa no complexo da cosmovisão que constitui o seu envoltório espiritual.

Por fim, a passarinha Lilás encerra a entrevista, dizendo que estamos vivendo em mundo em que necessitamos de encantamento, de magia, aconchego, calor, humanidade, então, o contar história na pedagogia Waldorf é diferente por trazer este momento que não se encontra em festinhas, livrarias, por causa deste cuidado com o ambiente, criar o clima, esse cuidado de olhar para o mundo, para as pessoas de forma mais humana, respeitosa, mais carinhosa, mais verdadeira, mais plena de amor fraterno, que anda esvaziado de sentidos.

Observamos o quanto a passarinha Lilás emana, enquanto mãe, professora, pesquisadora com fluidez uma conexão cósmica plena com a pedagogia Waldorf, para além do seu jeito de Ser professora, contadora de histórias, evocando mantras tão necessários na convivência diária entre humanos, especialmente quando se é professora Waldorf do primeiro septênio.

Trilhando as sendas nesta unidade de sentidos pelo viés da percepção da passarinha Lilás, lançamos voos ao observarmos que contar é encantar, contar é admirar-se, contar é trazer a ética e a estética, contar é humanizar, é ser fraterno, é dar vida a quem é cheio de vida, contar é mobilizar a força da imaginação, contar é libertar a nossa criança interior, constituída de um corpo físico, anímico-espiritual.

## **7.2 Unidade de significação e unidade de sentido**

Neste subitem, são apresentados os quadros de unidades de significações e as unidades de sentidos de uma professora da rede pública municipal da educação infantil (crianças com idade entre 5 a 6 anos) em momento de contação de histórias por meio de vídeos gravados e de uma professora da escola Waldorf Livre Porto Cuiabá, que trabalha com criança do primeiro septênio (idade de 5 a 6 anos).

Assim, a partir da percepção das unidades significações ao assistir aos vídeos, relataremos as unidades de sentidos. Para as análises destacamos unidades de sentidos no momento da narração de histórias como: a) voz; b) os gestos; c) olhar; d) espontaneidade; e)

ritmo; f) memória; g) credibilidade; h) pausas e silêncios; i) o elemento estético; j) preparação (texto, emoção, clima, adequação, memória).

Antes, porém, faço um breve esclarecimento sobre cada unidade de sentidos que serão analisadas a partir de olhares de autores de literatura infantil e contadores de histórias, aqui, especificamente, menciono Sisto (2015).

Sisto (2015) relata que, há muito tempo, se observa que as histórias contadas são como uma roda, o que o fascina muito. Acrescenta ainda que isto se dá pelo fato de estar em movimentos, porque saem da gente e brinca, comparando este movimento ao cata-vento, que faz cores parecerem tão vivas, que tem movimento próprio, que é dono da velocidade de sair por aí, colorindo as pessoas.

Assim, enquanto contadora de histórias que também sou, fazer esta roda girar como cata-vento, colorindo as crianças que ouvem, percebendo que, enquanto conto a história, vai entrando pelo olhos do público, fechando os olhos de emoção, emanando as palavras direto para o coração, é a mágica, o encantamento, reverberando o estilo, a arte, que cada contador de histórias, seja ele amador, profissional traz dentro de si, ou busca aprimorar, cada vez mais, as suas técnicas, que dê um toque especial para este movimento de rodas de histórias continuar.

Lembramos que o ato de contar histórias mobiliza uma série de forças, que cada contador conta do seu jeito, sendo ele a sua própria medida. Contar histórias não é uma tarefa fácil, embora muitas pessoas pensem que sabem - o que não duvido -, mas, tornar este movimento uma obra de arte, ou um movimento artístico, é uma outra questão, que leva, então, em consideração, que é preciso certas habilidades, exercício e preparo.

Posto isto, e a partir deste cuidado, evoco algumas mágicas que darão um brilho e encantamento para esta roda de histórias se movimentar. Cuidados tão necessários, simples, mas que demandam dedicação no ato de contar e encantar.

Então, consideremos as dicas fluidas por Sisto (2015):

- 1) **a voz** deve ser encarada como o prolongamento do corpo, com a voz também se toca, se tateia, se abraça, se soca, se afaga, se acaricia;
- 2) **os gestos** o movimento do corpo resulta de um movimento da alma (emoção), por isso o contador que deseja provocar emoção, cria formas específicas para melhor atingir o seu público;
- 3) **o olhar**, o olhar do contador de histórias é um olhar de diagnóstico, é múltiplo.

Desse modo, olha para o público e para dentro de si mesmo; olha para as imagens mentais da história que está contando;

4) **a preparação**, o contar exige preparação em outras dimensões, saber repetir o texto não é suficiente para contá-lo de forma orgânica e integral, pois deve-se levar em consideração alguns itens que melhoram o contar.

São eles:

**a) emoção**, se a história que eu vou contar me apaixonou, certamente, ela vai sair de mim e chegar até o público;

**b) texto**, domine a sequência dos fatos.

Construir minimamente, um roteiro da história;

**c) adequação**, adequar a história conforme o público, ao espaço onde vai ser contada e ter uma linguagem acessível e que não descaracterize o estilo do texto;

**d) ritmo**, o contador, ao estudar a história, tem que saber depreender a partitura rítmica de sua história;

**e) o clima**, levar em consideração que efeitos atingir, naquele momento, em sua plateia, para que o prazer com a história seja cada vez maior;

**f) memória**, o contador deve guardar a sequência da história e fazer despertar em si toda emoção;

**g) credibilidade**, o contador tem que fazer a plateia acreditar naquilo que conta;

**h) pausas e silêncios**, a suspensão da fala tem o objetivo de intensificar o efeito, de ampliar o impacto do que é acabou de dizer.

Neste sentido, a pausa tem que ser preenchida, cheia de significações, com uma emoção que fica pulsando no ar, mesmo em silêncio. A pausa, normalmente, é mais breve. O silêncio tem uma duração maior;

**i) e elemento estético**, o que falta, aos nossos contadores, é um senso estético. Só de posse disso, é que se torna possível, transformar a história num espetáculo. A noção de espetacular faz a diferença. Do contrário, a história estará sendo, simplesmente, dita ou declamada, e não contada!

Sem dúvida, as dicas de Sisto (2015) são de extrema relevância, quando se quer encantar, isto é, potencializar a imaginação, a fantasia, a liberdade, a individuação, e, sobretudo, a humanização. Se desejamos fazer a roda de histórias se movimentar, é preciso levar em consideração estes cuidados, no ato de narrar.

Foi com este sentido que evoquei estes critérios, que passam a fazer parte das unidades de significações e unidades de sentidos, a partir desses dois vídeos que foram analisados.

Anuncio que usarei o codinome Corujinha do Mato, para professora da escola Waldorf Livre Porto Cuiabá /MT, que trabalha com crianças do primeiro septênio, e Andorinha do Cerrado, para professora da educação infantil da rede municipal de Cáceres/MT.

A Andorinha do Cerrado enviou a gravação do vídeo da história: João pé de feijão. Apresento, logo abaixo, a unidade de significações e a Corujinha do Mato, com a gravação de uma história cantada, “A história de dois amigos”.

### 7.2.1 Unidade de significação

Quadro 21 – Narrativa da andorinha do Cerrado

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	
 <p><b>Conto “João pé de Feijão” “narrado por Andorinha do Cerrado.</b></p>	<p><i>A Andorinha do Cerrado saúda as crianças e as convida para assistir ao vídeo do conto: João pé de feijão. Ela faz uso do aplicativo Kine Master, editando o vídeo, passando a narrar o conto. Na versão apresentada por ela, o João é representado pelo anjinho, personagem do escritor Maurício de Souza, e, no lugar da vaca que será trocada pelos feijões mágicos, é uma galinha. A versão é curta, cheia de cores e movimentos próprios deste tipo de linguagem. Em seguida, ao término do conto, retorna com a proposta de atividades, cumprimentando as famílias e as orientando no sentido do acompanhamento das crianças pela família. Comenta que irá explicar, passo a passo, as atividades, e informa que está trabalhando com a sequência João pé de feijão, em que irão trabalhar com o plantio do feijão, dizendo quais são os materiais necessários para fazer o plantio. Pede para as crianças pintarem, bem colorido, a imagem xerocada do pé de feijão, e aos pais, é pedido para acompanharem, com as crianças, o crescimento do pé de feijão, fazendo anotações diariamente, assim como ela também estará fazendo. Comenta que precisa do relatório da evolução do crescimento do grão, do pé de feijão, feita pelas crianças com orientação dos pais, como registro da atividade, e lembra que atividade será cobrada. Encerra se despedindo, enviando beijos.</i></p> <div style="text-align: right;">  </div>

 <p>Narração de história com gestos contada pela Coruja do mato/ primeiro septênio</p>	<p>A <i>Coruja do Mato</i> usa, como técnica para contar esta história, gestos feitos com mãos e dedos. O vídeo foi gravado no jardim de sua casa, tendo como fundo, <i>samambaias</i>. A gravação foi focada no rosto, olhar, mãos, voz da contadora. Inicia a história dizendo “Era uma vez...”, e encerra falando “Assim termina a história”.</p>	
---	--	---

**Quadro 22** – Quadro de demonstração das unidades de sentidos (A)

UNIDADES DE SENTIDO	
	<p>Vídeo: <i>João pé de feijão</i> por Andorinha do Cerrado/ Escola Municipal de Cáceres/MT Ensino fundamental/ 1ª série</p> 
<b>A VOZ</b>	<i>Com um bom timbre, bem como a altura, no momento da narração.</i>
<b>GESTOS</b>	<i>Não apresenta gestos.</i>
<b>OLHAR</b>	<i>O olhar aparece bem no fundo, no momento em que irá explicar as atividades.</i>
<b>PREPARAÇÃO</b>	<i>No caso, ela aconteceu no momento de baixar a história do YouTube, logo, a edição.</i>
<b>EMOÇÃO</b>	<i>Não apresenta.</i>
<b>TEXTO</b>	<i>Narrado por meio de leitura.</i>
<b>ADEQUAÇÃO</b>	<i>Adequada para o ensino fundamental/ 1ª série.</i>
<b>ESPONTANEIDADE</b>	<i>Não apresenta</i>
<b>RITMO</b>	<i>Não apresenta mudança rítmica.</i>
<b>CLIMA</b>	<i>Não apresenta mudança no clima.</i>
<b>MEMÓRIA</b>	<i>Não apresenta, pelo fato de ter feito uma narrativa lida.</i>
<b>CREDIBILIDADE</b>	<i>Acontece mais pelas imagens, do que pela narrativa da professora.</i>
<b>PAUSAS E SILÊNCIOS:</b>	<i>Não apresenta, narra sem pausas e silêncios.</i>
<b>O ELEMENTO ESTÉTICO</b>	<i>Não apresenta. Apenas narra um vídeo baixado no YouTube.</i>

**Fonte:** Produzido pela Autora a partir da narrativa das entrevistadas (2021).

**Quadro 23** – Quadro de demonstração das unidades de sentidos (B)

<b>UNIDADES DE SENTIDO</b>	
	<p><i>Narração de história com gestos contada pela Coruja do mato/ Ensino fundamental/ 1ª série</i></p> 
<b>A VOZ</b>	<i>Com um bom timbre, bem como a altura, o ritmo, a intensidade no momento da narração</i>
<b>GESTOS</b>	<i>Apresenta gestos descritivo, descreve os personagens e cenas.</i>
<b>OLHAR</b>	<i>Tem olhar diagnóstico, olha para o público, olha para dentro de si, olha para as imagens mentais da história.</i>
<b>PREPARAÇÃO</b>	<i>Apresenta por meio da narrativa acompanhada pelos gestos.</i>
<b>EMOÇÃO</b>	<i>Apresenta emoção pelo olhar.</i>
<b>TEXTO</b>	<i>Domina a sequência dos fatos.</i>
<b>ADEQUAÇÃO</b>	<i>É adequada para as crianças do primeiro septênio.</i>
<b>ESPONTANEIDADE</b>	<i>Apresenta espontaneidade ao contar.</i>
<b>RITMO</b>	<i>Tem uma sequência rítmica.</i>
<b>CLIMA</b>	<i>Manipula o clima da história.</i>
<b>MEMÓRIA</b>	<i>Transfere emoção ao guardar a sequência da história.</i>
<b>CREDIBILIDADE</b>	<i>Passa credibilidade.</i>
<b>PAUSAS E SILÊNCIOS:</b>	<i>Faz uso de pausas e silêncios.</i>
<b>O ELEMENTO ESTÉTICO</b>	<i>Apresenta sensibilidade, ao narrar.</i>

Fonte: Produzido pela Autora a partir da narrativa das entrevistadas (2021).

### 7.2.1 Análises da unidade de sentido



#### A) Vídeo: João pé de feijão por Andorinha do Cerrado/ Escola Municipal de Cáceres/MT Educação fundamental – 1ª série.

Ao analisarmos o vídeo da Andorinha do Cerrado, observamos o domínio que ela possui em relação ao aplicativo Kinemaster, isto é, apresenta um vídeo bem editado, com efeitos interativos. No entanto, ao narrar o conto, acaba realizando leitura. Outrossim, apresenta um

conto com uma versão moderna e curta. Desse modo, na sequência, iremos relatar a unidade de sentido em relação **a voz**: percebe-se um bom timbre e altura.

Todavia, deixa a desejar quanto ao **ritmo, clima, credibilidade, memória, pausas e silêncios, gestos, olhar** e o **elemento estético**. Compreendemos que as unidades de sentidos supracitadas foram apagadas devido à técnica que usou para narrar o conto, exceto pela voz.

Por outro lado, temos a percepção de que o objetivo do conto era incentivar uma atividade de leitura e escrita, já que a Andorinha do Cerrado produz evidências quanto a nossa percepção, ao finalizar o vídeo pedindo um relatório diário aos pais e aos alunos, acerca da evolução do plantio do feijão.

Sisto (2015) entende que o ato de contar histórias é uma arte. E, enquanto arte, ela tem suas técnicas, onde o contador, de fato, mergulha, encarna o elemento estético que o conto emana, e, enquanto arte, ela tem uma função, sempre!

Entretanto, Sisto (2015) relata o que sempre acontece na narração escolar: é que a função do ato de contar história, na maioria das vezes, não é ser um objeto estético, mas sim é “ampliar” conteúdos programáticos. É por este viés, que compreendemos que Andorinha do Cerrado encaminhou este movimento de narrar o conto João pé de feijão, com a perspectiva de conteúdo programático.

E, ao compreendermos que o narrar contos tem o seu valor ético e estético, reverberando o pensar, sentir e querer, compreendemos que mobiliza a potencialidade do ser humano em relação a imaginação, liberdade, individualidade, criatividade e humanização.

Sem dúvida, o fato de uma história ser narrada por meio de leitura apoiada por vídeo, diminui qualquer possibilidade de interação via olhar, gestos, voz, emoção, imaginação, criatividade e formação de ser humano mais humanizado.



### **Análises da unidade de sentido**

#### **B) Narração de história cantada e contada por meio das mãos / Coruja do mato da escola Waldorf Livre Porto / Cuiabá - primeiro septênio.**

Percebemos que a Coruja do Mato narra a história cantada usando as mãos, tendo como cenário, um jardim. Não se apoia em acessórios, vestimenta simples, enquadramento da câmera focalizada no corpo da cintura para cima.

Quanto à unidade de sentido **voz**, percebemos a conexão entre **voz e gestos**. Neste sentido, **a voz** apresenta um timbre, altura e **ritmo** em consonância com a história. **O olhar**, com expressão viva e atenta, olha para si, para o público e para as imagens mentais da história que está contando. Notamos, também, que a gravação da história é focada no rosto, olhar e mãos da contadora, isto é, na sua expressão facial, conduzida pela sua voz, os gestos, movimentos do corpo.

Tivemos a percepção do preparo da contadora, quanto à **emoção**, ao domínio do texto, isto é, da história. Um conto **adequado** para a idade, bem como, observa-se a **adequação** do ambiente. Transborda uma **memória** afetiva, passando **credibilidade**, fazendo **pausas e silêncio**, necessários, de acordo com o encadeamento da narrativa, vibrando o elemento estético espetacular que conduz ao mundo imaginário.

Compreendemos que a simplicidade no ato de narrar e a **espontaneidade** da contadora tornaram a história um movimento mágico e encantador. Sisto (2015) comenta que, quem conta, não pode entregar tudo “mastigado”, nem texto, nem gesto, nem expressão alguma. Texto, gestos e expressões devem funcionar, apenas, como esboço, a fim de serem complementados por esse espectador tão particular. Enfim, conforme Sisto (2015), a história tem, sempre, que ser “maior” que o contador.

Nesta perspectiva, compreendemos que o narrar a história, feito pela Coruja do Mato, com formação na pedagogia Waldorf, faz toda diferença nesta arte de encantar, pois há todo um preparo, na magia do seduzir pela palavra.

Passerini (2011) fala sobre como narrar contos de fada no primeiro septênio, especificamente no jardim de infância. O tom da voz é calmo, monocórdico, sem oscilações, para que a criança se afaste das impressões do mundo sensorial, sendo conduzida pela força da palavra, levando-a a vivenciar a liberdade, no aspecto imaginativo.

Entendemos, então, que a palavra tem o poder, tem magia, e mais ainda por meio da contação de histórias, pois, mobiliza a imaginação, a liberdade, a individuação, a fantasia, a criatividade, as emoções, levando a criança a lidar com seus conflitos existenciais.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS – FOI UM PASSARINHO QUEM CANTOU, A HISTÓRIA SEMPRE CONTINUA...**

Então foi assim, um passarinho quem cantou e contou que a história sempre continua. E nós? Acreditamos. É por acreditarmos, que chegamos até aqui, fizemos voos rasantes mágicos, encantadores, mergulhamos em um mundo fantástico, único, surreal, entre florestas e castelos. Enfim, chegamos! Não como fomos, pois o que fomos, já deixamos de ser. Trouxemos em nossa mala, notícias de lá para o deleite de quem voou conosco.

Cabe lembrar, que partimos em busca de compreendermos a contribuição da contação de histórias a formação integral da criança em idade escolar, com afável desejo de poder compartilhar esse saber milenar com os professores e professoras da rede pública e privada, em particular aos professores que atuam na educação infantil e 1º ano do ensino fundamental. Além disso, entendermos o como os professores supracitados se utilizam dos contos de fada ou outras histórias no sentido de potencializar, a imaginação, a fantasia, o processo da construção da personalidade e do processo de individuação.

Assim, com o nosso mapa do tesouro, partimos a caça das respostas de nossas indagações, com uma lupa traçamos alguns objetivos para a encontrarmos o tesouro perdido. No caminho percorremos os passos dos griots, guardiões da narrativa oral até aos contadores de histórias urbanos, uma longa história contamos e revelamos o poder das narrativas de contos de fada ou outras histórias, quer tenhamos consciência ou não disso. As narrativas de contos de fadas modelaram códigos de comportamentos e trajetórias de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que nos forneceram termos com que pensar sobre o que aconteceu outrora em nosso mundo. Então, anunciamos que narrar histórias ou ouvir histórias é tão importante, tão bom, quanto respirar. É como tomar remédio para alma em dias nublados ou naquele dia que estiver chuvoso, talvez, um jeito também de blindar a vida. Além disso, quando queremos transportar o nosso conhecimento para determinada disciplina, a qual temos dificuldades em entender.

Seguindo a senda redescobrimos que contar histórias é uma arte que exige algumas técnicas se tivermos como foco o encantamento, a magia, a formação integral da criança, portanto, precisamos apoderarmos da varinha mágica do era uma vez. Isto posto, uma revoada de vozes de passarinhas ressoou em nossa pesquisa, vieram de três universos: professores da rede de ensino público e privado de Cáceres/MT e da Escola Waldorf de Cuiabá deixaram aqui suas impressões de como se utilizam das narrativas de contos de fada ou outras narrativas para potencializarem o processo de imaginação, fantasia, processo da formação da personalidade e o processo de individuação. A priori, em relação as análises das entrevistas às professoras da

rede pública de ensino, bem como, da escola privada ainda continuam arraigadas somente ao uso da narrativa dos contos de fada ou outras histórias, como mais um recurso para o processo de alfabetização, particularmente na educação infantil e primeiro ano do ensino fundamental, limitando essas narrativas ao fazer pragmático do ler, escrever, interpretar e produzir textos ou como entretenimento. Minimizando de certo modo toda riqueza construída milenarmente por nossos antepassados emanadas de sabedorias.

No entanto, observamos que os professores da rede pública como da privada de Cáceres/MT apontam como importante a narração de histórias para formação integral da criança, porém, aparentemente não é foco principal quando narraram histórias em suas salas de aulas. Na nossa percepção, isto se deve, talvez, pelo fato dessas escolas atenderem a demanda de um sistema de educação bancária, onde a formação integral de uma criança por meio de narrativas de histórias; provavelmente não vem ao caso, a priori, a escrita, a alfabetização é mais urgente. Outrossim, percebemos também que não há diferença na forma da utilização das narrativas de histórias pelos professores do ensino público e privado da cidade de Cáceres/MT, o objetivo é sempre a mesma alfabetização, interpretação e produção de texto.

Em relação ao vídeo da professora do ensino público de Cáceres/MT, a nossa percepção foi que o foco da professora estava mais nela do que na história, usou de efeitos tecnológicos, não contou, leu. Nesse sentido, não estabeleceu vínculos afetivos, onde o encadeamento da voz ao narrar tem o poder de enfeitiçar, encantar. Entretanto, fez uso com primor da tecnologia, música, efeitos, imagens, demonstrando sua competência em manipular o aplicativo. Observamos que usou a narrativa do João Pé de Feijão, uma releitura dessa obra como um recurso para alfabetização, ler, interpretar, executar as atividades complementares solicitada por ela. Enfim, na nossa percepção mais uma vez; perde-se a magia e do encantamento de uma sabedoria milenar das narrativas dos contos que vai para além da escrita. O uso da tecnologia na nossa percepção nesse caso, não permite o aconchego, o tocar, o olhar, o cheiro, o gosto, a ludicidade que o narrar suscita, provocando a imaginação, a fantasia, mexendo com as emoções, tornando a criança um ser único naquele jardim encantado que se cria entre quem narra e quem ouve.

Por ser pertinente a reflexão do escritor e contador de histórias Sisto (2015, p. 12) quanto o seu olhar da arte de contar histórias, citamos aqui:

Proponho -me a olhar a arte de contar histórias, primeiro de um modo geral, para depois olhá-la como objeto de ensino e como ferramenta de uma educação integral, com necessidades de domínios técnicas e estéticos, mas também com uma vontade e uma vocação para o amor: pelas pessoas, pelo exercício de ensinar, pela história, pela literatura, pelo compromisso social inerente ao sujeito social que somos todos nós.

Nesse sentido, a reflexão de Sisto (2015) é bem pertinente, evoca a necessidade do amor acima de tudo, especialmente o amor pelas pessoas, o compromisso social e a relação a cada ser humano, são ingredientes necessários para o exercício de ensinar, é lamentável quando professores deixam a rotina ofuscar os olhos, exercendo suas atividades de ensinar mecanicamente. Atitudes assim, não permitem que os professores utilizem a contação de histórias no sentido de potencializar com esmero a imaginação, a fantasia, a formação da personalidade, o processo de individuação, categorias importantes para formação integral de crianças da educação infantil e ensino fundamental.

Por outro lado, entendemos da necessidade dos gestores da educação pública de Cáceres e privada promovam oficinas, formação continuada na arte de contar e encantar para que os professores se apropriem de uma outra forma de conceber a narração de histórias para além do alfabetizar, vislumbrando a formação psíquica de uma criança, estimulando a imaginação, a fantasia, contribuindo para o processo da individuação, a formação integral, sobretudo, a humanização de cada criança que adentre o espaço escolar com a base necessária para enxergar além do que está posto, tradicionalmente concebido como aprendizagem.

Reportamos ao escritor e contador de histórias Sisto (2015, p. 12) para anunciar o que ele diz em relação a formação dos professores:

Para contribuir com o processo de formação permanente e continuada do professor, nada melhor do que torná-lo um leitor e um contador de histórias. Estabelecido esse elo e este compromisso, de verdade e com consciência, ele nunca mais deixará de crescer e correr atrás de seu aperfeiçoamento. O processo de toda e qualquer escola certamente estará enriquecido com a inclusão de atividades de contação de história, bem como propiciará a inserção do sujeito a realidade mais ampla do mundo. Das histórias para o mundo, do mundo para as histórias. Essa é a recíproca! Mas é preciso fazê-la ser verdadeira!

Sisto (2015) nos aponta um dos grandes desafios presentes nos espaços escolares, a leitura; não só dos alunos, como também de professores. Cabe a ele conduzir e mediar este passeio da forma que julgar mais agradável. Entendemos, que a experiência do professor-leitor com a criança, nos primeiros anos são de encantamento, admiração e curiosidade, e até que elas próprias voem com suas asas. Acreditamos que a condução se faz necessária de modo que esta esteja atrelada diretamente com os desejos do aluno e o entusiasmo do professor que deve embarcar no fantástico, cruzando a ponte que os separa.

Dito isso, continuamos a nossa senda, narraremos a nossa compreensão quanto a entrevista e análise do vídeo das professoras da Escola Waldorf. A princípio, a professora Waldorf com o codinome passarinha Lilás em sua fala apresenta com propriedade os

fundamentos da Pedagogia Waldorf, referindo o arcabouço teórico da Antroposofia, que desde já demarca a diferença dessa pedagogia em relação a outras que conhecemos, especialmente no que se refere ao desenvolvimento do ser humano em sua proposta pedagógica a caminho do desenvolvimento integral da criança.

Vejam, o ecoar da voz da passarinha Lilás no comentário de Romanelli (2017, p. 143) no tocante a Pedagogia Waldorf:

A Pedagogia Waldorf surge, com seu enfoque artístico, como uma possibilidade de desenvolvimento dessas faculdades. Pelo uso da imaginação, da estimulação a fantasia, a criança desenvolve seu potencial criativo e as faculdades anímicas, que lhe possibilitam enxergar o mundo de forma artística. Na prática, ao ouvir um conto de fadas, por exemplo, ela cria ativamente imagens em sua alma. Essas imagens surgem no momento em que ela for solicitada a desenhar aquilo que lhe foi transmitido por palavras.

Desta forma, verificamos a clareza da professora Waldorf em cada unidade de sentidos quanto a função da narrativa de contos de fada e outras histórias no sentido de potencializar a imaginação, fantasia, a formação da personalidade da criança, o processo de individuação, levando em consideração o ciclo em que cada criança se encontra. Além disso, percebemos que a professora Waldorf enuncia o caráter terapêutico subjaz nas narrativas de contos, como se fosse um remédio para alma, direcionando mais uma vez o olhar peculiar dessa pedagogia para a arte de narrar histórias.

Na nossa percepção a professora Waldorf traz contribuições primorosa em relação a narrativa de histórias, que vai além do contar pelo contar, do contar para escrever, interpretar textos ou produzir textos, sobretudo, nos leva a entender que a pedagogia Waldorf privilegia uma educação imagética onde a narrativa de história, particularmente contos de fada move todo processo de existência da criança Waldorf, ou seja, dinamizando a formação integral. De modo que a compreensão que ora colhemos via professora Waldorf a qual carinhosamente a chamamos pelo codinome Lilás, é de que a Pedagogia Waldorf prima pela formação da criança, já que a informação é consequência, é o que acreditamos.

Outro aspecto relevante que percebemos na fala da passarinha Lilás, é no que tange a formação do professor Waldorf quanto ao preparo da narrativa de histórias, onde se comenta a diferença de ler e narrar, sendo que narrar dá o encantamento das palavras percorrendo todo ser da criança, emanando fantasia, imaginação, emoções, o encontro de si mesmo. Isso posto, passamos analisar o vídeo enviado pela professora Waldorf, que demos o codinome Coruja do Mato, percebemos todo o preparo da professora ao narrar o conto, estabelecendo o vínculo com a criança por meio do olhar, expressão corporal, o tom de voz, sem artifícios. Uma voz suave,

desencadeando toda a história, fluindo no tempo. Desta forma observamos que para ela naquele momento o que era mais importante era a história.

Segundo Sisto (2015, p. 45) a história tem que ser sempre maior que o contador:

Contar histórias é assumir uma forma épica, uma vez que o contador escolhe, como “interlocutor único e privilegiado”, o espectador. Mas o espectador não pode ser passivo, ele é constantemente convidado a construir, com quem conta, as imagens do que está sendo contado. Por isso, quem conta não pode entregar tudo “mastigado”, nem texto, nem gesto, nem expressão alguma. Texto, gestos e expressões devem funcionar apenas como esboço, a fim de ser completados por esse espectador que queremos tão particular. A história tem sempre que ser “maior” que o contador. Se ele julga que vai ser fácil contá-la, é melhor esquecer...

Nesse sentido, percebemos que a professora Waldorf atende os fundamentos da própria Pedagogia de como contar histórias para as crianças Waldorf. Verificamos concordância quanto a forma de narrar:” o tom da voz é calmo, monocórdio, sem oscilações, só pela força da palavra”, segundo a descrição de Passerini (2011). Outrossim, notamos que a pedagogia Waldorf propicia, por meio da narrativa de contos, subsídio necessário para que o indivíduo encontre sua inteireza, e, desta forma, o ajuda, também, a realizar o sentido da própria vida. Com olhar cuidadoso e integral na criança, o professor Waldorf concilia a prática pedagógica, um outro em mim.

Assim, a criança vai se entregando às cores, sabores, cheiros, imagens com poder da palavra de um bom contador ressoando de longe, exalando um perfume de uma flor rara. As histórias tem nesse sentido o poder de acalantar as crianças das vicissitudes da vida. Desta forma, o jeito do narrar da professora Waldorf é de aconchego, potencializando a imaginação, fantasia, o processo de desenvolvimento da personalidade e a individuação.

Vale lembrar, se a fogueira trepida lá fora, aqui dentro, não é tão diferente: tudo queima, transforma, transcende, é a magia em palavras. É aquele momento de gentileza para conosco, onde tudo tende abrandar quando aprendemos acolher, a ouvir o que acontece. Afinal, foram anos e anos, que homens e mulheres contaram histórias ao redor de uma fogueira, e o encantamento continua. Narrar histórias é uma arte, a arte de ir ao encontro de nós mesmos, de ver no outro, um outro em mim.

Encarnamos João e Maria, lançamos mais que migalhas de pão, sobretudo espalhamos seixos preciosos de imaginação, fantasia, criatividade, sonhos, na esperança de compartilhar os saberes deste estudo com pais, professores, comunidade científica a boa notícia de que contar histórias vai para além de meras palavras jogadas ao tempo ao vento, vai para além, também, de ser somente um conteúdo programático.

E foi por meio desta percepção perene, da dança do tempo, que seguimos firmes com os nossos objetivos, anunciando a eternidade da alma, do ser da vida, guardado em conto, esperando a voz de um contador para a dança dos contos ou a qualquer outra história se movimentar. Embora ainda nos deparemos com professores perdidos, como João e Maria no caminho, talvez, por excesso de informação e intensas cobranças pedagógicas, em tempo da pandemia que exigiu afastamento social, impulsionando os professores a buscar o domínio de ferramentas tecnológicas como apoio pedagógico, no ato, também, de narrar histórias. Nesta perspectiva, encontramos um espaço para escrevermos outra história, a de que precisamos de mais formação do que informação, de ser do que ter.

A pandemia da covid-19 tem sido um palco de histórias, nem tão boa, nem tão má, mas, sobretudo, deixando marcas profundas em nosso fazer pedagógico, nas nossas crianças e nas relações sociais. Por outro lado, anunciamos: estamos nos afastando de nós mesmos, um estranhamento se fez presente em nossas vidas. Um momento propício para outras histórias contar, igual àquelas que vêm de longe, conduzidas pela uma voz, pelo olhar encantador, nutrindo a nossa vida, tão necessárias para amenizar a travessia deste momento, para, só então, no final da história, possamos dizer, não pisem nos nossos sonhos.

Compreendemos que narrar histórias tem que vir do coração, pois as histórias vêm de dentro para fora, isto faz uma grande diferença, é a ética, a estética, mexendo conosco e com o outro, nos aspectos físico, mental, anímico-espiritual, ao encontro do nosso eu, despertando a beleza do mistério que habita em nós. No entanto, descobrimos, também, que é preciso ter cuidado ao narrar histórias, cuidar dos detalhes para não sermos surpreendidos, como João e Maria foram, com os doces que encontraram naquela casa, lembram?

Imbuída de várias indagações entre um caminho e outro, encontramos o pensar sobre o pensar de Rudolf Steiner, o sentir, o querer, fundamentos para trilhar a senda de uma pedagogia que tem como proposta um caminho de um ensino mais humanizado. A Pedagogia Waldorf, sobretudo, busca a formação educacional holística, nutrindo o desenvolvimento da criança, do jovem, em todas as esferas: intelectual, emocional, física, social, artística, criativa e espiritual, estimulando o cultivo pessoal dos valores, tais como, amor, compaixão, verdade, harmonia.

Enfim, atravessamos caminhos, recolhemos flores para quem acredita/acreditou que narrar histórias liberta, alimenta à individuação, potencializa a imaginação, contribuindo, imensuravelmente na construção da personalidade humana, fio a fio, na tessitura do dia, um dia de cada vez nos torna mais humanos. As histórias passam, mas sempre deixam sementes. Pousamos em vários ninhos, adormecemos e despertamos, por meio da varinha mágica,

resplandecendo luzes no nosso caminho, iluminando o nosso encontro com vários teóricos, com outras pessoas, que, gentilmente, teceram esta história conosco. Sentimo-nos tocadas, abraçadas, acariciadas pelo poder da palavra, do narrar histórias, as histórias nos movem e somos movidas por ela, as histórias nos curam, curam quem conta e quem ouve.

Do semear, germinar, chegamos ao florescer deste estudo, que se revelou, mais que desafiador, uma construção afetiva, com o vínculo prazeroso do encantar, na medida em que, por meio dele, fomos inspiradas ao exercício de nos tornarmos pesquisadora e de compreendermos esse movimento encantador da magia do contar e encantar, de trazermos a baila a Pedagogia Waldorf e sua contribuição à Arte de Contar Histórias.

Por fim, um passarinho nos contou e encantou trazendo a percepção que tivemos desse ao apresentarmos nossas análises e nossas considerações finais, atingimos o objetivo geral inspirado em compreender a contribuição da contação de histórias a formação integral da criança. Todos os objetivos específicos foram alcançados ao longo do estudo. Por conseguinte, respondemos nossa problemática que era entender como os professores da rede pública municipal e da rede privada da cidade de Cáceres/MT, bem como, da escola Waldorf Livre Porto Cuiabá/MT se utilizam da contação de histórias para potencializar o processo de imaginação, fantasia, formação da personalidade, individuação por meio dessa arte do encantamento.

Era uma vez, várias meninas passarinhas, vários meninos passarinhos, que passarinharam o por aqui, por serem também herói e heroínas da sua própria história. *Ah! essa história nós contamos, quem quiser que conte outra, que entre por essa porta, saia pela outra.*

## REFERÊNCIAS

ALT, Cleide Becarini. **Contos de fadas e mitos**: um trabalho com grupos numa abordagem junguiana. 1ª ed. São Paulo: Vetor, 2000.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 4ª ed. São Paulo: Editora Spcione, 1994.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. 1ª ed. São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2008.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 1ª ed., Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**. 1º Ed.; São Paulo: Martins Fontes, 1998

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. 1ª ed.; São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston. **O Direito de Sonhar**; 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

BENJAMIN, Walter. **A arte de contar histórias**. 1ª ed., São Paulo: Hedra, 2018.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1980.

BICUDO Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia**: confrontos e avanços. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Sobre a fenomenologia. **Sociedade Brasileira de Estudos e Pesquisa Qualitativos**, p. 15-22, São Paulo, 2011.

BRENMAN, Ilan. **A condenação de Emília**: o politicamente correto na literatura infantil. 1ª ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

BUSSATO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de mil Faces**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento. 1997.

DOHME, Vania Dangelo. **Técnicas de contar histórias**: um guia para os adultos usarem as histórias como meio de comunicação e transmissão de valores. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FREITAS, N. C. M. de. O contar história como recurso na inclusão escolar. *In*: SANTOS, Fábio Cardoso dos et al. A contação de histórias: Contribuição à neuroeducação. **Rio de Janeiro: Wak Editora**, 2016.

GALEANO, Eduardo. **Os filhos dos dias**. 1ª ed. Porto Alegre: L&PM editores, 2012.

GOMES, Elaine. **A arte de narrar histórias**. 1ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2018.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAÇAS, Elizabeth Mendes. **Pesquisa qualitativa e a perspectiva fenomenológica: fundamentos que norteiam sua trajetória**. Rev. Min. Enf., jan./dez., 2000.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

HEYDEBRAND, Caroline Von. **A natureza anímica da criança**. Tradução de Rudolf Lanz. 2ª ed. São Paulo: Antroposófica, 1991.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. 14ª ed. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

LANZ, Rudolf. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. 13ª ed, São Paulo: Antroposófica, 2016.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MATOS, Gislayne Avelar. **O ofício do contador de histórias**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MELLON, Nancy. **Corpo em equilíbrio: o poder do mito e das histórias para despertar e curar as energias físicas e espirituais**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Merleau-Ponty na Sorbone. **Resumo de cursos filosofia e linguagem**. 1ª ed. Campinas: Papirus, 1990.

MORAES, Fábio. **Contar histórias: arte de brincar com as palavras**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. **Revista Diálogo Educacional**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR): Paraná, v. 4, n. 12, p. 1-9, 2004.

PASSERINI, Sueli Pecci. **O fio de Ariadne**: um caminho para a narração de histórias. 3ª ed. São Paulo: Antroposófica, 2011.

PEROW, Susan. **Histórias curativas para comportamentos desafiadores**. 2ª ed. São Paulo: Antroposófico: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2013.

PSICANÁLISE CLÍNICA. **Principais frases da Alice no País das Maravilhas**. Disponível em: <<https://www.psicanaliseclinica.com/frases-de-alice-no-pais-das-maravilhas/>>. Acesso: 10 fev. 2021.

ROMANELLI, Rosely Aparecida. **A formação humana e arte**. 1ª ed., v. 2, Curitiba: Appris, 2018.

ROMANELLI, Rosely Aparecida. **A pedagogia Waldorf**: cultura, organização e dinâmica social. 1ª ed. v. 1, Curitiba: Appris, 2017.

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3ª ed. Belo Horizonte, 2015.

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1995.

STEINER, Rudolf. **A Filosofia da Liberdade**. 3ª ed. São Paulo: Antroposófica, 2000.

STEINER, Rudolf. **Os contos de fadas, sua poesia e sua interpretação**. 2ª ed. São Paulo: Antroposófica, 2012.

STEINER, Rudolf. **Os doze sentidos e os setes processos vitais**. Conferência proferida em Dornach (Suíça), em 12 de agosto de 1916. Tradução de Christa Glass. São Paulo: Antroposófica, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A imaginação e criação na infância**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Individuação nos contos de fada**. 4ª ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

**APÊNDICE A – PARTICIPAÇÃO DO I FÓRUM DE CONTADORES DE HISTÓRIAS DE MATO GROSSO EM CUIABÁ/SESC ARSENAL - TRUPÉ CONTADORES DE HISTÓRIAS REPRESENTANDO CÁCERES/MT**



**APÊNDICE B – MATO GROSSO TEM HISTÓRIAS UMA EM CADA CANTO:  
EVENTO ORGANIZADO PELO GRUPO TRUPÉ CONTADORES DE HISTÓRIAS  
EM CÁCERES-MT NA SICMATUR**



**MATO GROSSO  
TEM  
UMA HISTÓRIA  
EM CADA CANTO**

**11 de Agosto / 2018**

**CÁCERES / MT**  
**Local:** Secmatur  
**Horas:** 19: 00h  
**Narradores:** Trupé Contadores de Histórias e convidados contam; 'Na Casa de Aninha Bananinha e Suas Histórias' de Rosângela Rocha.

**OUTROS CANTOS QUE CONTAM**  
Tangará da Serra; Comodoro; Alta Floresta; Sorriso, Poconé; Nova Mutum, Cuiabá; Sinop, Vera, Sapezal, Campo Novo do Parecis, Barra do Garças; Curvelândia, Várzea Grande, Primavera do Leste, Lucas do Rio Verde

<https://www.facebook.com/contadoresdehistoriasdematogrosso/>

**APÊNDICE C – APRESENTAÇÃO DO GRUPO TRUPÉ CONTADORES DE HISTÓRIAS NO SHOPPING GOIABEIRAS**

Trupé



Contadores de Histórias



Apoio: Zoom Eventos

Trupé



Contadores de Histórias




**ROMESLAU E ESTANISLETA**

A clássica história de Shakespeare ganha novos rumos com uma dupla bem maluca. Elenco: Victória Brasil e Pedro Corrêa. Texto e direção: Luciano Paulo.






**ROMESLAU E ESTANISLETA**

A clássica história de Shakespeare ganha novos rumos com uma dupla bem maluca. Elenco: Victória Brasil e Pedro Corrêa. Texto e direção: Luciano Paulo.

**APÊNDICE D – APRESENTAÇÃO DO GRUPO TRUPÉ CONTADORES DE HISTÓRIAS EM PARCERIA COM O SESI NA AÇÃO GLOBAL DA CIDADANIA**



**APÊNDICE E – APRESENTAÇÃO DO GRUPO TRUPÉ CONTADORES DE HISTÓRIAS NO SETOR DE PEDIATRIA DO HOSPITAL REGIONAL ANTONIO FONTES E EM ESCOLAS DO ESTADO DE MATO GROSSO**



**APÊNDICE F – APRESENTAÇÃO DO GRUPO TRUPÉ EM ESCOLAS DA ZONA RURAL EM PARCERIA COM UNEMAT NO DISTRITO DO CARAMUJO E CURVELÂNDIA, SALTO DO CÉU-MT**

